

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL  
MESTRADO ACADÊMICO

VANESSA BRANCO CARDOSO

**O CIGARRO DA FORMIGA: PARADOXOS ENTRE TRABALHADORES E  
VAGABUNDOS EM UM ESTABELECIMENTO PRISIONAL.**

PORTO ALEGRE

2020

VANESSA BRANCO CARDOSO

**O CIGARRO DA FORMIGA: PARADOXOS ENTRE TRABALHADORES E  
VAGABUNDOS EM UMA FICÇÃO-CARTOGRÁFICA SOBRE A CADEIA PÚBLICA  
DE PORTO ALEGRE.**

Dissertação de mestrado acadêmico apresentado  
como requisito parcial da obtenção de grau de  
mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa.

PORTO ALEGRE

2020

Vanessa Branco Cardoso

**O CIGARRO DA FORMIGA: PARADOXOS ENTRE TRABALHADORES E  
VAGABUNDOS EM UMA FICÇÃO-CARTOGRÁFICA SOBRE A CADEIA PÚBLICA  
DE PORTO ALEGRE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Social e Institucional.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Luis Antônio Baptista – Universidade Federal Fluminense

\_\_\_\_\_  
Carolina dos Reis – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

\_\_\_\_\_  
Oriana Holsbach Hadler – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

\_\_\_\_\_  
Luis Artur Costa - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (orientador)

*À Dona Benta Camargo Branco, mulher do campo e da cidade, mãe, avó, bisavó, empregada doméstica, cozinheira, costureira, que me nos deu o sobrenome, a garra e a mente “empreendedora” para correr da fome, da pobreza e do machismo.*

## AGRADECIMENTOS

Eu não poderia começar sem saudar ao orixá que percorreu esta dissertação: Bará, dono das encruzilhadas, das ruas, dos campos. Exú que corta o mal e abre os nossos caminhos. Bará mensageiro dos tambores. Abre os nossos caminhos, Senhor do Dendê, Exú-Bará! *Alupô! Laroyê, Elegbá! Laroyê, Esú!*

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que permitiu que esse mestrado foi realizado. Desejo que outras pessoas possam ter acesso a esse auxílio nos próximos anos e que resistamos juntas ao desmonte das políticas públicas.

Agradeço à pessoa que me orientou nesse processo, Prof. Dr. Luis Artur Costa, uma pessoa ímpar, incrivelmente inteligente e criativo que teve paciência e me deu apoio em todas as situações difíceis que passei esse ano (que não foram poucas). Obrigada por escrever comigo, por confiar na minha escrita, por me guiar nos caminhos metodológicos da ficção, por me ensinar a usar o humor e o absurdo como potência de afetação.

Agradeço às pessoas que compõe a banca de avaliação desse trabalho. Prof. Dr. Luis Antônio Baptista, à Profa. Dra. Carolina dos Reis e Profa. Dra. Oriana Holsbach Hadler, uma banca que foi escolhida pelos seus inquestionáveis saberes e trajetórias nas temáticas que transversalizam esta dissertação, mas também pelo seu afeto, sensibilidade e resistência, por sua luta por uma sociedade mais justa. Obrigada por me possibilitarem escrever um trabalho onde eu me senti livre para experimentar metodologias, pois eu sabia que vocês conseguiriam recebê-lo.

Agradeço à minha família, especialmente à Raphaele e ao Dari, que tiveram paciência e compreensão em todas as horas em que estive privada da convivência com vocês. Obrigada por levarem isso com humor e, às vezes, com um pouco de ironia também. Vocês são o meu alicerce. Obrigada, Dona Vanderlita, minha mãe, que apesar de não entender o significado do que eu estou fazendo, sente orgulho e apoia minha decisão. Agradeço às minhas irmãs, irmãos, sobrinhas e sobrinhos. Eu amo vocês, cada um de jeito, por sorte. Às vezes somos batedores, às vezes a gente pega o pomo de ouro! (Afetos internos sobre Harry Potter só para iniciados).

Agradeço à minha terapeuta, Mariana Barcinski, a melhor indicação que eu recebi. Segurou comigo todas as barras nos últimos anos, especialmente nesta pandemia. Acompanhou minhas construções e desconstruções, idas e vindas, paradas e começos. Me ensinou que escuta é muito mais uma arte fluida do que uma técnica dura. Não sei o que seria de mim, sem tu ter passado na minha vida.

Agradeço às minhas amigas e meus amigos, os de sempre e os novos, aqueles que vem e vão, mas que é como se tivéssemos estado juntas ontem. Muitas saudades de encontrar vocês, de chorar vendo filmes, de rir até de madrugada, de alterar a consciência, de trilhar caminhos no meio do desconhecido ou descansar na areia quente. Em breve, estaremos todas juntas novamente. Seguros e saudáveis.

Por fim, agradeço aos jovens em situação de prisão que dividiram suas histórias comigo. Obrigada pela confiança. Espero ter atendido às suas expectativas, pois são elas as que mais importam. Continuamos na luta pelo abolicionismo penal, por uma sociedade não-punitivista que não criminalize a pobreza e a negritude. Vamos produzir nossas próprias heterotopias.

*“Observe a formiga, preguiçoso, reflita nos caminhos dela e seja sábio! Ela não tem nem chefe, nem supervisor, nem governante. E ainda assim armazena as suas provisões no verão. E na época da colheita ajunta o seu alimento. Até quando você vai ficar deitado, preguiçoso? Quando se levantará de seu sono? Tirando uma soneca, cochilando um pouco, cruzando um pouco os braços para descansar. A sua pobreza o surpreenderá como um assaltante. E a sua necessidade sobreviverá como um homem armado sobre você”*

Provérbios (6:6-11)

*“Mete 155 pra portar as coisa cara. É que eu, eu com quase 15 e um oitão na minha cara...Plow, plow, plow, pá tududum, pá tududum. E os mano com o ferro na mão. Também quero colar nesse bloco. E se tu fica no plantão, primo, não consome senão perde o foco, ei, ei. Papo de bandido pra quem entende. Eu faço o som que te tira a venda. Deixa os boy fazer o som que vende. Quem tem, quem tem, vem de, vende lá. Disposição e motivo de sobra pra trocar. Carrego a peça e a bandeira pra vida melhorar. Se é nave zera eu vou portar, eu vou portar”*

Djonga: o cara de óculos (2019)

## RESUMO

Este é um texto sobre trabalho, neoliberalismo, sistema prisional e neopentecostalismo. Temos a intenção de reduzir ao absurdo as lógicas psico-prisionais que polarizam trabalhadores e “vagabundos”, como criminosos são popularmente chamados, pois associa-se à sua atividade a ociosidade em uma sociedade centrada no trabalho como valor moral capital. A figura do “vagabundo” é construída por uma sobreposição de camadas discursivas e imagéticas que criminaliza, encarcera e extermina juventudes negras periféricas em nome da manutenção dos privilégios da branquitude em um sistema penal racista. Para colapsar esse pensamento, nos utilizamos da ficção para criar uma espécie de “abolicionismo penal” distópico, em um mundo que opera dentro da lógica ultraliberal do sujeito empreendedor de si, levando aos extremos as suas regras, tomando-as literalmente, desinvestindo parcialmente da culpa e apostando na meritocracia e na promessa de sucesso individual. Pela redução ao absurdo dos princípios neoliberais o criminoso passa a ser um empreendedor que responde apenas às leis do mercado, como uma variação radical do nosso mundo, onde os princípios da moral empreendedora, neoliberal e conservadora nascem das inusitadas alianças entre religião neopentecostal, crime e capitalismo. Operamos um delírio do real, onde a pretensa divisão entre trabalhadores e “vagabundos” é desfeita e coloca-se em cena o trabalho, considerado o principal pilar da ressocialização do sujeito privado de liberdade, que costuma ser visto como o par oposto do crime. Faz-se nítido que há trabalho nas prisões e que os “vagabundos” possuem tantas características empreendedoras quanto se deseja do sujeito neoliberal-conservador. O seu “corre” é tão árduo quanto o de qualquer pessoa, precisando de planejamento, ferramentas e estratégias de execução. Mesmo que transgredindo a lei, ainda obedecem ainda a uma série de regras do mercado, do trabalho, do empreendedorismo. Elaboramos tal redução ao absurdo para problematizar as noções de culpa, mérito e a noção do trabalho como reformador do sujeito, levando-a aos seus limites, transgredindo as fronteiras do campo jurídico, para visibilizar que ambos comungam dos mesmos valores como agressividade competitiva, disciplina, hierarquia e trabalho como forma de elevação moral. Esses pensamentos estão sempre inscritos no cansaço e à beira do colapso e essa racionalidade, levada até seu esgotamento, pode visibilizar o absurdo insustentável que fundamenta nosso sistema penal-prisional em uma lógica de culpas-méritos racista e classista. A redução ao absurdo evidencia um processo de repetição que busca a transgressão dos princípios e a queda das consequências, rompendo fronteiras, equivalências e generalidades erigidas pela moral e pela lei, mostrando seus paradoxos e provocando desvios nos discursos da ciência moderno-colonial, deixando-se contagiar pelos sensíveis, não se preocupando em realizar representações formais, de significados e referentes. Exercício cartográfico-ficcional compôs uma narrativa que não persegue uma linearidade ou veracidade histórica dos acontecimentos, mas sim a criação de linhas, mapas, diagramas que se relacionem com o problema de pesquisa. As personagens criadas são estratégias de tensionar nossos modos de olhar tanto para a prisão, o trabalho, o neoliberalismo, a moral neopentecostal e, também, para nós mesmos e para o mundo além-muros em que vivemos.

Palavras-chaves: Prisões. Trabalho. Capitalismo. Religião. Ficção.



## ABSTRACT

*This is a text about work, neoliberalism, the prison system and neo pentecostalism. We have the intention of reducing to the absurd the prison psychic logics that polarize workers and “tramps”, as criminals are popularly addressed because of the association of their activities to idleness in a society centered in work as a capital moral value. The figure of a “tramp” is built by an overlay of discursive and imagery layers that criminalizes, incarcerates and exterminates black youths from ghettos in the name of privilege maintenance of a racist criminal system. In order to collapse this way of thinking, we use fiction to create a kind of dystopian “criminal abolitionist” in a world that operates in the logic of ultraliberal subject that is of the entrepreneur himself or the self made man, taking its rules to the extreme, making them literally and, partially detaching from guilt and betting on meritocracy and the promise of individual success. Because of the reduction of absurdity of the neoliberal principles the criminal becomes an entrepreneur that responds only to the market laws, as a radical variation of our world, in which the principles of entrepreneur moral that is neoliberal and conservatory are born unusual alliances between neo pentecostal religion, crime and capitalism. We operate a delirium of real where the alleged division between workers and “tramps” is undone and work itself is put in scene considered the main pillar of resocialization of the individuals who are deprived from freedom who is usually seen as an opposite of crime. It is clear to see that there is work inside prison and that “tramps” have as many entrepreneur characteristics as the neoliberal conservatory subject. His work is as hard as any other job, which requires planning, tools and execution strategies. Even though they are transgressing the law they still obey a series of market, work and entrepreneurship rules. We have elaborated this reduction to the absurd in order to question the notions of guilt, merit and the notion of work as a reformer of subject taking it to the limit, transgressing the borders of the legal sphere to enable that both have a common view of the same values, such as competitive aggressiveness, discipline, hierarchy and work as a moral elevation. These thoughts are always registered in tiredness and on the brink to collapse and this racional statement taken to its exhaustion can make it possible the unsustainable absurd that foundaments our criminal prison system into a logic of racist and classist merit-guilt. The reduction to the absurd highlights a process of repetition that searches for transgression of principles and the fall of consequences breaking barriers, equivalences and generalities built by morals and by the law, showing its paradoxes and provoking deviations in the discourse of colloquial modern science, letting it contagate by the sensitive not worrying about perform formal representations of meaning and referred. This fictional cartographic exercise composed a narrative that does not pursue a linearity or a historic veracity of the happenings, but a creation of lines, maps, diagrams that are related to the problem of the research. The characters created are strategies to tension our paradigms through prison, work, neoliberalism, the moral neo pentecostal, and also, to ourselves and to the world beyond the walls in which we live.*

*Keywords: Prison. Work. Capitalism. Religion. Fiction.*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 O TEMPO INTENSIVO NA CADEIA .....</b>	<b>25</b>
2.1 O HOMEM DE VERMELHO.....	25
2.2. BREVES MEMÓRIAS DE ONDE O TEMPO É LONGO .....	28
<b>3 O TRAJETO .....</b>	<b>34</b>
3.1 O CAMINHO ATÉ O PRESÍDIO CENTRAL DE PORTO ALEGRE .....	34
3.2 ENTRADA DE PESSOAS .....	46
<b>4 POR ENTRE OS ESPAÇOS DE UM ESTABELECIMENTO PENITENCIÁRIO.....</b>	<b>53</b>
4.1 MEMÓRIAS DOS OBJETOS: ENTRE PAPEIS, CANETAS E BOTÕES .....	53
4.2 A SALA DO CAFÉ .....	61
<b>5 DESPERTAR.....</b>	<b>72</b>
<b>7 A INTRIGA.....</b>	<b>77</b>
5.3 A ÚLTIMA RONDA.....	89
<b>6 UM SONHO DA “NOITE DOS DESESPERADOS” .....</b>	<b>93</b>
5.5 A TRETA.....	103
<b>6 UM CERTO TRAÇADO SOBRE AS LINHAS DE GUERRA .....</b>	<b>110</b>
<b>7 O JANTAR.....</b>	<b>129</b>
7.1 A ARANHA .....	129
7.2 LÍDIA.....	133
<b>8 CORRERIA .....</b>	<b>145</b>
8.1 “DESCUBRA SEU TALENTO”p.....	145
8.2 OS PARÇAS.....	147
8.3 FAZ-SE TRABALHOS ARTÍSTICOS.....	150
<b>9 JOVENS: O FUTURO DO MUNDO .....</b>	<b>159</b>
9.1 APRENDENDO A EMPREENDER.....	159
9.2 CHUVA DE IDEIAS.....	160
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>170</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>176</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Gostaria de começar contando um pouco da minha trajetória até aqui. Durante a graduação no curso de Psicologia tive interesse em pesquisar sobre o sistema prisional brasileiro, especialmente sobre relação perversa que estabelece com encarceramento de jovens, negros, pobres e moradores da periferia. A escolha desta temática de pesquisa se deu a partir de uma série de conjunturas acadêmicas, profissionais e pessoais, sendo assim, não foi totalmente intencional ou aleatória.

Entre os anos de 2015 e 2017, fiz parte do Observatório de Juventudes em Situação de Prisão, parceria dos cursos de Direito e Psicologia do Centro Universitário Metodista – IPA com a Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (SUSEPE), para realizar acolhimento individual e em grupos de jovens de 18 a 29 anos que cumpriam pena ou aguardavam julgamento na Cadeia Pública de Porto Alegre (CPPA). Esse projeto de extensão e pesquisa que tinha como objetivo ser um espaço de acolhimento qualificado e produzir informações sobre as trajetórias dos jovens que estavam em situação de prisão, tentando compreender a sua história através das políticas públicas de educação, família, assistência social, trabalho e acesso à justiça. Em 2018, o Observatório de Juventudes foi impedido de renovar o contrato com a Superintendência em Serviços Penitenciários (SUSEPE) por questões burocráticas que envolviam a universidade. Desde então, tem atuado em outras frentes de acolhimento de pessoas em conflito com a lei.

Durante dois anos e meio fiz parte desse projeto como pesquisadora de iniciação científica e estagiária. A partir de uma coleta de dados inicial através de uma entrevista semiestruturada, passamos a realizar uma pesquisa intervenção com grupo de jovens residentes a Galeria 1ª F – conhecida como Galeria dos Primários. A escolha de jovens residentes dessa galeria não partiu do grupo de pesquisa, mas sim da administração da casa prisional, realizada pela Brigada Militar, por considerarem esses presos de menor periculosidade pelo seu pretenso baixo grau de envolvimento com as facções criminosas. Nossos encontros consistiam em criar oficinas de narrativas que tinham com o objetivo compreender como as políticas públicas tinham feito parte da trajetória de vida desses jovens (CARDOSO, LARA, GIORDANI, 2020).

Para além da relação estabelecida com o equipamento de segurança durante a minha formação como psicóloga, também foi nesse território que eu nasci, cresci e continuo residindo. O bairro Partenon e seus arredores fazem parte da minha constituição como sujeito. Foi

serpenteando entre suas ruas, nem sempre terraplanadas e plenas de urbanização, que construí pontes entre pessoas e lugares, lugares e tempos, tempos e pessoas que dão corpo a esse trabalho. Assim, a cidade não será apenas o palco dos acontecimentos, mas também um personagem que apresenta suas próprias dinâmicas, permeabilidades e acessos, tempos intensivos, nos conduzindo ora para determinadas trajetórias, ora para outras. É na zona leste da cidade de Porto Alegre que circulo, acesso serviços, estabeleço relações, onde aprendi a conhecer alguns códigos vigentes e que se estabelecem de maneira singular nesse território. Foi aqui que eu cresci sob a ameaça que os “loucos” do Hospital Psiquiátrico São Pedro e os “bandidos” do Presídio Central iriam fugir de seus muros. Mas também com o medo da guerra entre Polícia e Tráfico, tendo esse temor permanecido para além das fantasias infantis e me fazendo reconhecer becos, vielas, esquinas, casas e estabelecimentos em que essas disputas poderiam acontecer.

Elas nem sempre são evidentes e ainda hoje vou descobrindo enquanto caminho pelas ruas e escuto histórias. Assim, os passos da personagem, em alguma medida, também são meus, dos meus familiares, de meus amigos, das pessoas cujo ouvi as histórias dentro da CPPA, daqueles que já se somaram às perdas que se acumulam pela violência urbana e até mesmo daqueles que nem viveram, mas foram imaginados. Um tanto de mim reside nesta história. Porém, permito-me estranhar a paisagem que tanto faz parte do meu cotidiano e levá-la a composição da ficção que me proponho aqui: uma relação de estranhamento do familiar que pressupõe não um distanciamento, mas sim um deslocamento ao tensionar possíveis e promover contágios de sensíveis. Dito isso, espero ter contextualizado o quanto esse trabalho se delineia inicialmente a partir do encontro das minhas experiências pessoais e com meu interesse acadêmico nos estudos da Psicologia Social e da Segurança Pública.

Apresento, mais formalmente, o campo que serviu de base para pensar essa dissertação. Contudo, não assumo nenhum compromisso em ser fidedigna à sua descrição, mas sim permito-me realizar a composição de diferentes sensibilidades e possibilidades sobre a forma como eu me encontrei com ela. A Cadeia Pública de Porto Alegre, antigo Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), está situada na Avenida Rócio, número 1100, Vila João Pessoa, um pequeno distrito que até algumas décadas atrás fazia parte do bairro Partenon, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Inaugurada em 1959, foi originalmente projetada para ter celas individuais para 600 presos. Atualmente possui 13 mil metros quadrados e teria a capacidade de engenharia para 1824 vagas, porém, em março de 2019 mantinha 4299 pessoas privadas de liberdade em suas dependências (SUSEPE, 2019). A instituição já chegou a abrigar quase o triplo de sua

capacidade. Um levantamento realizado pelos principais órgãos de representação jurídica do Estado apontou que a CPPA já foi considerada a pior unidade prisional do país devido às suas condições de superlotação, insalubridade, baixas possibilidades de ressocialização, de assistência médica e violação de direitos humanos insuportáveis (AJURIS et al, 2013; BRASIL, 2015).

O estabelecimento penal está localizado em uma região onde há um conglomerado de outros equipamentos de segurança pública como quartéis, centros de treinamento e a academia da Brigada Militar, inclusive preservando locais históricos dessa instituição como a Linha de Tiro<sup>1</sup> e uma antiga Vila Militar; várias delegacias da Polícia Civil; instituições administradas pela SUSEPE como o Instituto Penal Masculino Pio Buck, o Instituto Penal Feminino de Liberdade Condicional, o Centro de Triagem e o Instituto Penal Feminino Madre Pelletier. Também podemos citar aqueles que são ligados à saúde, entretanto que apresentam – ou pelo menos na sua história já apresentaram – um forte viés penitenciário, como o Instituto Psiquiátrico Forense (IPF), o Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP) e o Sanatório Partenon, atualmente chamado de Centro de Saúde São José do Murialdo. Além disso, também foi nesse local onde foram construídas as primeiras instituições para os menores abandonados ou infratores. Portanto, historicamente, mandava-se para essa área da cidade os loucos, os criminosos, os doentes, os menores e os desamparados.

No século XIX, a zona leste da cidade, era composta por arraiais de difícil acesso, devido a sua localização afastada do centro da cidade, a ausência de transporte público e suas características geomorfológicas – cercada por morros e com parte da mata atlântica preservada. Além disso, havia nascentes de águas abundantes e bom regime de ventos. O local parecia ideal para a instalação desses modelos de instituição, uma vez que afastava os indesejáveis do centro da cidade e poderia promover a sua “cura” em isolamento para o possível retorno à sociedade. Seguindo o modelo de Pinel, acreditava-se que os desviantes deveriam passar pela terapia moral para retomar a harmonia perdida pela desrazão que lhes vitimavam. Loucos, criminosos, crianças e adolescentes eram expostos a castigos desumanos, tortura e morte para expiar seus erros. Aqueles que ainda tinham saúde e condições físicas eram expostos a trabalhos forçados com o objetivo de reconstruírem seu caráter. Não havia diferenciação entre o tratamento por

---

<sup>1</sup> Linha de Tiro: um dos primeiros locais de treinamento da Brigada Militar em Porto Alegre, atualmente tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAÉ (RIO GRANDE DO SUL, 1990).

idade, crime ou transtorno mental. As instituições, fossem elas de saúde, de assistência ou penais, se utilizavam de tecnologias muito semelhantes entre si para a reforma dos sujeitos (FOUCAULT, 2007).

As juventudes negras e das classes menos favorecidas são o alvo principal de vigilância e controle pelos mecanismos de poder, investindo-se na produção de saberes sobre esses corpos, acreditando-se que pode tanto recuperá-los dos atos infracionais cometidos, tanto quanto evitar os que cometeriam no futuro. Assim, a sua passagem pelas instituições era uma tentativa de torná-los dóceis: “[...] daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias (...)” (FOUCAULT, 2017, p. 84). Mas também tinham o intuito de produzir informações sobre esses segmentos populacionais, sobre os quais não se investia para atingir todos os padrões esperados, mas sim buscava-se a eficiência de instituições cada vez mais preparadas para dar conta de seus desvios. Isso não foi inocentemente construído, mas sim produto de um modo de subjetivação sobre a pobreza que levou ao hiperencarceramento de jovens, negros, pobres, moradores de periferia, que são escolhidos como bodes expiatórios para o complexo fenômeno da violência urbana (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003). Essas vidas foram sendo amarradas incessantemente à delinquência, o que autorizou o controle da virtualidade de seus comportamentos (FOUCAULT, 2014).

O sistema penal é racista, e se utiliza da figura do “bandido”, do “vagabundo” construída através de várias camadas discursivas e imagéticas nos grandes veículos de comunicação como forma de criar uma figura estereotipada, desumanizada e inferiorizada associada aos jovens negros moradores de periferia. Isso privilegia pessoas brancas que, mesmo cometendo os mesmos crimes, são vistos e julgados de formas diferentes. A lógica perversa de criminalizar pessoas negras, projetando sobre elas a maldade, a animalidade, a violência (KILOMBA, 2019), dizer que existe uma “cara do crime” é a mesma que qualifica alguns jovens como vagabundos e outros como empreendedores, ou traficantes e usuários. Assim, o sistema penal brasileiro se torna o principal representante do pacto da branquitude (BENTO, 2002), que se torna essa máquina de execução do desejo de manutenção de privilégios da camada da população que vive sob a lógica da segurança privada e do condomínio fechado.

Encarcera-se e extermina-se essas pessoas sem que haja real impacto nas taxas de violência urbana, deixando apenas à mostra as fragilidades da Segurança Pública. O aparelho judiciário executa o que está circulando no campo social. Inimigos internos são eleitos e

estratégias são montadas para combatê-los. Dessa maneira, não podemos localizar o poder de punir em uma instituição, mas sim fazer uma cartografia de outras tecnologias sociais que se criam para lidar com o crime. Assim colocamos em questão a função da prisão, da punição, da penalidade e do próprio criminoso. De certa forma, propomos um abolicionismo penal distópico e ultraliberal, que acaba com a prisão, mas não com a punição, desinvestindo parcialmente a culpa e apostando no mérito e no sucesso individuais de cada sujeito onde o crime é considerado um trabalho, e o criminoso é um empreendedor, de acordo com as leis do mercado. Nessa realidade, o criminoso é aquele que transgride as leis do crime. Pretendemos estudar o sufocamento em que vivemos, os mecanismos de coerção e a criação a todo tempo de novas estratégias de resistência, que são tão fluidas quanto a multiplicidade dos campos de força com que nos encontramos. A distopia aqui opera não como uma ameaça, mas sim como um campo de experimentação no qual o futuro imaginado é um espaço para uma variação radical de nós mesmos: uma redução ao absurdo dos princípios da moral empreendedora, neoliberal e conservadora, que nos atravessa fortemente no presente produzindo, desde já, as inusitadas alianças entre religião, crime e capital, articulações aqui reforçadas em sua intensidade pela ficção como operadora de delírios do real. Como em toda redução ao absurdo, objetivamos o colapso de uma proposição lógica: no presente caso visamos colapsar a proposição lógica que pretensamente divide o mundo entre “trabalhadores” e “vagabundos”, cisão que serve de guia a moral para o juízo do bom senso conservador. Dessa forma, desejamos ultrapassar as lógicas que dicotomizam opressor-vítima, trabalhador-vagabundo, policial-bandido, psicólogo-louco, buscando vidas infames, escanteadas, mas também vidas potentes que desejam reconhecimento de seus atos e histórias (FOUCAULT, 2006).

Dentre as possíveis políticas públicas que regem gerem as penalidades seleciona-se a Lei de Execuções Penais (LEP) para ser um dos pontos de discussão desta dissertação, já que ela institui os dois principais norteadores da atuação da Psicologia na Prisão: o tratamento penal e a individualização da pena (BRASIL, 1984). A LEP prevê que se forme uma Comissão Técnica de Classificação (CTC) composta por psicólogas(os), assistentes sociais, advogadas(os) e membros da direção da casa prisional a fim de realizar exames criminológicos para realizar projetos de ressocialização das pessoas em situação de prisão. Espera-se que esses profissionais, munidos apenas de antecedentes criminais e características de personalidade avaliadas por instrumentos pontuais, possam dizer que projeto pode ser realizado para que as pessoas privadas de liberdade não reincidam na criminalidade (ROSSOTI; BICALHO, 2016).

A esse processo denomina-se individualização da pena e a partir dele serão decididos o planejamento e as ações do tratamento penal a fim de alcançar a reinserção do sujeito à sociedade.

Com recursos escassos, com poucos ou nenhum encontro com os sujeitos envolvidos, além de conseguir somente empreender ações isoladas e sem continuidade institucional, as inúmeras tentativas de acompanhamento acabam sendo esmagadas por uma rotina intensa de burocracias. Dentro da lógica da individualização da pena é necessário a construção de um plano singular para cada sujeito em situação de prisão. Porém, não se leva em conta que há um esvaziamento da produção de vínculos provocado pelo próprio funcionamento do sistema prisional, que é superlotado e, ao contrário de produzir acolhimento, produz violência nas suas relações.

A Psicologia acaba sendo chamada para realizar a adaptação das pessoas privadas de liberdade às situações em que se encontram, realizando práticas de ortopedia social, seja de classificação, de adaptação ou de reforma dos sujeitos (ROSSOTI; BICALHO, 2016; RAUTER, 2011). O trabalho das psicólogas/os serve, muitas vezes, para contribuir com a estigmatização das pessoas pobres, negras, moradoras de periferia, com baixa escolaridade, que majoritariamente cometeram crimes contra o patrimônio ou tráfico de drogas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012). Nas avaliações produzidas ou nos encontros promovidos com os sujeitos em situação de prisão, acaba-se reduzindo suas vidas aos boletins de ocorrência, deixando de escutá-los em suas singularidades (RAUTER, 2011).

Dentre tantos fios que poderíamos puxar dessa trama, um deles nos pareceu ser o nó central entre as psicólogas que trabalham como Técnicas Superiores Prisionais (TSP), os policiais militares e as pessoas em situação de prisão: o trabalho. Considerado o principal pilar da ressocialização do sujeito privado de liberdade costuma ser visto como o par oposto do crime, visto como uma saída da “vida bandida”, tendendo a criar uma falsa dicotomia entre o trabalhador e o “vagabundo”. O primeiro é visto como aquele que tem valor moral, dignidade e decência para conseguir o seu sustento pela exploração da sua mão-de-obra ou de seu intelecto em troca de salário, pró-labore ou participação de lucros. Enquanto o segundo, não é apenas aquele que está temporariamente desempregado, mas aquele que se recusa ao emprego, que passa horas ociosas em vez de estar vendendo sua força de trabalho. É quem não tem uma carteira de trabalho assinada e cria outras estratégias para suprir suas necessidades, sejam elas dependendo financeiramente de outras pessoas – em geral, familiares ou cônjuges – mas



também recorrendo a ditos meios de “ganho fácil”, como por exemplo, o roubo, o furto, o estelionato e outros tipos de golpes.

De acordo com Schwartz (2011, p. 23), o trabalho não pode ser confundido apenas com “a porção de tempo trocada por remuneração”. É preciso complexificar as relações entre trabalho, “fora do trabalho” (lazer) e do “não trabalho” (desemprego), que arbitrariamente dividimos como partes isoladas do mundo do trabalho e do mundo pessoal, ou social e do privado. Há muitas tentativas de separação nesses entendimentos, porém, eles se coengendram e se influenciam o tempo todo, já que o trabalho é uma atividade humana, algo vivo e que (re)constrói-se constantemente. Ele está presente em todas as sociedades, porém nem todos compartilham da mesma noção de trabalho. Para Schwartz (2011) não há uma simples e única definição de trabalho, mas sim uma constante criação de enigmas e paradoxos a respeito da sua origem e significados. Assim, pensamos que trabalho não trata apenas do emprego formal e, nesse ponto, ousamos dizer que, nem somente de atividades legais ou moralmente aceitas. Contudo, é mais aprovada socialmente a teoria de que o trabalho dignifica o homem e que a reforma do sujeito só pode vir através da sua valorização. No caso das pessoas privadas de liberdade, por exemplo, assume-se muitas vezes que elas estão encarceradas porque não gostam de trabalhar ou porque nunca o fizeram: o uso corrente do adjetivo substantivado “vagabundo” é uma marca notória deste estigma.

Contudo, ao contrário do que se pensa, há trabalho nas prisões: formal e informal, legal e ilegal. A LEP traz no seu texto a sua obrigatoriedade para todas as pessoas que estejam cumprindo pena, tanto como um direito, quanto como um dever social: “O condenado à pena privativa de liberdade está obrigado ao trabalho na medida de suas aptidões e capacidade” (BRASIL, 1984, art. 31). Também está prevista nessa legislação que se deve levar em consideração, na atribuição do trabalho à pessoa privada de liberdade, preservando a sua dignidade, as condições de saúde e idade, o aproveitamento dessas habilidades a serem aprendidas no mercado de trabalho extra-muros. Sendo assim, deve-se limitar o trabalho esvaziado de sentido, bem como observar as condições humanitárias sobre a jornada de trabalho, higiene e limpeza do ambiente e descanso. Mesmo não estando subordinado às leis trabalhistas, a remuneração do trabalho das pessoas privadas de liberdade não deve ser inferior a  $\frac{3}{4}$  do salário-mínimo. Porém, apenas uma parte dos ganhos é revertida a seu favor, sendo repartida em:

- a) à indenização dos danos causados pelo crime, desde que determinados

judicialmente e não reparados por outros meios; b) à assistência à família; c) a pequenas despesas pessoais; d) ao ressarcimento ao Estado das despesas realizadas com a manutenção do condenado, em proporção a ser fixada e sem prejuízo da destinação prevista nas letras anteriores. (BRASIL, 1984, art. 29, § 1º).

O restante será depositado em caderneta de poupança que será disponibilizada quando for decretada sua liberdade. Apesar do trabalho compulsório apresentado pela LEP, há muito poucas possibilidades de trabalho formal, que entendemos aqui como aquele que resulta em pecúlio ou em remissão de pena. De acordo com Rudnicki e Gonçalves (2016, p. 175) havia mais de 20 mil pessoas em situação de prisão no Rio Grande do Sul em 2015, dessas aproximadamente 12 mil não estavam trabalhando. Apenas 8.602 estavam envolvidas em trabalhos formais dentro dos estabelecimentos penais, a maioria (5.032) tem como atividade tarefas internas; tão somente 981 estão vinculados a um Protocolo de Ação Conjunta (PAC), e 2.589 desenvolvem trabalho externo” (*Ibidem*). Na CPPA, onde podemos observar que há quase 3 vezes a população carcerária que a instituição teria como suportar, as condições de trabalho são reduzidas e difíceis de serem acessados pelos apenados. Na data pesquisada pelos autores, apenas 624 pessoas eram consideradas presos trabalhadores e desses apenas 143 recebiam a pecúnia financeira e tinham os dias trabalhados remidos, o restante estavam realizando suas atividades apenas em troca de remissão de pena (RUDNICKI; GONÇALVES, 2016). De acordo com a LEP, a cada três dias de trabalho ou estudo, um dia é remido da pena (BRASIL, 1984)

As PACs, como são chamadas as parcerias público-privadas no sistema prisional gaúcho, geralmente dispõem de atividades sem nenhuma significância para o sujeito, como fazer prendedores de roupa ou costurar bolas e mais recentemente, uma parceria com o governo do Estado disponibilizou vagas para pessoas privadas de liberdade alimentarem os dados de saúde no sistema virtual. Porém, são pouquíssimas vagas e geralmente são ocupadas pelos presos com maior escolaridade, raridade na massa carcerária. Dessa maneira, o grande contingente – nem tão grande assim – que atua no trabalho interno é organizado:

[...] em dois grandes grupos: o dos trabalhadores das galerias (conjuntos de celas) e o dos trabalhadores setoriais. O grupo das galerias é formado por presos que labutam nas galerias onde vivem, com as funções de vigia noturno, paneleiro, faxineiro, barbeiro. Esse grupo é escolhido pelos detentos que comandam a galeria e legitimado pela direção. O grupo dos setoriais é formado por presos que trabalham nas áreas de manutenção do presídio e são selecionados pelos servidores da Brigada Militar, responsáveis pelo local ou função em que o detento trabalhará, após processo seletivo” (RUDNICKI, 2016, p. 80).

Os trabalhadores setoriais são conhecidos como “jalecos” e são mal vistos pela massa carcerária por acreditarem que existe uma relação próxima com a administração da casa prisional, uma vez que passam por uma seleção com critérios definidos pela Brigada Militar. Já trabalhar na galeria, significa uma posição de destaque entre os presos por representar vantagens não só com a direção, mas na liderança interna. Contudo, há outras atividades que não necessariamente são reconhecidas como “trabalho”, como os pequenos negócios que as pessoas em situação de prisão desenvolvem dentro de suas celas para prestar serviços à população carcerária. São conhecidas como “firmas”, grupos organizados de fabricação e venda dos mais variados produtos como lanches (cachorro-quente, xis, bolinho de batata, pastéis), doces (trufas, brigadeiros, bolos), e também “firmas” que embalam, escondem e revendem drogas ilícitas.

O crime organizado é muitas vezes a maior probabilidade de geração de renda dentro da prisão, oferecendo ganhos maiores e tendo a maior base de clientes. E seu estoque não parece ter dificuldades de fornecimento, diferentemente, por exemplo, dos produtos que chegam para fazer os lanches através das famílias que podem encontrar maiores impedimentos no portão da casa prisional. Há ainda aqueles que não se encaixando em nenhuma atividade acima, por não ter o perfil ou o *network* necessário – por exemplo, não conhecendo ninguém na facção responsável pela revenda ou não recebendo visitas para lhe trazer os insumos necessários. Esses acabam prestando pequenos serviços individuais aos seus colegas de cela, como fazer faxina e lavar roupas por alguns trocados. Os contornos entre trabalho, empreendedorismo e crime são constantemente borrados no dia a dia prisional pela constante criação de novas estratégias de sobrevivência no ambiente carcerário e suas muitas limitações ao trabalho formal e legal. Além disso, homens em situação de prisão acabam tendo que fabricar seus próprios instrumentos de trabalho, como fogões improvisados, “rabos quentes”, embalagens e até mesmo armas, construindo suas próprias formas de subsistir à prisão.

Muitas pessoas com que me encontrei durante o estágio e a pesquisa na CPPA, quando questionadas sobre se estavam empregados antes de serem presas, declaravam que seu trabalho era o crime. Eles explicavam que o seu “corre” era tão árduo quanto o de qualquer pessoa, precisando de planejamento, ferramentas, estratégias de execução e estando expostos a muito mais riscos que os trabalhadores comuns já que se algo desse errado, elas podiam serem presas ou mortas, em vez de apenas serem despedidas. Ainda que o “salário” pudesse ser melhor que de outras ocupações disponíveis, acham a expectativa de vida muito curta.

Além disso, diferenciavam as atividades dentro da estrutura criminosa, explicando a

diferença entre ser traficante e ladrão, por exemplo. Apesar de haver uma relação de vizinhança entre os praticantes de ambos os crimes, falavam que são necessárias aptidões e perfis diferentes para exercer cada uma delas: o primeiro tem plano de carreira e toda uma hierarquia, enquanto o segundo é mais solitário e geralmente só se juntam em equipes por demanda e depois cada um segue seu rumo. Outros delitos mais intelectuais, como estelionato, fraudes e falsificações, geralmente requerem mais criatividade e persistência, além de certo dom artístico e de engenharia social para dar certo. O risco de morte é menor nestes últimos, contudo, quando os infratores são das classes menos abastadas e sem acesso à máquina pública, os ganhos também. Afirmavam que quanto maior o acesso e o risco, maior o ganho.

Essas pessoas precisam ter características empreendedoras e dedicar-se às suas atividades mantendo o foco e a resiliência. Precisam ser proativas e estar sempre inovando. Levando ao limite essa linha de pensamento, podemos refletir que há muitas semelhanças com as características procuradas em candidatos às vagas de emprego no mercado formal. Evidentemente não se quer aqui glamourizar ou banalizar tais atividades criminosas, sabemos das agruras que levam grande parte da população a tais ocupações e da crueldade e riscos presentes, no entanto, não podemos nos furtar a evidenciar que tais empreendimentos criminosos não se dão por completo desarticulados do campo legal do mercado, trabalho e empreendedorismo. Há de se vislumbrar aqui os paroxismos existentes em nossa moral e tipificação do infame criminoso quando nos defrontamos com estes fatos, uma vez que o crime não acontece em um universo paralelo, e sim na mesma dimensão em que estamos.

Dessa forma, se a lógica psico-prisional de reforma do sujeito se propõe a desenvolver o trabalho como pilar da ressocialização podemos operar aqui uma redução ao absurdo dessas racionalidades, levando-as a ultrapassarem seus limites pelas suas próprias lógicas levadas ao extremo, visibilizando o quanto o seu funcionamento está sempre inscrito no cansaço e à beira do colapso. O próprio trabalho da(o) profissional de Psicologia está sempre no limite de suas capacidades no sistema prisional. Ao tocar essa “parede”, essa fronteira, torna-se possível a “(...) experiência sufocante do esvaziamento de todo o repertório de possibilidades [que] pode levar, portanto, aos pungentes imperativos do desvio, da fuga e da criação” (COSTA; MIZOGUCHI, 2018, p. 112). O colapso, no nosso entendimento é, um corte radical faz com que passe a operar novas lógicas, microrrevoluções que não são completamente visíveis ou dizíveis. O colapso não é uma falha, mas sim a afirmação para além da impossibilidade de agir que abre novos campos de afetação, percepções e sensibilidades que somente são possíveis no

esgotamento. Aqui diferenciamos o esgotamento do cansaço. De acordo com Deleuze (2010), o cansado é aquele que continua a operar dentro de uma lógica, mesmo que acredite que é impossível atingir os objetivos do seu trabalho. Já o esgotado é aquele que ao se deparar com o impossível, adota a postura de destruição e criação de novas formas de se relacionar com o mundo. Complementando essa visão:

Trata-se da passagem de um niilismo passivo que se vê sem alternativas de ação diante da ausência de possibilidades atuais, para um niilismo ativo que encontra na mesma experiência a exigência de criação de novos campos de possibilidade. É disso que se trata no colapso que queremos forjar: processos de *breakdown* e de esgotamento, a quebra radical de uma lógica instituída quando a configuração das nossas relações com o mundo esgotou toda as possibilidades de variação, todo o repertório de estratégia para lidar com as questões que surgem, sem mais conseguir dar conta dessas novas demandas, sem mais conseguir produzir respostas que se articulem com os eventos do mundo, exigindo que inventemos novas lógicas radicalmente diferentes em ruptura com as anteriores. (COSTA; MIZOGUCHI, 2018, p. 112).

Dessa maneira, nossa ideia é dar corpo a esse campo de possibilidades, operando como niilistas ativos. Por isso, consideramos absurda a lógica psico-prisional que se propõe a reforma dos sujeitos privados de liberdade através do trabalho, já que ele nada pode prometer pela ressocialização. As dicotomias criadas entre trabalhadores e “vagabundos” pouco se sustentam na prática, uma vez que, colapsando essa racionalidade até seu esgotamento por uma redução ao absurdo, o próprio crime poderia, como trabalho ou ocupação operar uma reforma do sujeito. Portanto, há sim paradoxos entre trabalhadores e “vagabundos” e toda a normatização criada para separá-los acabam levando a percepção que o “vagabundo” é trabalhador, mesmo que ilegal. Um adendo neste ponto: a ilegalidade é justamente um dos processos de precarização e desregulamentação do chamado “precariado” global, que cada vez mais recebem salários abaixo do previsto em lei e têm contratos que não atendem aos seus direitos constitucionais (ANTUNES, 2018). Retomando, este paradoxo ocorre exatamente quando levamos ao extremo seus princípios que, pretensamente, operam a cisão entre ambos, através do juízo baseado na valorização neoliberal do empreendedorismo e na lógica capitalista-protestante da elevação moral pelo trabalho, os quais, quando levados ao seu limite, encontram no crime tanto o empreendedorismo, quanto o trabalho ilegal. Pois, mesmo que transgredindo a lei, obedecem ainda a uma série de regras do mercado, do trabalho, e do empreendedorismo, inserida em uma lógica neoliberal. Quando o trabalho é colocado como o oposto do crime, perde-se toda uma dimensão de investimento do sujeito que atravessa não apenas a ressocialização prevista na LEP, mas toda uma política de geração de renda, atividade e ócio. Questionamos: se o trabalho

é o bastião do combate à reincidência, não estaria ele se autofagiando?

Não negamos a relevância das regras, das normas e das leis no âmbito do trabalho formal e a decorrente necessidade de luta pelos direitos das/dos trabalhadoras/os, nem a importância do campo jurídico-penal que delimita crimes e infrações, mas, ainda assim, assumimos a empreitada do colapso do pensamento que coloca o trabalho como reformador do sujeito e a levaremos até os seus limites, buscando colocá-las em questão as variações entre trabalho legal e ilegal, formal e informal, transgredindo as fronteiras que a Justiça estabelece entre um e outro, para visibilizar que ambos comungam de uma mesma lógica neoliberal – onde o valor do empreendedorismo e da agressividade competitiva são peças-chaves. Além disso, essa racionalidade é laborocentrada, tendo na disciplina, na hierarquia e no trabalho como forma de elevação moral as bases fundamentais da sua estrutura. Assim, podemos pensar com Deleuze (2010, p. 14) que a redução ao absurdo operada por este trabalho é um processo de repetição dos princípios às consequências, em transgressão e queda dos primeiros pelas segundas. As repetições são transgressões que rompem as fronteiras, equivalências e generalidades erigidas pela moral e pela lei, mostrando seus paradoxos, pois ao negar as normas:

[...] seja por uma ascensão aos princípios, contestando-se, então, a ordem da lei como secundária, derivada, emprestada, ‘geral’, denunciando-se na lei um princípio de segunda mão que desvia uma força ou usurpa uma potência originais; seja, ao contrário, e neste caso a lei é ainda melhor revertida, por uma descida às consequências e uma submissão minuciosa demais, de modo que, à força de esposar a lei, uma alma falsamente submissa chega a alterá-la e a gozar os prazeres que se julgava proibidos. (DELEUZE, 2000, p. 14).

Por esse motivo, resolvemos nem contestá-las, nem apenas ser submissos a elas, mas sim observar a operação de redução ao absurdo que acontece no dia a dia prisional, e mais especificamente em relação ao trabalho prisional. Os trabalhadores, tanto dentro, quanto fora da prisão, exercem suas infidelidades ao meio (SCHWARTZ, 2011) colapsando as lógicas de suas atividades, mesmo que em pequenos momentos do seu dia. Ficamos atentos ao que nos leva a paralisação do agir, através da atenção estrita às regras, dos excessos de regulamentações e sanções, de levar as normativas ao seu extremo e o quanto seria grotesco agir exatamente como mandam as regras. Intentamos realizar tanto deslocamentos dos princípios através da ironia, quanto levá-los à sua queda pelos jogos do humor. Não queremos representar a prisão, mas sim uma variação dela, uma variação que pretende desdobrar as suas formas em absurdos, que estão sempre presentes em nossas vidas, mas nem sempre visíveis. Assim, escolhemos

operar com a ficção pois ela nos permite incrementar sensibilidade e intensidade no nosso texto.

A ficção nos vem como procedimento metodológico que nos possibilita escrever sobre essa metaestabilidade, dando “corpo a uma série de afetos, cotidianos, pensamentos e sensações” (COSTA, 2014, p. 569). Ao criar essas novas realidades, pretendemos densificar as tramas do real e multiplicar as possibilidades das relações de trabalho dentro do sistema prisional, nublando seus contornos. Temos em mente que escrevemos sobre aquilo que nos escapa (*Ibidem*), por isso propomos a composição de uma ficção-cartográfica onde os tempos intensivos, o território e a construção dos personagens, desde a narradora inicial até os jovens em futuro ultraliberal dentro da nação-prisão possam se dar a partir do encontro com os diferentes corpos aprisionados: colegas da equipe multidisciplinar, policiais militares, pessoas em situação de prisão, familiares que os visitam, comerciantes locais, moradores dos arredores, o espaço urbano e nossa imaginação sobre o que estaria por vir. A técnica-estagiária que inicia essa narrativa ficcional, não recebe um nome comum, mas sim é descrita por um termo que busca evidenciar o duplo-vínculo entre ter sido nomeada uma das técnicas que atua na prisão, mas também estar em estágio probatório, assim sendo constantemente avaliada pelos pares ao mesmo tempo que está em uma posição que se permitir a aprender, e principalmente de admitir não saber.

Esse exercício cartográfico-ficcional pretende operar uma redução ao absurdo buscando construir uma narrativa baseada nos campos de afetação que estão em constante produção. Dessa forma, não perseguiremos uma linearidade ou veracidade histórica dos acontecimentos, mas sim a criação de linhas, mapas, diagramas, se relacionem com o problema da pesquisa, levando-nos a pensar as práticas de saber-poder que influenciam os modos de subjetivação sobre o trabalho no sistema prisional, mas também a sua abertura para o devir, levando a produção de novos sentidos e novos modos de ser (FOUCAULT, 2017). Assim, nos propomos a imaginar outros mundos possíveis nos aproximamos da ficção como um modo de deslocar os sentidos com o intuito de ampliar as potências de afetação (DELEUZE, 2002).

Para tanto, pretendemos perseguir o *intermezzo*, costurando campos conceituais com campos sensíveis, acolhendo histórias, impressões, produções artísticas, o dito e o que “não deveria ser dito” (como regra da instituição e dos seus operadores), nossas próprias experiências, textos acadêmicos, literários, músicas, documentários, filmes, diário de campo da pesquisa anterior, obras de arte, poesias, vida cotidiana e até os noticiários policiais e tudo mais que se fez presente no encontro com os temas da pesquisa, sem hierarquizar as relações entre

saberes e tentando nos desprender das identidades profissionais e das noções de trabalho no sistema prisional.

A passagem da escrita acadêmica tradicional para a literária não implica em menos rigor dos pesquisadores com o seu campo problemático, antes sim “exige deste ainda mais empenho em dar corpo ao incorpóreo sem falsear-se a si no desvão de uma escrita sem consistência” (COSTA, 2014, p. 559). Dessa forma, construímos novas possibilidades de produção de conhecimento. Ao trabalhar com fenômenos que vislumbramos apenas de passagem, com os quais não ousamos capturar e torná-los objetos passíveis de previsão e controle, mas sim pretendemos escrever sobre suas sutilezas, suas discontinuidades, seus fragmentos que não se unem, sobre o que lhes faz únicos. Pretendemos desaprender sobre aquilo que achamos que sabemos sobre a temática do sistema prisional para nos deixar transpassar por ela. Dessa maneira, não sabemos onde o desejo de criar nos levará, portanto vamos deixando a poética contagiar a escrita (COSTA, 2014). Buscamos aumentar as possibilidades de escrita sobre os nossos encontros na CPPA e com outras cadeias reais ou imaginadas, vendo-os como uma trama de infinitas possibilidades.

As próprias composições dos personagens são provisórias, fragmentadas, descontínuas assim como a operação cartográfica-ficcional com que eles se aproximam dos territórios e das suas próprias composições, sejam como trabalhadoras do sistema prisional, seja como policiais militares, seja como trabalhadores internos da prisão. A narradora inicial, faz o papel de anfitriã nesse universo. Psicóloga-técnica-concursada ora se empossa de um saber científico-tecnológico para o seu fazer profissional, ora afirma sua posição de estagiária-estudante-aprendiz, evidenciando o período probatório que antecede sua efetiva contratação pelo governo do Estado. Ela resiste a se estabilizar, a fazer escolhas entre uma condição ou outra, utilizando-se dessa experiência limítrofe para a experimentação. Ela se permite habitar os diferentes acontecimentos que se apresentam em um tempo intensivo, que não difere passado, presente e futuro, nem realidade e ficção. Ora agarra-se aos seus saberes profissionais, ora “corre nua” sem suas roupagens técnicas ficando suscetível às aberturas do devir e dos movimentos instituintes. Ao longo da história, ela vai estabelecendo relações com os diferentes corpos aprisionados que vivem na/da/com a prisão, sejam eles colegas de trabalho da equipe multidisciplinar, policiais militares, pessoas em situação de prisão, familiares que os visitam, comerciantes locais, moradores dos arredores e o próprio espaço urbano.

Durante esse movimento de autocomposição, a técnica-estagiária passa a se dar conta



que a atuação dos psicólogos no sistema prisional é muitas vezes um trabalho burocrático, repetitivo e sem muitos resultados práticos. Ela relaciona esse modo de trabalho a um estreitamento das possibilidades de agir em outras frentes, como previsto nas políticas públicas que deliberam sobre o tratamento penal, que versam que os TSPs devem coordenar, planejar, orientar e executar “ações voltadas a saúde física e mental, a assistência psicossocial e jurídica, educação, capacitação profissional, cultura, esporte e lazer das pessoas privadas de liberdade, bem como outros julgados convenientes e necessários” (RIO GRANDE DO SUL, 2011, [s. p.]). Assim, a técnica-estagiária passa a apostar em pequenos momentos que permitem nos tornarmos algo que ainda não fomos, passando a experimentar rupturas dos nossos próprios regimes de dizibilidade e visibilidade passando a se abrir a novas relações com os acontecimentos sem tentar medi-los pela régua da sua própria experiência de vida e das suas escolhas teóricas. Por meio dela, possibilitamos não apenas uma entrada na prisão, mas também uma abertura ao estranho-familiar produzido por meio de uma operação crítica sobre o agenciamento do dispositivo psicológico com o dispositivo prisional em uma máquina psicoprisional a qual pretendemos deslocar exatamente por meio dos contágios com a experiência desta personagem.

Escolhemos construir essa narradora inicial cerzindo uma complexa trama de afetos, ideias, percepções que ao longo da história abre possibilidades para que os outros personagens possam ir sendo gestados e viesse à luz quando desejassem como demonstrações intelectíveis e sensíveis, de repetição e não de equivalência-generalidade (DELEUZE, 2000), das composições com a pesquisa anterior no Observatório de Juventudes em Situação de Prisão e, também, do próprio corpo e experiências da pesquisadora. A multiplicação de vozes que narram e são narradas no texto complexificam-no com uma multiplicidade de mundos. Policiais, carcereiros, pessoas cumprindo penas ou seres de um futuro delirante, todos são aqui uma estratégia de tensionar nossos modos de olhar tanto para a prisão, quanto para nós mesmos e este mundo para além dos muros. Assim, nossa intenção é antropofagiá-los e produzir coisas outras, sendo essa uma outra experimentação acadêmica a partir da anterior, uma nova ficção<sup>2</sup>. Essa ficção não nasce em um terreno virgem, mas que busca abrir novos trajetos, com o desejo

---

<sup>2</sup> No Trabalho de Conclusão de Curso, a autora escreveu um conto ficcional sobre jovens em situação de prisão e suas trajetórias nas políticas públicas de educação, trabalho, família, assistência social e acesso à justiça, tendo como guia de experimentação uma narradora que era uma personagem fantástica que encarnava a Política. O artigo do TCC intitula-se “Narrativas em situação de prisão”: outras histórias sobre juventude, políticas públicas e criminalidade e está disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v32/1807-0310-psoc-32-e195066.pdf>>.

de guiar o leitor através de pistas e armadilhas ao *breakdown*, ao colapso, ao operar pela via da ficção uma redução ao absurdo, uma queda dos princípios gerais por meio do seu desdobramento rigoroso e ridículo, mantendo-se em aberto às possibilidades de risco e de incerteza. Tudo que parece delírio despropositado nesta ficção, tudo que parece movimento de excesso transgressivo, é, na verdade, um rigoroso exercício de obediência estrita aos princípios que guiam nossa sociedade neoliberal-conservadora. Cada cena aparentemente inadmissível, é, de fato, fruto do respeito estrito ao que é prescrito nos manuais implícitos de nossa sociedade. O aparentemente excepcional nesta história, é apenas a glória máxima do banal levado a suas últimas consequências. Assim, realizamos pela prosa a operação da redução ao absurdo, conduzindo-nos aos limites dos princípios, levados a sua máxima potência na qual vertem a si mesmos em paradoxos inimagináveis para a própria moral que os pariu.

Como dito antes, são muitas vozes e personagens que compõem este texto em diferentes estilos, fazendo dele um jogo de montagem de multiplicidades em busca dos nossos próprios deslocamentos. Dessa maneira, o texto a seguir será permeado por intervenções entre a ficção-cartográfica e a discussão teórico-conceitual mais tradicional, onde escrevemos ora como personagens, ora como narradores, ora como pessoas acadêmicas mais formais, trazendo discussões em subcapítulos separados entendendo que uma reflexão mais alongada sobre o assunto poderia prejudicar o andamento da narrativa. Quando estivermos em meio ao texto não utilizaremos das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para citar as referências utilizadas e para pensar determinados trechos, mas sim notas de rodapé, não apenas como recursos explicativos mas também para apontar as fontes de onde vieram nossas inspirações com o intuito de não cortar o fluxo-texto. Apesar da linguagem e da forma marcarem essa alternância buscamos não dicotomizar essas posições e sim realizar composições entre elas, misturando, criando conversas e dobras entre autores, narradores e personagens.

Convidamos vocês a escutarem essa narrativa. Neste texto, a narrativa é uma escuta que se manifesta no ato da escrita. Não apenas através dos *links* das músicas, filmes e séries que serviram de inspiração para nosso texto, mas também do lugar de uma escuta clínico-política. A escuta é um exercício ético que “ocorre exatamente na dimensão da experiência que transforma, da afetação que provoca, da narração que desloca nossas sensibilidades” (COSTA, 2020, [s. p.]). E é isso o que mais nos interessa nesse trabalho é a dimensão do sentido e da perspectiva (ou manifesto) que deslocam desfazendo fronteiras estabelecidas ela ciência em sua

modalidade moderno-colonial. Nosso interesse é em deixar-se contagiar pelos campos sensíveis sobre o campo do trabalho, prisão, religião e neoliberalismo, e não realizar representações formais, de significados e referentes, que tragam interpretações fechados sobre o tema. Assim, para enriquecer esse convite-leitura trago as palavras do orientador, em sua áudio-aula sobre “A Escuta – a clínico-política do escutar as experiências” disponível no aplicativo anchor.fm:

[...] Escutar os sentidos ao invés de ouvir os significados ou referentes é o que chamamos na aula anterior de narrar. É esse nosso imperativo ético da escuta. É escutar as diferenças em nós e escutar as diferenças em nós. É tensionar e deslocar a nós mesmos, ou seja, tensionar e deslocar o nosso manifesto, a nossa perspectiva na ação da escuta. Estranhar-se consigo e com aquilo que é mais comum, e por isso, invisível para nós mesmos. É o que nos interessa no ato da escuta [...]. (COSTA, 2020, anchor.fm [streaming]).

## 2 O TEMPO INTENSIVO NA CADEIA

### 2.1 O HOMEM DE VERMELHO

Eu estou em um ônibus que sai de Canoas e vai pela *freeway* até chegar à Avenida da Legalidade. Apesar de recentemente ter retornado ao seu infame nome antigo, que homenageia um presidente militar, eu ainda prefiro chamá-la assim. Gosto do significado que carrega o nome pelo qual a escolhi chamar. Me recordo da história que meu pai contava sobre o governador do Rio Grande do Sul ter se colocado contra a União pela posse de João Goulart, às vésperas do Golpe de 64. A Brigada Militar se colocou em prontidão no sítio ao Palácio Piratini, apoiando a Campanha da Legalidade, com o então governador Leonel Brizola. Meu pai, um brigadiano aposentado, sempre deixou claras suas inclinações políticas à esquerda, contava agora com orgulho essa façanha da corporação a qual fez parte muitos anos. Atualmente, ele havia procurado sossego em uma cidade mais afastada da região metropolitana e com frequência, fazíamos o trajeto um para a casa do outro, passando por essa avenida carregada de memórias. A viagem era relativamente longa, principalmente para mim que morava no centro de Porto Alegre, desabituada a trajetos mais longos. Eu estava cansada e o mormaço da janela convidava a uma sesta. Não resisti, me entreguei a um sono sacolejante.

Abro os olhos e estou em uma ladeira muito íngreme de chão batido, ladeada por casas que serpeateavam irregulares como se competissem para ver quem deixaria o menor espaço para que as pessoas passassem entre elas. As pessoas estavam vestidas de maneira simples, mas

suas roupas pareciam fora de época, como se tivessem adquirindo-as em um brechó que há muito tempo as guardavam. Avistei um homem que se vestia de maneira muito diferente dos demais. Ele era negro, magro e alto, vestia uma túnica vermelha que se destacava frente ao desbotamento das cores dos demais transeuntes. Ele olha para mim, diretamente para meus olhos, e sorri como quem convida-me a ir falar com ele. Eu fiquei muito curiosa e aceitei o convite para me aproximar.

Há muitas pessoas na minha frente, a rua está apinhada de gente e barracas que vendem gêneros alimentícios e produtos feitos à mão. Forçosamente, eu me encaminho em direção ao homem de vermelho, enquanto tento desviar de homens e mulheres que parecem não me enxergar, e continuando vindo diretamente em minha direção como se fossem passar através de mim. Mesmo observando a minha difícil situação, o homem de vermelho cansa de me esperar e resolve continuar o seu caminho. Eu o vejo de costas enquanto se desloca ágil pela multidão. O caminho até ele parece cada vez mais longo e as vielas se estreitam ainda mais dificultando minha passagem entre as pessoas que ali estavam. Eu acabo ficando tão próxima delas que posso ouvir suas barrigas roncarem de fome enquanto sentem o cheiro de uma panela de feijão sendo preparada ali por perto. E que cheiro maravilhoso! Fico pensando em quantas bocas dividirão essa refeição. Imagino que não são poucas.

A horda de seres humanos vai rareando conforme avançamos em nosso caminho. Estou conseguindo alcançar o homem de vermelho, estou no seu encaço, mas ele não olha para trás. Avisto um bêbado que vem na direção contrária e ele fica surpreso quando vê o homem que eu estou seguindo e quase cai, tendo que se escorar em uma parede próxima. Vejo que eles trocam olhares, como ele fez comigo. Porém, o homem de vermelho se aproxima do ébrio e cochicha alguma coisa em seu ouvido. Ajuda ele a se levantar e seguir seu caminho. Estou cada vez mais perto quando consigo ouvir a voz o homem bêbado: “*Alupô*<sup>3</sup>, meu pai” enquanto esforça-se para fazer uma vênha. O homem sorri com seus dentes de marfim, perfeitamente alinhados e deseja-lhe uma boa sorte em sua caminhada. Em um sussurro que eu mal pude ouvir, ele aconselha o bêbado a não ir pela rua em que havia um pequeno córrego para evitar um acidente. As pessoas que por ali pareciam não notar aquele homem extravagante, a ignorar o que

---

<sup>3</sup> Saudação ao orixá Bará, também conhecido como Exú em outros estados brasileiros. Segundo a tradição oral, *Lálupo* ou *Alupô* é uma expressão iorubá que significa “Abre os caminhos, senhor do dendê”.

acontecia tão perto delas. Apenas eu e o bêbado vimos e ouvimos aquele vulto. Estávamos delirando?

Finalmente eu percebi quem era o homem de vermelho. Alupô é a saudação feita ao orixá Bará. Eu estava tendo uma visão com aquele que é o responsável pelos caminhos, por sua abertura e fechamento, de todas as grades, portões e fechaduras. Ele olhou para mim quando eu me aproximei e pude ver no seu pescoço um colar com inúmeras chaves de infinitas portas. Elas não pareciam pesar sobre seu jovem e esguio pescoço. Pude ver seus olhos grandes e expressivos de perto, suas membranas levemente amareladas e a íris de um marrom tão escuro que parecia negro, como sua pele. Quando eu novamente ao meu redor, não estávamos mais na estreita rua como antes, mas sim no local antigamente conhecido como Praça da Força, situada à beira do rio Guaíba e que hoje fica no final da Rua dos Andradas, também conhecida como Rua da Praia.

Bará estava parado atrás de uma velha senhora que rezava e oferecia suas oferendas simples, mas feitas com muito zelo: pipoca, milho, batatas assadas, flores, velas, balas de mel. Ela não podia nos ver, como eu e o homem entorpecido vimos antes, mas ela podia sentir nossa presença. Ouvi sua voz, e ela pedia que Bará não permitisse que aquela cidade esquecesse. Não podiam esquecer daqueles que morreram ali naquele lugar, onde havia um cadafalso. Lágrimas corriam de seus olhos. Pude perceber que havia perdido muitos ali e agora temia pelas pedras que começavam a ser erguidas ao redor. Eu comecei a ouvir gritos de lamentos, revoltas, indignação... o som de um tambor ao longe. Pessoas surgiam de todos os lados para ver o espetáculo do sofrimento. Olhos ávidos e nenhuma comiseração pelas vidas que ali ainda iam se perder. No chão um buraco, onde se colocava concreto e pedras em meio a ossos há tempos esquecidos. Percebi que estava presenciando a construção do alicerce de um lugar para onde iriam aqueles que eram considerados criminosos: uma cadeia. Essa não era a primeira<sup>4</sup> ser construída em Porto Alegre, mas fazia parte de um novo projeto para lidar com os criminosos afastando-os do centro da cidade.

---

<sup>4</sup>A primeira cadeia do município foi construída ao lado da Santa Casa de Misericórdia, no final da atual Avenida Salgado Filho, que antes era conhecida como Beco da Cadeia. As deploráveis condições da prisão fizeram com que ela fosse demolida no início do século XIX, quando se inaugurou a Casa de Correção Estadual, também conhecida como “Cadeião da Volta do Gasômetro”, que tinha como objetivo seguir as normas internacionais de tratamento penal voltadas para a reinserção dos presos na sociedade através do aprendizado de um ofício. (BASTOS, 2014).

Acordei de sobressalto. Meus olhos se abriram repentinamente, meu coração estava acelerado. Eu custei para acreditar que era um sonho. Senti aos poucos o tecido da poltrona do ônibus executivo em que eu havia embarcado. Senti o peso que meu corpo exercia sobre a espuma. O leve cheiro de combustível queimando que escapava por algum lugar da carroceria invadia minhas narinas me ajudou a acordar completamente. Ouço a voz de duas das poucas pessoas que estavam no coletivo àquela hora. Elas planejavam, um dia desses, tomar uma cerveja no Bar do Paulista, um tradicional ponto de encontro na Orla do Gasômetro. Eu afastei a cortina da janela para ver onde estávamos e vi que nos aproximávamos da ponte do Guaíba, outro tradicional ponto turístico da cidade. Pequenos barcos podiam ser avistados ao longe, um catamarã apinhado de gente fazia sua travessia, um cargueiro repousava no cais. Eu gostaria de abrir o vidro e sentir a brisa úmida e quente que percorria o lado de fora do veículo, mas devido ao ar condicionado não era permitido. Abrimos mão de tantas coisas pelo conforto! Respirei fundo para me conformar e senti inspirar apenas um ar gelado e pesado. Fiquei decepcionada.

Lembrei o conteúdo do meu sonho/devaneio e vi que estávamos nos aproximando da Praça Brigadeiro Sampaio, local que havia sido palco da minha viagem cósmica. Agora ela é conhecida como Praça do Tambor. Demoliram o cadafalso e no seu lugar colocaram bancos de praça. Recordei-me que realmente houve uma escavação para colocar as pedras fundamentais de uma nova cadeia em 1835. Porém, depois de algum tempo e negociação das autoridades locais, decidiu-se que o local deveria ser transformado em uma bela praça de passeio público, cujo a população carecia muito no momento. A cidade crescia e queria ostentar beleza e limpeza. Tanto um pelourinho, quanto uma cadeia não cumpriam esse objetivo. Nessa época, iniciou-se a demolição de becos, vielas, casebres, bordéis – antros da perdição que cresciam perto das famílias<sup>5</sup> – para dar espaço para passagem de grandes avenidas que cortariam a cidade e facilitariam a comunicação entre o centro e os arraiais. Era tempo de expulsar os indesejáveis do convívio social. Alguns haviam já sido mortos na forca, contudo eles teimavam em existir mesmo estando presos em celas imundas de quartéis e delegacias, que já não tinham mais capacidade para cada vez mais pessoas que não paravam de chegar.

## 2.2. BREVES MEMÓRIAS DE ONDE O TEMPO É LONGO

---

<sup>5</sup> PESAVENTO (1999).

As punições para aqueles que cometiam crimes eram severas e aplicadas de forma pública e espetacular. Foucault (2017) conta o caso de Damians que, em 1757, em uma praça diante de uma multidão foi cruelmente torturado e teve sua pena de morte executada por esquartejamento em uma parrelha de cavalos. Com o tempo o suplício público foi sendo substituído por penas mais invisíveis aos olhos do povo, sendo revertidas por penas em prisões, principalmente devido a um ideal liberal que prezava pelo direito à vida, quanto pela valorização do indivíduo que não poderia ser exposto a tais expiações mesmo que cometessem delitos. Especialmente porque era o rei que decidia sobre a vida e morte das pessoas, havendo uma grande discrepância de poder. As grandes revoluções aconteceram e o direito liberal conquistou a possibilidade de desenvolver códigos criminais que não mais passassem pela mão dos homens, mas sim pela Lei que deveria ser seguida por todos independente de sua posição social.

Na América Latina, esses ideais chegam muito tempo depois e já defasados. No Brasil, a constituição do Império de 1824, em seu artigo 179, equivalente ao artigo 5º da Constituição de 1988 – abolia a tortura e todas as penas cruéis e determinava que as cadeias deveriam ser lugares seguros, limpos e bem arejados, havendo separação dos réus por natureza de seus crimes, sexo e idade. A chamada “Cadeia Velha” de Porto Alegre foi desativada em 1841, por representar todo esse antigo regime de punição e tortura infligida às pessoas que cumpriam pena. A Cadeia Civil de Porto Alegre – mais conhecida como Casa de Correção ou Cadeião da Ponta do Gasômetro – representaria esse novo modelo de recuperação de pessoas através das oficinas de trabalho.

Para Szczepaniak (2004), as casas de correção misturavam o modo de funcionamento e os valores da assistência aos desvalidos (*poorhouse*) e as oficinas de trabalho (*workhouse*), ou seja, as instituições penais deveriam ter como objetivo tornar os indesejáveis uma força de trabalho útil e que cumprindo seu tempo de prisão deveriam procurar trabalho por sua própria vontade e para além disso, não apenas torná-los força de trabalho, mas também educar e domesticar seus corpos, disciplinando para posterior adaptação ao regime fabril. Dentro das casas de correção, a possibilidade de lucro foi fundamental para a exploração do trabalho dos condenados, que prestavam serviço para o Estado de forma barata e imediata, não estando sujeitas às leis do mercado. Portanto, eles valiam mais vivos e produtivos do que mortos e fazendo mais escassos aqueles que não queriam trabalhar sobre as condições insalubres que eram oferecidas aos pobres na época. Assim:

[...] projeto correccional tradicional tinha como base o trabalho, a educação e a religião. Esse projeto tinha como meta a correcco do indivíduo, ou seja, a pretensa regenerao do sujeito, para que ele venha a se tornar um cidadão digno, e possa conviver entre a sociedade. Para tanto, a criao de oficinas de trabalho, a realizao de aulas de alfabetizao e a permissão de cultos religiosos identificavam a tentativa de ‘recuperao’ do recolhido. (SZCZEPANIAK, 2004, p. 119).

A Casa de Correcco foi construída no local onde hoje  a Praça Júlio Mesquita, também conhecida como Praça do Aeromvel, em frente a antiga Usina do Gasômetro. Na época, não havia belas casas nos arredores, era suficientemente distante do centro, era um local adequado para a construo de uma prisão. Em uma península, do município conhecida como Volta do Gasômetro, onde havia boa ventilao e facilidade de fornecimento de água e escoamento de esgoto, foi decidida por erguer a Casa de Correcco de Porto Alegre. Era urgente a construo de uma prisão já que muitas pessoas estavam chegando  cidade, vindos do campo, em busca de melhores oportunidades de vida e não havia espaço para todos. Elas acabavam indo encontrar moradia nos limites do centro, nas ruas mal arranjas longes das vistas do poder público e dos mais abastados. Não conseguindo meios para se sustentar, acabavam cometendo crimes como pequenos golpes<sup>6</sup>, furtos, roubos, vadiagem, perturbao da ordem e até brigas, arruaças e assassinatos.

Porto Alegre era capital da província, portanto, devia atender as cercanias menores que não tinham condioes de manter seus presos. Cidades do sul do estado vinham tendo um desempenho superior quanto  economia e  organizao urbana e a capital estava ficando para trs nessas questoes, portanto era preciso restaurar a ordem para crescer. Aqui as pessoas que cometiam crimes ficavam presas em xadrezes improvisados em delegacias e quartéis, sem saber o que lhe aconteceria ou quando – e se – saíram de l. E esses já estavam lotados. Muitos morreram por desnutrio, por tuberculose, por frio encarcerados nesses lugares. Enquanto isso, aumentava a pressão popular por ordem e beleza. Os governantes estavam  beira de um caos penitenciário quando se iniciou a preocupao em construir lugares mais adequados para que as pessoas pudessem cumprir suas penas. Em todo o mundo, pessoas pensavam sobre modos mais eficientes de punio, que abandonava ideia de deixar morrer e investia em ensinar essas

---

<sup>6</sup> Como no famoso “conto do vigário”, onde conta-se histórias ricamente elaboradas para enganar alguém em busca de extorquir dinheiro ou algo de valor, não  de hoje que as pessoas pobres cometem pequenos crimes para se sustentar na falta de um emprego, mas também no repúdio de um emprego formal. Desde seu surgimento, trabalho e crime estão relacionados e a prisão, apresenta-se como uma das formas de “combater” o desemprego, seja através do aprisionamento dos vadios, seja através do trabalho prisional, ou mais contemporaneamente, pela construo de presídios privados que empregam pessoas nas suas diferentes etapas de construo e funcionamento.



peças a obedecerem a lei. Para isso, era preciso exercer força, dar exemplo e privar as pessoas da liberdade em instituições que tanto servissem para reeducá-las quanto desincentivassem o restante da população a delinquir. Essa era a tendência que Porto Alegre desejava seguir para se igualar às grandes metrópoles europeias.

De acordo com Szczepaniak (2004), a Cadeia Velha havia sido desativada pelas péssimas condições de insalubridade e maus tratos dos apenados, mas também pela proximidade com a vida urbana, já que ficava ao lado da Santa Casa de Misericórdia, local conhecido como Beco da Cadeia, onde atualmente estão a intersecção entre as ruas Annes Dias e Salgado Filho no coração do centro da cidade. Sendo assim, era urgente a necessidade de que uma nova instituição servisse como local mais apropriado para cumprir a pena de prisão. Contudo, quando finalmente, é concluída a primeira etapa de construção da Casa de Correção, a nova casa prisional já era considerada mais um transtorno para os habitantes da cidade que havia crescido exponencialmente nos últimos anos: “Levantou-se uma tremenda onda de protestos na cidade. O presídio seria encravado no centro urbano. Fôra mal escolhido o local para a Penitenciária.” (TAJES, 1947). Mal havia aberto as portas e já havia o desejo de demoli-la – o que aconteceria de fato quase 100 anos depois, mas progressivamente devido ao abandono e falta de investimento do poder público.

Assim, nasceu o projeto da Casa de Correção de Porto Alegre que teria capacidade para 196 pessoas, contando com celas individuais, refeitório, pátio para o banho de sol e oficinas. A instituição demorou muitos anos para ser concluída, passando por dificuldades orçamentárias, uma guerra e desinteresse dos governantes em concluí-la. Até que finalmente, em 1855, uma parte do prédio foi inaugurada e pode-se transferir parte dos prisioneiros que se encontravam nos xadrezes. A Casa de Correção já inaugurou lotada, na tentativa de desafogar esses estabelecimentos para que pudessem receber novos presos. A população tinha crescido muito nos últimos anos e junto com ela a criminalidade. O objetivo inicial do local de reeducar e ressocializar as pessoas que lá cumpriam pena não foi cumprido pois, o trabalho era visto como privilégio para poucos – uma vez que não havia postos de trabalho para todos. Enquanto alguns poucos trabalhavam, outros eram deixados para morrer enquanto passavam por privações, castigos e torturas. Não demorou para que os velhos hábitos fossem sendo retomados, especialmente devido ao abandono do poder público em relação aos custos de manutenção do estabelecimento.

Uma das formas de tortura que entrou para as páginas da história foram as celas “democrata” e “republicano” que consistiam em instalações subterrâneas, no nível do Rio Guaíba, que devido à umidade e constante inundações, adoecia aqueles que lá eram trancafiados. Os prisioneiros morriam de tuberculose e outras doenças causadas pela insalubridade, como leptospirose (GAÚCHA ZH, 2016). Elas eram usadas como punição exemplar para aqueles que não seguiam as regras da carceragem. Contudo, a forma como alguns escolhiam se vingar de seus torturadores era no ambulatório de saúde. Dentre eles, aqueles que contraíram tuberculose na prisão tinham que ser isolados em uma ala especial. Como forma de tripudiar para cima de seus agressores costumavam cuspir nos carcereiros com a intenção de lhes contagiar com a doença, para qual não havia cura na época.

No governo de Júlio de Castilhos (1893-1898), sob a influência do positivismo, o Estado investiu na segurança pública como prioridade de seu governo, tendo na ressocialização pelo trabalho, seu principal objetivo. Foram ampliadas as celas e as oficinas da Casa de Correção, levando a mais presos a possibilidade de ocupar-se na prisão. A oficina de marcenaria costumava construir móveis no estilo Luís XV de excelente qualidade para as repartições públicas. Também havia a padaria que era conhecida por ter o melhor pão da cidade, inclusive, tendo-a abastecido em um período de escassez da produção. Esses projetos visavam se tornar um modelo a ser seguido pelas demais províncias e pelo país. Prometia-se que as pessoas cumpririam suas penas e retornariam à sociedade com uma profissão com as quais poderiam se sustentar e não mais recorrer ao crime. Na prática, não havia remuneração dos prisioneiros pelo seu trabalho, já que se entendia que estavam pagando ao Estado pelos seus crimes e pelo seu sustento. Muitas pessoas que haviam sido presas e aprendiam um ofício atrás das grades ficavam estigmatizadas na sociedade e não conseguiam emprego ou mesmo realizar os mesmos trabalhos para os quais foram treinados<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Não exatamente nesse período, mas aproximadamente dos anos 90, tive um tio que ficou preso por mais de dez anos no Presídio Central de Porto Alegre. Ele trabalhava na oficina de marcenaria e fazia belíssimos móveis de madeira e artesanatos do mesmo material – principalmente barcos. Quando cumpriu sua pena e saiu tentou viver montar um pequeno ateliê de marcenaria. Um ou dois barcos me foram dados de presente pelo meu avô. Contudo, ele não conseguia vender o que quer que fosse para pessoas que não fossem da família, já que reconheciam que essa era uma profissão que ele havia aprendido na cadeia, especialmente pelo modelo de barcos que ele fabricava, que pelo visto era característico dessa condição. Sua oficina não foi para frente e ele tentou conseguir emprego em marcenarias, mas não tinha sucesso por causa dos antecedentes. Os patrões diziam que os clientes não iam querer ex-presidiários na casa deles. Por fim, ele conseguiu emprego em uma serraria no interior do estado e foi morar para lá. Eu nunca mais ouvi falar dele.

Com as mudanças de governo, houve um progressivo abandono da Casa de Correção, extinguindo o fornecimento de materiais para as oficinas e por isso, tendo que fechá-las. Não apenas recursos para as oficinas foram cortados, mas também verbas para manutenção do edifício e para alimentação dos presos. A degradação chegou a níveis insuportáveis: superlotação, insalubridade e altíssima taxa de mortalidade. Como forma de conter os impulsos agressivos e tornar mais “tolerável” a experiência prisional, a bebida alcoólica e as prostitutas eram vistas como um meio de acalmar os ânimos dos apenados. Essas práticas não eram oficialmente permitidas, mas passam por vista grossa dos carcereiros uma vez que mantinha a violência um pouco mais sob controle. A cidade que se expandia para perto do estabelecimento prisional, começava a reclamar das pessoas mal vestidas e de maus costumes que enfeivavam as ruas dos arredores. Sob a vigilância do público, os apenados foram sendo privados também desses imorais desejos.

Não demorou para que as rebeliões começassem a acontecer. Uma das revoltas de maior repercussão foi quando presos atearam fogo na Casa de Correção. Estima-se que pequenas quantidades de gasolina vinham sendo transportadas pelas visitas desde que o plano de motim foi sendo colocado em prática. Toda a cidade ficou em alerta com o acontecimento, chamando atenção para as condições horríveis que viviam as pessoas que estavam ali, inclusive aproximadamente 15 mulheres e crianças, que não tinham celas separadas, ficando ao dispor da violência da massa carcerária.

Inicialmente, os jornais da época falavam em muitos mortos e cenas sangrentas dignas de filmes de terror. Um preso disse aos repórteres ter visto uma cabeça jogada dentro de um vaso sanitário. Contudo, as versões oficiais alegam que não houve nenhuma morte de detentos, policiais ou funcionários e nem mesmo alguma fuga teve sucesso. A maioria dos apenados foi transferido para xadrezes na capital ou interior do Estado, mas alguns tiveram que permanecer por algum tempo no que sobrou do Cadeião da Ponta do Gasômetro:

Um dos mais violentos incêndios de que se tem memória destruiu ao anoitecer de ontem, a secular Casa de Correção da capital, seguindo-se, após, uma tentativa de fuga em massa dos sentenciados, que fracassou às prontas providências tomadas pelo destacamento da Brigada Militar e oito agentes penitenciários. O cadeião propriamente dito, isto é, o bloco de celas, ficou totalmente destruído, restando de pé, apenas, as pesadas paredes. A secção da administração nada sofreu, o mesmo acontecendo com as oficinas, localizadas na secção do lado do Guaíba e separada das celas por um muro de isolamento. Nessa parte, a tipografia foi destruída pelas chamas. (FOLHA DA TARDE, 29 de novembro de 1954, p. 8).

A população pressionou para que a demolição da casa prisional acontecesse o quanto antes, pois queria expurgar aquele mal do centro da cidade e junto aqueles que viviam ao seu redor: “E as chamas, ateadas pelos próprios presidiários, encarregaram-se da limpeza. Há quem fale em reconstrução mas o que urge é completar o expurgo total” (TAJES, 1947). Nessa época, já havia um interesse em construir uma casa prisional na Chácara das Bananeiras, atual bairro Partenon, local afastado da cidade e em que já havia outros aparelhos da segurança pública. Depositou-se a esperança de aplicar as mais modernas técnicas de recuperação de apenados na nova construção.

O Presídio Estadual de Porto Alegre (que depois veio a se tornar o PCPA) seria um moderno instrumento de punição exemplar e ressocialização dos apenados que reunia melhores condições de salubridade que a Casa de Correção por se encontrar em uma área amplamente arborizada e que conservava a vegetação natural da região. Contudo, o PCPA demorou para ser construída e quando inaugurou em 1959, com capacidade para 600 pessoas. O que não demorou foi a superlotação do PCPA levar novamente a condições insuportáveis de violações de direitos humanos. Enquanto isso a população comemorava a extinção do “Cadeião da Ponta do Gasômetro” que desapareceu sem deixar vestígios. A população estava satisfeita com o afastamento do presídio do centro da cidade e não voltou a se preocupar com ele tão cedo. O Estado também não. Havia poucos projetos de ressocialização apesar das intenções iniciais, e o trabalho novamente foi tratado como um privilégio para poucos, assim como é na sociedade em geral.

O Estado deliberadamente cortou verbas e manteve o presídio com o mínimo de orçamento possível, não repassando verbas para a manutenção do prédio, nem suficientes para alimentação, oficinas de trabalho ou escola que estavam sendo criadas no local. Muitas rebeliões ocorreram na busca pela melhoria das condições de vida no PCPA. A mais famosa delas foi a que ficou conhecida como a Noite dos Desesperados – tema para outro capítulo desta dissertação.

### **3 O TRAJETO**

#### **3.1 O CAMINHO ATÉ O PRESÍDIO CENTRAL DE PORTO ALEGRE**

Eu senti muita ansiedade na minha incursão inaugural no Presídio Central. Lembro-me dos meus passos vacilantes do meu pequeno JK no alto da Rua General Vitorino, no centro da cidade, até a parada do ônibus “Alameda/Volta da Cobra” na Avenida Salgado Filho, uma das mais movimentadas do bairro. Eu gostava da agitação do centro, das suas ruas cheias de gente, do seu silêncio à noite e do gradativo despertar da manhã. Porém, tinha uma relação ambígua com a minha casa. Eu que havia passado grande parte da minha vida em casas com pátios extensos e pomares de frutas na região metropolitana, havia alugado esse minúsculo apartamento pela praticidade e diminuição de custos de residir em um bairro mais afastado. Por vezes, me sentia oprimida na minha atual residência, pois a sua única janela dava para um poço de luz entre dois prédios através da qual eu podia ver apenas outras janelas. Suas transparências habituais geralmente estavam cobertas por cortinas, que impediam o contato com os outros seres humanos que habitavam ao meu redor. Outras vezes, eu considerava esse o meu lugar de retiro e paz, onde eu podia permanecer inacessível aos olhares dos outros. Eu podia apreciar essa solidão.

Contudo, geralmente eu gostava de sair de casa, andar pelas ruas, descobrir novos caminhos e lugares para visitar. Como eu não era daqui, usava recursos tecnológicos que me ajudavam nessa movimentação. Assim, ontem consultei um aplicativo de mobilidade que me indicava quais ônibus eu poderia pegar para me dirigir até o local aonde eu deveria ir. Apesar dos muitos terminais de ônibus que havia no centro, que podiam levar as mais diversas e remotas áreas da cidade, o app apontava para a única condução que levava até a cadeia, localizada em um bairro periférico na zona leste de Porto Alegre. Era uma terça-feira, aproximadamente 7h da manhã, mas nas ruas já apontavam pessoas subindo e descendo dos coletivos, buscando um lugar para tomar seu café da manhã, bocejando e afastando os últimos resquícios de sono da noite anterior. Ou então, aqueles que haviam trabalhado à noite, esperançosos de chegar aos seus lares para o esperado descanso.

As memórias desse dia continuam vivas como se tivesse acontecido a poucos instantes. Quando eu cheguei até o ponto de ônibus, havia uma fila enorme de pessoas para a qual mal olhei com atenção, pois ainda não estava totalmente desperta. Com movimentos automáticos, segui a fila quando ela começou a se mexer e ao embarcar no ônibus, percebi que já partia lotado do terminal, algo incomum neste horário. Me acomodei da melhor maneira possível, em pé ao fundo. Tive que deixar o celular na mão para ficar atenta ao mapa que me avisaria qual parada descer. Eu já tinha aprendido que essa era a melhor maneira de chegar aos lugares e

evitar alguns cobradores mau humorados ou sobrecarregados, que me faziam perder o ponto de chegada. Contudo, eu estava com medo de perder o aparelho para mãos mais rápidas que as minhas, que poderiam pegá-lo agilmente enquanto desciam em alguma parada. Isso já havia me acontecido, e eu estava em alerta. Havia erguido minhas pequenas defesas cotidianas contra fenômenos complexos da violência urbana. Porém, preocupada em chegar no local, chequei muitas vezes meu celular dentro da bolsa nos primeiros momentos da viagem. Mal percebi que duas mulheres cochichavam sobre mim e me olhavam. Do murmúrio quase indistinto, consegui ouvir: “Será que ela vai visitar alguém?” Meus olhos, em um impulso, fitaram o de uma delas. Surpresa, ela desviou o olhar e trocou de assunto rapidamente.

Olhei com mais atenção para as duas senhoras de meia idade que me observavam segundos antes: tinham “a roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura<sup>8</sup>”, uma “fórmula” que se repetia nas demais senhoras no ônibus, como na música dos Racionais MC’s. Dividiam uma garrafa de água enquanto ajeitavam com maestria grandes sacolas em seus colos. Eu mal podia ver os seus rostos. Fiquei pensando: será que eu despertei a curiosidade delas por estar com medo de perder meu celular? Comecei a olhar discretamente as mulheres que lotavam o ônibus, sentadas ou em pé carregavam sacolas enormes e ainda, algumas delas, seguravam crianças nas mãos ou no colo, que vestiam roupas de super-heróis.

As mães eram verdadeiras equilibristas do transporte público. Entre as mais jovens, obedecia-se a moda da periferia: vestes justas com cores vibrantes e estampas alegres. Suas aparências eram impecáveis: cabelos arrumados com cuidado, maquiagem elaborada, bijouterias ornando os dedos, os pulsos, os pescoços, as orelhas, os narizes e os umbigos. Tatuagens desenhando seus braços, seus colos, seus rostos. Os dentes à mostra, sorrindo abertamente, na ânsia de ver seus maridos, namorados, irmãos, pais, tios, filhos e netos que estavam em situação de prisão. Sorriram para se animar, mas sorriam principalmente para suas companheiras de viagem, como que para conceder-lhe força para continuar o trajeto com seus pesados volumes.

Logo, entendi o porquê do sentimento de estranheza: eu não estava à altura do evento! Portar apenas uma pequena bolsa com documentos – e o meu aparelho celular – deveria ser

---

<sup>8</sup> “A roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura, colocando flores sobre a sepultura. Podia ser a minha mãe, que loucura!” RACIONAIS MC’s (2018). Você pode escutar ea música “Fórmula Mágica da Paz” no link: < <https://www.youtube.com/watch?v=9nUHK06-bX4> >.

pitoresco naquele lugar, àquela hora. Eu chamava atenção, pois elas haviam separado suas melhores roupas, se preparado como para uma festa, mesmo estando cansadas pelo excesso de preparativos que tiveram nas últimas horas. Escondiam com seus sorrisos os seus semblantes extenuados, enquanto eu estava vestida de maneira discreta, para um dia de trabalho, com um rabo de cavalo improvisado por causa do calor que me pegou de surpresa àquela hora da manhã. Percebi que eu parecia despossuída perto daquelas mulheres. Eu estava nua, mas ainda não tinha despido das minhas lentes de olhar o mundo através da Psicologia. Que lugar difícil de abandonar! Como abrir outros olhos através desses que eu já me acostumei a ver o mundo? Eu me destacava daquelas mulheres pela minha diferença. Nós nos destacávamos da multidão do centro da cidade por estarmos todas ansiosas por alcançar nosso destino. Não precisei mais mexer no meu celular, pois sabia onde eu tinha que descer. Eu só precisava segui-las. Me deixar guiar.

Ao longo do caminho foi ficando mais claro que eu não estava indo visitar ninguém no presídio. Então, imagino que elas podiam pensar que eu desceria antes do ônibus, mas o coletivo seguiu sem que eu desembarcasse. A paisagem foi se modificando, as multidões foram ficando para trás, assim como as certezas de que estava indo para o lugar certo. Me deu um certo alívio quando saímos da Avenida Azenha e entramos na Avenida Bento Gonçalves e vi seus prédios antigos salpicados de mofo. Pelo caminho, construções novas e modernas intercalam-se com casas tombadas pelo patrimônio histórico da cidade. Depois de um tempo, avistei o Hospital Psiquiátrico São Pedro, no bairro Partenon, ponto que eu havia reconhecido no mapa como uma referência de que eu estava chegando perto do presídio. O mapa não fez jus a distância, pois até o meu destino e eu ainda veria muita coisa.

Passo rápida pelo HPSP, observo seu prédio imponente que resistiu ao tempo e repousa em um terreno estranhamente vazio, como que para fugir da história que continua a correr ao seu redor. Pela janela vejo um grande pórtico em treliças de metal, grande demais para as pessoas e veículos que passam por ali, algumas para nunca mais saírem. Nunca o visitei por dentro. Nunca me interessei em conhecê-lo. Contudo, lembro de um trabalho de uma colega de faculdade, que havia estagiado no local. Ela apresentou fotos dos arquivos de aprisionamento disfarçados de internação da instituição. Senti um arrepio esquisito quando ela contou os motivos pelos quais as mulheres eram enviadas para esse lugar na metade do século XIX: “mãe solteira”, “engravidou do patrão”, “não obedece ao pai”, “prostituição”, “adultério”, “alcoolismo”. Ouvi suas vozes e olhar para aquele prédio foi como se fantasmas me acenassem

das janelas gradeadas distantes. Como em minha atual residência, janelas que nada revelam. Estávamos longe, mas eu não me sentia protegida. Penso que essas mesmas mulheres que estavam comigo dentro desse ônibus podiam estar lá, eu podia estar lá, podia ser qualquer uma de nós. Isso tudo aconteceu no tempo intenso de uma única parada do coletivo em frente ao hospital. Nossa passagem pelo local não foi apenas por fora.

A poucos metros dali, avistamos o Instituto Psiquiátrico Forense (IPF). Uma das mulheres que está próxima a mim no ônibus comenta: “É aí que está aquela mulher que correu pelada no Parcão!<sup>9</sup>”. A mulher loira de olhos azuis, de corpo atlético, disse que corria pela liberdade em um parque na zona nobre de Porto Alegre. Ganhou notoriedade na cidade pelo seu feito. Teve fotos de seu corpo nu nos principais jornais do Rio Grande do Sul e do país e foi internada primeiramente em um serviço de emergência em saúde mental, para depois ser conduzida a cumprir medida de segurança no IPF. As mulheres do ônibus brincavam imaginando como seria correr nua pela cidade. Algumas se regozijaram com a cena, outras diziam que ela só queria aparecer, mas acabou se dando mal. Uma delas, sarcástica, disse que já quase estava nua, devido a pouca roupa que vestia. Todas riram. Em seguida, lembram que ela não poderia entrar com aquela blusa decotada no presídio. E eu ali, me sentindo vestida demais para a ocasião, já tentando rasgar a pele para raspar as tintas com as quais me pinte tantos anos<sup>10</sup>.

A loira famosa por correr sem roupas ganhou os holofotes, enquanto às minhas companheiras de viagem restava a infâmia<sup>11</sup>. As histórias dessas mulheres, com roupas ou sem, não importavam, pois, seus corpos não importavam. Carregavam o estereótipo de ser um tipo de mulher: a mulher que visita presídios. Com suas variações de serem “mulheres de presidiários”, “mães de cadeia”, ou “projetos de marginais”, rótulo dedicado aos seus filhos. A opinião pública reduzia essas vidas a esses signos.

Assim que acaba o terreno do IPF, alcançamos a Igreja São Jorge, santo guerreiro e padroeiro da Brigada Militar. Avisto as pessoas na rua fazendo o sinal da cruz em sinal de reverência e pedindo proteção. Vejo que algumas mulheres dentro do ônibus também o fazem. Uma delas comenta:

---

<sup>9</sup> F5 UOL (2015).

<sup>10</sup> ALVES (2011).

<sup>11</sup> FOUCAULT (2006).



- Ogumhê<sup>12</sup>, meu pai. Tu sabia que Ogum salvou meu filho de morrer na mão dos “ômi” na semana passada?

- Ele não falha! São Jorge é milagroso!

A primeira mulher toca a mão na cabeça e mostra uma guia de contas vermelhas e verdes que carrega no pescoço. O santo que protege a polícia, também protege o filho daquela senhora no confronto com as autoridades. As famílias dos policiais também rezam a São Jorge ou Ogum, dependendo de suas crenças para que os seus voltem a salvo. Lembro-me da minha mãe, com seu axó<sup>13</sup> branco, fazendo oferendas pela segurança do meu pai. Minha avó paterna, católica, mantinha um pequeno altar a São Jorge no seu pátio. Havia sempre flores brancas e velas verdes e vermelhas para que o santo protegesse a vida do seu filho. Eu aprendi desde cedo pontos de umbanda que entoávamos nas festas de Cosme e Damião: “Eu tenho 7 espadas pra me defender / Eu tenho Ogum em minha companhia / Ogum é meu guia, Ogum é meu pai / Fé em Deus e na Virgem Maria<sup>14</sup>”. A religiosidade cristã e a de matriz africana dão as mãos na esperança de evitar que mais vidas fossem perdidas. Para uns, o santo com os olhos pintados de azul, pele branca, montado em um garanhão da mesma cor, com uma poderosa lança sangra o dragão. Para outros, um orixá, uma força da natureza, com a pele negra entalhada a ferro, que abre os caminhos junto com Bará, garantindo a boa passagem de seus filhos. Ambos, alento nas horas mais difíceis.

Esse devaneio me deixou quando comecei a avistar os quartéis. Extensos em tamanho e quantidade, tomavam conta da paisagem do bairro logo em seguida. Soldados corriam entoando cânticos, suas próprias rezas, enquanto treinavam para uma guerra: “Quando eu morrer eu vou de FAL e de Beretta<sup>15</sup> / Vou lá no inferno dar três tiros no capeta / E o capeta vai ficar desesperado: / Ó meu Deus do céu, tira daqui este soldado<sup>16</sup>”. Um canhão antigo, exposto sob um gramado verdejante como uma escultura, parecia pronto para atacar novamente. Apontado na direção à rua que dá acesso ao Morro da Polícia, que na verdade se chama Morro da Glória, mas era mais conhecido pelo apelido uma vez que abrigava uma grande quantidade

---

<sup>12</sup> Saudação ao orixá Ogum que deriva da expressão iorubá “*Ògún ye*”, que de acordo com a tradição oral, significa: “Salve, Ogum!”.

<sup>13</sup> Roupas de santo.

<sup>14</sup> Memórias pessoais de infâncias de sessões de umbanda frequentadas com meus pais.

<sup>15</sup> Fuzil Automático Leve – FAL e Beretta M975 – pistola 9 mm semi-automática

<sup>16</sup> Acervo pessoal do meu pai “de verdade” que atuou por muitos anos com treinamento de novos recrutas do Exército Brasileiro e da Brigada Militar. Preservo o nome dele em razão desse texto não necessariamente tratar de sua opinião sobre as reflexões aqui apresentadas.

de estabelecimentos de segurança pública em seu território. Deixo a avenida sob o olho escuro e sem fundo, que me arranca da deriva para me lembrar que estávamos sendo vigiados e que saíssemos da linha, haveria aqueles que estariam em prontidão para nos levar para atrás das grades ou, na pior das hipóteses, descobrir o que havia no fundo daquele buraco negro.

O ônibus começa a fazer curvas como que para se desviar dessa perseguição. Eu sentia um forte enjoo no estômago, pelo balanço desajeitado das ruas de paralelepípedos. As vias urbanas desafiavam o planejamento urbano e se serpenteavam como queriam pela terra, levando consigo as casas que nelas foram plantadas. Ao longe, podia-se avistar as casas que serviram como vila militar nas décadas passadas, alinhadas, construídas em série. Agora disputando espaços com forças que rompem o ordenamento arquitetônico, que quebram a sua geometria planejada assim como dos espaços disciplinares ao seu redor, borrando limites entre o industrial e a gambiarra<sup>17</sup>. Disputavam seus estreitos espaços ônibus e carros, onde as leis de trânsito não estavam mais em vigor. A pé ou de carro podia-se tomar o caminho que mais lhe conviesse para chegar ao seu destino, sem necessariamente observar placas, sinais ou faixas de trânsito. Mas de ônibus não. Sabia-se que eles tinham itinerários pré-determinados e que levavam as pessoas que já não conseguiam subir aquelas lombas íngremes. Sabia-se que ali estavam sendo transportadas velhas senhoras e esposas daqueles que estavam aprisionadas no Presídio Central. Havia um respeito tácito com os coletivos.

O ônibus esforçou-se para subir a última lomba até a Avenida Rócio, o motor fraquejou sobre o peso da nossa lotação. Ele vence e entra finalmente na rua que todos esperam descer. Ele dobra e eu avisto um quartel, que possui um alvo em tamanho natural de um ser humano, com buracos de munição disparada. Lembro do cântico dos soldados e do olho escuro do canhão. Outro aviso: a morte faz parte do nosso cotidiano. Mal passamos por ele e as mulheres, sem parecer notar ou já cansadas de ver aquilo que eu via pela primeira vez, levantam-se de seus assentos. Ajeitam suas crias e seus pertences. Depois daquelas curvas que vencemos juntas, estávamos bem próximas da casa prisional. Senti que ficava cada vez mais inadmissível que eu não levasse uma sacola. Todas carregavam algo. Inclusive eu, cheia das minhas teorias sobre as coisas. Uma sacola seria mais leve.

---

<sup>17</sup> Aqui “gambiarra” não é utilizada de maneira pejorativa, mas sim da criação de novas possibilidades com os recursos que se tem disponível (FONTCUBERTA, 2016).

Avistei o Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), que atualmente chama-se Cadeia Pública de Porto Alegre (CPPA), mas que ainda portava esse nome no meu primeiro dia de trabalho no sistema prisional. Em outra oportunidade eu posso contar a história dessa mudança. De forma repentina, o ônibus chegou até ele. A imagem me assalta: um prédio que já foi bege, e agora têm suas paredes desgastadas, possui incontáveis janelas, onde roupas fogem da umidade de dentro das galerias para disputar os primeiros raios de sol da manhã. Um sentimento de abandono tomou conta de mim. Temi que uma lufada de vento repentina espalhasse aquelas roupas fragilmente dispostas naqueles varais improvisados, levando as poucas posses que tinham aqueles homens. Logo, eu descobriria que eles eram mais espertos que isso e prendiam muito bem as peças as grades, evitando que voassem ao léo. Um pátio grande separa os muros de concreto que cresce coberto de musgo do lado esquerdo da instituição dos pavilhões que abrigam as pessoas em situação de prisão. Apesar de sua aparência de fortaleza, vejo que a umidade vem ganhando a briga ao longo dos anos e tijolos começam a se soltar no topo, onde cercas concertinas tentam disfarçar a perda da sua força de afastamento de intrusos.

Fico um pouco decepcionada, pois eu esperava uma prisão muito mais robusta e ameaçadora. O PCPA me parecia ser fácil de invadir se alguém quisesse. Contudo, não eram os paredões que impediam essa empreitada. Outras relações se estabeleciam ali, mantendo outros muros em pé. Do lado direito, uma grande parte do terreno da frente foi tornada estacionamento para funcionários, os poucos médicos e os advogados que visitam a instituição. Calculo que pelo menos umas cinco dezenas de carros já estão ali a esta hora. No espaço talvez caiba mais uns vinte veículos ainda. Curiosamente, neste espaço não há uma muralha fechada como do outro lado, mas sim uma cerca treliçada que deixa transparecer todos que ali estão. É através dela que consigo avistar as janelas. E também, pela altura que me concede o ônibus. Não consigo ver muito mais do que isso, pois as mulheres mexem-se nervosamente, organizando-se para desembarcar do coletivo.

Em frente ao PCPA, desci do ônibus seguindo a longa fila de sacolas. O desembarque acontecia bem na frente ao presídio, em um abrigo frágil e improvisado, coberto com telhas de amianto onde foram construídos bancos de concreto para que as visitas esperassem por longas horas. Pintados com cal branca e coberto com manchas escuras de mofo, nesses assentos enfileiravam-se mulheres e crianças, por ordem de chegada, sem nenhuma atravessar a frente das outras, mas com rapidez e agilidade. As idosas tinham preferência. Todas conseguem se sentar no longo assento, pois hoje não é um dia muito movimentado de visita, por ser no início

da semana. Já nos domingos, essas mulheres precisam chegar por volta das 4h da madrugada para conseguir ver seus familiares lá pelo meio da manhã.

Sem saber o que fazer e nem para onde me dirigir entre tantas entradas que ali se apresentavam, não me atrevi a tomar a frente de quem quer que fosse para me apresentar como funcionária.

Sentei no meu lugar da fila e esperei minha vez para entrar. Algumas mulheres me olharam desconfiadas e começaram a cochichar entre si. Tive medo de ser identificada como servidora da SUSEPE. Posso parecer paranoide, mas era como se elas pudessem ouvir o que eu pensava, ou então, pudessem ver as gotas finas de suor que desciam pela minha testa apesar de bater uma leve brisa no local. A mulher ao meu lado me encarou, não sei se com desdém ou raiva, contudo não disse nada, voltando-se aos seus afazeres, organizando os pertences que levaria para dentro da prisão. Tive medo de ser reconhecida e apontada como aquela que era responsável por privar de liberdade os seus familiares. Senti-me culpada por fazer parte do sistema que julga e pune aqueles homens.

Tento relaxar e começo a observar a paisagem que se monta ao redor do PCPA. Casas de alvenaria pintadas em cores diversas, riscadas de grades de cima abaixo dividem a minha atenção com grandes anúncios de advogados criminalistas que ali se instalaram para vender seu trabalho aos mais apressados. Percebo que um grande número de comércios foi atraído para o local, tanto minimercados, quanto pequenas lancherias, que anunciam em suas placas pintadas com tinta preta para serem escritas a giz, não as promoções do dia, mas que possuem guarda-volumes. Esses pequenos estabelecimentos destinados ao armazenamento dos itens que não entram no presídio se perdem de vista nas ruas sinuosas de piche. Se você souber por onde andar e ter o olhar atento, encontrará alguns nos recantos mais improváveis.

Mais perto de mim, estão alguns vendedores ambulantes que expõe seus produtos em *stands* improvisados, oferecendo desde alimentos e produtos de higiene até aluguel de roupas adequadas para as visitas. Aí está algo curioso. Há uma lista de produtos autorizados de serem trazidos pela família. Essa lista sofre metamorfoses infinitas, dobrando-se sobre si mesmo, tornando-a impossível de acompanhar. Aprendi durante meu treinamento na SUSEPE que essas alterações eram constantes para conseguir dar conta da criatividade com que as pessoas conseguem colocar itens ilícitos para dentro do ambiente carcerário. Da última vez que eu avistei a tal listagem, foi em uma manhã sonolenta há um mês. A aula do treinamento era sobre procedimentos de segurança e um colega veterano na segurança pública, com uma voz rouca e monótona, porém com um ar grave, repetia pausadamente os itens da lista para certificar-se que

todas estávamos entendendo bem, pois no atendimento aos familiares era preciso saber de certas informações. Ele falava sério quando exigia que soubéssemos de cor todos os procedimentos de segurança, pedia que nós anotássemos e memorizássemos enquanto seu jovem assistente ia passando os slides. Depois realizava vexaminosas provas orais com aqueles que tinham a cara mais entediada.

Enquanto eu duvidava da minha capacidade de decorar aquele inventário nômade, essas mulheres sabiam a lista de cor, pelo menos até a sua próxima transformação. Havia coisas que nunca mudavam como roupas de cor preta ou camufladas, que imitasse as fardas do Exército ou do Batalhão de Operações Especiais (BOE) não podiam entrar. O objetivo era que não tentassem fugir disfarçados. Tênis ou moletons com cadarço, camisetas de time, lençol com elástico, também eram proibidos. Além disso, só podiam entrar apenas cinco peças de roupa por vez. Nada a mais. Não importava se era inverno ou verão. Havia também os itens permitidos. Esses podiam mudar ainda mais sem aviso prévio. Por exemplo, para entrar com produtos de limpeza e higiene (que não são fornecidos pelo Estado) é preciso tirar de suas embalagens e colocá-los em recipientes plásticos. Nada entra em suas embalagens originais. É preciso comprar shampoo e condicionador transparentes, não podem ser brancos, no máximo, translúcidos, encontrar um pote também transparente, como uma garrafa pet de 500 ml, por exemplo, e transferir cuidadosamente o conteúdo. E mesmo assim, pode-se chegar até a revista e ter a sua entrada negada. Sem nenhuma explicação. Com poucas palavras, as agentes responsáveis pela segurança naquela data, dirão que aquele item não é permitido. Apenas isso.

Não há outras reflexões, nem mesmo um olhar de comiseração. Então, a mulher precisa sair da fila e ir até o lixo que fica fora da sala de revista, pois ela não pode depositar na lata ali dentro, já que nem há uma a sua disposição. Ou então, ela precisa levar o conteúdo do seu trabalho dedicado para ser depositado em um dos guarda-volumes que proliferam nos estabelecimentos da rua em frente. Ela sai, paga alguns trocados ao comerciante mais próximo e volta para o final da fila. Passa o seu tempo até a nova verificação, pensando se não há mais nada que seja considerado irregular até ela chegar à entrada novamente. E tudo se repete. Para não passar por isso aprendem com muita rapidez os itens que são declarados nas listas, comunicando-se umas com as outras para evitar trancar a fila e atrasos nos encontros com seus familiares.

Volto de minhas divagações por causa dos movimentos da mulher ao meu lado. Ela conferia os sacos plásticos, organizados caprichosamente, contendo arroz, açúcar, café,

bolachas recheadas de chocolate de uma marca famosa que pude reconhecer pelo logotipo forjado, mas descaracterizadas de seu recheio, já que eles não são permitidos, uma vez que podem ser disfarçar ilícitos. Havia um cuidado na preparação daqueles itens, o cuidado de quem sente saudades. Os itens de higiene estavam em frascos transparentes comprados especialmente para aquele fim, acomodados em uma *necessaire* transparente. Ela contava e recontava aqueles itens, pois ao todo não podiam passar de dez. Ela sabia que teria que deixar para trás alguma coisa se passasse da conta. Não queria deixar de levar nada para o seu filho. Exibia orgulhosa as oito carteiras de cigarro, o máximo permitido, que estava levando:

- Não economizo pro meu filho.

Uma mulher mais nova do lado dela, carregava uma sacola ainda maior. Sorriu enquanto deixava sua mala de viagem para ser guardada com um dos ambulantes. Achei o gesto estranho e pensei que eles poderiam sumir com a mala dela, e ela nunca a pegaria de volta. Mas logo percebi que aqui havia outras relações de poder. Os comerciantes temiam e respeitavam as pessoas em situação de prisão e suas famílias. Havia um medo de represália, eu imagino. Na verdade, era mais complexo que isso, esse medo era misturado com uma admiração, pela coragem daqueles que enfrentavam as autoridades. Isso me lembrava que eu ali representava uma autoridade.

As mulheres conversavam entre si. Senti um arrepio quando uma delas disse: “não pode entrar de roupa preta”. A fala não foi diretamente direcionada para mim, mas recebi o recado desconfiado. Respirei fundo. Ouvi elas continuaram a discorrer sobre a longa lista de proibições para mulheres: sutiãs com bojo ou sustentação metálica, apliques de cabelo, sapatos de salto, roupas curtas ou decotadas. Eles trocavam experiências e relatavam que essas proibições estão em constante transformação, impossíveis de acompanhar como uma estrutura kafkiana ou uma das litografias de Escher, pois nunca se sabe o rumo impossível que vai tomar. Uma delas comenta:

- Semana passada podia entrar sabonete branco. Nessa, não pode mais.

- E a semana que vem vai voltar a poder!

- Parecem que fazem isso só para nos atucanar!

- Acho que eles têm é conchavo com os vendedores aqui de fora! Pois, eles sempre têm o que precisamos para entrar.

Nenhum dia é igual ao outro, é como se essa estrutura infernal se mexesse por engrenagens que rotam sobre seu próprio eixo. Não adianta tentar compreender seu

funcionamento, pois assim que compreendemos ela passa a operar sob uma nova lógica. Me causa admiração e desconfiança, assim como aquelas mulheres, como os únicos que parecem conhecer esse funcionamento são os vendedores do comércio local, que rapidamente se adaptam às novas exigências, se fazendo fundamentais na rotina das visitantes. Imagino que eles cheguem antes de todos e perguntem sobre as novidades da lista.

Me distraio novamente, com uma pequena formiga vermelho-fogo lutava para carregar uma grande migalha de pão que caiu de um sanduíche nas mãos de uma das crianças que aguardava para entrar na casa prisional, enquanto sua mãe, preocupada, afastava a sujeira com movimentos rápidos de mão, da sua roupa de domingo usada em plena semana. Imaginei que aquele pequeno inseto poderia se aventurar a entrar em uma daquelas sacolas que prometiam ser um verdadeiro paraíso. As formigas, em sua ordem de organismo coletivo, não parecem reconhecer a noção de propriedade humana, assim, é irônico que esses insetos terem se tornado modelo do trabalho, também sejam mestres em furtar as guloseimas que os humanos queriam apenas para si. Contudo, em meio a isso, teriam uma série de desafios até chegar seu destino. As sacolas caminhariam até o final da fila e entrariam por aquele portão de ferro bruto, enferrujado pelo tempo mas que com muitas demão de tinta tentava disfarçar a sua idade. Aguardariam receosas para ser verificadas pelas mãos pouco gentis das agentes penitenciárias que desnudariam seus pertences ali mesmo na frente de todos, sem pudor, sem humanização. Seriam cutucadas com facas, palitos de madeira longos e pontiagudos, remexidas, reviradas. Nesse processo, felizmente, mais farelos se espalhariam para alegria das formigas! Alguns dos preparos zelosos porém, suspeitos aos olhos perscrutadores, iriam parar no lixo. Novamente, as formiguinhas e outros seres que vivem ali agradecem! Contudo, as formigas que passassem por todas essas provações, atravessariam grades e junto com aquelas mulheres partiriam correndo para aqueles que as aguardam ansiosamente a semana toda e poderiam vislumbrar sorrisos e lágrimas de saudade. As sacolas e suas carregadoras tinham um trabalho muito nobre!

Uma das mulheres dirige a palavra diretamente para mim e me chama a atenção:

- Você não veio visitar ninguém, né? Tá ouvindo o que a gente tá dizendo aqui? Você não vai entrar assim.

Antes que eu pudesse responder. Outra disse:

- Tu veio fazer cadastro? Se sim, foi ontem, querida.

Novamente, ficou claro que pela minha falta de pertences e nem mesmo apresentar o desespero em adquiri-los, eu não me encaixava como visita. Eu estava apenas com uma pequena

bolsa com documentos. Eu tive medo de falar o que eu vinha fazer ali. Perguntei onde eu podia obter mais informações. Uma mulher um pouco mais distante de mim disse:

- Tem uma brigadiana com cara de poucos amigos ali naquela porta, que vai te olhar e dizer o mesmo que nós: “cadastro é só segunda”. Acredite, minha filha, tu não vai conseguir fazer hoje.

O dia de cadastro é quando as famílias vão se informar sobre as documentações necessárias para visitar as pessoas em situação de prisão. É mais uma das longas e difíceis listas para “atucanar” as famílias, que acabam tendo que retornar várias vezes até a CPPA para conseguir autorização para começarem a ver seus entes queridos. Pelo visto, todas podiam ver que é a primeira vez que eu venho aqui. O pavor foi tomando conta de mim: e se elas descobrissem o que eu vim fazer ali? E se quisessem me machucar por isso? Por que não tinha uma entrada exclusiva para funcionários? Repentinamente lembrei das instruções específicas que eu tinha recebido durante o treinamento: eu deveria procurar a “Entrada de Pessoas”. Vendo o estado em que eu me encontrava, uma delas me aconselhou a ir mesmo assim até ao início da fila e pegar informações que poderiam me ajudar.

Agradei os conselhos. Confirmei a autorização da mulher com o olhar e resolvi seguir sua dica. Ao contrário de ficarem irritadas comigo, me olharam com certa indulgência e disseram que guardariam o lugar para mim, caso eu voltasse. Me dirigi até a entrada do local, onde uma policial militar olhou-me com atenção pela minha ousadia, dei-lhe um bom dia educado e expliquei que começaria a trabalhar hoje e que precisava me apresentar no Setor de Atendimento Técnico (SAT). A policial mudou seu semblante e me explicou:

- Ah... mas então tu tá no lugar errado. Não te explicaram aonde tinha que ir? É na outra porta ali da esquerda. Pode ir ali direto.

Agradei. Exasperada, recordei que dias antes haviam me explicado por onde entrar. A euforia do trajeto me havia feito enterrar as instruções no treinamento.

### 3.2 ENTRADA DE PESSOAS

De longe, acenei em despedida para minhas companheiras de fila para que elas pudessem desocupar meu lugar reservado. Elas seguiram me acompanhando com os olhos até a próxima porta. Avistei o alto da entrada e me deparei com uma placa que dizia: “Entrada de Pessoas”. Hesitei. Lembrei que era exatamente isso que eu tinha ouvido no treinamento.



Apaguei isso da memória pois eu achei que todas as pessoas entravam pelo mesmo lugar. Talvez, existisse uma entrada de veículos. Não fez sentido a afirmação quando me foi passada. Não havia me passado pela cabeça que “pessoas” se referia apenas aos trabalhadores da casa prisional, ou então que era uma abreviação para “entrada de pessoas autorizadas”. Aquela placa separava as “pessoas” e as visitas. Como se fossemos mais pessoas e elas quase pessoas, dividindo-nos entre os que podem usufruir de seus direitos, que é portador de dignidade<sup>18</sup>.

Ao passar pela aquela porta, eu estaria ultrapassando esses limites. Vacilei, minhas pernas travaram por um segundo, pois eu não sabia se queria atravessá-los. Lembrei das mulheres que me vigiavam de longe e percebi que não tinha escolha. Respirei fundo e abri a pesada porta. A mola rangeu dolorosamente e revelou um pequeno e estreito corredor, com as paredes mal pintadas de um verde água já gasto pelo tempo. O cheiro de eucalipto que vinha de uma árvore próxima foi substituído por cloro e um desinfetante. O odor era muito forte, haviam exagerado na quantidade de produto como quem tenta disfarçar o cheiro de algo muito pior – e que não pega sol a muito tempo. Apesar de haver janelas basculantes, com alguns vidros quebrados, o sol não batia naquele lugar. O ar era denso, como se não circulasse. Eu tive dificuldade de respirar. Puxei o ar com dificuldade e mais cloro enchia meus pulmões. Não era um lugar para se demorar. Caminhei por ele rapidamente, acho que não dei muito mais que 10 passos mas me pareceu muito mais longo que seus quatro ou cinco metros de comprimento. Cheguei a uma pequena fila onde as “pessoas” aguardavam a sua passagem ser autorizada para entrar no local. Técnicos, advogados, voluntários, fornecedores e demais seres humanos que não fossem visitas.

Cheguei à recepção e parecia que minha cabeça ia explodir. Eu acabava de estar com aquelas mulheres do lado de fora e agora eu estava entrando como uma “pessoa” e elas não? Novamente puxei o ar, que circulava mais ali, devido a duas portas opostas uma à outra, trazendo um cheiro de café recém passado em algum lugar próximo. Me dirigi ao brigadiano, um sargento, que estava na recepção:

- Bom dia, eu preciso me apresentar no SAT. Fui nomeada e assumo hoje – já prevenida de não dar informações completas.

Na capacitação, fomos todos instruídos a não fazer os policiais militares perderem seu tempo com perguntas desnecessárias. Falar apenas o necessário, ser claro e objetivo, pois assim

---

<sup>18</sup> Noção de pessoa em Kant consultado em Giacoia Jr (2012).

seria a comunicação deles conosco também. Devíamos nos comunicar como robôs programados um para não perder o tempo do outro.

- Identidade – ele disse automaticamente

Mostrei meu crachá funcional. Ele conferiu meu nome em uma folha de papel em sua mesa e disse que eu deveria aguardar pois a funcionária que me receberia ainda não tinha chegado. Foi então que eu me dei conta que estavam ali dois bancos de madeira, com estrutura de ferro, pintados às pressas de branco. Em alguns pontos eu podia ver que havia respingos de uma demão ligeira e que mal disfarçava sua cor de madeira original. Eles não eram exatamente confortáveis, mas estavam em muito melhores condições que aquele que me sentei anteriormente na rua, pois não eram frios, nem estavam com manchas de bolor. Um reforço a mais na nossa condição de “pessoas” que podiam ali se sentar.

Dali observei o entrar e sair de quem circulava por ali, a conversa dos policiais militares sobre o café da manhã e o apitar do sensor de objetos metálicos – que semelhante aos bancos – fazia com que as pessoas despissem seus pertences ali mesmo na mesa ao lado. Algumas deixavam um pouco de sua dignidade junto. Uma voluntária da Pastoral Carcerária, com os cabelos já acinzentados, carregando uma grande pilha de jornais e linhas, que eu imaginei que devia ser para realizar alguma oficina de artesanato com as pessoas em privação de liberdade, precisou explicar para um brigadiano que apitava quando ela passava era a haste metálica de seu sutiã. Esse item também não era permitido às mulheres da outra entrada. Ela estava com o olhar apavorado de quem pensou que precisaria tirar parte de sua roupa para passar. Ou que pior, seria revistada, como as outras “quase-pessoas” que entravam pela outra porta. Com um gesto irritado, o policial militar pediu que ela passasse novamente com os braços para cima para verificar se o aparelho acusaria apenas metais nesse local. Resignada, assim ela o fez, mantendo seus olhos fincados no chão. Luzes vermelhas se acenderam na altura do peito da senhora. Ele a deixou seguir. Fiquei imaginando que as mulheres são como formigas carregadeiras para dentro da CPPA. Sempre parecem estar levando mais peso do que podem suportar. Sejam fardos de papeis, sejam sacolas com gêneros alimentícios, elas não carregam apenas o peso que estão em seus braços – que parecem que irão se quebrar sob a força da gravidade – mas também de serem mulheres em uma instituição como essa.

Havia ainda umas cinco pessoas na fila. Um homem de terno marrom escuro, com uma pasta preta de couro na mão, que mexia nervosamente no seu celular antes de ter que entregá-lo à guarda dos policiais da entrada. Acredito que era um advogado. Dois rapazes que vestiam

um uniforme azul royal com uma logomarca de uma empresa de alimentos. Um deles carregava à mão uma nota fiscal que provavelmente tinha que entregar no setor administrativo para receber seu pagamento. Uma mulher que portava no pescoço um crachá da SUSEPE e portanto, pensei que trabalhava ali. Mesmo quem era da casa precisava aguardar na fila como todos os outros. Por fim, um brigadiano, que despiu seu pesado cinto e deixou aparente o macacão, parecido com o dos mecânicos, que a Brigada Militar usa. Sem o cinto e o coldre ele não parecia tão ameaçador e sim um operário comum. O policial militar da recepção repetia os mesmos gestos, solicitando a identificação de todos. Muitas vezes ele era interrompido por seu colega que ao lado, controlava a entrada de veículos:

- IBX 9900

Ele gritava e rapidamente o outro tinha que parar o que estava fazendo para lançar mão de outra planilha e anotar os números e letras soletradas. Por vezes, pedia confirmação:

- IB... o quê?

E seguia sua rotina. Suas olheiras arroxeadas denunciavam uma noite mal dormida. De vez em quando, ele se demorava mais a olhar para os papéis a sua frente, antes de executar a próxima ação. Quando a fila se desfez, vi os olhos dele levantarem-se para olhar pela janela que ficava ao seu lado. Ela dava para o estacionamento e ao longe se via o alojamento dos recrutas e dos brigadianos que estavam lotados na PCPA, sendo convocados de todos os municípios do estado do Rio Grande do Sul. Muitos vinham pelo valor das diárias que representava uma renda extras para suas famílias. Esses, dormiam dentro dos muros, assim como aqueles que estavam cumprindo suas penas, apesar de estarem mais próximos do portão. Fiquei especulando se ele estaria longe de casa e com saudades.

Lembrei do meu pai e da responsabilidade silenciosa que sempre carregava consigo. E do quanto era difícil para ele admitir isso. Pensei que não era fácil, nem simples, apesar de todo o treinamento, tentar impedir que pessoas entrassem com armas e drogas dentro de um dos maiores e mais perigosos presídios da América Latina<sup>19</sup>. Pensei em todas as estratégias que teve que desenvolver para fazer o seu trabalho nessas condições. A desconfiança pode garantir a sobrevivência dele, de seus colegas, dos funcionários, daquela voluntária e até mesmo dos presos. Uma história sempre tem várias nuances.

---

<sup>19</sup> AJURIS (2013) e BRASIL (2015).

Fui salva de minhas divagações pela chegada da “pessoa” que eu esperava. Como se soubesse que horas a fila ia terminar, ela chegou. Eu já havia a conhecido no treinamento, quando ela nos apresentou fotos da estrutura do PCPA. O nome dela era Solange. Ela era simpática e me cumprimentou com um abraço. Não seguia o *dress-code* que foi amplamente martelado na minha cabeça durante o treinamento: tenha os cabelos presos, a vestimenta discreta, você não deve chamar atenção para si! Solange tinha cabelos longos, ondulados, soltos, estava com um colar grande e comprido com uma pedra azulada, usava uma saia de um tecido leve e esvoaçante e uma regata preta. Avaliei que fazia muito tempo que ela tinha recebido aquelas instruções de vestimenta, o suficiente para esquecê-las ou ignorá-las. O que me faz gostar dela instintivamente. O mesmo sargento que estava com a cara fechada contemplando o nada, a cumprimenta e sorri. Vejo finalmente seus dentes: são brancos, bonitos e bem cuidados. Afinal, ele é uma “pessoa” também. Não apenas um robô cumpridor de ordens<sup>20</sup>. Vejo que Solange e o Sargento eram conhecidos, quase íntimos. Eles fazem comentários sobre a última reunião intersetorial. Fantasio que eles têm experiências em comum e já devem ter passado por situações difíceis dentro da cadeia juntos. E quem sabe até situações alegres, como comemorações e projetos bem-sucedidos. Talvez até tenham algumas piadas internas. Gostei de pensar nisso. Podia haver bons encontros no PCPA.

Passei pelo detector de metais sem maiores alardes, mas minha bolsa foi revistada, como é procedimento padrão no local. No tempo que permaneci ali, percebi que algumas bolsas são mais inspecionadas que outras, sob o critério de amostragem. De vez em quando, se demoram mais nas revistas. A minha foi rápida. Pelo menos dessa vez. Saímos da recepção e avistamos o prédio. Letras garrafais emolduram o pórtico de entrada: PRESÍDIO CENTRAL DE PORTO ALEGRE. Anos depois, mesmo depois da mudança do nome para Cadeia Pública de Porto Alegre, essas mesmas palavras continuam lá, como se denunciasses que pouco mudou na verdade. Sou surpreendida por um chafariz, em estilo neoclássico, que certamente veio transportado de outro local onde ele não era mais bem quisto. Ele está no caminho do nosso destino. Suas bordas foram construídas em um estilo rústico que mistura pedras de rio e cimento. Nele mora uma tartaruga solitária, que toma sol em uma das pedras maiores. Olho atentamente para ela, e penso que é uma escultura. Logo ela mexe a cabeça e eu me surpreendo. Estava viva

---

<sup>20</sup> “Robocop do governo é frio não sente pena, só ódio e ri como a hiena” (RACIONAIS MC’s, 2018, p. 89). Para escutar a música Diário de um Detento, acesse o link: <[https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM&has\\_verified=1](https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM&has_verified=1)>.

e era um animal de verdade. Sinto pena e tento imaginar que crime ela cometeu para estar dentro de uma prisão. Contudo, a sua cela solitária parece ser muito bem cuidada: a água está cristalina e há espaço para sol e sombra a bel prazer da prisioneira. Luxo que muitos no isolamento não têm. Minha companheira chama atenção para o pequeno jardim com flores e grama verde, recentemente aparada, ao redor do chafariz. Diz que a manutenção é realizada pelos presos-trabalhadores, conhecidos como “jalecos”. Mais à frente, falaremos sobre eles. Vejo o contraste desse pequeno oásis com as construções de pedra encardida e os paralelepípedos deteriorados do chão. Sinto uma ponta de “humanidade” naquele ponto denso do percurso.

Avisto o outro portão – aquele pelo qual as “quase-pessoas” entram – e vejo que algumas mulheres são liberadas para entrar, umas quatro, no máximo. Elas caminham apressadas e não passam pelo pequeno jardim de onde eu estava saindo. Percebo que não foi feito para sua apreciação, uma vez que, vindos da recepção, temos de necessariamente passar por ele, o que para elas seria um desvio desnecessário na busca pelos escassos minutos com seus familiares. Diminuo o ritmo, fazendo perguntas sobre a construção de onde elas estão vindo, ao nosso lado direito. Logo fico sabendo que é onde funciona a famigerada Sala de Revistas. Nesse local, antigamente se realizavam as revistas íntimas, de acordo com um sorteio realizado entre as visitantes. Hoje, devido ao investimento em um *scanner* de última geração, a maioria não precisa passar por uma inspeção vexatória, salvo suspeitas. As crianças também passam pelo *scanner*, mas não são examinadas sob nenhuma hipótese. Os bebês precisam trocar a fralda na presença da Brigada Militar para entrar no presídio. Os seus pertences e os itens que suas mães trazem na sacola são revistados por equipe em uma sala separada. Encontrado algum ilícito, as mulheres são encaminhadas para as autoridades competentes e geralmente cumprem pena na Penitenciária Madre Pelletier, onde não há longas filas de sacolas, filhos e companheiros para visitá-las. A visita é sempre um substantivo feminino nas prisões. Se forem presas, suas crianças são tuteladas pelo Estado, caso nenhum parente próximo possa assumir sua guarda<sup>21</sup>.

Com essa pausa no caminho, conseguimos nos deixar alcançar por aquelas que vinham do outro lado e nos encontramos no pátio de entrada. Reconheço uma das mulheres que me ajudou na fila. Ela também me reconhece e fixa o olhar no crachá que agora está pendurado no

---

<sup>21</sup> DINIZ (2015).

meu pescoço. A colega havia me orientado que era essa a norma da casa. Olhos traídos, eu imagino, mas ela dá um sorriso rápido e segue seu caminho. Penso que ela me achou uma perdida maior ainda agora. E eu comecei a temer represálias. Ela sabia que eu pegava o ônibus e podia pensar que eu estava espionando-as em busca de alguma informação que as comprometesse, ou aos seus familiares. Esse era um lugar em que era preciso gerir seu próprio medo, então usei da minha ansiedade para conversar com minha anfitriã sobre a mulher que conheci na fila. Conto para ela a saga que passei até encontrar a “Entrada de Pessoas”. Ela acha graça, mas me alerta sobre a periculosidade:

- Essas mulheres geralmente assumem as “bocas” dos seus maridos e filhos. Não são boazinhas, não! Hoje por exemplo, é a visita da galeria em que residem os “Bala na Cara”!

Eu que tentava aplacar o pavor, senti meu coração acelerar e meu estômago se congelar em um salto. Devo ter ficado pálida. Eu aprendi a temer esse nome. Foi nesse momento que eu me dei conta que cada dia na cadeia tem suas próprias rotinas. Aquelas mulheres curiosas comigo, eram vistas como potenciais criminosas pelos meus colegas, e me dei conta que estava as julgando do mesmo jeito, apesar do meu esforço de fazê-lo ao contrário. Os dias de visitas diferentes para facções rivais não se tratava apenas de um sistema de rodízio para que as famílias pudessem visitar as mais de 4 mil pessoas aqui privadas de liberdade, mas sim de uma segmentação intencional que dirigia procedimentos de segurança específicos para cada público atendido. Nas terças-feiras, os “Balas na Cara”, uma das organizações criminosas mais poderosas do Estado, era o alvo das atenções da segurança. A facção surgiu em 2008 no Bairro Bom Jesus, zona leste de Porto Alegre e ganhou notoriedade por eliminar seus rivais nas guerras pelos domínios de territórios. No seu primeiro ano de atuação já havia eliminado os dois grupos que dominavam a região onde surgiram e começaram a realizar alianças com outros bairros da cidade e até mesmo na região metropolitana, em busca de pontos estratégicos para o armazenamento e venda de drogas. Não demorou para que eles ganhassem respeito das facções tradicionais e passassem a ocupar galerias específicas para seus membros no sistema prisional gaúcho<sup>22</sup>. Na CPPA residem nas galerias 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> do pavilhão F.

---

<sup>22</sup> CIPRIANI (2016).

Apesar de eu não acompanhar com tanta frequência os programas policiaiscos vespertinos, eu estava familiarizada com a violência homicida, com as chacinas e com requintes de crueldade com que essa organização criminosa tratava seus inimigos. Meus familiares insistiam em expor o assunto em reuniões de família para me alertar o perigo de trabalhar em uma prisão, mas eu buscava tranquilizá-los falando do sensacionalismo dessas notícias. Agora eu estava subindo as escadas do Presídio Central e minha colega narrava criteriosamente os crimes que ela presenciou ali, enquanto eu resistia em fechar aquelas mulheres em identidades fixas. Ao contrário, apesar de me reconhecerem como uma perdida entre elas, foram gentis e acolhedoras comigo. Ficaram curiosas com a minha presença, e não me ameaçaram ou me agrediram de forma alguma. Será que isso poderia ser interpretado como uma atitude “ingênuas” da minha parte? Eu deveria endurecer para estar segura aqui dentro? Será que eu não considerá-las perigosas não seria tirar tudo que elas tinham<sup>28</sup>?

#### **4 POR ENTRE OS ESPAÇOS DE UM ESTABELECIMENTO PENITENCIÁRIO**

##### **4.1 MEMÓRIAS DOS OBJETOS: ENTRE PAPEIS, CANETAS E BOTÕES**

Passado algum tempo que eu já estava trabalhando na prisão, eu desenvolvi algumas rotinas dentro das rotinas já estabelecidas. Vi que se eu seguisse à risca os procedimentos que me eram exigidos não conseguiria realizar as minhas atividades. Em um cálculo ligeiro, conclui que cada Técnica Superior Prisional teria que ser responsável pelo atendimento de mais de 400 pessoas durante o mês. Tarefa impossível, tanto pelo volume de atendimentos diários, quanto pela rotatividade do sistema prisional: chegam novas pessoas, são transferidas e recebem alvarás de solturas e habeas corpus todos os dias. Além disso, havia uma movimentação própria da PCPA, onde os deslocamentos eram meticulosamente planejados, seguindo rígidas regras de segurança, mas também que visava não comprometer as rotinas de alimentação, educação e trabalho, atendimento jurídico que aconteciam.

Sendo assim, nosso trabalho era principalmente focado nas pessoas que acabavam de chegar ao estabelecimento prisional, realizando um procedimento que aqui chamam de triagem. Conseguimos atender praticamente todas as pessoas que estavam chegando no PCPA. Ainda assim, de vez em quando descobríamos pessoas que já estão no local há três meses e ainda não

passaram pelo SAT, se perdendo nas longas listas burocráticas que fazem a cadeia se movimentar. Eu acredito que muitos não querem nem chegar até aqui e só nos procuram em casos extremos. Portanto, apesar de realizar muitos atendimentos principalmente na parte da manhã, geralmente a tarde passo muitas horas desfrutando do que poderíamos chamar de ociosidade. Depois que eu realizo todos meus relatórios, verifico as pendências do dia, encaminho pedidos, escrevo projetos que eu raramente irei realizar, eu me dedico a ficar sentada na minha sala fria e úmida, imaginando a história dos objetos.

Olho para a minha mesa surrada, marcada de cotovelos inquietos que se mexiam sobre o seu tampo feito de aglomerado, laminado com uma imitação sintética de carvalho. Algumas marcas de água e riscos de caneta me chamam atenção. Não são riscos à caneta como os estudantes deixam em suas classes escolares, feitas a desaforo da autoridade, mas sim de alguém que escrevia muito rápido que se esqueceu que as margens do papel haviam acabado. Aqui e ali pequenos traços que haviam se descuidado e pulado para fora da folha. Também observo minhas duas cadeiras. As temos todas em pares nas salas, mas elas não combinam entre si. Uma delas é preta, de couro falso, a outra é de um azul encardido em um tecido sintético de trama grossa.

A primeira, tem algumas partes de espuma saltando das costuras que já não suportam mais o peso de quem senta. Suas rodinhas eram mal arranjadas sob a sua base instável. Com o tempo, eu aprendi a dançar o seu balanço e já consigo me servir dela. Não antes dela ter rechaçado minha presença muitas vezes, rasgando pedaços da minha roupa. Eu tive raiva dela e solicitei que fosse trocada por uma mais nova. Meu pedido foi ouvido com educação, mas recebeu argumentos sinceros de falta de patrimônio. Portanto, a cada novo rumor de uma nova leva de cadeiras, doadas por algum órgão público que recebesse mais verbas e pudesse dispende de móveis novos de tempos em tempos, eu corria lá e tentava conseguir um novo assento. Depois de seis meses desisti. Entendi que o Presídio não recebia muitas doações, afinal poucos se interessavam pelas pessoas que aqui estavam: com “eles”, certamente, mas conosco também, de lambuja. Resolvi então investir na minha cadeira. Trouxe-lhe manta que estava abandonada em minha casa, pensei que as duas podiam ter uma boa vida juntas. Com um pouco de destreza, fiz uma nova capa para ela. Assim, fomos nos acostumando uma com a outra, já que não tínhamos opção.

A outra cadeira, a que ficava do outro lado da mesa, era mais robusta. Seus quatro pés firmes, sua ausência de braços e o encosto arrancado me fizeram escolhê-la para servir de



assento aos que chegavam na minha sala. Eu procurava tornar, dentro das possibilidades, o ambiente mais confortável para os homens privados de liberdade que aqui chegavam algemados com as mãos para trás, e o que tornava para mim o uso daquela cadeira inviável facilitava a mobilidade de quem precisava se sentar nessas condições. Essa cadeira era reaproveitada de uma antiga sala de reuniões daqui da PCPA mesmo. Estava velha demais para continuar fazendo descansar os militares. Olha para ela e sinto que já participou de mais história que eu. Quem se sentou aqui? Oficiais? Capitães? Tenentes? Um soldado recém convocado? Um estudante que veio visitar? Que histórias ouviu? Que decisões presenciou? Talvez as pessoas que estavam sentadas nelas, nem perceberam os chicletes colados pelos os ocupantes anteriores. Talvez apenas reclamassem que seu encosto estava desconfortável e que já não segurava mais o peso das costas. Remexiam-se no assento, pois o peso dos corpos e suas insígnias tinham oprimido tanto à espuma que esta, agora, contra-atacava as bundas que ali tentavam descansar. Ficava difícil relaxar o corpo sobre ela. Então, provavelmente foi jogada ao setor de manutenção algumas vezes antes de ter arrancado o seu encosto e alguém, se dar conta que ela serviria bem nas salas do SAT onde para o conforto dos apenados não seria um problema. Para aqueles corpos combalidos que logo se acostuariam a colchonetes finos e concreto frio, aquela espuma parca sem encosto seria um regaço materno. Ademais, concluíam eles, ao inimigo se dobra logo no início. Já para mim, as marcas da passagem do tempo e do abandono da infraestrutura eram a presença dos muitos ausentes que por ali passaram e seguiriam a passar.

Eu passei a fazer parte da sua história, e ela da minha. Quantas notícias damos juntas? Lembrei-me de um garoto que atendi na semana passada nessa cadeira. Ele havia completado seus 18 anos no dia em que foi preso. O nome dele era Denison. Fazia uma semana que ele estava na Galeria dos Primários (1ª F) e não tinha tido nenhum contato com o mundo externo. Ele chegou na minha sala assustado, cabisbaixo, lacônico. A cor da pele dele era parda, com o cabelo raspado bem curto, com uma barba irregular que eu podia ver crescer insistentemente apesar de seus esforços para apará-la. Vestia uma camisa branca com um desenho gráfico abstrato em cinza escuro com a gola arrancada – como era procedimento padrão da segurança – e uma bermuda de um tecido leve. Nos pés calçava umas havaianas encardidas que destoavam do restante do cuidadoso visual, provavelmente sendo adquirida dentro da cadeia, pensei. Eu perguntei se estava tudo bem na galeria com seus colegas de cela, se ele não estava sendo ameaçado, se ele tinha materiais de higiene, se estava se adaptando a comida – como se fosse possível. Fiz todas as perguntas padrão para saber se a pessoa privada de liberdade está

dispondo do mínimo de dignidade e como está se adaptando a sua nova situação de vida. Ele respondia a tudo com um monótono “sim”, como se tivesse com pressa de passar por aquela verificação, enquanto tentava se ajeitar na cadeira incomodado com a posição das algemas. Eu larguei a minha caneta sobre a mesa, provavelmente fazendo uma dessas marcas que agora aqui estão, e dei um suspiro longo e audível, deixando transparecer meu cansaço com aquela situação. Ele me olhou nos olhos pela primeira vez em 10 minutos de conversa. E eu desabafei:

- Denison, o que a gente conversa aqui é confidencial, tá? Não vai constar no teu processo, eu não vou falar pra BM, nem pro Juiz. Quero saber mesmo se tu tá bem.

Acho que ele ficou surpreso. E falou nervoso, meio assustado e medindo as palavras:

- Gostaria de ver minha família.

Eu o agradei por ter me dito e pedi mais informações. Ele me disse que a sua família não sabia que ele tinha sido preso, pois eles eram de uma cidade do interior do Estado. Ele residia na região metropolitana de Porto Alegre com alguns amigos, em uma casa em que dividiam o aluguel. Havia sido preso por receptação de um carro roubado. Me contou que um dos amigos que sublocava a moradia com ele, chegou com o veículo e convidou ele para dar uma volta. Saíram da sua cidade e foram até uns bares na zona central de Porto Alegre, curtiram a noite e quando se encaminhavam de volta para casa, foram abordados em uma operação “balada segura” e o amigo tentou fugir. Ele ficou sem entender, quando a polícia militar começou a persegui-los disparando tiros em sua direção. Ele gritava para que o amigo parasse ou iam morrer. Depois de uma bala passar de raspão perto da sua cabeça, o amigo resolveu se entregar e confessou o roubo. Ele contou que não sabia de nada e nem tinha participado da ação criminosa, porém foi considerado cúmplice e preso junto. Agora eles estavam na mesma galeria e o amigo estava o apoiando em tudo que ele havia precisado até agora. Percebi uma raiva contida, porque apesar da sua tentativa do amigo de compensar o mal feito, ele não conseguia perdoá-lo porque no dia de seu aniversário, ele terminou aqui.

Perguntei como faríamos para entrar em contato com a sua mãe, interlocutora escolhida para receber a notícia pesada. Ele disse que ela devia estar muito preocupada, pois não tinha o costume de ficar nem um dia sem ligar. E agora já faziam sete. Havia apenas um telefone no corredor para que todas as técnicas usassem nesses casos, que não podiam ser utilizados pelos apenados, por motivos de segurança estabelecidos pela gestão, uma vez que a fala em códigos podia conter informações diversas que não tínhamos a capacidade de decifrar, mas que as pessoas do outro lado da linha conseguiriam. Lembro de um PM me contando que um código

comum entre os privados de liberdade era pedir um “lençol branco” para a visita, que significava que ele estava pedindo uma encomenda de cocaína. Fiquei pensando que todas as palavras são códigos, e que elas podiam proliferar em sentidos que fugiam ao nosso controle, sem que nada pudéssemos fazer. E que agora eu tinha uma missão de codificar para uma mãe a dor de um filho, e vice-versa.

Eu e Denison, escolhemos as palavras com cuidado e, aparentemente não havia códigos ilegais escondidos. O mal que ele temia causar era um infarto por causa da notícia, o que causava muita angústia em iniciar a ligação. Dei tempo para que maturássemos a ideia, deixei claro que ele não precisava fazer isso agora se não se sentisse à vontade, que eu podia chamá-lo em outro momento para completarmos o contato. Porém, o alertei que ela podia descobrir por outras pessoas, ou mesmo procurando em alguma delegacia, se fosse o caso. E ele não queria isso, queria poder escolher o momento em que isso aconteceria. Determinou-se e realizamos a ligação. Ele dentro da minha sala e eu, no corredor. Ficou parado em pé na minha porta, enquanto eu repetia as palavras que havíamos combinado para dizer a sua mãe. A voz era minha, mas as palavras eram dele. Depois de um breve momento de silêncio, eu só ouvia o meu coração saltar do peito, enquanto ele esperava impaciente na porta, a mãe me respondeu:

- Eu já sabia. Inclusive, estou procurando um advogado para ele. Estou indo na próxima semana fazer o cadastro para visitá-lo.

Fiquei de certa maneira aliviada. Contudo, ela me fez um pedido incomum:

- Por favor, não diga para ele que eu já sabia. Diga que eu acabei de saber.

Eu concordei. Não entendi, nem questionei o motivo. Eu não queria me intrometer. Ela me agradeceu, pediu que eu mandasse um forte abraço para seu filho. Soluçou ao desligar. Denison me aguardava na porta, com suas mãos trêmulas. Quando olhei para as minhas, elas também tremiam. Informei que sua mãe estava bem de saúde e que ela viria fazer o cadastro na próxima semana. Ele segurou o choro. Perguntou se podia ir ao banheiro. Eu disse que sim. Nos despedimos. E ele a conter as lágrimas e eu a guardar segredos.

Retornei da minha lembrança refletindo em como os móveis desta sala foram parte de muitas vidas. O trabalho nobre de um objeto que usamos sem pensar. Como a porta usada por Denison para me ouvir dar a notícia para sua mãe. Para mim, era apenas um espaço de passagem, para ele, um limite o qual não podia ultrapassar. Teve que se consolar em fazer-se ouvir pela minha voz e receber notícias por ela. Mas nem só de cadeiras, canetas e telefones são feitas as relações dentro do SAT.

Certa vez, um botão foi o protagonista de uma história. Depois de um detento usar uma caneta como uma arma e ameaçar uma defensora pública, foram instalados botões de anti-pânico debaixo de todas as mesas nos andares de atendimento. Quando acionado, ele acendia uma alerta luminoso do lado de fora da porta acompanhado de um som insistente para chamar a atenção da polícia militar. Os botões estavam instalados havia mais de um mês e não havia acontecido acionamentos. Não que não passassem por situações de perigo, mas acho que fizemos um pacto silencioso de não despertar as consequências que viriam junto com ele. Uma colega novata, chamada Fabíola ficou famosa por apertar um por um engano.

A sala dela era em frente à minha e eu não estava atendendo ninguém no momento, pois estava concentrada fazendo alguns relatórios. Fui desligada do meu foco, primeiro pelo sinal sonoro repetitivo, depois percebi a luz vermelha acesa. Com o automatismo esperado, reagi seguindo o procedimento de segurança que manda que ninguém saia das salas nessas situações. Porém, deve-se ficar de prontidão próximo a porta para em caso de evacuação ou ter que se deitar-se no chão, caso haja perigo de ser atingida por projéteis. Contudo, não se deve fazer nada até que haja a ordem ou a liberação verbal da BM. Levantei e fiquei em posição em frente à mesa, preocupada com a segurança da colega na sala em frente: pensei que ela poderia estar sendo ameaçada de morte ou mesma estar sendo feita de refém, um dos maiores medos que ainda me acompanhava até hoje, mesmo já estando há algum tempo na casa. Foi quando eu vi a técnica estava em pé, andando de um lado para o outro, nervosa, colocando as mãos na cabeça desolada e se dirigindo ao homem sentado em sua frente como quem pede desculpas.

O rapaz atendido por ela, estava sem compreender o que estava acontecendo, inclinava a cabeça para o lado como quem não tem ciência da extensão dos fatos. Em segundos, ele compreendeu da pior maneira possível: três policiais militares, fortemente armados, invadiram a sala antes mesmo da novata conseguir sair e explicar o que estava acontecendo. Eles estavam cumprindo o protocolo, imobilizando o rapaz, que já algemado, foi colocado com o rosto contra a mesa e revistado minuciosamente, enquanto Fabíola tentava explicar que havia acionado o dispositivo por engano, com o seu joelho. Pensei que aqueles botões não foram feitos para mesas que estavam fora dos padrões de ergonomia, reaproveitadas como as nossas. Eu também tinha problemas em me desviar dele, constantemente. Eu voltei minha atenção novamente para o rapaz, vi a sua cara de dor e o suor dele pingar nos papéis sobre a mesa. A técnica insistia que nada havia lhe acontecido. O brigadiano questionava:

- Ele não está te ameaçando?

- Não!
- Nem aos teus parentes?
- Não!
- Tem certeza?
- Sim, pelo amor de Deus, sim!
- Então tá. Acabou a moleza, vagabundo! Vai descer pra galeria.

Ela ainda tentou argumentar, pois sabia que ele receberia punição, dos guardas ou dos próprios presos que não queriam esse tipo de incomodação para o lado deles. Mas mais do que isso, ela tinha chamado ele até ali para informar sobre documentos importantes. Juntou os formulários da mesa e saiu atrás dos brigadianos para solicitar que ele pelo menos ele pudesse assinar para ela dar continuidade ao processo necessário para a família dele recebesse auxílio-reclusão, concessão tão rara entre os apenados. Ele era um dos poucos que eu tinha ouvido falar que teria direito ao benefício aqui no PCPA. Muitos pedem informações sobre esse direito e tentam requisitá-lo, porém apesar de ser amplamente divulgado como uma das muitas regalias que os criminosos têm, enquanto os trabalhadores passam por necessidades nas ruas, a realidade não é essa. Primeiramente, é necessário ter contribuído para o INSS, ou seja, ter trabalhado formalmente e com carteira de trabalho assinada. Além disso, o dinheiro não vai para a pessoas em situação de prisão, e sim para a sua família, em que muitas vezes era o único provedor.

Minha colega sabia bem disso. Pequena e magra, tendo essas características ressaltadas em meio aqueles brutamontes, parecia uma criança que brincava de lutar com uma arma desenhada em um pedaço de papel. Ela o sacudia no ar, na tentativa desesperada que fosse visto. Não havia sido fácil conseguir aquela rescisão de contrato. Vi várias ela passar várias horas no telefone pedindo informações e repassando para familiares que se esforçavam para dar baixa na carteira do rapaz que estava trabalhando quando foi preso. Era necessário, que ele assinasse e o documento retornasse para o empregador para agilizar o processo. Também precisava assinar o documento que reconhecia a união estável com a sua companheira, que vivia há cinco anos e tinha dois filhos para que ela pudesse gozar desse direito. O relacionamento deles não existia se não fosse aquelas assinaturas. Só assim, sua companheira poderia ter direito a receber o valor que era referente ao valor do seu último salário, podendo chegar ao teto máximo de R\$ 1.319,18<sup>29</sup>. Em algumas ocasiões, me ofereci para ajudá-la com os trâmites dos documentos, mas havia pouco que se podia fazer a não ser esperar. Mesmo a maior velocidade na prisão, ainda é mais vagarosa que a maior lentidão da burocracia externa.

O alerta foi suspenso e todos podiam voltar às suas atividades normais e mesmo circular pelo pavilhão. Como desculpa para acompanhar a novata e ajudá-la a negociar com os guardas, dei de mão em uns papéis quaisquer em cima da minha mesa e os trouxe comigo. Esses objetos têm poder no sistema prisional. Sejam eles documentos nas mãos das Técnicas, filipetas<sup>23</sup> nas mãos dos privados de liberdade que traziam seu nome e o local onde poderiam circular, catataus<sup>24</sup> que circulavam entre as galerias, cartas dos familiares, sejam pelas condenações, transferências ou tão esperados alvarás de soltura, nas mãos dos juristas. Se me interpelassem, eu diria que ia fazer uma pergunta no administrativo, que inventaria quando chegasse lá.

Eu saí da minha sala instintivamente medindo meus passos apressados pelas linhas amarelas desenhadas no chão. Depois de tanto tempo, nem preciso mais olhar para elas. Meus pés já sabem o trajeto. Essas linhas são meios de controlar os movimentos das pessoas em situação de prisão. Eles devem por elas caminhar obrigatoriamente, aumentando a visibilidade dos guardas sob o seu trajeto, a fim de diminuir a possibilidade de entrarem em uma sala sem serem convidados, ou um outro perigo qualquer. Involuntariamente meu corpo os imita. Me sinto tão vigiada quanto eles. Nunca percebi se minhas colegas mais antigas também andam pelo “curral” de tinta no chão, mas eu ainda não consigo ignorar.

Chego ao balcão onde estão os brigadianos, logo após a minha colega. De acordo com o regulamento, devo aguardar onde acaba a linha amarela, pois há o preso algemado, minha colega e os brigadianos em um espaço que tem aproximadamente 1,5 metro entre a guarita e o brete<sup>25</sup>. Já não sei se essa regra é só para os apenados ou também para os demais. Sigo-a por convenção. Ouço os policiais militares concordarem em deixar o rapaz assinar o documento. O rapaz ainda parece magoado com a violência que lhe foi imposta injustamente, mas olha para a novata com uma mistura de raiva e reconhecimento pelo seu esforço em ter resistido até ali. Ela devolve o olhar firme, decidida a reparar o malfeito. Os brigadianos retiram suas algemas e a técnica se aproxima, confiante, com a sua caneta. Oferece a bancada da guarita para servir de apoio. Agradece e estende a mão, aproveitando a oportunidade de estar com as mãos livres. Ele olha rapidamente para os guardas em busca de algum sinal de repreensão. Não há nada explícito. Aperta a mão dela, firme, a raiva se dissipa. Ela se afasta e os policiais militares o encaminham

---

<sup>23</sup> Requisições para circular dentro da CPPA, entre as galerias.

<sup>24</sup> Bilhetes feitos pelos privados de liberdade que circulam ilegalmente, tanto entre as pessoas em situação de prisão, quanto para as pessoas de fora do sistema prisional.

<sup>25</sup> Essa expressão é utilizada em diferentes contextos, com diferentes significados. Nesse caso, fala sobre a cela estreita e apertada na qual as pessoas em situação de prisão ficam aguardando para serem atendidas no SAT.

dentro do brete. Sinto um alívio, pois não precisei intervir. Sou liberada para passar, agradeço profissionalmente os guardas e passeio os olhos na cela que está quase vazio a essa hora.

Em um silêncio que esvazia até meus pensamentos, digiro a cena que presenciei, desço as escadas, e quando chego à porta da secretária lembro que esqueci de criar a história que justificaria a vinda até o local. Peço um formulário para requisição de materiais, pois preciso de materiais de escritório. Eu preciso preencher no local e então escrevo: 100 folhas de papel ofício e 5 canetas bic pretas. Eu só consegui pensar nisso, eram os únicos objetos que importavam no momento. Eu usaria uma folha para escrever um bilhete parabenizando a colega pela coragem. Puxo um assunto qualquer com o pessoal do administrativo, obtenho respostas que eu não queria e volto direto para a sala do café.

#### 4.2 A SALA DO CAFÉ

Para quem vem da entrada da cadeia percorre um longo caminho até a sala do café, mas que é relativamente livre para aqueles que trabalhavam ali. Passamos pela famigerada “Entrada de Pessoas” e logo alcançávamos o pórtico, onde está a entrada para as galerias: uma porta alta, gradeada de cima a baixo, da qual se pode ver um longo corredor, dividido em dois por cercas trançadas de metal que dão um certo ar de campo de concentração contemporâneo. Pela direita, circulam aqueles que não estão em situação de prisão, mas que por algum motivo vão entrar nas galerias, como as visitas, os policiais e os técnicos; pela esquerda, os privados de liberdade, sempre com a cabeça baixa e o olhar fixo no chão. Vários tipos de cabeça, nuas de seus adornos habituais como bonés ou toucas ou apenas em ângulos nos quais é difícil admirar um penteado mais elaborado ou um borrão de uma tatuagem no rosto. Há uma coisa a se saber sobre os que circulam daquele lado das grades é que eles não podem olhar para as pessoas que circulam do lado direito e por isso, os mais experientes, automaticamente, viram-se para a parede quando vem alguém despontando nesse portão, principalmente se for do sexo feminino.

Um olhar mais demorado pode causar severas punições, seja dos guardas, seja de seus companheiros. Especialmente, se o olhar libidinoso for dirigido para a esposa de um companheiro de cela. A visita é sagrada na cadeia. A cara virada para a parede. O nariz apertado contra o concreto. A respiração marcando a superfície com a umidade. A mulher não tem posse sobre si na cadeia, ela é do outro e é sacra. A paranoia da posse sobre seus corpos é proporcional a impossibilidade de vigiá-los fora das grades. O olhar delata o perigo do desejo de contato, e

ela precisa ser marcada no corpo, com uma atitude visível de obediência e submissão. O corredor vai ficando marcado por testas, narizes, vapores da respiração em um lento processo de degradação pelos encontros repetidos com mulher que circulam diariamente por aquele espaço.

Assim, os que vêm pela esquerda, geralmente vêm por três motivos: 1) se dirigir ao parlatório para falar com seus advogados; 2) ir até o SAT; 3) liberdade. A última mais rara e talvez a mais esperada entre todos. Digo talvez, porque nem todos desejam a sua soltura. Mas isso é assunto para outro tempo. Nesse ponto, eu gostaria de falar sobre as diferentes trajetórias que faremos até chegar ao SAT. Aqueles que vêm do interior das galerias subirão por uma escada em caracol construída em ferro, totalmente gradeada de cima à baixo por três andares e uma faixa estranha de chapa de aço foi colocada em pontos estratégicos para que não possamos enxergar quem por ela se movimenta, e vice-versa. Uma estrutura horrenda, claustrofóbica, que geme sob o peso de quem por ela é obrigado a andar, um a um em fila indiana. Não há possibilidade de recuar, mesmo sem saber bem para onde está indo. Sendo assim, apenas de ouve os barulhos de ferro cedendo sob o peso de corpos cujas identidades não se conhece. A maioria fica apenas a escutar o ressoar dos lamentos do aço esgarçado por seu cansaço, cedendo pouco a pouco até o dia do colapso. Eu, mais insistente, vejo alguns relances de cabeça e pés e espero reconhecer quando olhá-los de mais perto.

Nós, trabalhadoras e trabalhadores do setor, tomamos outro caminho para chegar até o SAT. Não é necessário entrarmos pelos portões da galeria, pois mesmo antes de chegar até ela, há uma escada de concreto e pedras de granito, gastas pelo tempo, com alguns degraus em falso, mas nada que atente a nossa segurança física diretamente. Apesar da aparente instabilidade desta estrutura, ela é larga o suficiente para que várias pessoas subam e desçam juntas, garantindo, inclusive, que possam parar durante o percurso se suas pernas cansarem ou até para respirar um pouco mais antes de enfrentar uma situação difícil. Contudo, isso não é bem-visto entre os colegas, pois uma das primeiras coisas que nos é alertado pela Brigada Militar é que não devemos obstruir quaisquer passagens, pois nunca se sabe o que pode acontecer. Os velhos degraus já viram muito, mas tem ainda muito o que ver.

O risco sempre iminente ressoa na ansiedade enquanto cuido para não escorregar e respiro fundo para não parar no caminho. Estou sem fôlego, se precisasse correr estaria em apuros: “Nunca tranque a passagem”. “Nunca se sabe o que pode acontecer”. Frases que ecoavam na minha cabeça o trajeto todo, desde a entrada até a saída da prisão. É esperado



daqueles que aqui trabalham o seu máximo desempenho físico, prontidão física e mental para reagir. Já passamos por Testes de Aptidão Física (TAF) como parte do concurso público para assumir nossas funções. Então, subir uma escada, por três andares, nunca deveria ser uma dificuldade, mesmo se você tiver as pernas um pouco tortas, como eu. Meus pés são um pouco virados para dentro, principalmente o direito. Isso sempre me causa desconforto ao subir escadas por muito tempo. Ainda mais tendo que desviar de suas imperfeições, já que o risco de tropeçar e me acidentar eram um tanto maiores que para as outras pessoas. Mas eu nunca disse nada a respeito disso para ninguém, pois aqui anatomia singular é um luxo privado, e eu pensei: “só se adapte”. Eu que mal treinei uma semana para fazer o Teste de Aptidão Física, contento-me em aprender quais são os pontos de perigo e desviar deles com toda habilidade que me resta. Desde que entrei aqui parece que envelheço mais rápido ao mesmo tempo que os dias passam mais devagar. Um dos meus joelhos range e lamenta tal qual a estrutura cansada da escada que carrega o passo dos aprisionados.

Venço o primeiro lance de escadas, com o coração levemente acelerado do percurso, mas pelo menos eu posso parar e respirar no patamar do segundo andar. Olho para todos os lados e verifico que ninguém me verá descansando em horário de trabalho e recosto-me em uma coluna próxima. O suor na palma da mão marca o pilar. Nestes dias quentes e úmidos é mais difícil respirar aqui. Nestes dias quentes e úmidos as paredes choram. O contorno da minha mão logo se desfaz escorrendo em gotas até o chão. Que inferno de clima esse nosso. Paro para observar mais uma vez, uma maquete em escala reduzida dos pavilhões e do terreno do PCPA. Nele pode-se ver o trajeto que acabei de fazer: a entrada, o pátio, o pavilhão administrativo onde piso ofegante agora, a localização das galerias, bem como as facções que residem nelas. Fico olhando a maquete fingindo que a analiso para dar um tempo e retomar o fôlego. De tanto fingir findo por ficar um tempo pensando em como a Brigada não tem receio de formalizar que não são eles que são os verdadeiros gestores da casa. Cada facção está ali, oficializada em seus domínios, onde nem mesmo a polícia entra sem autorização prévia, sob a pena de estourar uma rebelião, com consequência dentro e fora da cadeia. Penso, ainda assim, que esse é um modo inteligente de organizar os amigos e os inimigos. Contudo, que deixa evidente quem, na verdade, dá as ordens por aqui. E quem as cumpre. O curioso é que nesse andar, a maquete está no hall de entrada, mas ao fundo, através de um longo corredor, fica todo o pessoal administrativo da BM: a secretaria, a sala do comandante, da segurança, do apoio, do setor de comunicação, entre

outros. Passar por aqui antes de chegar aos nossos locais de trabalho deve ser um lembrete sinistro de nossas limitações. Nossas ou deles? Talvez de ambos.

Também fica nesse andar o refeitório dos funcionários, onde a cozinha é operada pelas pessoas em situação de prisão. Recuperando minhas forças ali, lembro da minha primeira experiência no refeitório. Conduzida pela minha experiente anfitriã, percorremos um corredor pouco iluminado em que as paredes eram ilustradas com obras dos internos. A maioria falava sobre a salvação através da religião. Sinto o cheiro de comida vindo da porta no final e toma conta de mim o conforto próprio que experienciamos quando diante da comida a fumar, ainda mais quando tal odor caseiro se sobrepõe ao bodum de bolor e umidade daqueles corredores com paredes a lacrimejar: “devo estar chegando ao paraíso”, brinco comigo mesma em pensamentos. Quando chegamos à pequena porta havia uma escada estreita para descer, onde era necessário esperar aqueles que estavam subindo fazer seu percurso para que pudéssemos descer por ela. Pelo menos não havia grades! Na verdade, não havia nem um corrimão, o que me deixava um pouco apreensiva de tropeçar e cair assim no meu primeiro dia. Enquanto desço a escada, preocupada em sustentar meus passos, focando na sua firmeza e precisão, posso avistar um cômodo grande, com pé direito alto e com iluminação natural vindo de janelas altas dos dois lados. Havia cerca de 12 mesas grandes, com aproximadamente 5 assentos individuais, unidos por uma barra de ferro – a exemplo dos refeitórios escolares dos anos 80. No final da escada, Solange me aponta para um grande quadro da BM onde havia o emblema da instituição, acima de frases exaltando suas conquistas e seu valor para a sociedade gaúcha. Ela diz:

- Ali atrás é o banheiro.

Achei que ela estava chamando minha atenção para o quadro, mas ela estava me alertando para o que estava atrás daquela instalação, onde havia uma parede mal iluminada que conduzia a um pequeno lavabo, um lugar limpo, porém que destoava dos demais: parecia ter sido uma antiga dispensa de alimentos, suas paredes eram de concreto cru, em que ainda podiam se ver emendas de um reboco recente. Era úmido, escuro, seu piso era irregular, em seu forro havia fios elétricos mal arranjados onde havia passagens de ventilação por onde podia se ouvir barulhos indistintos que provavelmente vinham da cozinha. Pensei no contraste daquele quadro bem iluminado com o orgulhoso emblema da corporação e o gesto de andar através do seu espelho para dentro do corredor escuro. Era uma experiência surreal. Recordo-me que as vezes que precisei usá-lo, era um alívio sair dali atravessar aquela escuridão e avistar o refeitório em toda sua luz solar.

Ao fundo do refeitório estava a cozinha. Havia uma abertura por onde podia-se ver as pessoas em situação de prisão trabalhando lá dentro, com suas camisas brancas e coletes laranjas por cima, com seus utensílios de cozinha industrial tiritando sobre suas painéis gigantescas. Fiquei pensando que caberia uma pessoa sentada dentro delas. Uma pessoa pequena. Mas ainda assim caberia. Havia pelo menos umas 8 pessoas realizando uma dança sincronizada entre fogão, pia e balcão. Mal olhavam-se entre eles, comunicavam-se com conchas, colheres e travessas. Mantinham os olhos na direção de suas tarefas, como que entorpecidos por aquela coreografia. Era tudo silêncio, exceto pelo barulho do inox contra o inox e pelas botas pisando no piso molhado. Não falavam entre si.

Logo fui despertada pelo medo que eu tive na minha incursão inaugural: como poderia confiar nas pessoas que estavam presas ali para fazer a nossa comida? Que mecanismos se agenciavam para que eles não nos envenenassem lentamente com um pouco de vidro moído por vez? Até nisso eramos controlados por eles? Não demorou para que eu ouvisse um som que vinha da cozinha, mas que destoava da sua melodia:

- Mais purê de batata!

Uma voz grave, não muito alta, mas que se fez presente rapidamente e da mesma maneira sumiu. Pensei que seu emissor poderia ser um locutor de rádio ou barítono em uma ópera. Quatro breves palavras que exigiam algo e que foi atendida prontamente. Viro-me na direção da cozinha para ver se enxergo o autor da intervenção. Avisto um policial militar que deveria ter aproximadamente de 50 anos, magro apesar de uma barriga que começava a despontar proeminente, uma barriga que denuncia quem gosta de comer ou beber sem se preocupar muito com o padrão de beleza ou com as recomendações médicas nos check-ups anuais. Ele parecia baixo em estatura se comparado com os demais com os PMs que estavam naquele momento servindo-se no buffet, porém era uma figura professoral em comparação aqueles que estavam sentados. Lembrava um bedel que poderia estar em qualquer escola, seus cabelos e bigode grisalhos, suas sobrancelhas grossas tornam-no simpático – apesar de eu não saber se ele era. Era uma pessoa que você tinha vontade de conversar, conhecer um pouco mais. Pensei que ele poderia ser um dono alegre de um restaurante italiano e talvez um dia ainda fosse! Eu desejava isso para ele.

Seus olhos rápidos e curiosos, pareciam conhecer muito bem tudo por ali. Quando ouviu o seu pedido, um rapaz de uns 25 anos que vestia um colete laranja, rapidamente pegou uma cuba de inox e serviu porções generosas de purê de batatas e levou com agilidade para o balcão

onde se dispensava comida para repor no buffet. Lá outro brigadiano, leva a comida ao seu lugar e retorna com a cuba vazia para a cozinha. Tudo em silêncio, com movimentos leves, rápidos e aparentavam ser descomplicados pelo treinamento do corpo. A obediência pesada se fazia despercebida no gesto. Não havia titubeio e tampouco medidas exageradas, apenas a pronta realização da tarefa. Poderia ser um balé, não fosse o peso dos corpos e se não estivéssemos em uma prisão. O que mais me chamou atenção é que não aparecia haver quaisquer hostilidades entre eles. Aparentavam ser pessoas que trabalham juntas e já conheciam os movimentos umas das outras. Não sei como, mas isso me passou uma sensação de tranquilidade. E eu me aventurei em direção à comida.

No buffet havia opções de pratos quentes e frios, saladas, sobremesa e água e café eram oferecidos livremente. Tudo cheirava muito bem. E, segundo fiquei sabendo naquele momento, todas as sextas teria churrasco. Às terças eram dia do purê de batata, também muito famoso por aqui, por seu sabor e textura que nada tinham a ver com o purê de hospital ou então, reflito eu, com a comida que é servida para as pessoas em situação de prisão, que inclusive é preparada em outra cozinha e com outros mantimentos. Isso foi algo que a minha “companheira de viagem” fez questão de me explicar enquanto eu me servia. Talvez ela não tenha se dado conta, pois estava tentando me tranquilizar quanto a procedência da comida – o que não era uma questão para mim e sim o que poderia vir como “tempero extra”. Isso fez com que eu me sentisse mal pela diferença da alimentação que era oferecida para nós e para as pessoas privadas de liberdade.

O investimento na vida de alguns, enquanto a de outros era deixada a seus próprios desígnios. Contudo, eu estava com muita fome, e pelo jeito fome, suspende a moral com muita facilidade. Ademais, não tinha sido eu que inventara as regras daquele jogo. De nada adiantava me martirizar agora. Era melhor comer. Enquanto eu me servia, já afastando os pensamentos sobre o que as pessoas da outra cozinha estavam comendo, Solange, provavelmente percebendo o meu desconforto, mesmo sem saber o motivo, começa a contar como funciona a cozinha:

- Aquele homem que você viu falar agora a pouco, que fica lá dentro é o Sargento Menezes, ele trabalha na cozinha há 20 anos. Ele é responsável pela coordenação de todo o pessoal lá dentro e pelo controle de qualidade...

Eu fico me questionando o que seria o tal controle de qualidade, mas resolvo não perguntar. Ela continua:

- Aquele outro homem é o Soldado Silva e ele está sendo treinado para substituir o Menezes quando ele se aposentar, o que vai ser nos próximos anos. Por enquanto, ele

ajuda na vigia dos apenados e traz a comida para o buffet para que eles não tenham que sair da cozinha. O que acontece apenas se ele precisa de ajuda. E não é qualquer um que pode sair da cozinha, tem que ser de confiança.

Eu volto para meu sonho de vê-lo em um restaurante italiano. Se um dia eu tiver intimidade com ele, vou falar sobre isso, dizendo que vou ser uma cliente fiel do seu estabelecimento! Imagino o SGT Menezes, agora só Seu Menezes coordenando uma cozinha. Apressando os preparos para servir aos clientes apressados na hora do almoço, coordenando os garçons e sem tirar o olho do caixa. Coitado do homem, deve estar querendo apenas aposentar-se e eu cheia dos planos para ele. Porém, sei por experiência familiar, que muitos brigadianos costumam a se desacostumar com a rotina de trabalho exaustiva e tensa do seu dia a dia. Um restaurante poderia supri-lo dessas necessidades, se assim ele quisesse. Seguiria dando ordens e trabalhando com comida.

Eu sinto vontade de beber um suco de laranja fresquinho, feito na hora para acompanhar o belo prato que acabei de servir. Divido esse desejo e sua impossibilidade com a minha colega. Ela me aponta para um lugar do lado esquerdo da cozinha onde há cartazes com valores de água mineral com e sem gás, sucos em lata e refrigerante estão colocados com fita adesiva na parede rústica, que faz com que algumas pontas se soltem. Vamos até a Cantina e não havia o suco feito de laranjas espremidas na hora, mas havia uma versão industrializada que alegava ser feita de laranjas caseiras, com mais de 40% de suco de laranja. Me questiono o que seriam os outros 60% além daqueles nomes indecifráveis que havia no rótulo. Entrego meu dinheiro a um senhor com colete laranja, cuja tez parda, amplamente marcada pelas rugas, parece ter congelado uma expressão facial de constante descontentamento. Também pudera, não é mesmo?! Ele está detrás de uma pequena bancada, do tamanho de uma janela, onde há pesadas grades já enferrujadas com apenas uma pequena abertura para passar dinheiro e bebidas.

Ao lado dessa abertura, há uma porta que mais parece de um cofre, trancada com um grande trinco por fora. Ele está lá dentro, trancada naquele cubículo cujas paredes parecem ser feitas de garrafas de refrigerante e água. Mal pode mexer-se lá dentro. Ele tenta amenizar a sensação térmica de quase 30 graus naquele dia com um pequeno ventilador de hélices vermelhas, com fios expostos. A carranca de dono de bar 24 horas mal humorado é muito adequada. Fiquei pensando em quanto tempo aquele homem passa lá dentro. Contudo, quase de pronto de me dei conta de outra coisa: ele estava guardando um enorme tesouro e que as grades não eram para prendê-lo lá dentro, mas sim para proteger a sua carga daqueles que a

cobiçavam. Esses itens tinham grande valor dentro das galerias. Qualquer descuido poderia levar a um desfalque. Um refrigerante de 2l vendido ali há 10 reais, certamente valeria mais de 20 dentro da prisão. Pensei se ele mesmo não tinha vontade de beber um refrigerante gelado naquela hora. E se era possível. Minha colega interpela:

- Eu prefiro trazer sempre a minha bebida, pois aqui os preços são muito altos!

Ela complementa dizendo que algumas pessoas trazem sua própria comida também, pois não conseguiam comer a comida feita nessa cozinha, por diversos motivos: desde questões que consideravam de higiene até de alergias alimentares. Às vezes, um pouco das duas e mais outras coisas. Havia também pessoas que nem gostavam de entrar com suas comidas na Cadeia, pois consideravam que esse espaço poderia de alguma forma contaminá-la. Então, ou saiam para comer fora da instituição – onde havia muito poucos restaurantes por perto – está aí um nicho, Seu Menezes! – ou preferiam fazer jejum. Tempos depois eu soube até de uma colega que jejuava café e cigarros durante o horário do almoço. “Muito menos contaminante”, eu sorri com escárnio.

Terminada a nossa refeição que estava muito saborosa e aparentemente sem venenos ou cacos de vidro, eu estava a espera se não ia ter consequências gastrointestinais. Enquanto lamentava ter que voltar para o suplício das escadas, resolvi me servir de café e me dirigi para uma térmica azul de uns 10 litros de capacidade. Ao lado, havia canecas de plásticos escolares – sim escolares mesmo, havia até diferentes nomes de escolas gravados nelas – para servir-se. Solange me alerta discretamente que o café não era bom e que ia me levar a um lugar onde ele era muito melhor.

Ela me convida para voltarmos para o SAT. Eu só penso que seria bom um pouco de café antes de subir mais degraus, mas acato por educação. Passado o segundo andar, onde a paisagem era composta por uniformes caquis e armas no coldre, alcançávamos o nosso andar, onde os policiais militares só guardavam a entrada, mas da guarita para dentro, eu sentia que era um pouco mais nosso. A nossa galeria. A facção das técnicas, se quiserem. Geralmente, há um ou dois brigadianos por ali. Na verdade, deveriam ser três, dois nas guaritas e um circulando pelo corredor com os olhos atentos para dentro das salas em busca de algum sinal de perigo. Porém, com a falta de pagamento de diárias e parcelamento de salários pelo governo do Estado, o efetivo diminuiu consideravelmente dentro da cadeia. E muitas vezes, há apenas um que fica na Guarita e não se move, senão em caso de extrema necessidade para o nosso lado.

Por que? Porque eles têm a importante preocupação de vigiar e movimentar as pessoas

em situação de prisão da cela que fica ao lado – mais comumente chamada de “brete” – por onde vinham aqueles que subiam pela escada caracol. Pensei: Que triste fim para uma escada! De lugar nenhum para lugar algum! Que Deus me perdoe, mas aquela saída gradeada e vigiada da escada me lembrava o ralo lá de casa que eu tapei com tela e no qual meu gato faz guarda, pois volta e meia saiam dali algumas baratas vindas do encanamento. Imagina! Não quero com isso comparar aqueles pobres homens com insetos. Mesmo assim a imagem persistia na minha memória<sup>26</sup>. Aqueles que subiam por ela deveriam ser atendidos naquele dia. E era assim que nossos caminhos se encontravam. Eles portando suas autorizações, onde constavam o nome e o lugar em que podiam circular e que eram entregues na saída das galerias e deviam acompanhá-lo até a sua volta. Era a sua identificação e seu passe. Perdê-la poderia ser considerada uma falta disciplinar, passível de punição. Muitos agarravam-se esses papeis com medo de perdê-los. E quando chegavam em nossas frentes, entregavam a nós como se não precisassem dizer seus nomes.

Cada técnica era designada para atender determinadas galerias. Eu, por exemplo, atendia a galeria 1ª do Pavilhão F, a galeria dos primários. Mas na prática, atendíamos todas as pessoas que nos passassem a BM. O brete já estava enchendo e o sargento na entrada começava organizar o seu trabalho. Porém, era apenas 12h30 e geralmente todas voltamos a atividade lá pelas 13h30, mas dependia da organização da BM que era responsável por liberar as pessoas que seriam atendidas naquele dia. Então estávamos voltando para nossas salas não para trabalhar ainda, mas para descansar um pouco mais. E um dos rituais que, logo descobri que acontecia nesse intervalo de tempo, era o de tomar café, que raramente era apreciado em ocasiões solitárias. Ele fazia parte de uma convenção social entre as colegas de andar para afastar o tédio e compartilhar experiências diversas, de dentro e de fora da cadeia. As Técnicas Superiores Prisionais - aqui chamadas apenas de Técnicas – que atuam no SAT adotaram uma sala para se reunir para esta hora sagrada. Um local com importância estratégica: ponto de encontro das colegas após ocorrências, como a que contei anteriormente.

A sala do café não era um espaço formal, como uma cozinha para os funcionários. Era uma sala em desuso, por ora, de uma colega que estava de licença-saúde, que havia deixado uma cafeteira para trás pela técnica que ali atuava. Vivíamos sob o medo de que ela voltasse e

---

<sup>26</sup> Em alinhamento com as lógicas de objetificação do outro produzidas pelo sistema prisional que convergem com as lógicas coloniais de objetificação racista, como pode ser visto em Scholastique Mukasonga (2018), que narra a memória sobre o genocídio dos tutsis, em Ruanda, que eram chamados de baratas.

acabasse com esse espaço. Mas fiquei sabendo que a sala do café era itinerante e já havia habitado outros lugares. Algumas me tranquilizavam dizendo que a colega que habitava aquela sala há muito estava fora e provavelmente não voltaria, pois estava “encostada” por depressão. Outras vinham com rumores de que uma conhecida do RH tinha dito que logo ela voltaria. Essas histórias faziam parte das lendas sobre a sala do café, que nos mantinha ocupadas com algo que não fosse a desgraça humana com que convivíamos na maior parte do tempo.

Uma coleção desarranjada de canecas estava caprichosamente arrumada em um armário. Elas eram trazidas pelas frequentadoras da sala e se apresentavam em tamanhos e cores variadas. Havia mais desses objetos que funcionárias no andar, o que me leva a imaginar que outras pessoas usavam o espaço quando não estávamos aqui. Ou simplesmente, as pessoas foram trazendo mais canecas quando não as queriam mais em casa. Ao lado delas, havia potes com café, açúcar e sachês de adoçante, bem como uma caixa madeira com chás diversos. A caixa havia sido presente de um dos homens em situação de prisão que atuava na Atividade de Valoração Humana (AVH)<sup>27</sup>. Essa sala era um pouco maior que as outras, conseguindo abrigar uma mesa com cadeira, e mais umas quatro cadeiras enfileiradas, devidamente encostadas na parede, e ainda deixar um espaço de circulação para aquelas que entravam e saíam pela porta.

Esse era o palco das trocas de informações, conversas casuais e acolhimento das técnicas do andar. Eventualmente, recebíamos a visita de uma ou outra brigadiana que vinha compor nossos encontros, quase exclusivamente femininos. Porém, o café atraía a multiplicidade para o entorno de si. Esse líquido preto, barato, estimulante, que algumas preferem com adoçante e outras com açúcar, algumas preferem-no puro e forte, outros o diluem com um pouco de água. Outras ainda só fingem bebê-lo para socializar. Ele adapta-se ao gosto de cada uma, e mesmo aquelas que não gostam do seu sabor, reúnem em torno de seu cheiro. Entre essas diferentes composições, costurávamos assuntos, perspectiva políticas e posições técnicas distintas. Assim, sala do café é um lugar fundamental na dinâmica do trabalho das técnicas prisionais na PCPA.

Depois de um tempo frequentando esse local, eu brincava dizendo que era onde era feita a iniciação das novatas, pois era de práxis que as técnicas mais antigas, ao saberem da chegada de novas profissionais no andar, dispensassem seu tempo para contar histórias sobre a casa

---

<sup>27</sup> A AVH é uma espécie de ateliê dentro da CPPA, onde pessoas em situação de prisão com bom comportamento, realizam trabalhos artesanais que podem ser vendidos para o público externo. Grande parte das obras figuram no saguão principal e nas salas da administração, principalmente do alto comando, a título de doação dos internos para a casa prisional.



prisional e casas penitenciárias em já haviam trabalhado. Lembro-me que no meu primeiro dia, eu ouvi que era comum as profissionais encontrarem sangue no chão quando assumiam seu posto pela manhã, especialmente após o final de semana. Me sentia em um filme norte-americano, em frente a uma fogueira de acampamento onde conta-se histórias de terror. Esse não foi o único episódio assustador que ouvi ao longo do meu tempo aqui, na maioria deles, a tortura era o monstro que eu mais temia. Por muito tempo, eu busquei pelas manchas de sangue na minha sala. Nunca as achei, talvez elas já haviam se disfarçado no piso surrado. Mas não raro, vi hematomas nos rostos de homens privados de liberdade que chegavam até mim. A origem dos ferimentos poucas vezes era revelada.

Outro ritual comum, entre as “antigas” era falar sobre “o perfil” que era necessário para atuar nesse estabelecimento, visto que era preciso esclarecer que aqui o treinamento da SUSEPE estava em desuso. Diziam:

- Como podem perceber, essa é uma cadeia administrada por outro órgão da Segurança Pública: a Brigada Militar. Não tem agente penitenciário aqui. Não somos nós que guardamos as chaves. A gente cuida do tratamento penal.

E as outras complementavam:

- Aqui a gente tem que ser forte. Houve muita história triste, desesperadora. Tem muita gente afastada por doença mental aqui. A gente precisa ter suporte. Qualquer que seja: família, espiritualidade, terapia, tudo. Se agarrem em tudo que vocês puderem.

- E principalmente, não arrumem problemas com a BM. Eles têm as próprias regras, mas temos que conviver em harmonia. A última palavra em segurança é deles. É uma situação favorável para ambos, se nos mantermos cada um no seu lugar.

Com elas aprendíamos o que o treinamento não ensinava. Era preciso entender que trabalhar na PCPA, não era como atuar nas outras prisões do Estado, administradas pela SUSEPE. Era necessário capacitar-se para trabalhar com a Brigada Militar, que havia assumido o comando da instituição, que foi entregue por ocasião de uma rebelião que aconteceu em 1994, que ficou conhecida como a “Noite dos Desesperados<sup>28</sup>”, devido a sua repercussão e fuga cinematográfica, orquestrada por Dilonei Melara – outro personagem comum dos contos de cadeia. Essa história contarei mais à frente. Das lições das mais antigas, aprendíamos ser forte, como elas gostavam de seus cafés, ou não suportaríamos a pesada rotina dentro prisão.

---

<sup>28</sup> RUAS (2016). CIPRIANI (2016).

Era comum que nos encontrássemos na Sala do Café após momentos de tensão, ou mesmo de ócio. Encontrávamos colegas contando detalhes dos últimos acontecimentos, enquanto duas ou três ouviam atentamente para repassar para as demais não puderam estar ali no momento. Outras viraram segredos que nunca deveriam sair daquela sala. Não era apenas fofoca, como se gosta de rotular as essas conversas de mulheres. Era acolhimento. Um espaço de saúde mental para nós. Às vezes o conteúdo da mensagem não era o mais importante, mas sim o que se produziu entre nós. Nos revezando, íamos ocupando espaços de tempo nessa sala, porque cabia um número limitado de pessoas e, também, porque tínhamos nossos afazeres. Íamos até a sala para recarregar as forças, com café e escuta. Entre xícaras e palavras sussurradas, nos inteirávamos do que estava acontecendo, nos preparávamos para o que estava por vir.

## 5 DESPERTAR

Ele acorda sentindo as roupas de cama recém-lavadas, mas que ainda cheiram a mofo, afinal tudo era úmido naquele lugar. As paredes, que um dia tinham sido verdes, choram fios grossos de uma água fétida vinda do esgoto do andar de cima. Mal puxa o ar para seus pulmões já tem desejo de expulsá-lo, enojado pelo cheio do boi<sup>29</sup> que por mais que se colocasse produtos de limpeza continuava a exalar um odor quente de excrementos humanos. A água para mandar embora toda aquela sujeira era liberada apenas uma vez ao dia, revezando-se entre as galerias. No caso da galeria dele, a 2ª do pavilhão F, era no início de cada tarde, portanto não havia como acabar com aquele cheiro tão cedo. A boca do inferno estava escancarada bem ali a poucos passos dele. Não lhe restavam alternativas a não acordar logo.

Abre os olhos e vê o lençol que sua mãe trouxe para dar um pouco de privacidade ao seu brete<sup>30</sup>: ele tinha o fundo branco e rosas vermelhas desenhadas, com galhos e espinhos verde escuros. As flores pintadas traziam as boas lembranças de casa e um pouco de cor para o seu despertar. Ele se permite curtir por poucos momentos essa sensação de ter construído um

---

<sup>29</sup> Banheiro improvisado, que consiste, na maioria das vezes, em apenas um buraco no chão, nas celas.

<sup>30</sup> Nesse contexto, brete significa o alojamento individual dentro das celas, onde alguns tem o privilégio de dormir e guardar seus pertences pessoais.

minúsculo lar no meio daquele lugar lotado. Sabia que era um privilégio ter isso, pois muitos ali não podiam desfrutar daqueles pequenos momentos. Mas ele tinha conquistado aquele lugar e se considerava merecedor. Nunca teve grande luxo na vida, morava em uma casa simples, de madeira, com a mãe e seus dois irmãos menores, na encosta de um morro na zona leste de Porto Alegre. Era assim desde se conhecia por gente. Ele parecia sentir até saudade da poeira que levantava das ruas de terra quando os veículos passavam apressados. Coisa que, à época, lhe fazia sentir raiva por sua pobreza. Odiava ser pobre, se sentia impotente, não queria mais andar a pé com o par de tênis comprado anualmente na liquidação.

Contudo, agora sentia falta até mesmo disso. Trocaria aquele cheiro de merda pela poeira que ressecava suas vias aéreas, sem pensar duas vezes. Daria muita coisa para poder ir caminhando até o mercadinho da esquina comprar um refrigerante e um maço de cigarros, sentindo o calor do sol esquentando a sola dos seus chinelos em contato com o asfalto. Não lhe faltavam refrigerantes e cigarros ali dentro, mas a ausência do cheiro de pão assando na padaria e até mesmo da poluição do escapamento do ônibus que descia o morro denunciavam a farsa. Nada aqui se comparava a rua, mas havia seus embustes.

Sentiu-se mais disposto quando sentiu o cheiro do café que um de seus companheiros de cela estava passando. Aquele cheiro parecia um oásis no meio de um deserto de merda e mijo vencidos ali do lado. O seu estômago roncou e ele decidiu abrir um pouco a sua cortina improvisada para espiar o movimento. Seu José, um veterano na cadeia, acordava com as galinhas. Lá estava ele chiando o bule de inox já enegrecido pela fuligem no seu fogão improvisado feito com tijolos, que caíam de algumas paredes mais instáveis, e uma resistência de chuveiro, que avermelhava tudo com seu calor elétrico. Havia algumas marcas de queda no bule, pois o velho havia adquirido há muitos anos uma tremedeira incontrolável pela manhã, devido ao alcoolismo. Seu José largou a “Maria Louca<sup>31</sup>”, mas o tremor não o deixava, como lembranças que não eram bem vindas de dias passados. A visão do veterano, silencioso, com seus movimentos vacilantes, preparando o café em meio aos homens ainda despertando, repetindo-se dia após dia, era a coisa mais familiar que ele sentia naquele lugar. Como que pudesse fazer daquele lugar um pouco como uma casa, aliviando a sua cadeia<sup>32</sup>.

Ainda do alto do seu beliche, põe a cabeça para fora do seu quarto improvisado para

---

<sup>31</sup> Cachaça artesanal feita na prisão, geralmente através da fermentação do arroz ou de cascas de frutas.

<sup>32</sup> Tornar o cumprimento da pena mais leve.

assistir a gurizada começando a se levantar e indo se servir-se do café do Seu José. Todos eram muito educados e tinham respeito pelo veterano. Ele já tinha visto muito guri abusado, que na rua achava que podia tudo, baixando a cabeça aqui dentro. Respeito era fundamental aqui dentro. Com os ânimos sempre à flor da pele, quem não aprendia a respeitar, não se criava. Se alguém se emocionasse<sup>33</sup> muito aqui, acabava com a paz dentro do sistema prisional. Ainda mais nessa cela, onde estavam aqueles que deveriam cobrar a disciplina dos demais. A falha deles era a falha de todos. Se aqui desandar, todo o resto ia junto.

Ele tinha que levantar. Não adiantava adiar. Tinha que fazê-lo logo. Ergueu-se lentamente, reacomodando os ossos de sua coluna à nova posição e estalando os ossos da cervical como era seu costume desde os 16 anos. Era fundamental manter seu pescoço saudável aqui, pois era ele que sustentava a cabeça. E ela precisava andar sempre erguida aqui. O mínimo vacilo era percebido por todos. Esticou os seus calcanhares e os dedos os pés, espreguiçou-se até sentir seus braços esticarem até quase tocar o teto. Precisava ser firme e disposto hoje. Cumprimentou a todos os irmãos que, respeitadamente, lhe saudaram de volta. Dirigiu-se a um caixote de feira, fixado a parede como um nicho e em meio a uma coleção de canecas muito peculiares – feitas de materiais diversos como latas de refrigerante, plástico, improvisadas em garrafas de plástico de 500ml, e as mais raras: vidros que antes continham de extrato de tomate ou requeijão. Escolheu a que lhe cabia e serviu-se de uma porção de café. Lembrou-se de uma “caneca” que tinha sido feita com um recipiente de desinfetante pois que o irmão em questão não tinha com o que beber. Passou um pouco de sabão e uma água morna para não danificar o recém criado utensílio e tomou seu café sem se preocupar. O rapaz já tinha ido embora, mas por muito tempo todos deixaram ali a sua criação. Talvez para lembrar como se viravam em situações-limites, talvez para lembrar que ali dentro as preocupações eram outras. Nada era como na rua.

Voltou sua atenção para o líquido quente que tinha em mãos e concentrou-se em não derrubá-lo até subir de volta à sua cama. Ele sentia falta de sentar-se na mesa posta por sua mãe, com cadeiras almofadadas, com capas coloridas, renovadas a cada ano, e uma toalha com cheiro de amaciante. A mesa nem sempre era farta, mas sempre era acolhedora. Contudo, naquele lugar não havia cadeiras – nem lugar para elas a não ser por uma ou duas que vinham quebradas

---

<sup>33</sup> Ser emocionado, nesse contexto, significa não ter controle das suas emoções e, portanto, ser instável e não confiável.

dos diversos setores que as desprezavam lá de cima. A cadeia já recebia apenas o refugio do mobiliário do Estado. Os presidiários, recebiam o refugio do refugio. Quando elas chegavam até ali não sei nem se podiam ser chamadas de cadeiras. Faltavam-lhe pedaços: de espuma, de tecido, um pé ou um braço. Pela convenção, pela semelhança ou pela esperança, ainda lhe chamavam de cadeiras. Com um pouco de trabalho e imaginação serviam-se para sentar, ou como pequenas mesas de apoio. Mas eram apenas um arremedo de cadeiras. Geralmente, era mais confortável sentar-se na cama. Contudo, nem todos tinham uma. Pensando no seu privilégio, acomodou-se o mais confortavelmente que pode na sua e colocou seu café na pequena prateleira que fez com restos de madeiras de pallets. Madeiras essas que havia com um rapaz da cozinha em troca de 10g de maconha. Ele sabia que poderia ter oferecido 5g, mas naquele dia ele estava de bom humor e é sempre bom ter boas relações na cozinha. Nunca se sabe quando vai precisar de um favor de lá. Na prateleira, havia uma caixinha que havia fabricado nos tempos que estava na AVH, pegou um baseado que havia deixado enrolado cuidadosamente na noite anterior para fumar quando acordasse. Acendeu-o e foi seguido por outros irmãos, como parte de seus rituais matinais. A fumaça foi se adensando e aos poucos foi sentindo que o cheiro do boi não estava mais tão insuportável, sendo substituído pelo odor adocicado da cannabis. Fumava e bebia alguns goles do seu café, enquanto planejava mentalmente o seu dia, hábito que adquiriu quando era gerente de várias bocas lá fora e que o ajudava ter ânimo para começar seu dia sem se estressar com ninguém.

Para reforçar a tranquilidade, havia herdado um hábito de sua mãe, que o fazia sentir-se conectado com ela: abrir a bíblia aleatoriamente e ler um trecho antes de começar seu dia. Suas folhas finas e suas letras minúsculas, protegidas por uma frágil capa de courino azul faziam sentir-se mais próximo de casa. As mensagens que lia nem sempre eram claras, mas traziam conforto e faziam ele sentir-se protegido dos males que ele não podia ver. Acreditava que o inimigo nem sempre era declarado. Tinha visto muita traição acontecendo em todos esses seus anos na facção, e era muito difícil perceber de onde estava vindo o golpe até ele estar muito perto. Ele mesmo havia sido vítima de uma emboscada no dia que caiu aqui. Levou dois tiros: um no pescoço e um no abdômen. Lembra-se da queimação dos projéteis atravessando a sua carne e de em seguida sentir uma dor insuportável. Se o atentado não tivesse acontecido em frente à sua casa, acredita que não teria sido socorrido. Sua mãe ouviu os tiros e saiu para conferir, pois havia acabado de lhe dizer que não saísse pois ela estava com um mal pressentimento. Ele acalmou a mãe e disse que ficaria tudo bem. Contudo, não ficou. Viu seu

filho caído no chão e uma moto saindo em alta velocidade pelas vielas tortuosas para perder-se de vista. Desesperada, correu até o filho e gritou para que a sua outra filha chamasse uma ambulância. Os vizinhos começaram a sair de suas casas para ver o que estava acontecendo e a se aglomerar ao redor de Nito ferido. A sua mãe, uma mulher idosa de pele negra e cabelos grisalhos em uma longa trança, ajeitada em um cuidadoso coque sustentado por grampos tentava em vão estancar o sangue que insistia em fugir do seu corpo ao mesmo tempo que rezava em voz alto pedindo a Deus que desse mais uma chance para seu filho.

A SAMU levaria vinte minutos para chegar até o local. A polícia apareceu em dez. Não deu outra, a polícia o identificou graças a uma FEM<sup>34</sup> aproximou-se da irmã de Nito, Clara, que em choque e deu seu nome verdadeiro e não o que ele vinha usando para driblar a Brigada a algum tempo. A brigadiana chegou de mansinho nela, ofereceu água e disse para ela se sentar um pouco na calçada. Que ia ficar bem, que ela só precisava do nome completo do irmão para agilizar o socorro, pois eles também iam ligar para a SAMU pedindo prioridade. Assim ele foi identificado e indiciado por uma série de crimes, incluindo formação de quadrilha, tráfico de drogas, assalto a mão armada e latrocínio. Alguns daqueles crimes, ele não tinha cometido, mesmo assim foi responsabilizado. Não importavam as provas. Lembra-se de tentar protestar enquanto ouvia os brigadianos falar que ele era vagabundo, que o hospital ia largar ele no canto e deixar morrer. Sua mãe firme, parecia não ouvir as provocações e continuava a pedir ao Senhor pela vida do filho<sup>35</sup>. Quando chegaram os paramédicos, sua mãe e um policial foram com ele na ambulância. Depois disso só se lembra de acordar algemado no hospital, com sua mãe ao seu lado e a escolta na sua porta. Uma médica entrou na sala de recuperação e disse:

- Deve ter sido obra divina que, por poucos milímetros, não foram atingidas nenhuma artéria importante ou um órgão vital.

Isso foi suficiente para a mãe dizer que foi um milagre. Deus tinha dado uma segunda oportunidade para o seu filho seguir o caminho da retidão e do trabalho. Ele prometeu que seguiria. E não se sente descumpridor dessa promessa. Desde que saiu daquele quarto de hospital para entrar em um camburão e vir para esse lugar, ele tinha seguido a Palavra. Lia todas as manhãs a bíblia e tentava obter sabedoria com ela, preparando-se para realizar o seu trabalho

---

<sup>34</sup> Essa é a expressão utilizada para se referir a mulher brigadiana ou policial militar feminina dentro da própria Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

<sup>35</sup> Em referência à música Rezadeira do rapper Projota (2014), que pode ser escutada nesse link: <<https://www.youtube.com/watch?v=LYDESzZeeT4>>.

de acordo com os preceitos de Deus. Contudo, tinha algo que ele não conseguia deixar para trás: ele ainda queria encontrar aquele que era fingia ser seu amigo, mas tentou matá-lo. Já tinha colocado vários aliados lá fora para encontrar o X9. Porém, o cara parecia ter se escafedido, virado pó. Ninguém sabia dele. Nutria a esperança de que um dia ele caísse no sistema... “daí não tem ruim”, dizia. Sua mãe dizia que ele devia pedir perdão a Deus por esse sentimento, mas ele não conseguia. Dizia que só conseguiria entregar a sua vida para o Senhor quando resolvesse essa pendência de seu passado. Ele acordava todos os dias pensando nisso.

Sentiu seu estômago gelar, seu coração acelerou, sentiu uma pontada na nuca. Seus pelos do pescoço ficaram arrepiados como se tivesse passado uma corrente de ar naquele lugar úmido e abafado. Deu-se conta que poderia ser um mau presságio, mas rapidamente substituiu esse pensamento pela percepção de que talvez estivesse noiado pela má qualidade da maconha que estava fumando. Contraindo os olhos e tentou afastar os pensamentos ruins, lembrando-se do que tinha para fazer hoje e pensando que a hora de acertar as contas um dia ia chegar. Mesmo assim decide ficar esperto. O seu dia ia ser longo e era preciso manter a calma na cadeia.

## 7 A INTRIGA

Nito sai da sua cela e avista um corredor longo, estreitado devido aos colchões e cobertores empilhados nas suas laterais. Com a superlotação, não há mais espaço dentro das celas e muitos dos irmãos tem que dormir na praia<sup>36</sup>, como se diz por aqui. A facção já tinha conseguido duas galerias, mas não era suficiente. Entre as pilhas de espuma, via-se pequenos facho de luz vindo das portas abertas das celas em que havia janelas. Delas saiam um amontoado de gente começava seu dia, movendo-se agitado, arrumando seus pertences, cumprimentando os demais, esfregando os olhos para afastar o sono.

Hoje era dia de faxina, pois amanhã tem visita. Era importante criar ilusões confortáveis para tornar suportável a presença das famílias lá dentro. Dia em que se contam mentiras para alegrar, sorri-se para esquecer, sonha-se para continuar vivendo. Mas as lágrimas saudade e de despedida, via de regra, são reais. Era preciso fingir um pouco mais. Por isso, todos realizavam os preparativos para esse dia. Alguns cuidavam da faxina. Outros, os chefes, mantinham todos focados na atividade para que tudo corresse bem.

---

<sup>36</sup> Significa dormir no chão, principalmente no corredor entre as celas, devido a superlotação.

Nito aguardava a visita da sua mãe nessa semana. Dona Marisa insistia em trazer comida feita em casa para ele: bolo de fubá, lasanha, salada de maionese. Tudo ajeitado em cuidadosos potes plásticos. Mais um pedacinho de casa. Entretanto, Nito gostava muito da visita por mais um motivo: era o dia em que as dívidas eram acertadas. Depois de enxugar as lágrimas na partida dos familiares, era a hora de acertar débitos feitos naquele período, anotados e conferidos por Nito um dia antes. As mães, esposas, irmã e avós traziam além de comida e artigos de higiene para a sobrevivência ali dentro dos seus entes queridos, também chegavam com dinheiro, insumos para as firmas a preço mais baixo que a cantina e outros produtos para serem vendidos ali dentro. Então, hoje todos iriam procurá-lo para saber o quanto tinham para acertar amanhã.

Algumas dívidas eram pagas diretamente aos comerciantes das firmas que ele financiava, que por sua vez, acertavam o total com eles. E ele também, tinha a sua parte para acertar com os seus superiores, que cobravam a sua parte por apoiar o negócio e mantinham um fundo de auxílio aos integrantes da facção, que poderia ser usado para alimentação, suporte jurídico e ajuda aos familiares necessitados. Portanto, amanhã, depois da partida da sua mãe, ele iria contar cédulas de dinheiro boa parte do dia, o que havia se tornado um dos momentos mais prazerosos ali dentro pra ele. Além disso, Nito gostava dessa expectativa do dia anterior. O cheiro da cadeia se tornava um pouco menos desagradável por aqui: suor, umidade, café, maconha e o início da fritura das firmas de pastéis feitos na hora. O aroma do óleo quente se aproximando despertava o apetite. Ele se aproxima de David que já lhe espera com seu pastel de queijo com orégano na mão: “Prontinho, chefe!”. Mais um ritual matutino completado.

Ele apoiava David na manutenção da sua firma, facilitando a passagem de ingredientes pelas visitas e vendendo os produtos necessários que não passavam pela porta através da cantina. Também já emprestou quando David precisou para expandir seus negócios duas vezes. Uma para aumentar a sua produção. A outra para testar um novo sabor: pastel de queijo com goiabada. Como diriam lá fora, ele é um cara com visão e aposta nos empreendimentos locais. Ele sabe no que investir e no que não vale a pena, sabe para quem pode emprestar dinheiro e para quem não pode. Evita se incomodar com caloteiros, por isso, não faz empréstimos para quem ele não considera bom pagador. Na sua concepção, os pedreiros<sup>37</sup> e os guris emocionados demais não são confiáveis. Ele costuma buscar referência das pessoas antes de investir nela:

---

<sup>37</sup> Usuário de crack (pedra).



analisa o histórico na facção e coleta dados com as pessoas mais próximas. Se ele decidir que a pessoa tem condições de pagar, coloca as suas regras: pagamento em dia e juros de 25% sobre o valor total. Não faz parcelas faz mais que 5 parcelas, pois nunca se sabe quando os caras vão sair pra rua. E se saírem e não pagar, podem ter certeza que alguém vai aparecer para cobrar. Ele tem larga experiência com cobrança e é muito habilidoso com finanças, apesar de não ter nenhuma faculdade ou carteira assinada. Os números sempre fizeram sentido pra ele. Foi assim que o seu padrinho<sup>38</sup> viu que ele podia crescer na organização.

Na rua, na ocasião da sua prisão, ele já era o responsável pela lavagem de dinheiro de boa parte da facção e tinha vários estabelecimentos comerciais “limpos” que se prestavam para esse fim. Ele escolhia seus laranjas entre as pessoas da quebrada e sempre dava a real para elas. Não gostava de mentiras. Se a pessoa quisesse aceitar, ganharia um bom dinheiro, se não, ele escolhia outra e vida que seguia. Sem ressentimentos. Era só manter a boca fechada e tudo ia ficar certo entre eles. Geralmente, escolhia pessoas que não tivessem envolvimento prévio com o crime, mães e pais de família que estivessem precisando de apoio financeiro. Na sua opinião, a gurizada só fazia merda em questão de negócios. Davam bandeira, não eram discretos e ainda tentavam roubar dele, desviando dinheiro dos seus caixas. Ele tinha uma intuição muito apurada em relação a isso.

Ele era considerado uma pessoa muito eficiente no que fazia. Não perdia o seu dinheiro e, principalmente, não perdia o dinheiro da organização. Ele sabia o risco que isso significava. Houve apenas duas vezes em que ele falhou em seu julgamento. A primeira foi quando um cara deu uma de esperto pra cima dele. Pegando o dinheiro emprestado para abrir uma loja de som automotivo e acabou fugindo para outro estado, sem abrir o negócio. A facção mandou ele cobrar<sup>39</sup>, e a cobrança seria pesada. Ele deveria fazer o cara de exemplo. Ele não comenta o que aconteceu, mas muitos a sua volta ficaram surpresos com a forma como ele agiu contra o devedor, pois no seu dia a dia, Nito era um cara tranquilo, emocionalmente estável. A partir do ocorrido, ninguém mais duvidava dele. Todos o respeitavam. A outra, foi com Carlão, o tal traíra que tentou lhe assassinar. Não entendia como havia sido traído bem debaixo de seus olhos. Isso ainda lhe pesava muito, este tinha sido um dos caras em que mais confiou, que havia sido seu braço direito. Ele o ajudou a sair do nada, de uma situação de miséria porque viu que ele

---

<sup>38</sup> Mentor na facção. Responsável pelos primeiros passos do iniciado e por ensinar as regras.

<sup>39</sup> Cobrança, geralmente, significa matar os devedores ou inimigos.

era bom. Colocou várias operações na mão dele e Carlão cresceu o olho. A única explicação para ele querer assassiná-lo era ficar no lugar dele. Por isso, vivia com a esperança de vingarse. Ele havia falhado consigo mesmo e não admitia isso.

Começou a vir na sua direção, a passos largos, Betinho, um rapaz negro, magérrimo, que tinha 27 anos, mas que devido a sua estrutura física parecia ter menos. Ele tinha as pernas arqueadas pelo futebol. Considerava Betinho um cara responsa, por isso era ele que cuidava das chaves da galeria. Chega até ele e diz apressado:

- Ninguém vai sair hoje. O brigadiano chegou ali às 7h da manhã, com cara de poucos amigos e disse que ninguém ia sair da galeria, a não ser que tivesse com audiência marcada.

Sentiu o sangue latejar nas têmporas e a raiva tomar conta do seu corpo com a notícia. À sua volta, os homens que ouviram a mensagem desligaram as torneiras que enchiam os baldes que começariam a faxina para poder apurar os ouvidos. Todo o movimento matutino começou a silenciar. Todos ficaram muito quietos. Não fazia uma semana que ele havia feito um acordo de paz com os inimigos em troca da Administração autorizar as consultas que estavam pendentes no Ambulatório<sup>40</sup>. Atualmente, o caso mais grave que tinha entre os seus era do Seus Oséias, um senhorzinho que estava pela hora da morte há um mês, sem o seu remédio para o coração. Abandonado pela família, o velho não tinha mais quem pudesse lhe trazer os medicamentos controlados de fora e estava apresentando falta de ar e uma fadiga muito forte nos últimos dias. Já fazia uns três dias que ele ficava só deitado, pois cansava até de ir no boi. Tinha uns irmãos apoiando ele, improvisando comadres e revezando-se na vigília. Tentavam até dar comida na boca, mas o velho não deixava, ele queria fazer as coisas dele, do jeito dele. E além do mais, não estava mais ao alcance dos irmãos fazer algo, pois ele precisava era de médico. Sua boca e seus dedos já estavam ficando arroxeados de não respirar direito. Para Nito, não tinha visão mais triste do que aquela. Um dia, um brigadiano disse no portão da galeria:

- Ah, mas vocês sabem o que esse velho fez aí? Sabem por que a família não quer mais saber dele?

O policial tinha se dado ao trabalho de pesquisar qual o crime que o velho cometeu há

---

<sup>40</sup> Todos chamam a Unidade Básica de Saúde Prisional de Ambulatório dentro na CPPA. Me parece que o tal “Ambulatório” vem ocupar um lugar no imaginário das pessoas que trabalham e cumprem suas penas lá dentro, do antigo Hospital Prisional que existia nos anos 90. O local não lembra em nada um “posto de saúde”, mas sim um minúsculo Hospital Geral ou até mesmo uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) já que precisa resolver todas as demandas que surgem, mesmo sem ter recursos para tal.

20 anos para dizer que ele deveria morrer. Nito nem quis saber quando vieram contar a história, verdade ou não, não importava mais. Seu Oséias era considerado pela bandidagem. Havia sido um dos integrantes do bando do Melara que orquestrou a fuga em 1994. Foi ele quem calçou o agente que ficava à porta da galeria, enquanto um dos seus comparsas fez de reféns as estagiárias de psicologia da época. Dizem que elas acabaram ajudando na fuga dos amotinados. Se não fosse a iniciativa e a coragem dele, nunca ninguém teria saído do Casarão em grande estilo, conseguindo carro e imprensa na porta. Eles ainda invadiram o hotel mais caro da cidade na época e fizeram reféns um bando de médicos que estavam lá para um congresso.

- Quem dera pudéssemos sequestrar uns agora - pensou Nito quando lembrou dessa história.

A façanha era suficiente para redimir seus pecados aos olhos dos irmãos. Ninguém queria saber por qual motivo havia sido originalmente preso. “Se o PCC, que é o PCC guardou seus segredos por tanto tempo, porque não nós<sup>41</sup>” - alguns diziam em defesa de Seu Oséias. Mas é claro, a Brigada queria a caveira dele e nunca o perdoaram. Como a massa carcerária não tomou uma atitude, eles tentaram fazer justiça com as próprias mãos várias vezes. Não foi nem uma, nem duas tentativas de assassinato contra o velho orquestradas pelos carcereiros. Ao que parecia, ele tinha o “corpo fechado”. Uma vez, decidiram que iriam espancá-lo até a morte em uma cela afastada a que todos chamam de castigo. Quando os guardas de plantão estavam agredindo Seu Oséias com seus cacetetes, ouviram um barulho estranho do lado de fora. Um deles foi conferir, enquanto os outros aguardavam apreensivos, pensando que poderia ser alguma vistoria sem aviso do Judiciário. Instantes depois que o policial saiu ouviram uma explosão. O estrondo ecoou por todo o pavilhão e os apenados começaram a gritar. Os policiais saíram e viram uma garrafa de plástico estava toda retorcida pelo fogo e havia um cheiro forte de gasolina, destroços de madeira, tijolos e pregos estavam por todo lado e o colega deles estava desmaiado a poucos metros, sem sinais de ter sido atingido pelo coquetel *molotov* improvisado.

Assustados, soltaram seu Oseias e levaram quase morto de volta à sua cela, atirando-o contra o chão rapidamente. Ficaram com medo de que outros presos pudessem estar soltos e estivessem organizando mais uma rebelião. A memória da última não seria esquecida facilmente. Contudo, não apareceu ninguém. Nem do lado dos presos, nem do poder público.

---

<sup>41</sup> Um dos fundadores do Primeiro Comando da Capital (PCC), Geleirão, era acusado de estupro. Isso foi ocultado pelas lideranças, muitos anos, da massa carcerária (JOZINO, 2017).

Não apareceu ninguém de lado nenhum. A história nunca foi bem explicada. O brigadiano que foi encontrado caído disse que um vulto negro em vestes vermelhas se lançou contra ele acertando-o com um bastão na cabeça e ele ficou desacordado. Os seus colegas acusaram-no de ter criado uma história para boi dormir, para não admitir que tinha desmaiado de susto com a explosão, mas ele convicto dizia:

- Aquele velho é batuqueiro! Ele mandou o demônio atrás de mim!

A história se espalhou rapidamente pela cadeia e todos ficaram impressionados com o que aconteceu conferindo poderes sobrenaturais a Seu Oséias, que era batizado na nação Jejê-Ijexá<sup>42</sup> e foi entregue ao orixá Bará quando tinha 7 anos de idade. Ele é filho de sangue e de santo de uma das mais antigas yalorixás de Porto Alegre, a falecida Mãe Isabel de Oxum. Na época, a religião neopentecostal não tinha conquistado tanto território ainda e o batuque era muito respeitado e temido dentro do sistema prisional. Por isso, a maioria dos brigadianos tornou-se mais cuidadoso depois dessa ocorrência. Com o passar dos anos, a história da rebelião de 1994 era recontada e os recrutas voltavam a atentar contra a vida do velho.

Ele sobreviveu a todas elas e com histórias fantásticas são contadas sobre os motivos dele não ter sido apagado dessa existência ainda. Essas histórias também persistiam e em certo momento, os seus perseguidores desistiram. Sem poder atingi-lo fisicamente, espalharam boatos para desqualificá-lo: diziam que tinha estuprado uma mulher na Lomba do Pinheiro, outros diziam que era uma menina de 12 anos, até mesmo que tinha sido a própria filha dele. Porém, entre a massa carcerária, o mito em torno de Seus Oseias persistia. A história do vulto era a mais contada, mas também havia versões em que a Brigada tinha raiva dele porque roubado a mulher de um policial. Também diziam que ele era um excelente lutador de artes marciais e saía na mão com qualquer um e até mesmo com grupos - no estilo Bruce Lee! Mais recentemente, contava-se que ele teria sido um notório assaltante de bancos, especialista em fazer reféns, e que por isso Melara o escolheu para participar da sua fuga.

Seu Oséias nunca confirmava, nem desmentia qualquer versão. O silêncio era a sua estratégia de sobrevivência. Ou então, havia ficado mudo devido aos traumas físicos e psicológicos que sofreu em tantos anos de violência na cadeia. Não se sabia ao certo. A única coisa que se podia observar era o seu rosto, cada vez mais marcado de rugas, na sua expressão adquirida ao longo do tempo de não denunciar nada. Apertava levemente os olhos e o nariz, sua

---

<sup>42</sup> Uma das principais linhas cultuadas no Batuque do Rio Grande do Sul, juntamente com a nação Cabinda e Oyó.

boca ficava cheia de sulcos finos, expressão com a qual parecia pensativo. Todos ficavam quietos aguardando uma palavra. Mas ela nunca vinha. Nem se sabia mais ao certo, se ele algum dia tinha sido mesmo do bando do Melara, ou se alguém algum dia tinha sugerido isso para ele e adivinhou em uma de suas expressões enigmáticas, que ao mesmo tempo não diziam dizia, mas diziam tudo. Alguns desconfiavam que o verdadeiro Oseias já havia morrido e que esse era um impostor que havia tomado seu lugar de respeito na cadeia. Seu Oséias havia mudado muito com o tempo, nem se podia mais reconhecê-lo pelo porta-retrato enegrecido pelo acúmulo de mofo onde estava a uma foto preto e branco, supostamente, do velho na sua mocidade, acompanhado de seu pai. A única coisa em comum com a imagem e o corpo que ali habitava era a pesada guia de contas de porcelana gastas pelo tempo, que na lembrança carregava no seu pescoço, mas que agora era segurada firmemente em suas mãos em devoção ao orixá Bará.

Morrendo por falta de socorro médico, enquanto a Brigada não desistia, mesmo após gerações, de colocar a bandidagem contra ele, fazendo o que eles não conseguiram fazer: matar o velho, ou pelo menos, deixá-lo morrer. Deixar o destino se encarregar do extermínio do Seu Oséias. Nito não estava disposto a permitir isso. Ele tinha um apreço especial pelo velho e nem sabia explicar o motivo. Sua pele parda, avermelhada, cabelos grisalhos raros, sinais que mais pareciam verrugas negras por todo o corpo e as sobrancelhas caídas por onde despontavam seus olhos pequenos e muito pretos, davam um ar de um velho sábio, um desses que se pode encontrar em qualquer esquina da periferia apreciando o movimento das ruas. Nito sabia da importância daquele homem ali para os mais jovens. Ele representava que era possível envelhecer, era possível ter esperança, mesmo que estivesse trancafiado naquele lugar.

Além disso, a cadeia que Seu Oséias enfrentou era bem diferente daquela que estavam todos agora. Não havia leis, nem estatutos que buscassem garantir o mínimo de ordem e dignidade para os presos. A mortalidade era alta pois se deixava vagabundo morrer que nem mosca. Ninguém estava nem aí para aquelas vidas. Porém, aquele velho era a prova de que é possível sobreviver e ir aprendendo modos de mudar as regras do jogo. A organização da massa carcerária em defesa dos seus direitos tornou possível organizar a vida dentro das grades. A responsabilidade do portão da galeria para dentro era dos próprios apenados. Isso não foi pacificamente construído. Alguns temiam o nome da facção e outros usavam-no com orgulho. Certamente, não passava um dia em que seu nome não fosse citado nos jornais, noticiários e redes sociais por suas ações e violência. Por isso, a Administração não via outra estratégia senão

negociar com eles, pois sabiam do poder e da influência que haviam conquistado ao longo dos anos. E uma coisa que a facção não admitia mais era esse tipo de abuso com os seus sem que houvesse graves consequências para os envolvidos. Portanto, o velho era também uma recordação de dias piores e de como com a união dos irmãos conseguiu conquistar uma vida mais justa e digna. Nito sabia que assim como Seu Oséias, ele também era o bastião dos homens que ali estavam. Precisava lutar pela vida dele, pois os jovens podiam olhar para o velho e pensar: “se ele sobreviveu, nós também conseguiremos”. Trazia sensação de permanência, de continuidade, que dava coragem para focar na missão. Vê-lo sentado sozinho na sua cela, enrolando seu palheiro com seus dedos nodosos, era um alívio. Se ele morresse, um vazio enorme ia se instaurar.

Por isso, Nito resolveu tomar uma atitude. Começou a levantar as informações com a gurizada para saber se alguém tinha alguma ideia do que estava acontecendo para traçar seu plano. Uns irmãos que estava perto do portão disseram:

- Os porco<sup>43</sup> não falaram nada. Só disseram isso aí que o plantão<sup>44</sup> disse. Daí a gente foi dar um confere com os jalecos. Os jalecos disseram que tem força<sup>45</sup> de primário passando mal lá embaixo por causa da firma de xis de um tal de Carlão...

Nito sentiu seu estômago gelar novamente com a menção desse nome. Pensou que só podia ser coincidência. Sem que ninguém percebesse, ele acalmou-se para continuar ouvindo a história:

- Disseram que essa semana foram uns quantos pra enfermaria, todos com diarreia por causa do xis do cara. Daí tu imagina como ficou situação lá...  
- E o que a gente tem a ver com isso? Betinho perguntou.  
- Então, não tenho certeza, mas tão dizendo que podem suspender as firmas tudo e até que a Brigada vai tomar as cantinas.

Nito era dono de duas cantinas dentro do pavilhão e apoiava, pelo menos, mais quatro firmas de comida dentro da 2ª e 3ª do F<sup>46</sup>, somando a firma do tráfico, era uma boa rentabilidade. Ele acreditava na importância das firmas de comida para melhorar a convivência na prisão, pois segurar a bandidagem na falta de alimentação decente é uma das coisas mais fundamentais para

---

<sup>43</sup> Gíria pejorativa para se referir a Brigada Militar.

<sup>44</sup> Principal mensageiro da facção com a Brigada Militar.

<sup>45</sup> Gíria para denotar muita quantidade

<sup>46</sup> Galerias do pavilhão F gerenciadas pela facção “Bala na Cara”.

manter a paz e o mínimo de dignidade. Além disso, os donos das firmas eram os pagadores mais fiéis. Ninguém ficava devendo o suficiente a ponto de não poder pagar e ter que trocar por favores. O que não era aconselhável, pois o preço a se pagar bem mais alto que dinheiro. Geralmente, só os pedreiros chegavam a esse ponto, pois só um cara atirado nas drogas se submetia a assumir bronca de celular, arma e droga dos outros. Não tinham nada mais pra perder<sup>47</sup>. Para os mais considerados e que ele sentia firmeza, fazia uma espécie de nota promissória: podiam pagar quando saíssem. Mas daí era do jeito dele. O devedor teria que fazer os *corres*<sup>48</sup> para apoiar a facção: desde apoiar a família dos outros presos lá fora, até fazer as *fitas*<sup>49</sup> que forem designadas. Nito considerava isso uma espécie de investimento no futuro e, também, acreditava que era que essa oportunidade era muito mais útil o de muita assistente social lá dentro.

Dessa forma, uma coisa que se aprende muito rapidamente na cadeia é que não se mexe em direito que o preso já adquiriu, senão a **treita** pode tomar proporções inimagináveis. Nito ficou calado um tempo, pensando nisso tudo e por fim disse:

- Seguinte, Betinho. Segura a onda aqui que eu vou lá dar **um salve** pros meus **bruxos** que tão nos Primários pra saber desses papos aí. Depois a gente se fala.

Se levantou e dirigiu de volta para sua cela para fazer as ligações. À medida que ele ia se afastando do portão, a agitação e as vozes indistintas iam dando lugar ao silêncio. Notícia corre rápido na cadeia. Vários irmãos o olharam com curiosidade, mas ninguém perguntou nada. Uma sensação estranha de medo novamente atingiu a boca do seu estômago. A paranoia insistia em voltar. Ele sentia que poderia perder o controle da situação. Percebeu que estava suando, um suor frio e repentino que lhe descia em gotas espessas pela coluna. Ele se esforçava para disfarçar todo esse turbilhão de sentimentos mantendo a sua postura ereta e a cara fechada. Havia aprendido com um amigo mais velho, no tempo de guri, que as expressões faciais aproximavam ou afastavam pessoas. Sorrir ou ter cara de bobo fazia com que as pessoas se aproveitassem de você. Era preciso andar com cara de quem estava sempre pronto para a briga.

---

<sup>47</sup> Esse posicionamento não reflete a opinião da autora. Dentro do crime organizado e das prisões há uma visão muito moralista dos usuários de crack, pois são vistos como alguém que se perdeu, que não tem mais regras e que não respeita mais nada. Nessa perspectiva, eles devem ser constantemente disciplinados e alvos de desconfiança, incluídos em uma categoria de sub-humanos.

<sup>48</sup> Corre ou correria pode ter vários significados em diferentes contextos, mas nesse, especificamente, significa fazer os trabalhos relacionados à facção.

<sup>49</sup> Como a nota anterior, também é carregada de polissemia, e nesse caso, significa cometer crimes como roubo, tráfico ou qualquer outro que seja necessário para algum empreendimento da facção.

Sério, agressivo. Estratégia que havia aprendido desde muito cedo, pois quando criança gostava de andar pelas ruas além do morro em que havia nascido, encantado com todo aquele movimento, com as lojas cheias de gente e com os carros circulando ao comando das luzes do semáforo. Lembra-se de ter comprovado a eficácia da sua técnica quando começou a observar um grupo de playboyzinhos em uma praça andando de skate. Eles o olhavam de cima a baixo, analisando suas vestes, desprezando-o por sua cor da pele. Ficavam pelos cantos rindo e encontrando novas formas de humilhá-lo. Um dia, decidiu se esconder em uma rua próxima ao local e esperou um deles ir tomar o caminho de casa sozinho. Seguiu-o, vestiu sua melhor expressão-máscara de mau e encarou o garoto. Ele ficou pálido e se afastou a passos largos, com medo. A partir desse dia, ele e seus amigos passaram a ir embora da praça quando lhe viam. Assim, fez muitos outros riquinhos atravessarem a rua ao longo da sua vida. Causar medo era sua arma mais eficiente até os dias de hoje<sup>50</sup>. Contudo, isso não fez com que ele não sentisse mais medo. O medo sempre foi um bom amigo, daqueles que dá o toque quando as coisas podem dar errado.

Isso o trouxe a mente novamente o nome que havia escutado: Carlão. Não acreditava que podia ser o mesmo. Era o nome do seu inimigo. Pensou: “Será que aquele X9 do caralho tá nos Primários?” É possível, ele nunca havia sido preso e, como traíra, não seria fácil de se filiar a outra facção. A história tinha chegado a todos na cidade. Se fosse ele, não ia durar. Ninguém quer um rato desses na sua família. Até hoje, se sentia burro por ter acolhido esse cara na organização. Agora, sentia que era sua missão pessoal limpar toda a merda que ele havia feito. Tinha que arrumar um jeito de descobrir mais sobre o tal Carlão sem dar bandeira. Ele não queria dividir seu receio com seus companheiros, pois não queria mais ninguém envolvido. Portanto, fingiria interesse simplesmente em saber sobre a firma de xis.

Alcançou a porta da sua cela, feita de uma chapa de ferro muito grossa, mas que enferrujada, rangia e parecia mais frágil do que nunca. Atravessou-a dando ordens para todos os presentes: entrem em contato com os Primários, mas sem alertar os gansos<sup>51</sup>. Ou seja, deveria parecer uma ligação de rotina para saber como estão as coisas, sem falar do que estava acontecendo lá em cima para que não caísse na escuta. Deviam ligar para as outras galerias também e para pessoas de fora da cadeia usando códigos específicos para a situação de alerta.

---

<sup>50</sup> Assim como traz Jean Genet (2016) no seu texto sobre a Criança Criminosa.

<sup>51</sup> Expressão regional que significa “sem alarde”, “sem chamar atenção”.



Palavras comuns que pronunciadas emitiam um alarme que só os iniciados eram capazes de ouvir. E nas pontas dos celulares havia bocas e ouvidos treinados para fazer essa comunicação. Do outro lado, nas escutas realizadas pelos órgãos da segurança pública, havia um esforço homérico para desvendar os pequenos deslizos que poderiam acontecer e revelar uma pista de significado. Quando o aparelho telefone era discado e começava a transmitir o seu sinal se iniciava um campo de batalha invisível dos dois lados. Era preciso tentar conseguir o maior número de informações, sem dar vestígios delas. Cada ligação, o tempo entre elas, as pessoas de cada lado da linha. Nada podia dar errado. Portanto, isso poderia levar horas. Era um trabalho delicado, por isso Nito não pediu para qualquer um, pediu para seus homens de confiança.

No fim da manhã, todas as ligações estavam concluídas e como especialistas nesses enigmas, os técnicos se reuniram para compreender os dados coletados. Mesmo após uma análise minuciosa e exaustiva, as histórias não pareciam fazer sentido e foram ficando cada vez mais desconstruídas. Os informantes eram um jaleco que trabalhava nos Primários, um técnico em enfermagem do ambulatório, um brigadiano que estava no bolso do Nito, uma agente da revista que recebia arrego e diversos contatos dos arredores da prisão: o atendente do bar onde os policiais militares iam depois do trabalho, o dono de um dos mercadinhos em frente que sabia de todos os movimentos e a prima de um dos irmãos da facção. Eles passaram vários pontos de vista diferentes e nada ficou esclarecido. Pior, que isso. Só deixou tudo mais confuso. O jaleco dos primários disse:

- Não tô sabendo de nenhum Carlão em firma de xis. O que eu sei é que o plantão do Manos<sup>52</sup> se desentendeu com a Brigada por causa do cunhado dele que foi esculachado. E que eles vão revidar.

O Brigadiano, “amigo” do Nito disse:

- Não tá acontecendo nada que eu saiba não. O ambulatório tá lotado e tá faltando médico. É só isso.

A agente disse que viu um movimento estranho de um volume grande de policiais militares entrando no presídio:

- Não consegui saber de muita coisa. Eles entraram cedinho e até agora não saíram. Mas vou investigar e retorno pra vocês aí.

---

<sup>52</sup> Facções que se formou após disputas internas na Falange Gaúcha – primeira facção do estado – e que era vista como uma aliada na gestão penitenciária pela Brigada Militar, uma vez que organizava a massa carcerária (CIPRI-ANI, 2016).

O dono do bar disse que os brigadianos andaram reclamando muito nos últimos dias, principalmente do controle das facções pra dentro da galeria, mas que não era isso que mais o surpreendia:

- Deles reclamarem que são babás de vagabundos eu já tô cheio. O estranho que é que uns dias pra cá, eles andavam ficando muito quietos.

Os policiais estavam estranhamente silenciosos. De acordo com esse informante, eles costumavam ficar se vangloriando de suas conquistas amorosas e de bandidos que tinham prendido. Porém, estavam falando menos em trabalho e mais em questões aleatórias, como se estivessem guardando algum segredo. Ele não sabia explicar ao certo o que lhe dava essa impressão, mas estava receoso:

- Fiquei até com medo de sobrar pra mim porque eles pareciam desconfiados. Olhando para todo mundo de maneira diferente. Faz o seguinte: não liga mais pra mim essa semana. Eu te ligo se der alguma coisa. Vamos esperar a poeira baixar.

Não foram de muita utilidade nem a prima e nem o técnico em enfermagem, pois os dois eram amantes e tinham saído de férias. Estavam descansando na Lagoa do Bacupari, longe dos olhos de todos. Já os irmãos que estavam na rua se comprometeram a investigar. Iam mexer até debaixo das pedras pra saber o que estava acontecendo. Nito só sentia aumentar a sensação de terror e de que essa história estava muito mal contada. Isso aumenta a percepção dele que tinha algo errado. Cansado de debater sobre as diferentes versões, resolveu voltar até o portão para saber como estavam as coisas. Chegou até o plantão e falou:

- Seguinte, Beto, cada um tá contando uma coisa aqui. Temos que desenrolar isso aí. Preciso fazer uma coisa importante. Não deixa ninguém vir me perturbar se não for urgente.

Entrou na cela do plantão, ambiente mais vazio que encontrou naquele momento. Pegou seu celular, abriu a agenda e procurou o nome do primeiro homem com quem ele tinha que falar: o seu chefe. O patrão estava preso em outro estado, em uma penitenciária de segurança máxima, mesmo assim, conseguia algumas regalias com os agentes. Poucas pessoas tinham contato direto com ele. Ele era um dos poucos que tinha essa confiança. O patrão disse que coisas grandes estavam para acontecer e passou-lhe algumas instruções que pareceram vagas para ele no momento. Acatou, não contestou. Desligou o telefone e como orientado, ligou pessoalmente para cada um dos chefes de galeria, invocando o código maior da bandidagem: contra polícia, todos unidos. Podia não ser nada. Podia ser um alarme falso. Ele nem queria se

envolver no que estava por vir. Ele gostava mesmo era de lidar com dinheiro: ganhar, distribuir, gastar, fazer render mais. Se rolasse uma rebelião, ele ia ter que fazer o que não gosta de fazer, ser uma pessoa que não gosta de ser. Aqueles caras ali dependiam dele. O patrão confiava nele.

Suando frio, ele botou a mão no bolso de sua calça jeans e tirou um saquinho plástico, um cartão e uma nota de 50 reais. Pegou um pequeno pedaço de espelho que Betinho tinha cuidadosamente guardado na fronha - local que havia sido confidenciado semanas antes. Ele derrubou um pouco do pó branco e com o cartão fez com destreza duas carreiras bem finas. Cheirou uma e depois a outra. Uma para cada narina. Sentiu seu nariz arder, sensação que aprendeu a apreciar com o passar dos anos. O efeito que ele esperava custou a aparecer e foi-se muito rapidamente, mesmo fazendo bastante tempo que não usava. Preparou mais duas carreiras, agora mais generosas. Queria manter-se esperto e pronto para ação. Ia defender o que tinha conquistado até agora, mesmo que isso custasse a sua vida. Não ia retroceder a essa altura. Tudo que fizera para chegar aqui tinha que valer a pena. Meditou sobre uma passagem da bíblia que leu hoje pela manhã em Tessalonicenses, capítulo 4, versículo 10: “Esforcem-se para ter uma vida tranquila, cuidar dos seus próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, como nós os instruímos; a fim de que andem decentemente aos olhos dos que são de fora e não dependam de ninguém”. Sentiu-se grande, poderoso. Capaz de cumprir a sua missão. Custe o que custar.

### 5.3 A ÚLTIMA RONDA

A essa altura, cadeia toda estava agitada. Todos falavam baixo, não se ouviam mais risos e a maioria estava recolhida nas suas celas – o lugar mais seguro se estourasse algum desentendimento. Procuravam ficar entre os seus, quietos, não conseguiam mais se concentrar nas suas tarefas, pois tinham dentro de si acionado um estado de pânico que não seria desligado facilmente. Eram como animais acuados que sabiam instintivamente mapear os sinais do ambiente para não serem pegos desprevenidos. A paranoia pode te salvar aqui, mas também pode te colocar em risco de morte. Mas essa é outra história.

Betinho, como plantão, tem, entre suas funções, realizar a comunicação entre os presos e a Brigada. Não que não houvesse outros meios, mas esse era o mais formal. Ele estava sentado perto do portão da galeria, à espreita, esperando um recado, um gesto, qualquer coisa que diga que havia perigo. Um brigadiano passa de vez em quando fazendo a sua ronda. Ele é da nova

leva de recém-nomeados. A sua farda fede à nova e parece que foi costurada sob medida para ele. Coturnos nem lustrados. Cabelos bem cortados. Anda orgulhoso com o poder recém empossado da sua sub-metralhadora gringa. Também carrega uma pistola no coldre da cintura e exhibe-a sempre que pode. Limpa, escandalosamente limpa. Como se passasse suas horas vagas realizando o seu asseio. Alguns homens passam os finais de semana lavando, lustrando e polindo seus automóveis. Mas ele prefere apreciar cada engrenagem da sua companheira metálica, e compreender como elas se unem para serem letais. Um pouco de pólvora comprimida em um projétil de metal. O pente com quinze delas empilhadas cuidadosamente. Encaixada no corpo de aço e que apenas com um toque no gatilho pode ser disparada.

O garoto não deve ter muito mais que vinte e poucos anos. É de um recruta que precisa muito mostrar serviço, mostrar o seu valor para a corporação, como os jovens entusiasmados. Betinho conhecia aquela expressão. Já tinha visto em muito guri novo emocionado que entrou pro outro lado. Mesma expressão, mesmo olhar. A maioria não sobrevivia o suficiente. Não chega nem a ser enjaulado aqui. Assim, ele olhava com um misto de curiosidade e alerta para aquela bomba-relógio ambulante. Havia dias que o recruta tinha se dado conta da triste verdade: achou que ia vir para cadeia disciplinar bandido, mas chegou aqui e descobriu que ele apenas porteiro. Não manda nem dentro, nem fora. É um vigilante contratado pelo Estado para que eles continuem fazendo o trabalho deles e nós, o nosso. O trabalho do brigadiano dentro do pavilhão é impedir que os inimigos se matem entre eles. Pronto. Ele não deve se meter nos assuntos internos, senão incomoda todos os lados. O novato deve ter ficado muito decepcionado quando se deu conta disso. Por isso, sempre que podia dava uma castigada em um desavisado. Um chute aqui, uma coronhada ali, se ele tinha uma oportunidade e pegasse um cara sem ninguém por ele, torturava. Porém, ali todo mundo já estava ligado e não ia dar chance pro azar.

O recado havia sido dado. Betinho mandou investigar os parentes do policial militar e mantinha guardado o endereço da mãe, da ex-mulher e do filho dele pequeno dele. Não ia permitir que ele tocasse em mais ninguém da família dele ali. Se isso acontecesse já tinha dois caras de sobreaviso lá fora pra dar um susto no policial militar. Nito não gostava dessas estratégias, não gostava que mexesse com a família de ninguém, mas sabia que eram necessárias para manter a paz lá dentro, de uma forma violenta<sup>53</sup>, mas necessária. Então, como sabia que

---

<sup>53</sup> “Lealdade é o que todo preso tenta / conseguir a paz de uma forma violenta / se um salafrário sacanear alguém / leva ponto na cara igual Frankstein” (RACIONAIS MC’s, 2018, p. 88). Para escutar a música “Diário de um Detento”, acesse o link: <<https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM>>.

Betinho era mais sangue-frio do que ele, encarregava-o de cumprir essas sentenças. Uma vez Nito disse para Betinho:

- Nós respeita eles, chama de senhor e eles não esculacha nós. Parece simples, mas muita coisa acontece para abalar esse equilíbrio. E se a balança tiver que pesar, que seja pro lado deles.

Atento a isso, Betinho estava de olho no soldado novo. Lá pela terceira volta da sua ronda, ele fica desconfiado do silêncio e da diminuição do movimento e pergunta:

- Hoje é dia de folga, vagabundagem? – com um sorriso de escárnio no rosto, procurando um motivo para pegar alguém para exemplo.

Betinho responde com toda educação que consegue reunir e mente:

- É não, senhor. A mãe de um irmão faleceu e estamos de luto.

- Isso aí não tem nada a ver com que não subiu ninguém hoje pro ambulatório, né? Não vem contar pra mim, não. Tão revoltadinho é só não fazer nada de errado que não vem preso! - Retrucou o recruta, vociferando.

Saiu antes de que alguém pudesse responder. Betinho pensou que ele havia vindo demonstrar a alegria que não conseguia conter em ver aquelas pessoas sofrendo. Foi conferir se o plano deles estava andando conforme o esperado. Deve ter achado estranho que não viu ninguém se lamentando. O pouco que restava de dignidade ali, ninguém abria mão. Chorar era pra mulher e ‘pedreiro’<sup>54</sup>. Homem só chorava quando perdia a mãe. Já viu muito marmanjo com uma semana de cadeia, chorando feito criança aqui. Ficava com pena, mas achava-os fracos. Acreditava que homem tinha que ter postura e não ficar reclamando de médico para porco. Era importante manter o sangue nos olhos e não baixar a cabeça. Por isso, assim que ficou sabendo que todas as dez requisições de consulta da galeria para o Ambulatório foram suspensas organizou os doentes que estavam na fila para subir, fazendo voltar para as suas celas. Chamou alguns irmãos ligados à prefeitura<sup>55</sup> para que fossem ajudar os irmãos que não iam ter

---

<sup>54</sup> Novamente, não esse trecho não reflete a opinião da autora. Como dito em nota de rodapé anterior sobre os usuários de crack, também conhecidos como “pedreiros”, há uma visão muito moralista entre os integrantes das facções e da massa carcerária. Da mesma forma, há uma visão misógina já que a mulher é vista como frágil e submissa, apesar de ter um papel fundamental na dinâmica prisional.

<sup>55</sup> A prefeitura da galeria, seguindo a lógica de que cada galeria funciona como uma pequena cidade, é uma forma de organização interna das próprias pessoas em situação de prisão, em que há pessoas responsáveis pelo cumprimento das regras e manutenção da ordem, mas também responsáveis por prestar assistência a massa carcerária em assunto jurídicos, por exemplo. Porém, todas as demandas são atendidas nesse setor da galeria, como solicitações relacionadas à saúde, trabalho, assistência social, educação e tantos outros que se façam necessários. A pessoa responsável por essa instância é chamado prefeito.

atendimento com os recursos que tivessem disponíveis. Arrumaram remédio, emprestaram um ventilador e uma TV para que o pessoal se distraísse até o atendimento vir. Também cuidava para que os encostados não se aproveitassem dessa situação, fingindo estar doentes para receber regalias. Era preciso manter a paz, mas sem deixar de identificar os abusados. Betinho pensava que todo mundo tinha que cuidar de todo mundo porque nunca se sabe quando vai precisar:

- A gente pode ser o próximo a sair no bonde pro hospital e nunca mais voltar. Ninguém tá nem aí pra vida do preso. É mais fácil querer matar nós - dizia.

O brigadiano voltou depois uma meia hora, conforme sua ronda habitual e provocou de novo:

- E aí tão tudo vivo aí?

- Seguimos firme, senhor

- Vamos ver até quando...

Falou já dando às costas. Ele estava testando a resistência à provocação dos presos. Queria que dessem motivo para ele e os seus amigos espancarem alguém. Betinho esfriava os ânimos da gurizada:

- A gente não sabe bem o que tá acontecendo ainda... e eles querem nos desestabilizar. E não vai ser a gente que vai começar uma briga! Vocês vão querer atender desejo de porco? Cês são gênio da lâmpada agora? Se liga! Depois é a palavra deles contra a nossa. Vamos acalmar a cabeça aí. Amanhã tem visita, e eu não vou perder a minha visita por causa de vocês, tá certo?

Ele tinha que ser ponta firme. Manter a ordem. Fazer aqueles homens ficarem na linha. A lealdade era uma coisa muito complexa e sutil naquele espaço. Betinho era um cara de quase 30 anos, que parecia ter menos. Mas todos diziam que ele parecia ser um “espírito velho”, pois sempre foi muito centrado e resoluto. Enquanto os guris da idade dele só queriam saber de mulher e dinheiro, ele queria ser chefe. Queria fazer parte do comando da facção. Sonhava com uma posição de destaque do lado dos grandões. Nito reconheceu as habilidades de liderança e dele e aos poucos foi ensinando a ser plantão para ajudar a coordenar a prefeitura da galeria. Hoje o clima estava mais tenso que o normal. Ele sentia que os caras tinham ficado quietos por respeito, mas podia sentir que a raiva fervendo dentro deles. Agora eles cochichavam entre si e combinavam de falar com os irmãos que tão solto de ir na casa da família do novato para que ele entendesse quem mandava ali. Quando Betinho se aproximou, um dos garotos que estava ajudando a cuidar de Seu Oséias, muito revoltado, falou:

- Eles nem nos tratam como ser humano! Olha lá! O tiozinho morrendo aqui! Bah mano, se eu pego um cara desse lá fora... quero ver ele botar essa banca. Um primo meu ligou e disse que esses porco tão armando uma operação lá na boca. Eles tão mantendo a gente aqui no escuro pra invadir lá e a gente nem ver de onde tá vindo! Impedir nossa reação! Se a gente tá lá na enfermaria eles nem tentam! Não iam tentar tomar o que é nosso!

O plantão já estava achando que todos estavam enlouquecendo de ouvir tantos boatos sobre o motivo de estar todos impedidos de sair da galeria. Era melhor que alguém descobrisse logo o que estava acontecendo para que pudesse tomar uma atitude. Ele também não gostava dessa sensação: “cabeça vazia, oficina do diabo”, dizia. Pensava que um homem sem ocupação é uma máquina de neurose. Em meio a todo esse caos, Betinho decide que precisa de um tempo longe daquilo e se recolhe para sua cela para clarear as ideias. Sua cela fica bem ao lado da prefeitura, local com vista privilegiada do portão. Nito havia a desocupado há alguns minutos. Era a vez dele de descansar dessa loucura por alguns momentos. Chamou um dos seus homens de confiança e pediu que ele ficasse de olho e qualquer coisa o chamasse. Deu as instruções e se dirigiu à porta. Achou a cela mais bagunçada que o normal. Os irmãos que dividiam com ele não tinham nem arrumado suas camas direito hoje: várias roupas de cama mal empilhadas pareciam que iam cair a qualquer momento por cima dele enquanto caminhava pelo espaço estreito entre os beliches. Ele queria chegar até a janela para tomar um pouco de ar e fumar um beck que havia escondido ali perto. Ele conseguiu vencer esse curto trajeto sem intercorrências, mas de repente seu coração parou em um sobressalto e ele ficou paralisado. Confuso, apertou os olhos para ter certeza do que estava vendo: em pé, à sua direita, estava para um homem negro, alto, parado de costas, vestindo uma túnica vermelha escuro. Balançou a cabeça em descrença, fechou os olhos e aguardou alguns segundos antes de abri-los novamente. Para seu alívio o vulto já tinha sumido. Com o coração ainda dando pulos falou baixinho para si mesmo:

- Algo está para acontecer.

## 6 UM SONHO DA “NOITE DOS DESESPERADOS<sup>56</sup>”

---

<sup>56</sup> Como foi chamada a noite em que Dilonei Melara, um dos principais líderes da Falange Gaúcha, liderou uma das maiores fugas já vistas no Rio Grande do Sul, tendo sido resgatado a Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (PASC) para o local do motim, o PCPA. A tentativa de evasão aconteceu em julho de 1994, quando seis presos, que eram pacientes do Hospital Penitenciário, renderam vinte e sete funcionários. Eles também exigiram das autoridades carros para fuga e acabaram invadindo um dos hotéis mais chiques de Porto Alegre onde

Cheguei cedo hoje e o clima na recepção estava pesado. Clima pesado é uma coisa que deveria ser comum em uma cadeia. Contudo, hoje o sargento taciturno que é amigo da Solange estava ainda mais carrancudo, mais irritadiço. Não havia quase nenhum carro entrando ou saindo pelo portão. Isso criava um silêncio estranho e difícil de sustentar. Parecia que quando chegávamos ali estávamos acostumados a uma certa música, a uma certa dança, mais ou menos sincronizadas. E hoje, parecia que alguém tinha desligado o som habitual que os brigadianos faziam, deixando-os mudos, mas mesmo assim eles tentavam fingir normalidade. E se há coisa mais anormal do que fingir normalidade, eu desconheço. É estranho que com o tempo a gente vai aprendendo a reconhecer certos sinais, que para olhos pouco treinados não se revelariam. Os iniciados nesses códigos, percebem, sentem e comentam entre si: “A cadeia está estranha hoje. Ficou sabendo de alguma coisa?” Por esse motivo, também aprendemos a fazer “amigos de portão” que podem nos fornecer pequenas pistas:

- Bom dia, Dra. E aí, como passou o final de semana? - disse Pedro, meu amigo de portão.

Era terça-feira, mas ele estava de folga no dia anterior, perguntou-me com atraso sobre o meu fim de semana. Pedro, era um homem alto e grande, medindo mais ou menos 1,90. Tinha os cabelos castanhos, lisos, escuros e os olhos de mesma cor, a sua pele era parda - ele havia me confidenciado em um almoço que seu avô era *guarani*<sup>57</sup>, mas que ele acabou não tendo muito contato com a cultura. O que havia me chamado atenção nele era que tinha uma complacência física de um lutador de *jiu-jitsu*, mas apenas até o pescoço, pois a cabeça era certamente de uma criança que havia crescido demais. Isso lhe dava uma aparência de quem estava desesperado para mostrar que havia amadurecido. Ele tinha quase 30 anos e seu rosto esforçava-se para não ostentar um largo sorriso constantemente. Seus olhos grandes e brilhantes, contrastavam com a espingarda de calibre 12, de cano duplo, que carregava em suas mãos. Ele tinha um certo olhar canino. Me lembro de quando o vi pela primeira vez e lembrar de cachorro que foi meu companheiro de infância. O nome dele era Happy e ele era Golden Retriever, muito dócil e brincalhão. Quando eu chegava da escola lá estava ele me esperando no portão ao lado de uma placa onde figurava um rottweiler feroz e dizia “cuidado com o cão”. Happy não

---

acontecia uma conferência de médicos, que foram feitos de reféns por várias horas (CIPRIANI, 2016) (RUAS, 2016).

<sup>57</sup> Etnia indígena do sul da América, incluindo o Brasil.



enganava ninguém, apesar do esforço dos meus pais em tentar afugentar os ladrões com o aviso. Contudo, o cão era enorme e tinha dentes afiados. Costumava rosnar quando achava que um dos meus primos poderia me machucar em uma brincadeira mais descuidada. Portanto, ele tinha em si potencialidade de ser letal, se quisesse. Talvez por isso Pedro me lembrava dele.

Eu sempre o enxergava como alguém que estava deslocado naquele corpo, com aquela arma. Deve ser por isso que alguma vez sorri para ele. E como cães que somos, fizemos amizade facilmente. E desde então, sempre que eu aguardava para me identificar na fila ou para revistarem a minha bolsa, trocávamos algumas palavras, que para os desavisados pareciam aleatórias. Nesse dia, a fila estava particularmente vazia, mas o serviço da recepção estava especialmente lento. Deveria haver alguma instrução para que se atrasasse o máximo a entrada de todos até que se resolvesse alguma situação lá dentro. No início isso me deixava bastante angustiada, pois pensava em mil perigos podíamos enfrentar e que eram abafados sem nem tomarmos conhecimento. Todas essas questões eram tratadas como segredo “para a nossa própria segurança”, como costumava nos dizer o comando quando reclamávamos de ser deixadas às cegas. Por isso, era importante ter um amigo de portão. Isso ajudava a te confortar e acreditar que alguém se importava com você, deixando pequenas migalhas para você seguir até atrás das cortinas.

Respondi à pergunta de Pedro, mas não sobre o final de semana, pois eu sabia que não era o conteúdo da conversa que nos mantinha ligados, mas sim o fluxo de sentidos que corria entre nós. Então, falei sobre a noite anterior, que estava bem mais vívida na minha lembrança: eu não havia descansado muito à noite. Havia dormido mal e tive sonhos inquietos.

- Com o que a senhora sonhou? – questionou espontaneamente o meu amigo, sem pensar muito.

A pergunta me surpreendeu um pouco. Eu me senti invadida. Ele estava abrindo ali uma nova brecha no nosso acordo de intimidade, à céu aberto, como se estivéssemos em um ambiente informal, entre amigos próximos. Eu não estava preparada para aquilo, pois ele não costumava fazer perguntas tão pessoais, nem eu. Mantínhamos nossa relação à base de muita imaginação para completar as lacunas e as longas interjeições de entendimento sobre o que não havia sido dito. Porém, dessa vez, ele resolveu quebrar essa barreira. Sem aviso. Sem sutileza. E, por isso, eu resolvi mentir. A mentira é a primeira e mais rápida muralha a se erguer nesses momentos, por isso não me julguem mal. Eu disse que não me lembrava bem do conteúdo, sendo que eu lembrava muito claramente de uma cena: eu só lembro estava correndo por um

corredor muito longo. Disse vagamente. Mas eu me recordava com muita nitidez: eu estava correndo, com as pernas pesadas e cansadas, ofegante pelo corredor do SAT. No meu sonho ele não tinha fim. Eu tentava correr da minha sala até a saída. Tentava alcançar as escadas, mas o corredor nunca acabava. A cada passo que eu avançava, ela ficava dois passos mais longe. Acordei suando muito, com o coração disparado e os músculos tensos. Precisei de alguns segundos para me entender que tinha sido apenas um pesadelo. Mas aqui e agora penso não eram apenas angústias sem nome, mas sim o medo constante e a impotência que sinto nesse lugar. Rememoro isso tudo em um segundo enquanto esfrego os olhos e dou um leve bocejo, levando a mão à boca à espera da resposta do meu amigo de portão. Pedro então continuou a falar:

- Eu também tive pesadelos essa noite.

Finalmente entendi: ele não havia quebrado nosso acordo tácito por acaso, ele queria me contar algo que o incomodava. Sentei-me no banco da entrada, vencida pelo cansaço de esperar, para que eu pudesse ser uma boa ouvinte para a sua história. Olhei para ele, encorajando-o a continuar. Vi que ele continuava indeciso e então perguntei delicadamente:

- Sobre o quê?

Esperei a resposta. Esperei que ele avançasse mais um pouco, ele olhou ao redor e viu que o colega estava distraído, perdido em suas listas de afazeres e continuou:

- Eu tenho um sonho que sempre se repete: a cadeia vira<sup>58</sup> e eu sou morto a facadas pelos presos. Eles são muitos e por isso eu não tenho nem chance de reagir. Acordo assustado e procurando os buracos que foram deixados pelas facas, mas não tem nada. Ainda bem, né?

Ele busca a minha aprovação com os olhos. Eu o olho sem saber o que dizer, pois também sonho com rebeliões, mas sacudindo a cabeça em acordo. Esse deve ser um sonho comum entre aqueles que entram e saem daqui todos os dias. Fico me perguntando com o que sonham os que dormem aqui. Já tive muitos sonhos angustiantes: sonhei que era feita de refém, que era assassinada e até mesmo abusada sexualmente. Assim, sofro todas as noites com inúmeras violências. Acabo de saber que meu amigo de portão também. Sem dizer uma palavra, olho-o e penso como seria se ele pudesse ouvir o que eu penso agora. Elaboro por alguns instantes uma resposta para dar, porém sou interrompida do meu esforço pelo colega que achamos que não estava prestando atenção na nossa conversa:

---

<sup>58</sup> Rebelião.

- A senhora é psicóloga, né?

- Sim – respondo tentando esconder a surpresa da intervenção.

- Atende os vagabundo daqui?

- Sim. Atendo as pessoas em situação de prisão da 1ª do F - respondo sublinhando sutilmente as palavras que considero mais adequadas para se referir às pessoas que eu atendo.

- E psicóloga pra gente tem? Daí não tem. O Brigadiano tem que matar no peito e ficar quieto, enquanto o Estado contrata vocês pra atender bandido. O que vale a nossa vida, não é mesmo?

O sargento diz com a displicência de quem não precisa mais medir as palavras, pois já está quase se aposentando. Eu percebo que não é sobre mim. Mas Pedro não:

- Sim, mas a doutora não tem culpa, senhor. Ela só faz o que ela foi contratada pra fazer, que nem nós.

- Tudo bem, eu concordo. Não tô dizendo que é culpa da senhora, não. É do sistema. Os caras matam e estupram e tem psicóloga pra conversar. A polícia não. Eu vim de um Batalhão que os colega tavam tudo traumatizado. Cada um tinha no mínimo 10 mortes a serviço no último ano. Tinha colega estourando a própria cabeça. Outros matavam a família e depois de se matavam. Teve um colega que entrou comigo lá e era gente fina. Ninguém viu que ele tava mal. Um dia, eu entrei no quartel e tava todo mundo apavorado porque ele matou a mulher e o filho recém-nascido. Depois tentou se matar com a mesma arma, mas não conseguiu, tá lá em estado vegetativo no hospital militar. Daí não teve psicóloga, nem psiquiatra pra ele. – Disse o Sargento pensativo e com tom de indignação na voz, que novamente, percebi que não era dirigido para mim, mas para estrutura que, de certa forma, eu representava.

- O cara fica louco e vira bandido que nem os que tão aqui... por isso que tem colega que senta o dedo nos vagabundo mesmo. É muita pressão - diz meu amigo de portão.

- Pior... Eu pedi transferência pra cá por dois motivos: 1) eu sabia que tinha vaga, porque ninguém quer vir ser babá de vagabundo; 2) eu pensei: lá eu não tenho que matar ninguém. Eu cuido pra eles não virem em mim e eu não vou neles. Trabalho tranquilo. Eu e minhas listas. Anoto quem entra e quem sai, anoto as placas dos veículos,

falo no telefone. De vez em quando, revisto uma bolsa. Corro menos perigo que segurança de shopping. A minha família agradece – completa o sargento, mais aliviado.

- Eu entrei na polícia por um ideal: queria ajudar a manter segura a população. Eu não tinha noção do abandono que a gente sofre. Eu sabia que o meu ia ficar na reta, mas não desse jeito. Não tem segurança pra PM. Às vezes, não tem nem um colete. Quando eu vim do policiamento ostensivo, o meu superior mandava a gente subir de 38 pra invadir o morro onde os cara tem armamento militar. E foda-se a gente morrer. Amanhã estendem a bandeira no meu caixão e botam outro no meu lugar e já era - complementa Pedro.

- Sim, e ainda tentam provar que foi erro nosso pra não dar nem pensão pras viúvas. É foda - ressalta o sargento, novamente indignado e completa - Tá liberado pra subir, doutora.

Eu fiquei ali paralisada, tentando absorver cada sentimento que me atravessava naquela conversa. Eu não tinha nada para dizer. Era difícil elaborar algo inteligente ou acolhedor para dizer. Eu ouvia relatos semelhantes dos privados de liberdade: a sua vida valia muito pouco para as grandes organizações criminosas a quem eles serviam. O trabalho daqueles homens – tanto os que estavam dentro ou fora das grades – era lidar com a morte. A deles, a dos outros, a de seus familiares. Eles estavam expostos à violência de uma maneira que eu nunca estaria, mesmo trabalhando no mesmo lugar que eles. Me limitei a pensar com eles sobre onde poderiam procurar assistência:

- Obrigada, sargento. Estou aqui pensando em tudo isso que vocês me disseram. Não contei para vocês, mas meu pai era brigadiano também. Não posso dizer que entendo o que vocês estão sentindo, mas já vi de perto. E acredito que vocês também têm o direito de ser atendidos e escutados. Se vocês quiserem, eu posso pesquisar locais que prestem assistência psicológica para vocês indicarem para quem precisa.

Enfatizei a última parte para que eles não se colocassem na defensiva. Eles concordaram e educadamente disseram que ficariam aguardando meu retorno. Senti um tom de desesperança na sua voz. Certamente, eu não era a primeira a fazer essa promessa e não ter condições de cumpri-la. Eu pensei em entrar em contato com o CAPS da região e passar o contato para eles, explicando que poderiam procurar atendimento lá em caso de pensamentos suicidas ou impulsividade. Entretanto, logo lembrei que em conversa com uma colega, disse que os PMs não iam nos aparelhos de saúde e assistência da região porque sofriam ameaças do crime

organizado. Era difícil recorrer a rede de saúde mental pública mesmo no seu território, uma vez que reconhecidos, ficariam vulneráveis. Por isso, existia a rede de saúde da Brigada Militar. Contudo, o acesso também era dificultado, pois uma vez que alguém fizesse tratamento em saúde mental ou fosse internado, ficaria estigmatizado. Resolvi, mesmo assim, confirmar a questão:

- Vocês querem que eu deixe o número do CAPS com vocês? Para caso souberem de alguma emergência.
- CAPS é onde vão os drogados? Os alcoólatras? A gente não pode ir em lugar que noia vai não, doutora. Pode dar ruim em vários sentidos. Pode dar conflito com os moradores. Também podem confundir a gente com drogado - respondeu Pedro.
- Tudo bem. Vamos pensar em um lugar que possa ser confortável para os policiais.
- É melhor, doutora. Bem melhor - respondeu o sargento.

Passei pelo detector de metais e entreguei minha bolsa para Pedro. Ele fingiu revistar a minha bolsa, enquanto me aconselhava, falando baixinho, a não sair do SAT hoje, pois a cadeia estava estranha. Agradei balançando a cabeça, demonstrando que entendia que era um aviso que não deveria ser dado. Senti como uma forma de cuidado, como se ele sentisse que deveria me retribuir pela conversa. Fiquei agradecida, mas senti que não deveria. Entrar aqui sempre me traz sentimentos conflitantes. Me faz pensar em que estratégias de sobrevivência inventamos neste lugar e que associações e filiações eu estava disposta a fazer para me manter segura. Me despedi dos meus interlocutores, mas fiquei apreensiva, querendo voltar para casa, criando uma desculpa qualquer. Comecei a caminhar com passos vacilantes até o pátio de entrada. Avistei uma figura conhecida por todos, mas de quem eu nunca tinha me aproximado tanto e muito menos tido um momento à sós: Zoreia.

Zoreia era um cachorro vira-latas, amarelo, magrelo, mancava de uma pata e não tinha uma orelha. Eu havia ouvido vários fragmentos de histórias sobre o cão mais simpático da CPPA. Com o tempo, fui costurando-as. Alguns brigadianos mais antigos contavam que ele, quando tinha duas orelhas e as patas intactas, morava pelos arredores do presídio, na Vila São José, e que sempre ficava interessado pelo entra e sai da prisão. Não raras vezes invadia a casa prisional, mas era enxotado pelos guardas, não porque não gostavam do animal, mas por medo que os cães maiores e mais bravos do canil acabassem com a vida dele. O que ninguém esperava era que Zoreia pudesse a vir revelar o seu valor. Em uma tentativa de fuga, houve uma troca de tiros entre os soldados de plantão e os bandidos que haviam vindo resgatar um companheiro.

Sem que ninguém estivesse dando importância para a sua presença, Zoreia se interpôs entre os bandidos e os policiais, rosnando e latindo, preparado para avançar-se contra o fugitivo. A sua coragem inesperada, acabou atrapalhando os avanços do bando e frustrou a fuga. Porém, devido a sua bravura, um dos bandidos o alvejou por pelo menos dois tiros do lado direito do corpo: um de raspão na cabeça e o outro na pata traseira.

Detidos o fugitivo e seus comparsas, os policiais militares prontamente buscaram por socorro para o cão. Sem saber o que fazer, correram para a Unidade Básica de Saúde Prisional e pediram para que o médico, Dr. Nereu, voluntário na prisão, que socorresse o paciente canino. O médico se compadeceu da situação e pediu que os PMs segurassem o cachorro enquanto ele daria uma dose mínima de morfina para que o animal permitisse o procedimento de extrair o projétil e ver o que poderia fazer sobre o ferimento na cabeça. A remoção da bala foi um sucesso, porém a orelha teria que ser amputada. Não havia mais salvação para ela. Estava em frangalhos e iria necrosar causando muita dor e sofrimento ao animalzinho. Insistiu que o procedimento deveria ser feito por um veterinário, pois o organismo de um cão era muito diferente e mais delicado que dos humanos. Ofereceu-se para levá-lo em um pronto socorro veterinário, se fosse necessário. Mas os soldados insistiram, temiam que o novo amigo não fosse resistir ao traslado e disseram que não tinham dinheiro para pagar. Consternado, o médico avisou dos perigos, mas resolveu ajudar. Operou Zoreia, enquanto os PMs faziam vigília do lado de fora. Dr. Nereu conseguiu fazer um bom trabalho, mas reforçou o pedido: ele precisa de um veterinário! entregou-o aos cuidados das enfermeiras de gente mesmo, que também estavam solidárias com a causa.

Os policiais já haviam ligado para o canil da Brigada, porém somente no outro dia o veterinário da PM conseguiria vir atendê-lo até porque ele não era um cão da corporação. Quando chegou ao local, o tenente-veterinário ficou impressionado com atendimento feito no ambulatório, desdobrando-se em elogios a equipe. Disse que talvez aquele cachorro fosse um pouco como gente, pois estava muito bem comportado e recuperando-se de seus ferimentos. Devido a simpatia imediata que adquiriu pelo animal, usou de sua influência para pedir a transferência do recém-batizado Zoreia para o hospital veterinário militar, onde ele trocaria as medicações humanas que ele estava recebendo pelas aquelas adequadas a sua espécie. As enfermeiras encheram de lágrimas ao ver os olhos úmidos do cão se afastando delas. Ele piscou lentamente para elas, como quem as consola. Elas tiveram esperanças que voltariam a vê-lo.

Afagaram atrás de seu pescoço, onde não estava enfaixado. Ajudaram a transportá-lo até a van que o levaria para o seu destino.

Zoreia logo teve alta do hospital veterinário da BM e não se sabia o que fazer com ele. Então, o tenente-veterinário, encantado com Zoreia e sua coragem, considerando-o “meio gente”, sugeriu que ele se recuperasse no canil da Brigada, que fica bem em frente ao presídio, enquanto pensavam o que fazer com eles. Convenceu o comando que não poderiam abandoná-lo em um abrigo e que ele deveria ser adotado, no mínimo, por um brigadiano, pois tinha mostrado grande vigor em defender os membros da corporação. Os policiais que o socorreram – ou que foram socorridos por ele, a essa altura não se pode mais definir – passaram a visitá-lo com frequência. O cão brincava, corria e pulava, dentro de suas novas condições e resistindo um pouco aos curativos. Na hora da despedida, ele expressava seu agradecimento através do olhar: úmido, brilhante, “pidão” acompanhado de um choro baixo, quase imperceptível. Isso cortava o coração dos soldados. Quando foi anunciado que ele estava inteiramente recuperado, os seus visitantes entraram com uma petição, apoiados pelo tenente-veterinário, de que ele fosse reconhecido como um policial canino e transferido para o canil da CPPA. Porém, isso era incomum na corporação, pois os cachorros eram treinados desde o nascimento para obedecerem aos comandos de seus treinadores. Geralmente eram cachorros de grande porte, de raças como pastor alemão, rottweiler e dobermans, conhecidos pela sua agressividade e força. Zoreia era um cão pequeno, magro, mas que ofereceu a sua vida para defender a polícia. Não se sabia nada de sua vida pregressa e não havia precedente na corporação. Franzino e agora faltando pedaços, ele era um sobrevivente, um veterano de guerra.

Iniciaram uma campanha de apoio ao reconhecimento da bravura de Zoreia e já que ele não tinha dono, também se iniciou a busca por alguém que pudesse abrigar temporariamente aquele cão tão especial em sua casa, já que a transferência para a CPPA podia demorar ou nem mesmo sair e não queriam deixar seu amigo sem um teto. A Brigada Militar acabou não reconhecendo Zoreia como um membro efetivo, mas emitiu um documento homenageando a coragem e os serviços prestados pelo cão à comunidade brigadiana e entregou aos seus maiores entusiastas: os soldados que haviam lutado ao seu lado. Comovidos, eles mesmos decidiram adotar o cachorro. Ganharam um suprimento vasto de ração, cama, casinha, coleira e promessa de atendimento veterinário gratuito no mesmo hospital onde ele se recuperou. Um dos policiais, que morava a poucas quadras da prisão em com a sua mãe, pai e dois irmãos mais novos, ficou responsável por ser o tutor principal de Zoreia. Enquanto o outro, cuidaria durante as viagens

nas férias e passearia com o cão, pelo menos, uma vez por semana. Zoreia chegou na casa do soldado e cheirou tudo cuidadosamente. Pode-se ver que ele gostou da casinha, gostou da família e até do outro cão que já vivia ali. Porém, ele sentiu-se como um hóspede. Apreciou a boa vontade de todas, a hospitalidade, mas não queria ficar para sempre. Sua casa era na rua. Mais precisamente, a rua do entorno do presídio. Ele gostava mesmo era de correr atrás de ônibus, de caminhão de lixo, de gatos, de pombas e de apreciar a fila que se formava de manhã. Às vezes, sentia-se invisível ali. Às vezes, as crianças lhe faziam um carinho na cabeça. Depois que todos entravam, ele gostava de ir lá para dentro. Observar as tartarugas na fonte, os outros cães atrás das telas, as diferentes pessoas que entravam e saíam. Aquecia-se no sol e dormia naquele silêncio, raramente perturbado. No final dia, despertava via o movimento ir se tornando cada vez mais raro até a noite chegar e a sua guarda começar. Ele ouvia barulhos distantes, ratos, pessoas conversando, coisas sendo passadas de um lado para o outro. O cheiro da janta. Aquele era o seu lugar favorito. Gostava de ficar imóvel como uma estátua cuidando da porta de entrada principal. Todos já haviam ouvido falar de sua história, o reconheciam pelas fotos ou tiveram o prazer de conhecê-lo pessoalmente. Ele os olhava com seus olhos úmidos, inclinava levemente a cabeça para o lado e ganhava a simpatia da pessoa na hora. Aos mais íntimos, ele permitia um afago no pescoço. Ele havia conquistado o seu espaço ali pela insistência. Era comum chegar ao local e vê-lo tirando a sua guarda, no seu posto habitual. Nem mesmo o diretor resistia a presença: seus olhos brilhantes e sua orelha faltante, suas piscadelas lentas. Toda aquela fragilidade, mas também uma obstinação irrefreável. Ninguém mais conseguiu reunir forças para enxotar aquele animalzinho. Ele era parte da cadeia.

Eu fiquei ali de perto admirando-o, escolhendo se eu ia me aproximar ou não. E ele, me olhando de vez em quando, dando-me espaço para decidir. Foi então que eu percebi que havia chegado um veículo da SUSEPE com dois homens para serem levados para as galerias. Eu estava um pouco afastada do portão, resolvi dar mais um ou dois passos discretos para trás pois sabia que aquele seria o caminho deles. Esse era o protocolo: nunca obstruir uma passagem. A Brigada tomou a frente da porta e eu me afastei um pouco mais, mas Zoreia não, ele continuou ali na mesma posição, já que ele não precisava seguir as regras de segurança. Os dois homens, algemados, foram colocados perto da porta, aguardando a Brigada liberar o corredor interno por onde iriam acessar a entrada as galerias. E eu fiquei ali, arrependida de não ter entrado antes, pois agora eu teria que esperar todo o procedimento terminar. Talvez fosse um sinal para eu seguir meus instintos e voltar para casa. Chateada, olhei para Zoreia, com a intenção de atraí-



lo para perto de mim, pensando que podíamos passar esse tempo mais rápido juntos. Foi então que eu percebi que Zoreia estava com aquele mesmo olhar acolhedor e amigável para os dois homens que ali esperavam para ser privados da sua liberdade. Mesmo naquela situação difícil, os homens se distraíam com a presença dele. Um deles tentava lhe fazer carinho com o pé. O outro lhe correspondia a ternura com o olhar. Descobri que havia algo sobre ele que era pouco comentado: ele não tomava partido nas brigas entre pessoas em situação de prisão e PMs. Fazia amizade com todos que passavam por aquele portão: diretores, políticos, advogados, jalecos, apenados, visitas, sem distinção. Quem lhe oferecesse um troca de olhares sincera, ele aceitava. Se sentisse confiança, ia até a pessoa e acomodava a cabeça na mão dela esperando que ela lhe afagasse. Fico pensando que talvez, nem no dia da história que com que ele fez fama, não estava fazendo nenhum julgamento, como gostavam de contar os policiais. Nem atacou os fugitivos porque conseguia distinguir “a índole” das pessoas, ou a verdade no coração delas, como alguns tentavam deduzir, mas penso que, talvez, ele não entendia o motivo pelo qual eles queriam sair daquele lugar que tanto deseja estar. Ele queria apenas manter a matilha, impedir a cisão entre os seus, arrebanhando os desgarrados. Esse possivelmente era um dos segredos mais bem guardados naquela prisão: embaixo daquelas dinâmicas de oposições tão duras havia um senso familiar do estranhamento, pois afinal, estávamos todos, de alguma forma, presos naqueles muros. Alguns, poucos, podiam entrar e sair, mas ainda sim a prisão continuava com eles em seus sonhos.

## 5.5 A TRETA

Os ânimos só haviam piorado no pavilhão F. Nito já havia revirado seus contatos por toda a cadeia e fora dela e ainda assim apenas boatos circulavam sobre o que poderiam estar acontecendo. O clima estava cada vez mais pesado. O silêncio sepulcral deixava a todos mais apreensivos. Se lembrava de Betinho dizendo uma frase que o pai dele repetia sempre para ele e seus irmãos quando eles estavam muito quietos: “Homens calados estão tramando algo”. Cada um pensando em uma maneira de salvar a si mesmo se alguma merda acontecesse. Poucos eram os de fé. E esses ele precisava manter atentos e dispostos. Às 13h viriam buscar aqueles que tinham audiência marcada. Faltava poucos minutos e ele esperava receber mais notícias quando os Brigadianos fizessem a chamada. Ele não dava as caras no portão, mas como já estavam provocando Betinho resolveu ir pessoalmente para marcar presença e ver o que estava

acontecendo. PM que prezasse pela sua vida não o trataria com desrespeito. Até os novatos já sabiam quem ele era. Se não soubessem, iam descobrir agora.

Tinha instruído seus homens a terem paciência, pois se tudo desse certo, iriam subir para ver o juiz. Ele iria ficar atento a qualquer movimentação. Se um brigadiano pisasse fora do lugar, ele iria saber. Qualquer situação diferente deveria ser reportada diretamente a ele e a mais ninguém. Queria resolver as coisas pessoalmente. Por isso, escolheu a dedo o cara que seria seu braço direito. Dênis era ponta firme e ele não tinha motivos para duvidar de sua lealdade ou achar que ele ficaria muito emocionado na missão. Nito olhou no celular e eram 12h59 quando os PMs apontaram na entrada do pavilhão. Se levantou calmamente e foi para a frente do portão, ao lado de Betinho. Percebeu que os policiais militares o reconheceram, ou pelo menos, sabiam que alguém importante estava ali. Quem se dirige a ele é um terceiro sargento, antigo na casa:

- Boa tarde, Nito. Boa tarde, rapaziada. Viemos buscar o pessoal para as audiências com o juiz agora à tarde. Queremos fazer isso na tranquilidade. Tudo certo pra vocês?

A voz era cordial e educada, ele já conhecia o terceiro sargento de outras negociações. Ambos se desprezavam e poderiam se matar ali mesmo, mas reuniam toda a sua cordialidade para falar um com o outro:

- Boa tarde, senhor Sargento. A rapaziada da listagem de hoje já está aqui de prontidão pra subir, sim senhor. Porém, estamos com um problema. Temos irmãos doentes que precisam de atendimento médico. Inclusive um idoso está quase partindo dessa pra uma melhor aqui. E ninguém tá subindo. O senhor teria uma previsão para nos dar de quando vai normalizar a situação?

Nito sabia usar as palavras formais quando era necessário. Não era a primeira vez que ele vinha até aquelas grades para negociar algo para os seus. Só saía dali com uma resposta satisfatória. Para isso, aprendeu a usar determinados códigos com os representantes do Estado para conseguir fazer e entender acordos. O sargento, experiente, sem demonstrar estar afetado, respondeu:

- Então, meu rapaz. Tu sabe que esse pelotão é responsável apenas pela parte da movimentação e segurança de aqui dentro. Lamento informar que não temos gerência sobre a Unidade de Saúde – disse com um certo tom de escárnio na voz, mas que ele aprendeu a disfarçar com um tom bem humorado. No entanto, sabendo da situação difícil que vocês estão passando aí, que devo dizer que não é apenas sua, mas de todos

os pavilhões. O Ambulatório está fechado pela falta de médicos. Amanhã os atendimentos devem ser normalizados, dando prioridade para os casos mais graves. Podem ficar tranquilos – completou.

- Mentira! – ecoou um grito sufocado e sem dono do fundo da galeria.

E vários murmúrios, cujos autores não se podia identificar no meio da multidão que se aglomerava no portão, se seguiram:

- Até lá, o tiozinho já vai estar morto!

- Vocês querem que a gente tudo morra!

- Querem acabar com a gente!

- Querem fechar nossas firmas!

- Querem tirar nosso sustento!

- Não deixam a gente trabalhar!

- Vão fazer a gente morrer de fome!

- CHEGA! – Nito levantou a voz e o silêncio se fez.

A quietude era pesada, forçada, provisória. Como se vários gritos ainda estivessem na garganta pedindo para serem libertados. Porém, a voz da autoridade que eles respeitavam os prendeu. Dentro das suas bocas eles agitavam as grades para sair. Nito sabia disso e não sabia por quanto tempo conseguiriam controlar aqueles homens, já que parecia que qualquer agulha que caísse no chão faria a situação sair de controle.

- Me desculpe, senhor. Meus homens estão agitados. Peço desculpas em nome deles. Não é assim que resolvemos as coisas por aqui. Temos um acordo e vamos manter. Assim, como esperamos que vocês mantenham a parte de vocês - falou Nito firme, porém, medindo as suas palavras para disfarçar a sua raiva.

Nito olhou para o novato e viu que ele tremia da cabeça aos pés. Estava vermelho de raiva, suas pupilas estavam dilatadas, sua respiração ofegante. O líder sabia o que era esse sentimento: impotência. Ele já havia se sentido assim na mão da polícia. Contudo, quando ele foi preso já imaginava o que iria passar: as humilhações que teria que se submeter para manter a paz. Já o recruta parecia estar diante de uma cena que nunca havia imaginado na sua vida: estar sendo ameaçado por bandidos atrás das grades. Sabia que a voz de Nito atravessava todo aquele aço e podia ferir os seus corpos. A farda não poderia salvá-lo. Ele queria respeito, mas não fazia por merecer. Nito conseguia sentir à vontade dele ardendo.

O recruta queria acabar com a petulância de Nito. Ele pensava: “Como pode um merda desses desarmado botar banca em um pelotão de elite, altamente treinado e fortemente armado”. Se tivesse uma oportunidade, acabaria com a vida dele com um tiro de calibre 12 na cara. Mais um “zé ninguém” morto ali. Ele acreditava que com isso os outros iam entrar na linha rapidinho. O seu corpo o traiu quando deixou o seu desejo conduzi-lo ajustando a mira na direção da cabeça do chefe da facção e afastando-a de Alemão, um dos homens de confiança de Nito, o qual tinha sido designado para ficar de olho. Com o dedo no gatilho, pensou que dali de onde estava, não erraria o tiro nem que quisesse. Isso levou apenas alguns segundos e foi quando ele percebeu o que havia feito, voltou devagar a sua mira para o seu antigo alvo e para controlar-se, afrouxou um pouco o dedo do gatilho. Sem conseguir se controlar, respirou profundamente, soltando um forte suspiro de estupefação.

Nito e o sargento perceberam o que estava pra acontecer. E não tinha volta. Algo havia quebrado na frágil paz do presídio, de forma irremediável e incontornável. Agora todos corriam perigo. E os dois precisavam parar com seus jogos de palavras e partir para ação. Porém, os líderes sabiam que não deveriam ser os primeiros a declarar guerra, a menos que ganhassem alguma vantagem com isso. O melhor era tentar ganhar tempo, para se organizar, para poder entrar com a maior força possível nesse conflito. Não de um modo tão óbvio quanto o novato vinha tentando provocar. Haveria violência, mas não agora:

- Rapaziada, vamos acalmar os ânimos, tá bom? Vamos ver o que conseguimos fazer pra adiantar o lado de vocês, tá certo? Mas antes precisamos que vocês liberem as pessoas que tem que subir pra audiência.

Nito sabia que os que fossem não iam voltar mais até que a tensão se resolvesse e isso poderia levar dias. Tinha pessoas consideradas ali entre os que tinham audiência, a PM ia usá-los como barganha. Ele teve que raciocinar rápido:

- Se vocês liberarem a consulta do Seu Oséias, eu libero algumas pessoas para subir. Senão não vai subir ninguém, senhor.

Ele mandaria os menos importantes para a audiência. Pessoas que se abrissem o bico não teriam muito para falar. Estavam começando as negociações mas ele já estava cansado de conversa. Adotou um tom mais direto e incluiu o “senhor” de última hora para continuar tratando com aparente respeito o seu interlocutor.

- Tu sabe que isso foge da minha alçada, rapaz. - respondeu o terceiro sargento.

- E o senhor não pode colocar na linha aí quem decide isso?

Havia chegado ao seu limite de tolerância com as desculpas do militar. Falou como quem pergunta, mas com a convicção de quem não pede um favor, mas tem o poder de exigir. O sargento também sabia que por trás de Nito havia nomes maiores. Então, calmamente diz:

- Em breve vocês terão a resposta.

Frase que propositalmente deixa margem para muitas interpretações. Diz isso e recua o seu pelotão até fora do pavilhão para começar as negociações. Liga para o seu superior e explica sobre o que está acontecendo longe dos ouvidos dos apenados. Nito sabe o que tem que fazer. Olha pra fila de irmãos, em suas melhores roupas para ir à audiência e pensa no desespero deles. Uma nova audiência pode levar meses. Para muitos não há esperança de soltura, mas alguns ali eram primários e tinham boas chances de sair hoje. Contudo, aqueles homens podem acumular mais um processo nas suas costas agora: motim. Isso, se tudo der certo. Se as coisas ficar feia, podem sair de rabeção. Olha para os homens ao seu redor: a maioria não tem não tem muito mais que 20 anos. Vê olhos tristes, olhos assustados, olhos tentando disfarçar o medo. Olhos que estão prontos para matar e morrer pela facção. Pensa que não queria estar ali. Não queria comandar aqueles homens naquele momento. Não queria ser responsável por seus destinos, fossem eles quais fossem. Faz força para afastar esses pensamentos e concentra-se em colocar em prática seu plano. E infelizmente, se for necessário, eles vão se sacrificar pelo bem maior da facção hoje. Eles vão morrer para que a causa sobreviva. Orienta um dos rapazes da prefeitura a ficar no portão e avisar quando o terceiro sargento voltar. Pede para que os seus homens de confiança o acompanhem até a sua cela e iniciam a lista de exigências. Um por vez, começam a falar:

- Pô, Nito. Tem que mandar a real pros porco: a gente não vai aceitar que fechem as nossas firmas como tão fazendo lá nos primários! Eles lá não têm ninguém por eles, daí os caras chegam e esculacham. Aqui isso aí não vai acontecer. Ninguém vai fechar as firmas que eu apoio ou a chapa vai esquentar – disse Nego Véio um dos maiores investidores de firmas de comida dentro do pavilhão.

- Anotado, irmão Nego Véio – confirmou Nito, apontando para o relator da reunião, que anotava tudo em um caderno de folhas pautadas. Continuou:

- Eu nem tava sabendo dessa que tavam fechando as firmas nos primários. É cada história diferente que chega aqui que eu já tô ficando louco. Mas se o irmão Nego Veio tá dizendo a gente confia.

Todos confirmam e Alemão continua:

- Irmãos, não podemos nos esquecer da situação de saúde da velha guarda. Seu Oseias é patrimônio da cadeia. Não pode morrer de qualquer jeito. Pelo menos que ele tenha um atendimento digno e não morra todo fudido naquela cela imunda.

Os líderes reunidos expressaram preocupação quanto a largar Seu Oseias na mão dos policiais, ainda mais com o comportamento demonstrado pelo novato. Joselito, um dos principais matadores da facção, disse que já estava com seus homens a postos para a missão na rua. Já sabiam a hora que o recruta saia do trabalho e até a escolinha do filho dele. Todos concordaram que era preciso manter essa opção em mente, e pediram para Marcinho, o relator, adicionar a suas anotações:

- Bota aí “Seu Oseias chegar vivo até a hospital, se não vai ter consequências”, mas com palavras bonitas - Pediu Joselito que deixaria seus bruxos<sup>59</sup> em alerta para que se precisar eles encomendariam<sup>60</sup> o novato. Retomam um dos assuntos principais e que estava mais incomodando a todos:

- Mas e aí, como vai ficar a audiência dos irmãos?

Debateram sobre o assunto e chegaram à conclusão que era preciso dar uma segurada, pois havia dois de seus principais aliados na lista: Dênis e Lagartixa. Se esses dois irmãos fossem parar na Geral eles seriam mortos, pois havia mandando muita gente de outras facções para debaixo da terra. Decidiram que não botariam a vida deles em risco, pois eram fundamentais nos objetivos da facção. E se eles não fossem subir, era melhor que ninguém subisse. Eles ponderaram sobre o fato de ter muito guri novo ali que poderia até sair na audiência preliminar, mas eles não podiam esquecer que era a facção que estava custeando os advogados, então, podiam aguardar mais um pouco. E se ficassem revoltados, deviam se lembrar disso e serem gratos, já que o acordo era eles segurarem as pontas juntos. Não só nas horas boas.

- Essa gurizada pode dar mais um tempinho trabalhando aqui dentro em vez de ir lá pra fora. Lá muitos se perdem a gente não recupera o investimento – disse Betinho.

Todos concordaram. Alemão lembrou que tinha uns guris que podiam dar problema ali. Especialmente um tal de Will:

---

<sup>59</sup> Amigos.

<sup>60</sup> Significa que mandariam matar o novato.

- Esse guri vivia se gargateando porque era sobrinho do falecido Xuxa - Que Deus o tenha! Ele só enche a paciência e vive se metendo em briga, pagando de bandido e se aproveitando da fama da família dele. É capaz dele fazer fiasco por causa das audiências. O nome dele tá na lista – alertou Alemão para os demais.

Nito ficou preocupado com isso e mandou chamarem o tal de Will. Pouco tempo depois apresentou-se um rapaz magro, sem camisa, com muitas tatuagens representativas para a facção e outras imagens que remetessem ao possível perigo que ele representava: uma lágrima no rosto, um palhaço no braço e primeiro versículo do Salmo 23 logo acima de uma cabeça de leão<sup>61</sup> que estava no peito: “o senhor é meu pastor, nada me faltará”. Chegou com a cabeça baixa que deixava a mostra o seu cabelo platinado que ganhava destaque em contraste com a sua pele negra. Nito pensou que aquela postura podia ser muito mais uma maneira de mostrar o seu visual completo do que respeito propriamente dito. Chegou pedindo licença e demonstrou que conhecia as leis da Sintonia<sup>62</sup>, em silêncio e sem encarar ninguém, com os olhos fixados no chão, esperou que alguém lhe dirigisse a palavra para aí levantar os olhos e escutar com atenção.

- William Barbosa, vulgo Will, certo? - disse Nito

- Sim, senhor.

- Sabe por que tu foi trazido aqui hoje?

- Não, senhor.

- Tu tá ciente que pode ser que não aconteça a tua audiência hoje?

- Sim, senhor.

- E isso é um problema pra ti? Preciso me preocupar contigo, Will?

- Não, senhor. Eu estou à disposição da família, senhor. Podem contar comigo - apontou veementemente para uma tatuagem que levava no peito.

- Tu tem certeza? Ouvi dizer que tu é meio esquentadinho. Te pergunto de novo: a gente precisa se preocupar com a tua postura, Will?

---

<sup>61</sup> Tatuagens que significam, respectivamente, lágrima: já matou alguém; palhaço: assassino de policiais; salmo 23: crer em deus e leão: símbolo da facção.

<sup>62</sup> Grupos responsáveis por fazer cumprir o estatuto da facção, por onde se faz cumprir a disciplina e se faz cumprir os “salves” – mensagens do alto comando para os membros. Popularmente conhecido como “tribunal do tráfico”, mas na realidade é bem mais do que isso, pois não atua apenas sobre resolução de conflitos, mas também delibera sobre questões estratégicas fundamentais para as facções (MANSO; DIAS, 2018, SINTONIA, 2019).

- Não, senhor! Sempre fui firmeza. Sempre tive com a família. Tô aqui para o que der e vier. Não tenho nada mais que eu queira fazer lá fora, não. Vivo ou morto eu vou servir à facção!

- Então pode ir, guri! Conto contigo, hein! Não vamos deixar barato pros porcos. Fica preparado e... ó... pianinho<sup>63</sup>, tá ok?

Will se retirou e Alemão disse que continuava não confiando nele, mas que estava pagando pra ver o que ia acontecer. Nito disse que a lealdade pode inspirar os outros, mas que era bom ficar de olho nele mesmo. Não querer saber quem era os parentes dele se ele estragasse a fita. Todos estavam tensos, pois sabiam que uma guerra estava para começar. Era hora de desencavar não só armas e celulares, mas também a coragem e a motivação daqueles que faziam parte da organização. Do lado de fora, homens andavam de um lado para o outro, agitados, ansiosos com o que estaria por vir. Nito mandou liberar um incentivo pra gurizada: drogas por conta dele. Ele precisava de todos atentos. Recomendou que ninguém bebesse álcool ou fumasse maconha em excesso, pois agora era a hora de ficar de prontidão.

## 6 UM CERTO TRAÇADO SOBRE AS LINHAS DE GUERRA

“Ninguém sabe ao certo o que levou ao estopim entre brigadianos e pessoas em situação de prisão. Alguns dizem que foi por causa da proibição do comércio interno de alimentos, outros dizem que foi porque um senhor estava agonizando, sem atendimento médico, dentro da galeria dos nossos ancestrais, os ‘Bala na Cara’. A Brigada dizia que os apenados mataram um jovem soldado na porta da galeria e os presos diziam que foram eles que mataram um dos dele primeiro. O que eu sei é o que ouvi meus avós contarem. Havia dois policiais de guarda que disseram ter visto um homem que saiu da galeria vestido com um chapéu preto, terno preto, sapatos pretos e camisa branca. Vestido muito elegantemente. Acharam que era alguém que tinha fugido de dentro das galerias e que ainda estava tirando sarro, pois exibia um sorriso largo com dentes muito brancos em contraste com a sua pele retinta. Ele dançava, sapateando bem no meio da galeria ainda alagada pelas águas da faxina. E aquele não era um lugar para danças!

---

<sup>63</sup> Ser discreto, ficar quieto sobre o que foi dito.



Cheios de raiva pela peça que pensaram estar sendo pregada, correram na direção do homem que se pinoteou corredores adentro. Ele era muito rápido, então os policiais o perseguiram com dificuldade, até perdê-lo de vista perto da entrada da galeria dos nossos antepassados. Desorientados, concluíram que o homem tinha se refugiado ali e foram até lá para pedirem explicação sobre o ocorrido. Uma discussão generalizada começou a tomar corpo, pois, os apenados que estavam de guarda no portão, disseram ter avistado um homem também. Porém, ele estava de chapéu e terno vermelhos escuro, sapatos marrons e camisa branca e ele vinha da entrada da galeria. Eles acreditaram ser um engravatado<sup>64</sup>, com um estilo muito peculiar, enviado para negociar com eles sobre as exigências que haviam feito mais cedo. Acharam estranhas suas vestes, pois aqueles que exerciam essa sua profissão costumavam usar cores mais sóbrias. Quando o homem apareceu no corredor, todos ficaram em silêncio para observá-lo. Vinha caminhando lentamente como quem aprecia os olhos que repousam sobre si e o efeito dramático que causa sua aparência. Quando chegou no meio do trajeto, parou bruscamente e transformou sua fisionomia. Repentinamente, adquiriu um ar humorista, como um mímico ou alguém que estava ali para fazer graça, contrastando com o terno bem cortado. O homem de vermelho fez um sinal de espera com as mãos, como um mágico de circo que tenta distrair sua plateia antes de revelar seu truque. Virou rapidamente seu corpo na direção contrária do portão, como se tivesse esquecido algo e tivesse que ir buscar. As pessoas que estavam dentro da galeria protestaram ruidosamente. Então, se virou delicadamente por mais um instante e repetiu o gesto pedindo educadamente que aguardassem.

Por algum motivo, os homens permaneceram calados depois disso, sem saber pelo o que protestar e meio chocados com a figura pictórica. Ficaram observando o engravatado de vermelho desaparecer na escuridão, acompanhando seus pés sumirem e quando se pode ver o último vestígio dos seus passos leves sobre as poças de água acumulada, surgiram no breu o brilho metálico das armas dos policiais. Os homens se assustaram e se sentiram enganados como se aquela aparição misteriosa os tivesse distraído do que estava por acontecer. Os policiais chegaram acusando que estava acontecendo uma fuga, que haviam visto um homem de terno preto. Enquanto aqueles que estavam dentro das grades, respondiam que eles é que enviaram um homem de terno vermelho para lhes confundir. E assim, começou a guerra.

---

<sup>64</sup> Advogado.

Ninguém se deu conta que o tinham visto eram as duas faces de uma mesma entidade. O demônio veio tentá-los naquele dia. Um ser das profundezas chamado Bará – Está amarrado em nome de Jesus! Vocês nunca devem repetir esse nome por aí, pois vão atrair o ‘Coisa Ruim’. Esse ser maléfico tem o costume de causar intriga e confusão entre os homens. As lendas pagãs contam que certa vez ele levou dois fazendeiros vizinhos à morte, por não ter lhe oferecido as oferendas! Para colocá-los um contra o outro, ele costurou para si vestes muito singulares, feitas para causar discórdia. Sua roupa era inteiramente vermelha de um lado, e totalmente branca do outro. Ele é tão ardiloso que também seguiu o mesmo padrão em seu chapéu e sapatos: metade vermelho, metade branco. Então, ele passou bem no meio dos dois homens, de modo que cada um o visse como ele desejava. E disse algo que parecia inocente: um simples “bom dia”. E seguiu seu caminho. Um dos fazendeiros que nunca havia visto aquele homem na região, questionou ao outro: “Quem era aquele elegante homem de vermelho?”. O outro espantado respondeu: “O homem que falou comigo estava de branco! Está louco?” E assim esses homens brigaram até a morte para não passarem por mentirosos na sua cidade.

Do mesmo modo, a guerra foi causada por essa entidade das trevas, apenas por diversão, como se fosse uma brincadeira engraçada. Ele se alimentou da morte dos nossos ancestrais! Houve muitos sacrifícios, assassinatos, chacinas. O primeiro sacrifício exigido por esse demônio foi de um jovem que tinha uma tatuagem de leão no peito – a marca de Judá, do povo de Israel – que até hoje usamos nas nossas insígnias. Ele entregou a sua vida para salvar a de Nito, que como vocês já sabem foi um dos nossos grandes heróis da nossa revolução. Nito sempre foi temente a Deus! Ele rezava todas as manhãs pedindo clareza e proteção. Nesse dia, quando estava no portão durante a confusão provocada pelo diabo, ele foi abençoado com um livramento. Um soldado novato, sem nenhuma ordem superior, animado apenas pelos sussurros do Tinhoso, decidiu que acabaria com a resistência matando o seu líder. Engatilhou a sua pistola e mirou diretamente no peito de Nito. A maioria dos presentes, nem percebeu, pois os policiais estavam com as armas apontadas para todos os lados, ainda mais com a suspeita de que poderia haver alguém à solta. Contudo, maior parte delas, certamente, tinha como alvo Nito, pois ele era uma figura poderosa e inspiradora dos demais. Apenas um dos seus escudeiros mais fiéis, inspirado pela centelha divina, percebeu a mudança na mira e o olhar assassino do recruta. Conta-se que Nito também percebeu, pois o Senhor estava sempre com ele, e que ele olhou no fundo dos olhos do soldado procurando minar toda a sua coragem. Ele fez silenciosamente a prece de São Jorge da Capadócia: “Armas de fogo, meu corpo não alcançarão...”. O novato,

para enfrentar a tensão da situação, já havia cheirado algumas carreiras mas ele era novo nisso também. A cocaína lhe tirou o medo, mas também o deixou fraco à tentação do demônio. Assim, colocou o dedo no gatilho, ajustou a mira e não hesitou em atirar para matar. O estrondo saiu da pistola surpreendeu aos seus superiores e aos seus colegas que viraram a cabeça em sua direção e o olharam abismados. O jovem leão, em uma fração de segundo, percebeu o que tinha que fazer: atirou-se sobre Nito, derrubando-o no chão e usando seu corpo como escudo. O novato não acertou o primeiro tiro, mas quando viu os dois no chão e que os homens instintivamente começaram a se afastar, teve a mira mais limpa e viu a oportunidade de terminar seu serviço: recalibrou a mira rapidamente e acertou pelo menos quatro tiros nas costas do jovem, tentando acertar pelo menos um no nosso líder. Os olhos do recruta brilharam, mas ele não teve tempo de realizar mais disparos, pois os seus colegas o imobilizaram. Acreditou que estava tendo apoio de seu esquadrão, pois estava tentando não desperdiçar mais seus tempos, mas nem pensou nas consequências que teria sua atitude. Esse foi o ato inicial de um longo conflito entre a Grande Família e a polícia.

Naquele dia, o pelotão recuou. Eles sabiam que sozinhos não poderiam fazer mais nada. Depois de alguns longos segundos em que os policiais se afastavam, Nito achou que também tinha sido atingido. Escaneou mentalmente seu corpo de cima abaixo, constatou que não estava ferido. Só então, afastou o corpo pesado do leão morto de cima de si. Pensou que, afinal, o rapaz havia cumprido sua palavra e merecia todas as honras por isso. Mandaria apoio para sua família e lhe proporcionaria um belo funeral assim que tudo isso acabasse. Ordenou aos seus homens que cuidassem do corpo com dignidade. Sua morte não seria em vão. Sabemos, que no fim das contas, tudo que um soldado pode querer é uma boa morte. O leão teve um fim honroso, sem o qual, a nossa história não seria a mesma. Nito reorganizou seu exército, dividindo-os entre os que cuidariam da segurança interna e aqueles que fariam as articulações externas para a guerra que havia começado.

Enquanto ele caminhava de volta para seu brete, ele teve a intuição de passar para ver como estava o homem idoso que estava à beira da morte – como eu disse antes, um dos estopins daquele conflito. O velho moribundo era Seu Oséias, que vocês conhecem como outra grande inspiração para nós. Ele havia sido levado pelo Senhor no mesmo instante que os tiros aconteceram no portão. Seus cuidadores contaram que ele se sacudia como também tivesse levado cada tiro que atingia o jovem leão. Quando foi disparado o último tiro, o coração do velho Oséias não aguentou e parou de bater. Nito se aproximou do corpo do velho, para fechar-

lhe os olhos que estavam muito arregalados olhando fixamente para um ponto na parede. Seguiu aquela direção para onde apontava aquele olhar sem vida e pode ver o ancião havia enxergado: na parede, uma figura de nosso Senhor Jesus Cristo velava com amor aquele corpo inerte. O Nosso Senhor venho buscá-lo depois de sua missão aqui na Terra ter sido cumprida e agora ele está entre os anjos. Naquele dia também houve a sua última batalha: a conversão! Ele já havia sido descrente e andava carregando símbolos pagãos consigo por toda a vida. Mas no momento de sua morte, se arrependeu e se converteu, garantindo seu lugar no céu, depois de sua longa jornada de serviços prestados à nossa Grande Família. Para quem ainda não sabe, ele auxiliou na fuga do lendário Dilonei Melara, resistindo a violência dos soldados da Brigada Militar, fazendo nosso nome chegar a todos da cidade e do país naquele dia! Como nos diz a palavra Dele, em Romanos 6:14 “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça”. A graça tomou conta de Seu Oséias no seu momento derradeiro e ele recebeu a benção do Senhor libertando-o de seus pecados, amém?

Foi sob o manto do Senhor que muitos soldados corajosos da Grande Família, lutaram a nossa *jihad* e o Povo de Israel pode conquistar o que era seu de direito. Através das tecnologias disponíveis na época, realizamos uma operação sincronizada da tomada de controle de mais de vinte prisões ao mesmo tempo, a que vieram se somar tantas outras nos próximos dias<sup>65</sup>. Aqui, nós tomamos as galerias ao mesmo tempo. Assim, todas as prisões e carceragens do país se uniram em um só objetivo: o fortalecimento da nossa causa! O levante colossal que ergueu nossa comunidade tomou conta dos noticiários de mundo todo. Nosso nome ganhou fama em todos os continentes. E nosso exemplo foi seguido através de toda a extensão do globo terrestre! Os governantes e suas polícias até tentaram nos dismantelar, mas as suas investidas eram inúteis, acabavam em muitas baixas do lado deles. Então, elas tentaram nos derrotar por outros meios, cortaram até a nossa alimentação para morrermos de fome. Sitiados, conseguimos dar o nosso jeito, como sempre. Os nossos corres, que antes nos garantiam celulares, armas e drogas, passaram a nos abastecer com alimentos, bebidas, remédios e tudo mais que era necessário à sobrevivência. E assim, se anunciou nossa bonança que perdura até os dias de hoje sob a graça do Senhor!

---

<sup>65</sup> No período de janeiro a junho de 2020, havia 702.609 pessoas em situação de prisão em penitenciárias estaduais no Brasil (BRASIL, 2020c).

Não esqueçam que esse não foi um trabalho feito do dia pra noite e nem de qualquer jeito como a torre de babel<sup>66</sup>! Nito e seus companheiros enfrentaram muitos desafios na conquista do nosso lar, porém ele orava humildemente e o Senhor ouvia suas preces. Ele nunca esmoreceu e continuou o seu trabalho, incansavelmente, como mandava as Escrituras. Trabalhou, trabalhou e trabalho até que Ele ouviu suas súplicas, enviando-lhe algo inesperado. A princípio, a mensagem do Senhor poderia ter sido interpretada como um castigo para a humanidade, mas que acabou sendo uma benção para aqueles que não perderam a fé: um vírus. A doença que ele causava se alastrou rapidamente pelo mundo e os corpos começaram a surgir aos milhares. Covas coletivas foram cavadas. As pessoas que podiam trancaram-se em suas casas, fecharam as portas de suas empresas e não transitavam mais pelas ruas com medo de infectar. O Estado lançou mão de recursos autoritários para que as pessoas não circulassem pela cidade,<sup>67</sup> através de *lockdowns* e restrições de horários e atividades que poderiam ser realizadas nas ruas. As populações negras, moradoras de periferia e os mais pobres foram os primeiros a serem afetados<sup>68</sup>, pois dependiam do seu acesso à cidade para trabalhar, enquanto as camadas mais privilegiadas da população estavam seguras em seus condomínios autossustentáveis. O medo do colapso que os ricos tinham já vinha muito antes disso, por isso já se preparavam há anos para algo parecido. Esses descrentes, ao primeiro sinal de perigo, faziam seus estoques e se deleitavam nos confortos de suas prisões autoimpostas, que serviam mais para manter os outros fora do que eles dentro. Nossas vidas nunca valeram nada para eles, portanto, nós só entrávamos nesses espaços para fazer aqueles serviços que eles não queriam sujar as mãos fazendo. E foi prestando serviço para eles que muitos dos nossos perderam a vida: eles se infectavam e iam para hospitais ultratecnológicos e salvam-se. Enquanto os nossos morriam à

---

<sup>66</sup> A torre de babel é uma parábola bíblica, encontrada no livro Gênesis, sobre construção ambiciosa de uma torre tão alta que pudesse chegar aos céus. Deus, indignado com a soberba dos homens, derruba o prédio com uma forte ventania, que também carrega um castigo: as pessoas que ali estavam reunidas começariam a falar idiomas diferentes, não se comunicando mais entre si. Assim, acabam espalhando-se pelo mundo, dando origem a um mito de criação das diferentes línguas faladas no planeta. Popularmente, essa expressão é usada para se referir a algo que foi concebido sem um projeto realista, por pessoas que não se entendem entre si e por isso acabam ou abandonando a tarefa, ou fazendo algo sem consistência.

<sup>67</sup> “(...) é preciso se perguntar se ela pode justificar medidas de limitação da liberdade que nunca haviam sido tomadas na história do nosso país, nem mesmo durante as duas guerras mundiais.” (AGAMBEN, 2020).

<sup>68</sup> “Homens negros são os que mais morrem pela COVID-19 no país: são 250 óbitos pela doença a cada 100 mil habitantes. Entre os brancos, são 157 mortes a cada 100 mil. (...) Entre as mulheres, as que têm a pele preta também morreram mais: foram a 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as brancas. Outro levantamento, desta vez pelo IBGE, mostrou que mulheres, negros e pobres são os mais afetados pela doença. A cada dez pessoas que relatam mais de um sintoma da covid-19, sete são pretas ou pardas”. (PECHIM, 2020).

míngua. Como bem diz no Nosso Senhor: “é mais fácil um camelo passar no buraco de uma agulha, do que um rico entrar no céu!”.

Muitos de nós, especialmente, os encarcerados não tinham para onde fugir. Celas superlotadas, contágio inevitável. Nós, sobrevivemos, mas o Estado, não. As tentativas de reestruturar da economia no pós-vírus focaram em articulações regionais e internacionais do capitalismo financerizado. Historiadores contam que o colapso se deu justamente pela falta de investimento no povo. Houve um grande desmonte dos setores de saúde, segurança, assistência social e educação, que dizimou grande parte da população. Porém, nas áreas onde a Grande Família vinha se fortalecendo e realizando nosso trabalho de base, cunhados nos princípios do Senhor e do trabalho árduo no comércio de entorpecentes e na redistribuição da renda das grandes instituições financeiras para capitalizar os negócios da quebrada, a mortalidade não só foi menor, mas como também estabelecemos mecanismos de qualidade de vida muito superior ao que tínhamos nas grandes cidades. Assim, vários ativistas e influencers digitais começaram a reconhecer nosso empenho na preservação dessas vidas desamparadas pela administração pública. Nas redes sociais, nossa causa ganhou forças e não demorou para que a sociedade atestasse a incompetência do Estado em lidar com a crise.

Nossas vozes criaram ressonância na internet e ganhamos apoio de vários setores que tinham sido muito afetados pelo vírus. Passamos a oferecer suporte para que essas empresas se desenvolvessem dentro da periferia e que pudessem expandir suas fronteiras se capilarizando por toda a cidade. Novos negócios também surgiram, especialmente ligados à saúde, tecnologia e entretenimento. A Grande Família passou a incentivar e patrocinar debates públicos que falassem sobre o uso de substâncias recreativas, que desde os primórdios da humanidade vêm promovendo bem-estar, se cultivados nas condições certas, usados nas doses adequadas podem ajudar no combate de várias doenças. Recentemente, descobriu-se que o uso de dosagens adequadas de maconha ajuda a entender melhor as Escrituras e se conectar com o Criador<sup>69</sup>. E como sabemos até Nosso Senhor Jesus Cristo apreciava o vinho! Logo, setores industriais que vinham sendo deixados de lado há décadas, como a armamentista e das substâncias psicoativas

---

<sup>69</sup> O *Stoner Jesus*, grupo fundado por mulheres cristãs do Colorado (EUA), onde a maconha é legalizada, se reúne para fumar maconha e fazer leituras bíblicas. Segundo elas, não existem nenhuma proibição a respeito disso e justificam com as palavras do próprio livro sagrado: “Como em Gênesis 1:29: ‘eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes’. Jesus só não andava com os fariseus. Mas se alguém lhe passasse a bufa, ele não diria não” (FERREIRA, 2020, [s. p.]).

passaram a ser legalizadas e regulamentadas pelo Estado, como forma de movimentar o mercado de consumo.

Com a abertura radical, houve a regulamentação de outras profissionais, como das/os profissionais do sexo e outras ocupações que antes eram subalternizadas e marginalizadas nos meios formais. As profissões ligadas à venda dos nossos produtos, como o gerente, embalador, vapor, aviãozinho, fogueteiros, entre outros passou a ser regularizada e descriminalizada. Abrimos lojas especializadas na venda e consumo de entorpecentes de procedência certificada por nossa organização. Nessa onda, autorizou-se também a venda de materiais biológicos como sangue, fluido da medula espinhal, células hepáticas, espermatozoides, óvulos e fetos. Nosso povo não estava familiarizado com essa cultura, portanto, foi mais difícil engajarmos nossos parceiros nesse negócio. Houve disputas internas entre nós e algumas religiões arcaicas que, baseada em uma leitura superficial do livro de Levítico, diziam que não era permitido doar ou receber sangue, muito menos outras partes do corpo. Os mesmos que espalhavam mentiras horríveis sobre Maria Madalena, julgando-a sobre a sua profissão e não pela devoção que teve à Cristo. Se ela foi perdoada pelo Senhor em pessoa, quem somos nós para julgá-la? Nós, os suprapentecostais, acreditamos no livre-arbítrio do homem. E se o homem está dispendo de parte de si para ajudar o outro, a recuperar a saúde do outro, ele é bem visto aos olhos de Deus. E que se receber uma recompensa por isso, é mérito dele! Quando o Estado nos assassinava e tornávamos doadores de órgãos, estava tudo bem<sup>70</sup>! Quando decidimos começar a cobrar por eles, quiseram fazer disso um dilema moral! Lembre-se sempre das palavras de João: ‘Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos’. Valorizem o sacrifício! É por esse sacrifício que aqui estamos hoje! Devemos agradecer ao Senhor pela garra e coragem dos nossos fundadores, que nos libertaram das correntes do Estado e seus parasitas para que possamos afirmar nossa Fé no trabalho e no ato de empreender, permitindo distinguir nosso mérito perante Ele até o fim dos nossos dias para podermos nos sentar ao lado Dele”.

---

<sup>70</sup> De acordo com a pesquisa realizada sobre a desigualdade no transplante de órgãos, os homens negros e pardos são os que mais morrem de causas externas no Brasil (51%), o que “evidenciaria uma expressiva quantidade de potenciais doares para este grupo populacional” (IPEA, 2011, p. 24), no entanto, o que se observa que os maiores receptores de órgãos são os homens brancos (56%) – apenas 9% dos receptores de coração eram negros e 33% eram pardos, mesmo que as doenças cardiovasculares atinjam ambas populações na mesma proporção. Complementando essa visão, Emanuele Goés (2018) traz a fala do livro *Medical Apartheid* de Harriet Washington: “Garota, os negros não conseguem órgãos, eles dão órgãos”.

\*\*\*

Henrique ouvia a mesma história, pela décima vez, na voz grave e monótona do professor Ezequiel. Ele sempre ia até essa parte da narrativa e parava. Não adiantava o quanto lhe pedisse para contar mais sobre a revolução, ele não continuava. Ele dizia que não era assunto para crianças. Porém, Henrique e seus amigos já tinham 12 anos e já se consideravam sujeitos-homens<sup>71</sup>, por isso desconfiavam que ele não sabia mais do que já tinha dito até então. Costumava levar todos até o ápice da história e deixava todos suspensos nesse ponto, mandando-os rezar. Henrique achava que o professor já estava caduco, pois seus cabelos brancos estavam cada vez mais desgrenhados a cada nova quarta-feira, dia em que se encontravam na aula de história. Outros achavam que o professor se deleitava, com certo sadismo, da aflição dos mais jovens pela interrupção da narrativa. Contudo, a maioria das colegas já tinha ouvido histórias sobre a revolução e como a pandemia havia contribuído para o colapso da sociedade lá fora e o fortalecimento da irmandade aqui dentro.

Mateus dizia que seu pai havia contado que o tal do novato que atirou em Nito, foi morto pelo seu tataravô, encomendado pelos fundadores para vingar o jovem leão. O mesmo garoto conta que durante a tomada da cadeia pública, Nito fez uma live, para uma rede social que bombava muito na época, em que mostrava um julgamento público dos dukes da 3ª da J<sup>72</sup>. Ele enforcou, ao vivo, trinta e dois estupradores em um grande cadafalso construído para enforcar quatro por vez. Logo após a execução, seus corpos foram pendurados nos muros para que todos se lembrassem do fim que teria quem desobedecesse às leis do crime. O vídeo foi compartilhado mais de um milhão de vezes, quebrando todos os recordes de visualização daquele tempo, e as pessoas passaram a exaltar Nito como um justiceiro livrando a sociedade de seus piores malfeitores. Ganhamos o apoio popular rapidamente. Por causa da pandemia, a polícia tinha mais medo ainda de se aproximar das galerias, já que suas armas eram inúteis contra o vírus. Nesse tempo, a polícia tinha um papel muito desprestigiado, eram mal pagos e morriam constantemente em serviço, por isso nem se esforçaram muito para impedir o que estava

---

<sup>71</sup> Homens feitos, prontos para atuarem na facção em defesa da causa. Prontos para trabalhar, matar e morrer em nome da organização.

<sup>72</sup> Duke é a gíria para designar pessoas acusadas de estupro, eles precisam ficar em uma galeria separada dos demais para não sofrer represálias. No caso da CPPA, é a 3ª galeria do pavilhão J.



acontecendo lá dentro. Hoje, contratados pela Grande Família para cuidar de nossas fronteiras, recebem salários justos, estão seguros e tem todo tipo de assistência que precisam. Antes serviam ao estado, agora são uma empresa privada altamente especializada em segurança, sendo responsáveis pela circulação intramuros e por manter bem longe os contra e todos aqueles que querem entrar aqui sem mérito para se aproveitar da nossa prosperidade.

Pedro, ouvindo de Mateus o que havia aprendido através das tradições orais da comunidade, complementou dizendo que sua bisavó presenciou a construção da muralha que nos protege, do jeito que ela é hoje. A antiga muralha compreendia apenas a área da velha prisão. Na época, Nito havia dominado as fronteiras de pelo menos quatro bairros da zona leste de Porto Alegre, compreendendo toda a região dos Morros da Polícia, da Embratel e da Cruz. A sua bisavó contou que sua família morava bem pertinho da Avenida Aparício Borges, uma das fronteiras recém demarcadas, um dia acordou e olhou pela sua janela e ficou muito surpresa com a multidão que se aglomerava ali. Quando a população lá de fora ficou sabendo que o vírus já tinha sido superado dentro dos muros, pois a Grande Família havia feito seus próprios acordos aproveitando seus contatos internacionais de comércio de entorpecentes para obter cargas da vacina antes mesmo dela estar disponível no país, as pessoas começaram a se aglomerar no entorno da periferia, pedindo para entrar pois queriam se proteger. O Estado tentou dispersá-los de todas as formas coercitivas que conheciam, mas eles não paravam de surgir. Somaram-se a eles, aqueles que não encontravam mais sentido para suas vidas depois de uma longa quarentena e os que não suportavam mais o sistema de produção lá fora. Uma multidão de desempregados, super qualificados, buscavam um posto nas Firms, nem que fosse de aviãozinho ou vapor. Intelectuais, profissionais liberais, professores... Todos queriam entrar e entender o que havia sido feito de tão especial lá dentro. Queriam fazer parte daquela sociedade em construção, queriam dar a sua contribuição. Um acampamento se formou nas calçadas da Academia de Polícia, no território próximo da cadeia antiga. Os ambulantes daqui de dentro não demoraram a aparecer para vender itens de utilidade, pessoas alugavam os banheiros das casas no entorno da demarcação para tomarem banho e fazerem suas necessidades. Os mais abastados, conseguiam até mesmo quartos e uma cama para dormir de vez em quando. A imprensa começou a cobrir a movimentação no local e cada vez mais pessoas vinham buscando esperança naquele lugar. Alguns organizavam meditações coletivas, buscando se conectar com aqueles homens que, já viviam em privação de liberdade e direitos muito antes de tudo acontecer e mesmo assim, conseguiram sobreviver. Havia algo a ser absorvido nisto. Como não

enlouqueceram? Como conseguiram transformar a sua realidade? O Estado preocupado com a reestruturação das suas contas, agiu displicentemente depois de um tempo e quando se deram conta já haviam perdido o controle.

Henrique duvidava de todas essas histórias, era cético por natureza, mas não dizia nada para seus amigos para não brigar. Seu ceticismo já havia sido útil, mas sabia que também podia ser inconveniente. Ensinou seus amigos que era possível fingir que estava rezando quando o professor-pastor chato determinava que estava na hora: “Vocês fecham os olhos e pensem no que quiserem. Eu, por exemplo, penso no que vai ter de almoço”. Henrique não podia admitir publicamente, mas era ateu. Sua família sofreu muito quando viu que ele não acreditava na Palavra. Então, eles lhe fizeram prometer máxima discrição a respeito de suas convicções. E assim, ele o fez. Escondia dentro de si pequenas grandes transgressões que às vezes dividia com seus amigos, sem deixar muito claro seus propósitos. Liberados para saírem da sala, Henrique Mateus e Pedro, seguiram por um longo corredor, com um chão de madeira escura que faziam contraste com paredes muito brancas, enquanto brincavam de tentar adivinhar o qual seria o cardápio do dia. Passavam por retratos de todos os líderes da Grande Família até os dias de hoje, mortos e vivos, entre eles Nito, estava entre eles, enquanto faziam suas apostas: “Massa com guizado!”, “Arroz de carreteiro”, “Galinhada com suco de laranja!”. Suas bocas começaram a salivar enquanto alcançavam um átrio, onde havia uma estátua em bronze de Seu Oséias, em uma pose altiva, vestindo calça social e camisa polo, portando na mão canhota um revólver calibre 38. Os três garotos, haviam aprendido na aula de estratégia que essa idiossincrasia foi muito útil na hora de confundir a todos na hora de render as vítimas durante a memorável fuga da qual fez parte. Apesar de ser destro, Seu Oséias treinava tiro ao alvo com as duas mãos. A mão esquerda, portanto, foi o fator surpresa. Por esse motivo, esse momento foi imortalizado para que pudesse servir de exemplo de determinação, inteligência e criatividade. Congelado ali estava Seu Oséias, representado em seus trinta e poucos anos. Os amigos passaram ligeiro por esse lugar, sem apreciar toda a complexidade do pequeno monumento. Dirigiram-se rapidamente ao refeitório, velozes por sua fome. O salão onde as refeições eram consumidas era amplo e claro, com lugar para mais de 600 estudantes. A comida simples, balanceada e saudável, mas como geralmente acontece nas cozinhas industriais, o sabor não era seu forte. Nenhum dos garotos ganhou a aposta sobre o que seria servido, porém, isso foi motivo de comemoração já que estava sendo servida lasanha à bolonhesa, um dos pratos mais saborosos do menu.

Henrique era o mais novo da sua turma e enquanto comia uma das poucas especialidades da cozinha da escola, percebeu que estava ansioso com o que estava por vir. Ele iria começar o curso preparatório para iniciar suas atividades no complexo prisional. A nova legislação havia diminuído a idade mínima para começar a trabalhar. Seus pais haviam ficado um pouco apreensivos com a nova medida, pois eles mesmos só começaram a atuar nas Firms aos 14 anos, quando já se sentiam mais preparados. Contudo, o novo líder da Grande Família resolveu fortalecer ainda mais um dos pilares mais importantes da nossa sociedade: o empreendedorismo. “O trabalho empreendedor, pró-ativo, feito com fé e dedicação faz com que sejamos agraciados com a riqueza como testemunho da dádiva do Senhor. A ocupação laboral é um direito e um dever de todos<sup>73</sup>” dizia em um panfleto que foi enviado aos seus pais na véspera de seu aniversário. Ele sabia que todas as histórias de guerra e paz que havia escutado até então giravam em torno deste tema. Quando manifestava suas dúvidas sobre o futuro, seu pai costumava citar uma passagem da bíblia “todo o trabalho árduo traz proveito, mas só falar leva à pobreza”, desestimulando-o à reflexão através da conversa e empurrando-o em direção de engajar-se em uma atividade prática para encontrar um rumo na sua vida, senão ficaria como os outros lá fora.

Seu pai era muito fã de Nito. Havia lido todos os livros a respeito dele e era um verdadeiro especialista. Chegou a conhecer José Alves, seu grande biógrafo, que escreveu um livro chamado “Nosso Grande Triunfo”, uma mistura de livro de autoajuda com marketing pessoal baseado na história oficial de Nito. Atualmente, o pai de Henrique trabalha no departamento de marketing da Grande Família e fazia palestras disputadíssimas sobre vendas, empreendedorismo e coach. Seu principal desejo era que o filho seguisse seus passos e treinasse para ser um profissional de Publicidade e Propaganda no futuro. Ele não cansava de falar sobre a jornada do seu herói. Ele a narrava por horas e horas. Naquele dia, o garoto havia prometido que assistiria em uma de suas convenções falando sobre Grande Aliança, que levou a formação da Grande Família como ela e seus impactos na nossa comunidade hoje. Ele só se lembrou quando já estava atrasado e então saiu correndo até o local onde ocorreria o evento. Chegando lá, suado da corrida, entrou e sentou-se discretamente ao fundo da sala que estava lotada à essa altura. O pai estava em um palco passando slides e já havia começado:

---

<sup>73</sup> Baseado na perspectiva da LEP (1984) sobre o trabalho prisional como direito e dever de todos, apesar da estrutura penitenciária não ter condições de cumprir com essa visão.

“Como vocês sabem, os mais pobres não tinham dinheiro nenhum, muito menos guardado, viviam um dia de cada vez. Eles tiveram que continuar a trabalhar nas ruas, pois se não morressem do vírus, morreriam certamente de fome ou da violência que se produz no confinamento. Porém, deste lado, já estávamos acostumados a ser mantidos dentro de certos territórios, onde havia muita privação. Nossos corpos circulavam pela cidade, mas erámos mantidos afastados pelas grades, câmara e seguranças armados. Nós levamos nossa presença para esses lugares pelos meios tecnológicos e informacionais. Nós disseminamos nossa cultura. E nós não precisamos mais ir até eles. Agora eles vêm até nós, compram nossos produtos e muitos ainda fazem fila aqui fora para entrar. Nós transformamos o nosso lugar em um lugar desejado por todos.

Apesar das adversidades, nós não paramos de trabalhar nem um minuto sequer pelo nosso propósito. A demanda por nossos produtos e serviços crescia vertiginosamente. Nito viu nisso uma oportunidade de conquistar novas parcerias e territórios, de forma rápida e eficaz, eliminou toda a concorrência sem desperdiçar uma gota de sangue. Ele ordenou que seus homens continuassem a se organizar e fortalecer as quebradas, que ajudassem as pessoas pobres com cestas básicas, galões de água, além de sabão e sabonete – importantes ferramentas na prevenção da doença. Ele entendeu que nós erámos mais fortes unidos e assim ficaríamos vivos.

Nito teve visão e convenceu seus homens que era preciso sobreviver a tudo. Juntou todos os outros chefes de facção e criaram medidas de segurança biológica para os seus, criando um perímetro em todas as regiões que dominava – regulando entradas e saídas das fronteiras, proibindo aglomerações e tornando obrigatório o uso de máscara. As denúncias eram recebidas diretamente pelos membros da disciplina que aplicavam desde punições leves, como impedimento de sair de casa por dois dias, até mais graves, como um tiro no pé, em caso de reincidência. Passaram-se muitos anos até que a pandemia pudesse ser finalmente erradicada em todos os setores sociais.

Durante esse período, a Grande Família teve alguns conflitos internos, principalmente quanto à distribuição de recursos e disputa de territórios. Porém, como sabemos, Nito orou pacientemente ao Senhor e pediu por clareza e força para enfrentar os novos desafios. Com a cabeça mais tranquila propôs alianças dentro da prisão. Procurou até os seus inimigos, conhecidos na época como Anti-Balas, a maior facção depois da sua. Ele invocou um código

muito caro a bandidagem: ‘contra opressão<sup>74</sup>’. Os líderes conversaram e decidiram suspender suas diferenças por ora, em prol da sobrevivência. Algo muito maior que a maioria dos países conseguiram fazer naquele tempo. Os chefes já estavam cansados de assumir prejuízos financeiros por ter que fornecer mantimentos e itens básicos de higiene, devido a proibição das visitas durante a crise sanitária. Os homens vinham até Nito reclamar do descaso dos policiais que largavam fardos de comida estragada e com escárnio diziam: ‘melhor comer do que morrer’. Nito, fã de rap, citava as palavras de Projota: ‘Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come? Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com a fome<sup>75</sup>’, traficava comida para dentro da prisão e abria mão da sua parte, suportando o jejum de muitas horas, meditando na Palavra do Senhor. Muitos tiveram que abandonar seus postos de trabalho porque desmaiavam de fome ou porque estavam doentes. Nito e as demais lideranças não poderiam viver suas vidas enquanto os outros estavam nessa situação. Eles, então, tomaram uma atitude.

Cansados dessa situação, tiveram uma grande ideia: criaram uma grande plataforma de negócios. Eles inauguraram um complexo sistema de fabricação, beneficiamento e entrega não só de substâncias psicoativas, mas também de todo o tipo de serviços que os membros da família poderiam oferecer: telentrega de maconha (da orgânica à mesclada), de pó, de bebidas, de produtos prontos para o uso, de agenciamento de garotas de programa, de serviços de falsificação de documentos, de intermediação entre profissionais que quisessem montar um time para fazer uma mão<sup>76</sup>. Tudo isso podia ser encontrado no Correria App. Vários trabalhadores de outras plataformas de transporte e entrega que já estavam ligados aos nossos territórios passaram a se cadastrar no aplicativo.

Rapidamente, as pequenas bocas não tinham mais clientes e os corres independentes passaram ser organizados pelo nosso escritório central, que alugava equipamentos e fornecia serviços de proteção por uma pequena porcentagem para nossos aliados. Os chefes também criaram um fundo de previdência permanente, através da arrecadação da taxa de intermediação que ia para o auxílio daqueles que adoeciam e precisavam ficar em casa de recuperando. Como parte do acordo, estava incluso alimentação, serviços médico e medicamentos. Isso era muito mais que a maioria das plataformas oferecia na época. O que fez com que os prestadores de

---

<sup>74</sup> Lema do Comando Vermelho e do Primeiro Comando da Capital, especialmente na fase inicial quando pretendiam funcionar como um sindicato da massa carcerária (MANSO; DIAS, 2018).

<sup>75</sup> Citação literal da música “Muleque de Vila”, do rapper Projota (2006). Você pode escutá-la em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kzLESxMqnTg>>.

<sup>76</sup> Formar um grupo de pessoa para cometer um crime.

serviço quisessem todos migrar para a nossa iniciativa. Além disso, se a pessoa afastada indicasse alguém para trabalhar no seu lugar, como um primo ou irmão mais novo, ainda poderiam receber uma comissão sobre seus lucros. Essa era garantia que o negócio continuasse funcionando e, de quebra, os jovens ainda aprenderiam uma profissão. Isso também criava uma solução para lidar com o constante turnover dos negócios, investindo em um sistema retroalimentado de mão de obra. Genial, não acham?

O Estado nem se preocupou em tentar impedi-lo. Quanto mais a economia entrava em colapso, mais abandonados ficavam os que estavam dentro da vila e das cadeias. Os poderosos não tinham tempo para se preocupar com a gente, então nós nos tornamos os poderosos. Hoje temos um dos maiores complexos logísticos do mundo, de venda e distribuição, não só de drogas, armamentos e prostituição, como a imprensa costumava divulgar, mas também e alimentos e bebidas, higiene e limpeza, produtos têxteis, eletrodomésticos, eletrônicos, serviços de advogados, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, professores e pastores para a alma. Tudo isso com o compromisso social assumido de fomentar o crescimento da economia do nosso país e a empregabilidade do nosso povo. Se não havia lugar para o nosso povo lá fora, nós criamos aqui dentro. Hoje nós temos uma poderosa cadeia de produção local, com conexões regionais, nacionais e internacionais. Colocamos nossa Família no mapa mundi! E todos nós aqui somos os responsáveis por isso. Eu os parabenizo!”

O pai de Henrique emocionou a todos presentes e arrancou aplausos e assobios emocionados da audiência. Henrique já havia escutado essas mesmas palavras sendo repetidas em frente ao espelho da sala quando seu pai treinava seus discursos. O garoto desconfiava que seu pai era pago para manter todos sob o jugo da hierarquia da Grande Família e, o mais importante, felizes com isso. A sociedade estava organizada de maneira bastante rígida e eram profundamente fundada em diferentes castas que eram definidas de acordo com o nível de comprometimento e resultados econômicos para nossa comunidade, onde não havia muita mobilidade, salvo raros casos de sucesso que eram massivamente divulgados, por muito tempo, para parecerem mais frequentes do que realmente eram. O pai de Henrique costumava dizer que muitas destas hierarquias já estavam aqui antes de nós e foram fundamentais para manter a paz entre nós e que os nossos chefes não foram escolhidos por acaso, e sim um resultado de uma longa luta e articulação política. Esses chefes são os responsáveis por toda a nossa estrutura, por manter a união, por estabelecer as regras de convivência e por criar as nossas leis. Eles vivem em suas fortalezas no topo do morro, fortemente protegidas pelos seus exércitos

particulares, pois se nossos inimigos atacarem eles precisam ser protegidos para que nossa sociedade continue. Moravam em belos e imponentes sobrados, e eram chamados de Patrões, pois são os grandes empresários por trás do funcionamento da nação-prisão. Eles são pessoas inovadoras, corajosas e que não tem medo de se arriscar em novos empreendimentos. Também são importantes nossas defesas estratégicas em tempos de guerra, treinamento e motivam os homens a fazer o que for preciso pela nossa causa. Logo abaixo das suas fortalezas, estão as grandes casas onde residem os Gerentes, que são responsáveis pela parte comercial do nosso negócio. Eles cuidam das finanças e do planejamento estratégico das operações, bem como supervisionam os empreendimentos menores. Abaixo deles, em suas casas mais simples estão os empreendedores de médio e pequeno porte, que através do suor de seus trabalhos e seus méritos pessoais de persistência e dedicação ascenderam a essas posições sociais, conquistando o direito de viver no intramuros e podendo usufruir de seus hospitais, escolas, igrejas, segurança privada e demais cadeias de produção local. Na base dos morros, estão àqueles que trabalhavam nas Firms, que recebem salário, moradia nos alojamentos e têm contratos de trabalho por demanda. Estes últimos ainda podem usufruir da estrutura social montada, porém de forma limitada, através de vouchers<sup>77</sup>.

Cansado de pensar sobre tudo aquilo, Henrique se dirige até seu pai e o cumprimenta cinicamente pela apresentação, o que nem é percebido pelo homem narcisista que está muito ocupado de si mesmo. Alegrementemente, diz ao filho que tem um presente muito especial para lhe oferecer. Alcançou o novo e reformulado “Estatuto da Grande Família” que havia passado recentemente por alterações, incluindo o tal artigo sobre a nova idade para ingresso nas Escolas de Formação de Empreendedorismo em Cristo (EFECs). O pai pediu que ele aguardasse alguns minutos ali, enquanto ele resolvia alguns problemas e depois lhe dava carona para casa. Cansado, Henrique resolveu esperar pela carona, pois ela viria em boa hora. E já que havia folheado algumas vezes o estatuto nas mãos, mas nunca havia prestado atenção suficiente, resolveu fazê-lo nesse tempo que ficou vago:

---

<sup>77</sup> De acordo com Antunes (2018, p. 40), o pagamento por voucher é um exemplo de precarização do proletariado na Itália, “(...) onde há pouco tempo se desenvolveu uma nova modalidade de trabalho ocasional, o trabalho pago a *voucher*. Ela é assim denominada porque os assalariados ganham um *voucher* pelas horas de trabalho realizadas, o qual trocam pelo equivalente monetário, segundo o salário-mínimo legal pago por hora trabalhada”. Contudo, de acordo com o próprio autor, muitas vezes, o patronato impõe ao trabalhador receber valor inferiores ao salário-mínimo legal, criando novas tecnologia de desregulamentação do trabalho.

### *ESTATUTO DA GRANDE FAMÍLIA:*

*Nessa nova sociedade que fundamos através do sangue e glória de nossos ancestrais promulgamos que todos que vivem sob essa mesma lei devem obedecer aos nossos princípios básicos e obedecer os dez mandamentos aqui proferidos.*

*Essa grande organização foi fundada em 2020, na Cadeia Pública de Porto Alegre, com o intuito de combater a opressão e lutar pela liberdade, progresso, paz e justiça para todos os irmãos.*

#### *DOS OBJETIVOS:*

*Art. 1: Nosso principal lema é paz, justiça, progresso e liberdade, porém não nos furtamos a guerra contra nossos inimigos quando ela for necessária;*

*Art. 2: Todo membro da Grande Família deve trabalhar pelos ideais do trabalho pró-ativo, empreendedorismo e fazer com que seus filhos e netos sigam essa tradição;*

*Art. 3: A paz deve ser conquistada através do respeito e a união entre os irmãos, que devem seguir o proceder;*

*Art. 4: Para disputas, deve-se recorrer primeiramente ao seu gerente e em segunda instância, à Disciplina Central*

*Art. 5: Todo habitante da nossa nação deve professar a nossa Fé, como forma de comunhão de toda a Família.*

#### *DA GUERRA*

*Art. 6: Todo o jovem ao completar 16 anos deve alistar-se para prestar serviço militar obrigatório como soldado da Grande Família. O período mínimo de cumprimento de serviço é de 12 meses;*

*Art. 7: Em tempos de guerra, nossos inimigos derrotados devem se converter à nossa religião, se não sofrerão pena de morte;*

#### *DO TRABALHO*

*Art. 8: O progresso deve ser alcançado através da educação e do trabalho. As crianças a partir de 4 anos devem estar matriculadas nas escolas e todos os jovens a partir de 12 anos*



*devem estar inscritos nos Espaços de Formação Empreendedora em Cristo - EFEC em programas preparatórios para o trabalho pró-ativo e empreendedor;*

*Art. 9: Todos aqueles que vivem no intramuros devem ter sua ocupação laboral comprovada, seja como empreendedores ou empregados das firmas;*

*Art. 10: Os candidatos a integrarem a comunidade intramuros devem passar por processo seletivo ao qual se formará uma comissão de seleção composta por pessoas notáveis da comunidade;*

*Art. 11: Os novos integrantes devem se converter ao supra-pentecostalismo em cerimônia pública;*

#### *DO PROCEDER*

*Art. 12: Cumprirá os Dez Mandamentos da Grande Família:*

*§ 1º - A Grande Família está acima de tudo;*

*§ 2º - Jamais caguetarás<sup>78</sup> teus irmãos;*

*§ 3º - Não cometerá talaricagem<sup>79</sup>;*

*§ 4º - Não levantarás acusação contra teu irmão em vão;*

*§ 5º - Não conspirará contra teus superiores;*

*§ 6º - Falará a verdade mesmo que isso te custe a vida;*

*§ 7º - Trabalhará sempre em prol do coletivo;*

*§ 8º - Fortalecerá os menos favorecidos;*

*§ 9º - Não cometerás chinelagem<sup>80</sup>;*

*§ 10º - Em tempos de guerra, eliminará ou converterá nossos inimigos*

#### *DA DISCIPLINA CENTRAL*

*Art. 13: Adota-se o sistema de níveis de desenvolvimento econômico como base da organização dessa nova sociedade. São elas: chefes, patrões, gerentes, empreendedores e trabalhadores das firmas, além de criar categorias exclusivas para pastores e militares.*

*Art. 14: Determina-se a criação da Disciplina Central, formado por representantes de cada nível de mérito: 4 (quatro) representantes dos chefes, 3 (três) representantes dos patrões,*

---

<sup>78</sup> Dedurar os parceiros de crime.

<sup>79</sup> Cobiçar a mulher do outro, vista como propriedade masculina.

<sup>80</sup> Roubos ou furtos de pequeno valor, especialmente dentro da própria comunidade.

2 (dois) representantes dos gerentes, 2 (dois) representantes dos pastores, 1 (um) representante dos militares e 1(um) representante dos empreendedores. Os trabalhadores das firmas não terão representação;

*Art. 15: Os membros da Disciplina são elegíveis com mandatos de 2 (dois) anos, não passíveis de reeleição antes de 4 (quatro) anos. Responsáveis pela aplicação das nossas leis e manter a todos no proceder;*

*Art. 16: Todo conflito entre os irmãos será levado à Disciplina Central e através de audiências públicas se apresentaram as soluções, que devem ser cumpridas com visão, disciplina e papo reto. O descumprimento pode levar a pena de degredo ou morte;*

#### *DAS PUNIÇÕES*

*Art. 17: Não são mais aplicáveis as penas privativas de liberdade, mesmo em suas modalidades abertas ou semi-abertas;*

*Art. 18: O vacilão que levantar falso testemunho contra os irmãos será punido com degredo seu e de toda a sua família de sangue;*

*Art. 19: A chinelagem será punida com severidade. Na primeira ocorrência, disparo de arma de fogo nas mãos e degredo. Em caso de reincidência, terá os dedos cortados e, posteriormente, executado.*

*Art. 20: A traição, a caguetagem e conspiração serão punidas com a morte através da queima no microondas<sup>81</sup>;*

*Art. 21: Dukes serão punidos com a morte através de linchamento público e coletivo;*

*Art. 22: A talaricagem será punida com um tiro no joelho disparado pelo ofendido e degredo. O talarico só poderá se candidatar a voltar para o intramuros depois de 2 anos afastado. Em caso de reincidência, não será mais aceito nesta nação;*

*Art. 23: Outras faltas cometidas no intramuros puníveis com degredo são: furto, roubo, desonestidade nas transações comerciais, agressão qualificada, negligência com menores de idade;*

---

<sup>81</sup> Forma de execução cruel que consiste em queimar vivo o acusado utilizando como combustível gasolina e prendendo a vítima em pneus de carro.

*Art. 24: As demais infrações praticadas que podem trazer prejuízos à comunidade, devem ser julgadas pela Disciplina Central e são passíveis de aplicação da pena que julgarem adequada;*

#### *DA RELIGIÃO*

*Art. 25: A religião oficial é suprapentecostal, em sua dissidências: Igreja dos Últimos Dias de São Dimas, Evangelistas do Salmo 23 e Assembleia das Formigas de Deus. Somente essas religiões são permitidas no intramuros. O ateísmo ou professar outras fés é punível com deredo e investigação disciplinar da família de sangue;*

#### *DA UNIVERSALIDADE*

*Art. 26: Essa é a lei irrevogável e será aplicada a todos que vivem nessa nação.*

## **7 O JANTAR**

### **7.1 A ARANHA**

Raquel era uma mulher austera. Seus cabelos acinzentados pelo tempo eram longos e trançados cuidadosamente todas as manhãs, soltava-os apenas à noite para deitar com seu marido, que agora já era falecido há 15 anos. Todas as noites enquanto desmanchava os fios das meadas do penteado, rezava pela alma do seu querido esposo, levado prematuramente. Os fios grisalhos e a pele parda faziam com que ela parecesse levemente com uma mulher indígena, cuja ascendência negava veementemente. Apesar da vaidade discreta, leves rugas perto dos olhos pequenos e muito escuros, denotavam seus mais de cinquenta anos de vida. Vestia-se a moda evangélica, saia abaixo dos joelhos, meia calça, sapatos sociais com salto baixo devido aos desgastes naturais de suas articulações. Já havia usado saltos mais altos na sua juventude, principalmente devido a sua baixa estatura. Não gostava de olhar para os outros de baixo, o que felizmente, com o tempo, fez com que as pessoas passassem a se curvar para ouvir o que ela tinha a dizer. Naquele dia ela havia escolhido uma blusa branca em tecido de algodão, com delicadas rosas amarelas bordadas a mão por ela mesma.

Pegou o seu rosário, feito em ouro branco, presente do seu único filho. Por muito tempo, com pesar lembrava-se que Deus não lhe concedeu outros filhos. Assim, como àquela de quem recebeu o nome. Por esse motivo, não se importava que o marido visse outras mulheres e tivesse filhos com elas. Desde que a esposa preferida fosse ela. Porém Jacó, a deixou cedo, assim como às suas concubinas. Moisés tinha apenas 5 anos quando um acidente vascular cerebral o levou para junto do Senhor. Raquel teve que se virar para criar seu filho e fez o que era necessário para que ele pudesse frequentar a Escola de Empreendedorismo. Acreditava que apenas assim ele teria um futuro diferente.

E agora estava ela ali. Contemplativa antes de iniciar o seu trabalho. Trabalho que ela acabou assumindo por influência de seu filho. Isso merecia um momento de agradecimento pelas graças recebidas. E o Senhor havia inspirado-a especialmente naquela semana. Ela era gerente de projetos ligados à gestão de pessoas da Grande Família e havia contratado novas pessoas para serem recrutadoras para nação-prisão. Uma em especial, havia chamado a sua atenção. Começou a pensar que poderia ser sua chance de se aposentar se tudo desse certo. Rezou para que a moça fosse boa o suficiente. Raquel confiava muito no seu olho para encontrar boas pessoas para esse trabalho. Gabava-se de que só de olhar sabia quem era bom e quem não era. Se orgulhava muito disso.

Seu filho, Moisés, cresceu ouvindo ela dizer o quanto a sua intuição era boa, pois o Senhor falava com ela o tempo todo. O filho se destacou no projeto de jovens empreendedores e teve muitas oportunidades na firma do tráfico. Tornou-se trainee na gestão de uma pequena operação na zona leste, comandada pelo próprio Jairo, um dos maiores patrões da região. Ele caiu nas graças de Jairo por sua astúcia e bom instinto na hora de lidar com amigos e inimigos. O que Jairo não sabia era que ele contava com uma ajudinha da mãe: fazia questão de apresentar a ela todos àqueles que eram candidatos a seus braços direitos, que fossem trabalhar diretamente com ele, seja na segurança, seja na contabilidade, seja no transporte... todos eram convidados para um almoço na casa de sua mãe.

De maneira geral, todos ligados a Moisés já ouviram falar ou foram a um desses almoços de uma forma ou de outra. Havia um certo fabulário em torno desses eventos. Então, quando alguém era formalmente convidado, o anfitrião não dava muitos detalhes além do dia e a hora. Como a lenda sobre essas refeições era vasta, o comensal acionava sua rede de contatos. Procurava por alguém que já teria ido a um desses almoços para tentar descobrir como deveria se comportar e como vestir para a ocasião.

Então, recomendava-se que a pessoa tivesse todo o respeito, que entrasse na casa do gerente como quem entra em um templo. Os desavisados entravam na casa de boné e com a arma na cintura, como era costume no trabalho. Porém, Moisés encarava até que percebessem que algo estava errado. Os convidados deveriam tirar o boné e deixar sua arma em uma gaveta na entrada, afinal ali era a casa da sua mãe. Com poucas palavras, exigia respeito. Outro tabu era falar de assuntos relacionados ao trabalho, ele só cortava dizendo que ali não se falava disso.

Sua mãe, da cozinha, ouvia atenta o silêncio que se formava na sala de estar. Quando tudo ficava pronto, ela aparecia na porta que dividia os dois cômodos e dizia que podiam lavar as mãos e sentar-se à mesa. Não eram poucos que estranhavam todo aquele ritual, pois a maioria não tinha mães ligadas à mesma congregação, assim não sabiam qual era a etiqueta nessas ocasiões, mas de algum modo entendiam aquele momento como algo sagrado.

Sentados a mesa e devidamente aseados para a refeição, apresentava-se a mesa farta de boa comida caseira. Na maior parte das vezes era lasanha de frango com molho branco, arroz branco com pedacinhos de cebola, salada de alface, tomate, cenoura e beterraba. Tudo servido em uma louça branca brilhante muito bem cuidada. Os pratos estavam postos em um *sousplat* de crochê feito a mão pela própria cozinheira. Os talheres brilhavam como prata polida. Copos e taças estavam postas caprichosamente na frente dos pratos. Jarras com água e suco coloriam a cena. Guardanapos de pano branco estavam colocados ao lado de cada prato. A delicadeza era percebida em todos os detalhes. Uma riqueza de detalhes sufocante. Cada um que sentava àquela mesa, não sabia bem como deveria se comportar, quando dar o primeiro passo em direção a comida e para que tantos apetrechos em cima daquela mesa. Não se sabia se aquilo era para comer ou para admirar. Era paralisante.

Quando o convidado era mais ousado, depois do silêncio tomar conta da sala de jantar, podia fazer uma tentativa de se servir, com apenas um olhar mãe e filho o desencorajavam como se já estivessem esperando pelo primeiro movimento do outro: vamos fazer uma oração primeiro? Ofereciam as mãos e podia sentir se o comensal estava com as mãos frias, ou se limpava o suor antes de oferecer a mão ou mesmo se tentava esconder um leve tremor. Feita a oração, Raquel levantava-se com seu olhar paralisante e começava a servir um prato. Caprichosamente, cortava a lasanha em pedaços perfeitamente quadrados, acomoda-o no prato e arranja os acompanhamentos como uma artista. Todos estão em silêncio ouve-se apenas o tintilar de utensílios domésticos. Até esse momento, ninguém sabe para quem ela está

preparando esse prato. Se é para ela mesma, para o filho ou para o convidado. Como nenhuma salada estava previamente temperada, ela mói o sal na hora, coloca um fio de azeite e algumas gotas de vinagre. Admira muito brevemente a sua criação e se dá por satisfeita. Então, ela volta-se para a cabeceira da mesa, onde seu filho está sentado e entrega o prato. Vira-se com agilidade, pegando a jarra e servindo um copo de suco e preenchendo sua taça com água.

Alguns candidatos nessa hora, entendem que está na hora de se servir. Mas a mulher diz que pode deixar que ela serve. Alguns insistem por educação, dizendo que não precisa. Nesses casos, ela fala com uma rispidez polida: “eu prefiro assim”. Não há agressividade na sua voz. Mas o clima sempre fica tenso quando isso acontece. Então, sem perguntar as preferências do candidato, ela serve como serviu seu filho. Temperando do mesmo jeito. Nesse ponto do processo, aqueles que não estão assustados o suficiente, costumam tentar algum tipo de protesto pacífico: “não precisa servir beterraba... obrigado!”

- Beterraba faz bem pra saúde. Precisa comer.

Sua voz parece de alguma avó dando conselhos sensatos para as pessoas mais jovens, mas não há escolha. Nesse momento, a pobre vítima já está totalmente enredada na teia da aranha. Quanto mais ela se debate, mais ela fica presa. O jantar todo transcorre no mesmo silêncio em que começou e o único ruído é o ocasional remexer de talheres nas travessas. E os arranhões de garfos e facas nos pratos. Tudo se amplifica-. O alimento entra na boca, mas parece não querer descer até o estômago. Anda vagorosamente como o tempo naquele lugar. A fome facilmente desaparece, raramente alguém se lembra do raro sabor da comida de D. Raquel. Naquela situação, duvido que podiam se recordar de qualquer coisa que degustaram naqueles pratos. Provavelmente nem o cheiro lembravam. Muito provavelmente eles vangloriavam-se para agradar o chefe ou para gabar-se da posição de confiança de terem ido até a sua casa.

Quando a vontade de comer abandonava-os antes de terminarem sua refeição, já estavam alinhavados sobre o controle de D. Raquel. Não conseguiam mais nem ser senhores de suas pernas ou de suas bocas e continuavam a comer. Comiam mesmo aquilo que lhes era intragável, comiam mesmo que tivessem vontade vomitar. A velha aranha sorria quando via os jovens rapazes limpando o prato até o último grão. Geralmente, não eram forçados a repetir a refeição, já que levavam o tempo de dois pratos tentando ingerir apenas um. Após os pratos salgados, ainda tinha a sobremesa.

A mesa do almoço era retirada, mas convidado e chefe continuavam amarrados em suas cadeiras. Raquel ressurgia da cozinha com um pudim de leite servido em um pedestal de vidro

com enfeites barrocos, majestoso. Taças e colheres de sobremesa eram colocadas perante os convidados. Guardanapos limpos e perfeitamente brancos ressurgiam. Ambos eram servidos com a mesma quantidade de pudim. Geralmente o pudim era um certo alívio, pois indicava que aquele momento estava terminando. Era preciso vencer mais um pequeno pedaço daquele doce e ele se acumularia com o entulho que estava no esôfago.

Raquel ganhava um ar mais descontraído durante a sobremesa e geralmente contava histórias de quando Moisés era criança. Não suficientemente embaraçosa, mas que fazia ambos sorrirem. O clima ficava menos tenso e a comida começava a se mexer seguindo seu curso natural no corpo do comensal. Após alguns minutos, alguns deles até pensavam em pedir mais um pedaço de pudim. Porém, antes que de tomarem coragem, a sobremesa era retirada da mesa. A conversava cessava, assim como o clima ameno.

Os anfitriões levantavam-se da mesa e o convidado aguardava ansiosamente ser dispensado. Raquel avisava que voltaria para cozinha e depois iria se retirar para sua sesta após o almoço. Moisés levava o convidado a até a sua porta, devolvia sua arma e deixava-o seguir seu caminho. O candidato devia vibrar quando estava do lado de fora e finalmente podia respirar. Ficava sem entender bem o que tinha acontecido. Não sabia se tinha se saído bem ou mal. O que significava tudo aquilo ou quando receberia uma resposta.

Moisés ia para cozinha enquanto sua mãe organizava a louça para lavar. Os sons de pratos sendo empilhados, colheres raspando panelas e talheres sendo colocados na pilha dominavam por um tempo. Até que Moisés quebrava o silêncio:

- E aí, mãe. O que a senhora achou dele?

- É um bom menino. Tem respeito. Sabe obedecer ordens, mesmo sob pressão.

Ou então:

- Não gostei desse rapaz, ele deixou todo o alface no prato! Quem faz isso? Ele não tem o que é preciso. Não está disposto a fazer o que for preciso na hora que tu pedir.

Quando Moisés alcançou o posto de patrão, ele não hesitou em agradecer a sua mãe no jantar de comemoração com todos os membros da facção.

## 7.2 LÍDIA<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> Lídia era uma mulher empreendedora da Bíblia, que foi a primeira a se converter na Europa, tendo um papel importante da expansão do cristianismo no continente. De acordo com Atos, 16:14 “Uma daquelas mulheres que

Raquel estava selecionando novas mulheres para o posto de recrutadoras das pessoas que fariam parte da nação-prisão. Avisou a todas as congregações que mandassem suas obreiras mais sagazes. Uma fila de mulheres avultava-se em frente ao escritório central. Uma fila de saias midi de todas as cores, de tranças compridas ou de coques bem arranjados com grampos. Mulheres geralmente jovens, mas também mulheres mais velhas que traziam a esperteza no olhar. Uma a uma passavam por entrevistas coletivas, dinâmicas de grupo e foram sendo eliminadas. Restaram apenas vinte e cinco para as cinco vagas abertas para trabalhar com aqueles que entrariam pelos portões pelos próximos meses. Ser recrutadora era um cargo de alto prestígio e que garantia uma carreira na facção posteriormente, pois ninguém podia ficar por mais de um ano no posto, já que entendia que as pessoas poderiam se tornar mais suscetíveis a subornos e favorecimentos.

Lídia que havia recebido seu nome em homenagem a uma das poucas mulheres empreendedoras que estavam na Bíblia, era uma das mulheres que mais tinha impressionado Raquel e suas auxiliares até agora. A gerente de pessoal relia seu currículo e os resultados de seus testes, onde constavam formação em ciências psicológicas e religiosas, trabalhos voluntários na congregação local, liderança juvenil e até participação no coral. Ela havia se saído muito bem em outras etapas da seleção, tanto nos testes psicológicos, quanto nas provas de conhecimento gerais e específicos para exercer a sua função. Sabia cumprir ordens de suas superiores e respeitar os interesses maiores da firma. Resignada, inteligente, rápida de raciocínio, conseguia reconhecer as forças e fraquezas das pessoas com as perguntas certas, exercia liderança com facilidade e de forma natural. E também resolvia dilemas morais com base na psicologia cristã com muito mais facilidade que qualquer uma das outras candidatas. Ela aprendia naturalmente com os erros das outras e se adaptava às diferentes situações com uma velocidade invejável. Além disso, a jovem era muito bonita. Uma verdadeira representante da nova geração que a gestão estava procurando. E talvez, para Raquel, até algo a mais.

Moisés havia degredado sua antiga esposa havia quatro meses por descobrir que ela estava enviando dinheiro para seu irmão nóia na rua. Ela já havia recebido uma advertência e recebido uma punição leve por fazer isso, pois seu irmão havia sido expulso anos atrás devido

---

estavam nos ouvindo era Lídia, uma vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira. Ela adorava a Deus, e o Senhor abriu a mente dela para que compreendesse o que Paulo dizia” (PROJETO REDOMAS, 2019).



a uma dívida de drogas com a facção. O degredo apenas foi uma opção porque ele era cunhado de Moisés. Isso acabou afetando a sua moral, pois de acordo com a lei, nesses casos, toda a sua família deveria ser expulsa junto. O patrão intercedeu por sua esposa e sua sogra, fazendo-as prometerem que nunca mais entrariam em contato com o parente. Porém, secretamente, elas continuavam a se corresponder com ele. Ela sempre foi um pouco desobediente. Raquel ficava chateada em como as mulheres com esse “ar rebelde” atraíam o filho. Ela também já não gostava muito dela porque não a achava competente com as finanças do filho. Na sua opinião, já tinha se ido tarde e já chegava a hora de encontrar uma nova pretendente. Lídia era promissora nesse sentido. Contratando-a ela poderia observá-la mais de perto e ver se servia para ser sua nora e cuidar dos netos que a outra havia deixado pra trás.

A assistente de Raquel chamou Lídia. Ela entrou na sala vestida graciosamente, saia e blusa no mesmo tom de rosa. Sapatos beges de salto quadrado: beleza e mobilidade. Maquiagem discreta. Seu cabelo estava preso em uma trança perfeitamente alinhada. Nenhum fio estava fora do lugar. Um delicado colar de ouro com uma pomba dentro de um coração, o símbolo de Nosso Senhor. Inspirava confiança e respeito. Era como se tudo estivesse sob controle para ela. Como se nada pudesse atingi-la de surpresa. Raquel já havia simpatizado com ela, mas nesse momento, viu um pouco dela naquela mulher que estava ali na sua frente. Há tempos procurava uma sucessora a sua altura e talvez, Lídia poderia ser essa mulher, pois nenhuma de suas assistentes havia se mostrado útil por todos esses anos. Deus sabe como ela tentou colocar um pouco de inteligência na cabeças dessas mulheres!

Lídia fez uma reverência discreta e aguardou permissão para que fosse convidada a se sentar. Raquel a fitou por alguns instantes antes de dizer algo. Até que em silêncio, apontou a cadeira para a jovem que sem se afobar acomodou-se. Raquel sustentou o olhar por um tempo considerável ao de Lídia, que firmemente retribuiu-lhe sem, no entanto, afrontar-lhe, mas sim abrindo-se a sua autoridade. Nessa conversa muda fez com que elas se aproximassem ainda mais. Raquel resolveu iniciar a entrevista diretiva, parecendo entendiada disse:

- Então, (incluindo uma pequena pausa para fingir que estava lendo seu nome pela primeira vez), Lídia. Como você acha que a sua experiência anterior na congregação pode lhe ser útil no cargo de recrutadora?

- Senhora Raquel, eu venho me preparando para esse momento a minha vida toda. Desde a Escola de Empreendedores em Jesus minha vocação foi reconhecer os pensamentos das pessoas e conduzi-las para os melhores propósitos Dele. Ele me deu o dom de ver o

que há de melhor e pior nas pessoas. No grupo de liderança juvenil, eu era responsável por entrevistar os aspirantes a multiplicadores da Palavra. Eu ajudei a encontrar pessoas para levarem a doutrina dele para além dos muros, preparando mais jovens para o futuro aqui na nossa nação. Tive a oportunidade de ajudar pessoas a usarem seus dons onde eles seriam melhores aproveitados nas obras Dele. Eu tenho certeza que para cumprir a minha missão aqui na Terra, com o Senhor e com a Grande Família, um dos pontos em minha jornada é passar por aqui. Então, agradeço muito pela oportunidade de estar aqui conversando com a senhora.

- Hummm... Está bem. E o que tu acha que tem de diferente das outras candidatas a esse cargo? Porque eu deveria te contratar e não, elas?

Fala displicentemente apontando uma divisória de vidro onde pode ver as outras candidatas esperando, tentando disfarçar seu interesse.

- Eu posso sentir que o Nosso Senhor age através de mim. Eu ouço o que Ele me diz e não tenho dúvidas em seguir a sua voz. Ele me guiou pelo meu caminho até aqui, me inspirou nos meus estudos e na minha atuação. Por isso, se for vontade Dele, eu serei uma das escolhidas. Estou em paz com isso.

Raquel volta a olhar em silêncio. Ela tinha certeza que Lídia seria sua nova contratada e quiçá sua nora. Mas não entregaria isso de bandeja. Levantou-se da sua mesa, o que fez com que a jovem fizesse o mesmo. A reunião estava encerrada. Sem mais nenhuma palavra, se despediu mostrando a porta para a mulher, que fez uma nova reverência em silêncio e saiu calmamente. Raquel sentou em sua mesa e pediu que sua primeira assistente entrevistasse as demais mulheres enquanto ela assistia, pois uma das candidatas já estava escolhida.

\*\*\*\*

Lídia já estava atuando no seu posto há 6 meses com 100% de aproveitamento em todos os candidatos que havia selecionado até o momento. Todos estavam indo bem em seus trabalhos, não haviam cometidos infrações ao Estatuto e nem se metido em confusão. Ela fazia questão de acompanhar todo o processo de seleção desde o preenchimento dos formulários iniciais, provas de conhecimento específico para cada cargo, dinâmicas grupais, até que chegassem a sua sala de entrevistas. Devido ao seu sucesso, seu nome já era reconhecido pelos patrões que encomendavam seleções para promoções internas diretamente com ela. Todos diziam que seu

talento seria muito bem aproveitado depois que acabasse de cumprir seu tempo no cargo de recrutadora. Muitos já tinham grandes planos para ela.

Observando sua pupila, Raquel resolveu finalmente arranjar um encontro dela com Moisés que já havia ouvido falar de suas realizações a essa altura. Ela sabia que era a mulher perfeita para seu filho. A essa altura, elas já haviam desenvolvido formas de comunicação que dispensavam as palavras. Pela sala de espelhos, havia assistido várias situações em que Lídia graciosamente dispensava candidatos inadequados. Ela era uma mulher com um jeito muito meigo e isso causava uma certa confusão nos candidatos que pensavam ter se dado bem em encontrar uma recrutadora tão boazinha. Saíam catatônicos pela surpresa dela ter apertado o botão vermelho que acionava a segurança para retirar os candidatos da sala com um sorriso gentil nos lábios depois de terem certeza de que estavam dentro.

A recrutadora era uma profissional completa e exercia muito bem suas funções, porém era especialista em reconhecer fraudes e descobrir mentiras. Isso acabou fazendo com que fosse direcionada na maior parte do tempo para a seleção de novos estelionatários. O processo dos 171 era o mesmo que os demais até a segunda etapa, ou seja, deviam preencher um formulário extenso com informações pessoais, histórico escolar, de trabalho, da família, de participação comunitária e social e de conflitos com a justiça extramuros. Nessa etapa, era solicitado aos falsários que fossem verdadeiros, pois informações falsas seriam desclassificadoras. Mas isso não era realmente verdade, uma vez que tinham os melhores falsificadores a sua disposição para identificar essas questões no *back office*. Era considerado um diferencial o 171 que fizesse uma boa falsificação nessa etapa. Pontos extras eram adicionados ao seu escore final.

Na próxima etapa, havia uma prova prática, que sempre era variável para que os candidatos não viessem preparados para ela, mas que tinham o objetivo de testar as habilidades de cada candidato à vaga proposta<sup>83</sup>. No último ano, Lídia havia sugerido que dividissem em o grupo se dividisse em equipes de acordo com suas competências e criassem uma empresa fantasma em nome de laranjas que realmente existissem e emitir notas falsas para uma licitação do governo municipal. Assim, os grupos deveriam conter pessoas que soubessem falsificar documentos, outros que tivessem um bom *network*, outros que tivessem habilidades sociais e

---

<sup>83</sup> Inspirado no processo de seleção da série 3% (2016). Você pode assisti-la nesse link: <<https://www.netflix.com/br/title/80074220>>.

de atuação teatral suficientes para conseguir chegar às autoridades. E acima de tudo, tinham que ser bons contadores de histórias. Não havia farsa sem um bom narrador.

O resultado final era avaliado de acordo com a sua qualidade, veracidade e aplicabilidade da proposta. Testadas as habilidades específicas, os candidatos remanescentes eram testados quanto ao seu comportamento e personalidade. Testes psicométricos e projetivos eram projetados e aplicados por psicólogas para verificar se os candidatos a estelionatários tinham o que era preciso: boa oratória, proatividade, reconhecer e julgar boas oportunidades, ousadia, capacidade de aprender rapidamente e de se adaptar às diferentes situações, por mais inusitadas que sejam, sempre tendo em mente o objetivo para o qual foi contratado.

Na entrevista final, Lídia avaliava o desempenho do candidato no processo seletivo e tentava descobrir forças e fraquezas que não foram melhores avaliadas por outros instrumentos. Diziam que Lídia era a prova de falhas. Alguns até diziam que o senhor tinha concedido a ela o poder de ler mentes. A realidade é que ela estudava muito o comportamento e a personalidade humana e se utilizava de técnicas consagradas como identificar e traduzir microexpressões, programação neurolinguística e hipnose. Além disso, não raro era mesma desenvolvia suas estratégias para conseguir descobrir o que tentavam esconder. No caso dos 171, quanto mais conseguiam esconder, dependendo do que estavam ocultando, melhor eles ficavam na consideração.

O que poucos sabiam era que Lídia não havia nascido no intramuros. Ela era apenas um bebê quando seus pais foram degregados. Lá fora, a sua mãe contou que ela nasceu e seu irmão Tiago, quinze anos mais velho, havia nascido aqui dentro, assim como ela e seu pai, que eram de famílias ancestrais, ligadas aos fundadores. Aos, 18 anos, Tiago já trabalhava para a Grande Família, sendo braço direito de um dos chefes, pois havia se destacado na escola de empreendedores como um excelente segurança e contador. Não demorou para que ele se tornasse um homem de confiança: cuidava do dinheiro, e servindo de escudo humano, quando precisava. Um dia, um boato, não se sabe bem como começou, nem de onde venho, fez com que seu irmão fosse executado a sangue frio na frente de todos e acusado de X-9. Como manda o Estatuto, toda a sua família foi degregada e foram viver na miséria lá fora.

Seus pais que sempre foram bons empreendedores, conscientes de suas competências e habilidades, se reinventaram para ganhar dinheiro no extramuros. Começaram prestando serviços para as pessoas de dentro. Se ofereciam para fazer serviços que ninguém mais queria fazer, como mantinham uma boa rede de contatos dentro e fora da prisão, rapidamente

conseguiram vários trabalhos para fazer. Lídia lembra-se de dormir muitas noites nas casas de vizinhas para que seus pais pudessem buscar o sustento. Foram anos difíceis, porém, seus pais nunca reclamaram ou quiseram contar quem era o patrão culpado pela morte injusta do irmão. Eles eram fiéis ao Senhor e a Grande Família. Alimentavam o sonho de voltar assim que os aceitassem de volta.

Trabalhando muito, seus pais conseguiram abrir uma pequena agência de “bicos”, chamada Biscate. Já que não davam conta mais de fazer as correrias que lhe eram solicitadas e começaram a terceirizá-las. Mantinham um banco de dados atualizado de pessoas que faziam pequenas correrias para as pessoas de dentro dos muros. Como intermediavam as transações, ficavam com uma parte do pagamento e repassavam o restante do pagamento para os biscateiros, como eram chamados os prestadores de serviço. A menina cresceu acompanhando seus pais nesse trabalho e aprendendo o ofício e sendo preparada para o grande sonho dos pais: voltar para a prisão.

Nas suas horas vagas, ela costumava ficar olhando para o alto da muralha e pensar o quanto o seu topo estava próximo do céu - que para uma criança, era logo ali. Às vezes, as nuvens pareciam que iam tocar a muralha, outras vezes que iam derrubá-la. Algumas vezes ela via homens armados caminharem por cima dela, olhando para baixo e cuidando para que ninguém quisesse escalar e se infiltrar lá dentro. Ela sonhava que a muralha havia caído e que as pessoas invadiam a prisão e saqueavam tudo. Isso a deixava muito angustiada. Ela não queria entrar desse jeito. Queria ser escolhida. Mas às vezes, seus devaneios também a faziam voar lá para dentro e lhe permitir brincar com as crianças que moravam no intramuros. Sua mãe costumava dizer que ela tinha uma missão a cumprir lá dentro. Não lhe dizia qual, mas ela imaginava fazer grandes coisas. Ajudar as pessoas que ficavam aqui fora. Lá dentro não tinha roubo, não tinha fome. Ninguém dormia ao relento, nem passava frio. Todos tinham trabalho e contribuíam para a construção da comunidade. Pelo menos, era o que ela havia aprendido.

A essa altura, sua mãe já havia treinado para as seleções: de tempos em tempos era possível se candidatar para fazer parte da sociedade que existia lá dentro, onde todos viviam em harmonia. Assim, sua mãe passava o ano inteiro preparando-a para uma nova oportunidade. Essa era a sétima tentativa da família. Eles sempre eram rejeitados em alguma fase do processo devido ao seu histórico com a morte de Tiago. Não havia nenhuma regra que os impedisse de tentar entrar pelo o que tinha acontecido no passado, mas deviam a superação dos eventos era fundamental para boa convivência. Algumas vezes eram dispensados nos testes psicológicos

devido a sentimentos de rancor e vingança, outros na entrevista quando se as recrutadoras criavam situações que testavam suas emoções em relação ao filho. Voltavam para casa e reviam todo o processo por dias, identificavam onde tinham errado e treinavam para ir melhor na próxima oportunidade. As crianças passavam por um processo seletivo diferenciado até os 7 anos de idade, que envolviam entrevistas lúdicas e testes adequados para cada fase do desenvolvimento, realizadas por psicólogas especializadas. Além disso, havia atividades de recreação com outras crianças para testar sua sociabilidade. Lídia sempre se saía muito bem nesses testes, não apenas ao treinamento da mãe, mas devido a uma inclinação social natural. E quando completou 8 anos, Lídia teve idade para ser entrevistada junto com seus pais, isso também passou a fazer parte da preparação.

Sua mãe a fez decorar tudo que havia de saber sobre religião, comportamento e empreendedorismo. Ensinou Lídia a fazer contas e ajudar a fazer os fechamentos diários do faturamento da Biscate. Nas horas vagas, incentivava que a filha criasse campanhas de marketing voltada para produtos infantis que queria ganhar de presente dos pais. Quando a campanha era boa, ela ganhava o presente. Ela aprendeu a compreender o que os pais queriam ouvir e usava isso em suas apresentações. A mãe havia frequentado a escola de empreendedores e rememorava as lições com a filha para que ela fosse sendo incluída na cultura empreendedora, fundamental aos moradores do intramuros. Lídia estava preparada para enfrentar mais um processo seletivo e sentia que podia ajudar os pais a voltar, já que ela mesma não tinha memória de ter vivido lá. As suas únicas recordações eram do irmão, que com seus dentes muito brancos chegava com um sorriso enorme e com guloseimas escondidas nos bolsos.

No dia da sua primeira seleção como uma criança maior que podia acompanhar seus pais, chegou até a prisão e viu que todos se dispunham em uma enorme fila, onde muitos madrugavam para garantir um bom lugar, já que se acreditava que quanto mais cedo fosse entrevistado, melhor seria o humor das recrutadoras. Além disso, as vagas eram limitadas. Nem todos que estavam ali poderiam entrar. As fichas eram distribuídas pontualmente às 7h. O seu número era de acordo com as possibilidades das profissionais entrevistarem naquele dia. Todos deveriam ter disponibilidade para permanecer até às 17h no local, podendo ser dispensados antes disso. As refeições não eram oferecidas pela prisão. Assim, podia-se levar a própria comida e bebida, que não podia ser perecível, pois não havia locais de armazenagem. A Grande Família não se responsabilizava por possíveis problemas gastrointestinais que ocorressem em função da ingestão de alimentos trazidos de fora. Assim, a outra opção adquirir as refeições na

cantina a qual seguia todas as regras da vigilância sanitária e oferecia comida quente e bebida gelada, de acordo com a preferência do freguês. Porém, para muitos que viviam no extramuros era muito caro.

Ela ouvia as últimas orientações da mãe, enquanto observava o sol que mal despontava no horizonte. Quando ele apareceu sobre o muro, pode ver homem no alto, parecia um herói: peito largo, braços fortes, alto com pernas longas. Sua silhueta parecia entalhada em madeira, devido às suas angulações aduncas. Ela não podia distinguir quem era e nem reconhecê-lo já que não conhecia ninguém lá de dentro. Mas sentia que ele era alguém importante, pois seus funcionários estavam agitados à sua volta enquanto ele apontava para lugares onde queria reforçar a segurança. Os homens mexiam-se como peças de xadrez ao seu comando sem nem pestanejar. Quando se virou para seus pais, intencionando perguntar quem era aquele enviado dos céus, viu que seu pai tinha seu semblante modificado em fúria, mesmo que com força tentasse disfarçá-lo. Sua mãe, massageava seus ombros e dizia:

- Já chegamos tão longe, nada pode nos parar. Foi vontade do Senhor que nosso filho se fosse. Vamos orar por paz nos nossos corações.

Repentinamente, a menina soube quem era aquele homem. Sentiu o Senhor a tocou e ela sabia o que tinha que fazer. E o destino a trouxe até aqui. Lídia se saiu muito bem na seleção, sendo considerada a grande esperança dos pais durante todo o processo. Seu pai conseguiu superar suas frustrações a respeito dos acontecimentos passados e encontrou na sua filha uma verdadeira redenção. A menina impressionou a todos durante a seleção e conquistou o coração das recrutadoras que resolveram dar uma chance a família. Com uma ressalva, os pais não poderiam ter nenhum tipo de contato com Moisés, o homem que Lídia havia visto no alto da muralha. Se aceitassem essa cláusula, estariam aprovados.

Assim que a família foi oficialmente admitida, ela foi integrada na escola de empreendedores. Rapidamente, se tornou a melhor da sua classe e assim seguir por todos os anos que esteve na escola. Buscou se destacar entre os melhores, participando de projetos de treinamento laboral para ser recrutadora nos projetos de liderança juvenil. Ela era uma das poucas meninas que estava entre os chamados Líderes do Futuro, um seletivo grupo, financiado pela facção, que tinha como objetivo preparar jovens da nação-prisão para levar a Palavra para crianças e adolescentes do extramuros. Lídia chegou a ser a encarregada de selecionar novos jovens para participar desse projeto, organizando intercâmbios entre outras prisões e territórios que recebiam o projeto piloto.

Nesse tempo, percebeu que as mulheres não chegavam a postos altos na Grande Família, mesmo as mais talentosas. Por mais habilidosas que fosse, tudo isso era visto como um grande curso preparatório para serem futuras esposas de patrões e chefes, atuando como coadjuvantes nos negócios. Era comum que na congregação se dissesse que as mulheres deviam obedecer ao marido, que deviam amá-los acima de tudo e por isso reconhecer seu poder. Lídia ouvia suas amigas e colegas se deslumbrarem por caras de responsa da facção e sonharem serem notadas. Ela percebia que muitas nem se esforçavam o suficiente em suas tarefas na congregação, pois estavam nessa “por amor”. Ela queria ir além disso, não queria o poder para o marido, mas para si mesma. Contudo, não falava isso em voz alta, pois sabia que admitir esse tipo de coisa a afastaria de seus objetivos.

Sabendo no que era capaz, fez o seu melhor para poder ser notada pela equipe de Raquel, uma oportunidade única de realizar muitos de seus objetivos. Passou no processo seletivo e com facilidade foi se aproximando de todo o time e descobrindo mais coisas a respeito de como funcionavam as coisas ali. Ficou sabendo como a gestora chegou ao seu posto e do seu estilo de coordenar tudo por ali. Mostrou serviço e dedicou-se muito ao seu trabalho o que fez com que chamasse a atenção de sua superior. Aos poucos, foi ganhando a sua confiança demonstrando ser além de uma excelente profissional, uma ótima cristã. Estando no seu círculo mais íntimo, acabou obtendo cada vez mais informações e ficando próxima de Raquel. Um dia, ela chegou até o escritório da chefe, que ao contrário do seu visual perfeitamente alinhado, estava parecendo preocupada e abatida. Lídia foi tateando para entender qual a melhor maneira de ser útil naquele momento. Raquel, em um movimento inusitado, contou-lhe sobre a sua responsabilidade no assassinato de Tiago. Sem saber da sua relação de parentesco com o rapaz, falou que há 16 anos, em um de seus almoços, não tinha tido uma boa intuição a respeito de um braço direito do seu filho e, por isso, Moisés deu um jeito de “dispensá-lo” dos seus serviços. Ela não sabia bem porquê, mas esse caso, não saía de sua cabeça, atormentando-lhe de tempos em tempos. Ela tentava metodicamente entender o que aconteceu, mas não sentia que estava mais próxima de compreender o motivo da sua perturbação. Pois em toda a sua carreira, não era incomum que algumas pessoas fossem “dispensadas” da facção ou degregadas para fora da prisão por sua recomendação, mas esse rapaz havia ficado marcado em sua memória.

Lídia friamente tentou ajudá-la a compreender. Todo esse tempo de firma, ela já havia passado por muitas coisas e aprendido a fingir melhor que o mais conceituado 171 que havia ali. Retomou alguns pontos do acontecido com Raquel e tentou evidenciar pontos a serem



melhorados nessa parte do processo seletivo próprio que a matriarca havia criado para proteger seu filho. Elogiou-a e disse que ela estava seguindo os desígnios do Senhor. Que Ele sabia o que fazia através dela. Convidou-a para fazer uma oração silenciosa e meditar sobre isso. Era o último passo no relacionamento com a gestora que Lúdia precisava para continuar com seu plano.

Agora ela estava a caminho de um dos seus tão afamados jantares. Almoços eram reservados aos funcionários, mas jantares eram apenas para pessoas próximas, que realmente caíam nas graças de Raquel. Como demonstração de seu afeto, a gestora havia pedido que ela fosse lhe ajudar no preparo e que passasse no mercado para comprar algumas mercadorias importantes. Esta era uma verdadeira honraria, pois apenas pessoas que gozavam da sua extrema confiança entravam em sua cozinha. Lúdia anotou atentamente tudo que a gerente havia pedido e comprou todos os ingredientes especiais solicitados. Porém, havia pensado em deixá-los ainda mais especiais. Ela resolveu portar uma arma que não seria solicitada na porta: veneno. Uma substância discreta que não fazia nenhum escândalo. Não haveria mortes convulsivantes e sangrentas em cima da mesa. Ela já havia visto muito dessas mortes por aqui. Estava cansada disso e não achava suficiente depois de todo esse tempo de preparo.

O processo seria lento, contínuo e irreversível. A Pombagira que vivia escondida nas beiras dos extramuros havia lhe garantido que após três dias os dois passariam a ter série de sintomas confusos, que poderiam atribuir ao estresse do trabalho, cansaço ou no máximo a uma indigestão. A entidade era conhecida por ajudar mulheres em suas vinganças pessoais. Lúdia a procurou há muitos anos atrás quando coordenava as equipes de intercâmbio das lideranças juvenis. Não era permitido levar o projeto às casas de outras religiões, porém elas eram muito comuns nos arredores dos presídios de visitou. Quando chegou em um complexo prisional em outra cidade, lhe chamou a atenção a afronta que fazia a Grande Família uma pequena placa branca com letras vermelhas dizendo: “Exu Maria Padilha, atendimento personalizado para mulheres poderosas”. Ficou com raiva daquilo, queria entrar e xingar o responsável. Denunciar, mandar fechar. Aquilo ia contra tudo que conhecia até então. Porém, foi atraída de maneira irresistível para a porta vermelha em que a placa estava fixada e quando deu por si, estava batendo nela. Foi atendida por uma mulher de vestido vermelho e colar de ouro no pescoço. Ela usava um chapéu de aba larga, na cor preta, e por isso, não conseguia ver quase nada do seu rosto a não ser a boca caprichosamente pintada de batom escarlate, combinando com as vestes. Ela foi convidada para entrar e toda a atmosfera do lugar a impedia de falar. Ela sentiu-se

hipnotizada por todos aqueles cheiros, luzes e sons de tambor ao fundo. Sentiu seu corpo tremer quando ouviu a entidade falar:

- Eu tenho o que você precisa, mas somente você vai poder decidir se vai seguir em frente. A escolha é tua. De onde eu venho não existem bem e mal, existe caminhos. Somente tu pode decidir onde o teu vai te levar.

E entregou um pequeno frasco negro contendo um líquido transparente. Não havia qualquer inscrição, qualquer instrução. Ela apenas sabia o que era. Perguntou então quais eram os efeitos e recebeu as recomendações. E nesse momento, estava se dirigindo para onde desejou estar: frente a frente com os responsáveis pela morte do seu irmão.

Lídia sabia que aqueles almoços e jantares eram muito importantes para Raquel e Moisés, por era seu modo de governar e fazer política. Lídia já visto a gestora fazer um jantar após um exame de cateterismo. Por causa disso, nutria uma certa admiração pela velha, já que não era apenas o amor que a colocava nessa posição. O poder era um vício para ela. Antes de tomar uma decisão a respeito de seus próximos passos, conferiu a sua agenda e nela havia mais três refeições importantes marcadas naquela semana. Daria tempo suficiente para o veneno se instalar no organismo sem levantar suspeitas. A pombagira havia garantido que em tempos diferentes cada indivíduo era levada para o “outro lado”, dependendo da sua idade, condições de saúde e resistência física.

Porém, como disse Maria Padilha, a escolha era dela. Ela não precisava se afobar, se não fosse agora, poderia ser em outro momento. Ela já havia pensado muitas vezes sobre os resultados. A mãe provavelmente morreria primeiro devido a idade avançada e o coração mais fragilizado já que tinha angina há mais de 10 anos. Já Moisés veria sua mãe morrer acreditando que seria infarto. Daria tempo de chamar ajuda. Talvez ele até visse os paramédicos chegar no seu portão. Talvez vivesse um pouco mais. Todos ficariam perplexos de mãe e filhos morrendo em um tão curto espaço de tempo. Talvez até diriam que ele definhou de saudade. Se eles pelo menos soubessem o que estava acontecendo, poderiam ainda tomar o antídoto que ela cuidadosamente levava na sua bolsa em uma embalagem de creme para as mãos.

Chegando no portão da casa da família com as compras em mãos, foi recebida com um leve sorriso de Raquel. Passando pela soleira da porta, sentiu o cheiro dos primeiros preparos vindo da cozinha. Moisés estava sentado no sofá, relaxado, confortável, à vontade no seu habitat natural. Apesar de ser mais velho que ela, ele tinha uma beleza inegável. Lídia lembrou-se da visão que teve dele no muro. Ele a cumprimentou com simpatia, fez ela sentir-se bem-vinda.

Raquel estava bem mais descontraída do que ficava na firma. E convidou-a para se dirigir até a cozinha:

- Vamos lá conversar sobre o seu futuro. Tenho certeza que ele será brilhante!

Um filme de sua vida passou por sua mente enquanto dava passos firmes seguindo sua mentora. Toda a dor e o esforço dos pais até ali, a sua trajetória na escola de empreendedorismo. Sua dedicação, seus estudos, o aprimoramento até agora e tudo que ela ainda podia fazer. Ela sabia que Moisés não se opunha que suas esposas trabalhassem fora, ele havia sido criado por uma grande mulher, empreendedora e criativa e que fez da sua vida o seu trabalho. Em breve, ela precisaria de uma sucessora. Lídia podia ser essa mulher. Ela estava à altura do desafio. Pediu licença para ir até o banheiro para se preparar adequadamente para ajudar no trabalho. Trancou a porta, pegou na sua bolsa o frasco negro e despejou o seu conteúdo no vaso sanitário. Havia tomado a sua decisão. Agradeceu baixinho:

- Exuê, Maria Padilha!

## 8 CORRERIA

### 8.1 “DESCUBRA SEU TALENTO”

Ezequiel, mais conhecido como Z., era um rapaz de 19 anos sem rumo definido na vida. Era um rapaz muito bonito e esperto, mas que tinha abandonado a escola de empreendedores muito cedo pois não tinha paciência para as burocracias que envolviam os programas de trainee.

Mas ele sempre teve o sangue empreendedor correndo nas veias. Na adolescência, ciente de sua beleza e sucesso com as garotas, tentou fazer carreira como funkeiro<sup>84</sup>. Ele sabia que esse era um dom e que poderia ser desperdiçado. Porém, ele não sabia compor. Estabeleceu as parcerias certas e montou a sua marca nas redes sociais. Devido a seu *network* conseguiu uma permuta com uma gravadora para gravar seu primeiro single. Investiu pesado nos efeitos e na sua imagem e conseguiu sucesso por muito tempo.

---

<sup>84</sup> Inspirado no personagem Doni da Série Sintonia (2019). Você pode assisti-la nesse link: <<https://www.netflix.com/br/title/80217315>>.

Porém, uma tragédia quase tirou a sua vida: uma bala perdida dos inimigos acertou seu rosto. Ele ficou em coma, sua mãe orou muito ao Senhor e ele atendeu suas preces devolvendo à luz aos olhos do seu filho. Ele ficou com uma cicatriz que nenhuma cirurgia poderia esconder na bochecha esquerda. Sua carreira estava acabada, seus patrocinadores e sócios lhes deram as costas. Ele ficou sem chão.

Ele estava sem fé e andava perdido, sua mãe insistia para que ele fosse no culto com ela, mas ele não tinha vontade de se levantar da cama. Mal se alimentava e perdia a vontade de viver, pois nenhum amigo o visitava. O pastor da sua congregação não aguentando mais ouvir os lamentos de sua mãe resolveu acolher seu desespero e foi até sua casa para abençoar seu filho. Eles oraram juntos e pediram uma revelação ao senhor. Z. chorou e sentiu um peso deixar as suas costas na mesma hora. O pastor o convidou para ir até o culto no outro dia, disse que o viria buscar pessoalmente, pois sabia que o senhor havia lhe reservado algo e que ele tinha que ir buscar pessoalmente.

No outro dia, conforme combinado, Z. vestiu sua melhor roupa e se preparou para sair de casa depois de muito tempo. Rever amigos e desafetos. Mostrar seu novo rosto ao mundo. Acompanhado de seu pastor ele seguiu até a igreja. Sentou em um lugar de honra. E preparou-se para ouvir o sermão.

O sermão falava sobre a importância de continuar a construir seus sonhos. Não correr atrás deles, mas sim construir. O senhor ajuda quem cedo madruga. Palavras lindas foram ditas q elas tocaram profundamente a sua alma. O pastor disse que tinha uma importante missão para todos os jovens que estavam desesperançosos: eles deveriam se cadastrar no *app* Correria hoje mesmo e clicar em “descubra seu talento”, uma nova funcionalidade do hub de serviços mais famoso da nação. Assim eles descobririam a sua verdadeira vocação neste mundo: ‘Façam isso agora mesmo! Não esperem o seu futuro chegar! Tomem-o nas mãos!’

Hesitante Z. pegou seu celular que já estava conectado no *wi-fi* da igreja e baixou o aplicativo. Selecionou a opção que foi indicada e falou com Carla, a inteligência artificial que guiava o processo de autoconhecimento profissional. Depois de poucas perguntas, Carla teve acesso aos seus dados e direcionou-o para uma lista de classificados especialmente feitas para o seu perfil e ele pode começar imediatamente a prestar serviços para quem fossem mais bem aproveitadas os seus talentos.

Depois de um ano, Z. está saindo da Concessionária com seu carro novinho em folha. As meninas disputam os bancos estofados em couro. Ele voltou a confiar em si mesmo e todos o admiram como antes.

Correria: acompanhando as diferentes fases da tua vida!

## 8.2 OS PARÇAS<sup>85</sup>

O parça 250893641 – mais conhecido como José Adriano Vargas da Silva – se cadastrou na plataforma três dias depois de completar 18 anos. Ele inicialmente, se cadastrou como cliente, com o objetivo de exploração e reconhecimento. Em 23 de março deste ano, ele finalmente resolveu realizar o cadastro como prestador de serviços e baseado no seu perfil, sugerimos serviços de transporte e logística de pessoas e materiais especiais.

Entendam, nossa plataforma é a prova de falhas nesse quesito pois se utiliza do cruzamento de diferentes bancos de dados fornecidos pelas principais redes sociais, tanto do usuário, quanto de seus familiares e amigos próximos, podendo chegar à precisão de mais de 99% de compatibilidade com a função atribuída. Além disso, temos acesso a suas informações de saúde, educação e assistência social, graças ao sistema unificado do cidadão. Inclusive, os dados do referido parça, constam no banco de dados do “Se Cuida”, plano de saúde que faz parte do grupo Grande Família, o qual aderiu quando se cadastrou no aplicativo, com desconto para recém-chegados. Repito, nossa inteligência artificial é baseada em algoritmos altamente sofisticados e que não conhecem o erro, o que nas últimas décadas vem facilitando muito o trabalho da Disciplina.

Por esse motivo, desconhecemos o que provocou a falha no sistema que levou a tamanha fatalidade. O objetivo do parça 250893641 era atuar principalmente como motorista de fuga, ocupação para a qual ele já vinha sendo treinado desde os 15 anos, tendo aulas de direção ofensiva, direção em alta velocidade e segurança de materiais e clientes em situações adversas. Ele havia frequentado o 21º Centro de Treinamento da Grande Família e foi educado com os mais altos valores cristãos da resiliência, fraternidade, obediência à hierarquia e a Deus, bem como em defender os interesses financeiros de seus parceiros e clientes. Com apenas, cinco meses de prestação de serviços em nossa plataforma, as avaliações do parça 250893641

---

<sup>85</sup> Inspirado em como a empresa Uber chama os trabalhadores do seu aplicativo: parceiros.

incluíam muitos elogios, especialmente quanto a sua determinação não apenas em evadir-se da polícia, mas também levar todos, sãos e salvos, para o ponto de desembarque. E quando necessário, também soube tomar decisões difíceis sabendo quem e quando salvar. Ele também tinha treinamento em primeiros socorros, e conseguiu manter clientes vivos após terem sido alvejados em troca de tiros até que o socorro da facção chegasse ao local. Era um parça cinco estrelas!

Também é sabido, pelo relato das testemunhas que aqui já foram escutadas que ele tinha uma excelente rede de apoio para a realização de seus serviços, tendo conhecimento em clonagem de veículos e eficiência na ocasião de suas desovas. Através desses contatos, ele conseguia recuperar uma porcentagem do dinheiro investido indo aos desmanches certos, obtendo uma renda extra. Sabe-se que ele conseguia os carros para fazer seus serviços, com seu primo, parça 641795942 – conhecido como Mateus Chagas da Silva – especializado em mecânica e clonagem de veículos. Estes tinham uma espécie de sociedade, onde o parça 250893641 pagava parte de seus ganhos para o parente, pois não tinha fundos para fazer o investimento inicial para comprar um carro “quente” para fazer as suas mãos. Assim, ele repassava cerca de 50% dos seus ganhos para o parça 641795942, que recebia via plataforma, como serviços de clonagem de veículo, descontados diretamente no *check-out*, e descontada a taxa de intermediação, conforme atualização disponibilizada na época.

Esse acordo seria cumprido até que as duas partes desabilitassem na área do parceiro de negócios, na opção de dividir com o time. Assim, todo novo serviço que incluísse o uso de um carro novo, essa divisão era feita conforme programada. Sem a interferência de nenhuma das partes, ou seja, automaticamente. Não chegou ao nosso conhecimento e nem é responsabilidade da plataforma regular quaisquer outros acordos que sejam feitos por fora, inclusive está nos nossos termos de serviços, com os quais todos os parças devem concordar, que não recomendamos essa prática. Assim, quando parça 250893641 decidiu por conta própria começar a furtar um carro fora dos muros para poder ganhar mais com seus serviços, nos isentamos de qualquer responsabilidade pelos resultados de suas pré-configurações de pagamento.

Sabemos que com a evolução das milícias privadas no extramuros e do investimento em tecnologias de vigilância via satélite, tornou-se cada vez mais difícil a circulação de veículo roubado por muito tempo, pois a cada dia desenvolve-se novas técnicas de aperfeiçoamento e contra-aperfeiçoamento da segurança privada. Por isso, recomendamos

que o serviço seja realizado por profissionais especializados, que podem ser encontrados na própria plataforma, seja na quebra da segurança digital dos sistemas, seja na criação de carros-fantasma. Quando o parça 250893641 decidiu fazer o seu último furto, estava ciente que poderia ser descoberto em poucas horas e que havia uma janela muito pequena para realizar a operação. Por isso, precisão e ousadia, suas principais características de acordo com seu laudo psicológico, eram fundamentais. Se houvesse alguém que poderia realizar aquele trabalho, naquele tempo, era ele. Inclusive, é a prova cabal da ausência de culpabilidade da empresa que eu represento para derrubar o argumento da acusação na tentativa de incriminar essa companhia, como co-responsável pelas consequências do aceite do profissional na plataforma. Mas me digam, excelentíssimos membros do Conselho da Grande Família: não deveria, justamente, um jovem motorista de fuga ser ousado? Essa é uma das características que mais se destaca entre esses profissionais! Ela é altamente desejada entre nossos parças que realizam funções como essa, trazendo excelentes resultados para o nosso Grupo! Essas características de personalidade, combinadas com boas doses de treinamento, é fundamental para chegar aonde outros jamais chegariam. Afirmo com tranquilidade: o mundo é dos ousados!

Se não fossem esses jovens obstinados arriscarem suas vidas, nossa civilização nem existiria. Por isso, em nome do progresso e da constante geração de empregos que a nossa plataforma gera, acreditamos na juventude e na sua capacidade de inovar sem medo. Frente a isso, nós também não iremos nos amedrontar frente às ameaças inconstitucionais de tentar nos responsabilizar pelo lamentável massacre que se envolveu a família dos dois parças nas disputas de possíveis dividendos acertados fora do nosso alcance. Sabemos que as disputas familiares devem ser regulamentadas pelas gerências locais de cada território e, portanto, nada temos de jurisdição nessa questão.

Além disso, desde o começo nosso departamento jurídico deixa claro a todos os parças que sigam nossas indicações relativas a acordos entre os times, sempre utilizando a intermediação da plataforma. A nossa política é irreparável quanto a mediação dessas relações, testada e aprovada internacionalmente. Não temos qualquer gestão sobre as atitudes dos parças fora da plataforma, nem de acordos extra-*software* realizados entre as partes. Assim, nada poderíamos ter feito nessa disputa que foi de iniciativa particular dos envolvidos.

Oferecemos nossos pêsames àqueles que perderam entes queridos e deixamos aqui nossa homenagem aos jovens deste país, que não raramente, dão suas vidas por aquilo que acreditam, contra o sistema que tenta acabar com nosso estilo de vida! Esses jovens são os

responsáveis pelo crescimento da nossa nação. Nós queremos fazer a nossa parte e colocamos a disposição todo o nosso conhecimento e tecnologia para conectar pessoas que precisam umas das outras. Não descansaremos enquanto todo o jovem não tenha a oportunidade de demonstrar o seu valor! Fatalidades acontecem e isso não deve impedir você de buscar por sua chance! Deus abençoe a todos nós na conquista dos nossos objetivos!

### 8.3 FAZ-SE TRABALHOS ARTÍSTICOS

Samanta sempre teve habilidades artísticas reconhecidas por quem quer que a conhecesse. Os primeiros a reconhecerem seus dons foram seus pais, que foram seguidos por seus professores e tutores. Suas potencialidades foram direcionadas e desenvolvidas desde muito cedo. Durante a infância, ela foi estimulada a retratar o mundo ao seu redor e transferir suas percepções para o papel com os mais diversos materiais: lápis, carvão, tinta, giz pastel. Na sua mesa de desenho, feita de madeira clara, a luminária de luz branca destacava camadas sobrepostas de manchas de tintas que escorregavam dos papeis, tão antigas, que não sabia mais datar quando haviam sido feitas. As mesmas que carimbavam seus antebraços e mãos e quando recebiam um novo respingo se esforçavam para absorver um pouco de vida e voltar a pintar o que tocasse. Olhava sempre com admiração para sua mesa. Uma ou outra cor, criada especialmente para um projeto, ganhava seu apreço e havia uma tentativa de reconhecê-las em meio ao borrão colorido que se tornou o tampo do seu local de criação. Esforçava-se para não cobri-los com novas escapadas da sua mão, mas sabia que isso não seria possível, já que ela costumava correr livre, se movimentando pela mesa, procurando o melhor ângulo para expressar-se. O apego não podia ser maior do que o propósito. Aquele pequeno pedaço de madeira tinha muita história para contar. E não se resumia ao que se podia enxergar. Era preciso enxergá-la por todos os lados e através dela para ter poder dar uma breve espiadela sobre o que estava acontecendo. A história escorria pela cadeira, pelas roupas da artista e pelo chão. Cada nódoa que a tinta marcou significava mais um ponto denso no caminho de Samanta. Para ela, desenhar deixou de ser uma atividade de criança há muito tempo e para seus pais, que eram trabalhadores braçais no intramuros, era um investimento no futuro muito vantajoso na garantia de uma permanência mais definitiva nesse lugar. Eles estavam sempre por um fio de serem substituídos por quem cobrasse mais barato, e então, seriam expulsos e abandonados no mundo lá fora.



Com nove anos de idade, munida com apenas um lápis e uma borracha, foi flagrada no ateliê da escola fazendo retrato de um dos fundadores da nação-prisão Betinho, homenageado do ano na comemoração do Dia da Glória – data em que se comemora a vitória final da Grande Família sobre seus inimigos. Em pé em uma cadeira escolar, posicionou o tripé da melhor maneira que conseguiu e em uma tela em branco, começou a desenhar um retrato de Betinho, de acordo com o panfleto que havia recebido na solenidade. A delicadeza e a precisão dos traços surpreendeu seus professores que pediram que ela fizesse a reprodução de outros objetos, animais e pessoas que estavam ao seu redor. Deixou a todos muito impressionados e foi recomendada para o programa de superdotação da Escola. A partir disso, começou a receber incentivos financeiros para continuar na carreira de artista. Isso mantinha seus pais interessados na futura ocupação da filha e, também, permitia que comprassem o que fosse necessário para a sua alimentação e cuidados em saúde, por exemplo, mantendo-a ativa e saudável na sua formação. Os trabalhos de Samanta eram tão notáveis que chegaram até uma fundação internacional, da qual a Grande Família era uma das benfeitoras, que resolveu investir na educação de Samanta até os 16 anos.

Assim, quando chegou ao ponto em que havia aprendido diversas técnicas de desenho, colagem, gravuras e caligrafia, seus tutores começaram a orientar suas lições para outros rumos, alinhados às intenções da fundação que a patrocinava: o treinamento com documentos. Começaram a ser apresentadas assinaturas em documentações diversas e ela era desafiada a realizar cópias idênticas. Recebeu aula grafologia para compreender como as características singulares de cada assinatura, cada floreio, cada letras ascendente ou descendente, cada rasura proposital fazia parte da personalidade e da identidade de seus autores. Assim, ela não apenas podia recriar uma assinatura, mas tornar verossímil um documento assinado apenas ao lhe dizerem as características emocionais e cognitivas de um personagem que seria inventado para um golpe específico. Dessa maneira, era preciso saber bem mais do que copiar, era preciso entender o funcionamento de quem estava por trás do que estava sendo feito. Ela poderia escrever um texto inteiro como se fosse outra pessoa, se assim lhe fosse encomendado. Por isso, também teve aula de psicologia da personalidade e aulas de artes cênicas, para caso precisasse realizar as assinaturas públicas, por exemplo. Sem dizer que ela também se tornou muito boa em disfarces.

Quanto mais Samanta demonstrava sua alma artística, mais novos desafios eram postos para testar e desenvolver suas habilidades. Saindo-se muito bem em todos os exercícios

propostos, seus tutores avaliaram que ela poderia ser uma profissional completa e produzir golpes e documentos do zero. Não demorou para que começasse seu treinamento com manipulação de imagens que permitia criar documentações diversas, como registro de posse de veículos, imóveis, requisição de benefícios, aposentadorias, e muitas coisas mais. A jovem foi se tornando cada vez mais reconhecida na sua função e dispensando a contratação de outros profissionais para as diferentes etapas de produção. Era considerada um talento nato na sua área, fazendo de simples assinaturas até a fabricação de notas de dinheiro que em nada perdiam para a moeda corrente.

Aos 19 anos, foi chamada no escritório central da facção. Ela já havia passado pelo prédio, mas nunca havia entrado nele. Era um prédio comercial, com um sem número de andares, cuja a fachada se destacava pelos vidros esverdeados que refletem a luz do sol. Havia um grande pórtico em estilo clássico que atribuía ao espaço ainda mais imponência. O piso branco polido impecavelmente limpo parecia que não tinha sido feito para pisar. Chegou a um grande lounge onde o recepcionista, que já havia recebido a orientação do sistema de segurança por reconhecimento facial, indicou o andar que ela deveria acessar. Não havia botões no elevador, pois eram inúteis visto que ela só estava autorizada a desembarcar em um único andar. Ficou imaginando quantos andares aquele edifício teria, seriam cem? Seriam mil? Qualquer opção era possível. Não teve mais tempo para divagar já que em poucos segundos a porta já abria-se para o seu destino. Hesitou, pensando que o elevador podia ter se enganado, mas logo teve certeza quando uma mulher uniformizada se aproximou dela e disse seu nome, pedindo educadamente que ela a acompanhasse. Foi levada à uma grande sala, com vista panorâmica para toda aquela zona da cidade. Imaginou como seria lindo pintar o pôr-do-sol ali, pertinho daquelas janelas gigantes. Seus passos queriam tomar a direção da paisagem e contemplá-la mais de perto, quando seu corpo foi convidado a sentar-se nas cadeiras confortáveis reservadas aos visitantes. O dono da cadeira solitária do outro lado da mesa logo chegaria. Passou aproximadamente 30 minutos conversando com ele sobre o que sabia fazer, explicando o seu portfólio. Tentou não se distrair com as janelas. Não sabia como o dono da sala nem ao menos virava a cabeça em sua direção enquanto conversava com ela. Ao final, ele disse que estava contratada e que ia trabalhar diretamente com ele, fazendo trabalhos para pessoas de dentro e fora dos muros. E que se fizesse um bom trabalho, teria uma sala como aquela, naquele prédio, um dia. Samanta ficou muito feliz e realizada com a oportunidade e passou a ganhar o suficiente para ajudar seus pais e ter

uma boa vida para si. Dois anos depois, já estava planejando uma viagem para um parque de diversões internacionais onde queria assistir os shows de mágica.

Contudo, sua vida teve uma reviravolta brusca. O homem da sala foi morto em um atentado todo o esquema do qual ele fazia parte precisou ser desmontado. O andar onde ela trabalhava e nunca soube o número, simplesmente desapareceu. As pessoas responsáveis pelos diferentes segmentos da operação, especialmente àquelas que eram mantinham o controle sobre os dados sigilosos desapareceram ou foram assassinadas. Começou a desconfiar que estava sendo vigiada e decidiu fazer identidades falsas e mudar de aparência, alugou uma casa para seus pais em nome de um personagem que criou e outra para si em áreas diferentes do intramuros. Passou a viver como se fosse uma estudante universitária reclusa, com muito trabalho para fazer, por isso não tinha tempo para vida social. Não fazia novas amizades com medo de que fossem infiltrados querendo descobrir suas fragilidades. Não saiu de casa por mais de seis meses, a não ser para ir até a portaria para pegar suas compras. Não contou seu paradeiro para seus pais e pediu que para o bem de todos não a procurassem. Quando tudo estivesse seguro entraria em contato. Pediu também que não estabelecessem nenhum tipo de contato telefônico ou por meios virtuais com ela, pois sua localização poderia ser revelada. Tendo que ajudar financeiramente seus pais, suas reservas se exauriram rapidamente. Impedida de trabalhar, isolada e paranoica, passou a produzir com os restos de materiais que ainda tinha e cobriu suas paredes com a sua arte. Já não havia janelas abertas, já não havia espaços vazios. Sentiu que estava enlouquecendo, que não conseguiria criar mais nada. Sua criatividade havia a abandonado. Ela não usava o telefone celular, e nem ligava a internet senão em caso de emergência. E essa era uma emergência. Não tinha coragem de sair para a rua, mas podia ligar para seus pais e ouvir a sua voz, mesmo que fosse uma última vez. Ligou o celular e viu que tinha 3 mensagens no correio de voz. Era da sua mãe. Tantas mensagens assim, só podiam significar que uma tragédia havia acontecido. Pensou em largar o telefone e correr para onde eles estavam, mas logo em seguida ficou medo de ser uma cilada. Respirou fundo. Decidiu escutar. Havia aprendido a mentir e, por isso, conhecia as técnicas que eram utilizadas. Não seria fácil enganá-la. Colocou para reproduzir as mensagens. Era sua mãe chorando, eufórica, dizendo que um novo patrão havia assumido a operação e que ele já tinha o seu próprio 171. Ela estava a salvo. Todos já sabiam do paradeiro dos seus pais há dias e nada havia acontecido. Isso significava que a poeira havia baixado e ela poderia novamente voltar a trabalhar. Ela abriu

as janelas e olhou ainda desconfiada para rua. Contudo, decidiu arriscar, pois aquela era uma vida que não merecia mais ser vivida.

De forma discreta, começou a fazer contatos e ver como estava o cenário. Rapidamente, se viu sem chão e sem saber onde trabalharia dali para frente. Não podia sustentar nem a si e nem aos seus pais. Teria que buscar trabalho nas firmas, em situações degradantes e que não faziam nenhum sentido para ela. Estava preocupada também que poderia ser expulsa da nação-prisão, pois devido a seu sucesso profissional, havia escapado de algumas determinações da Religião, que recomendava que a essa altura já estivesse casada. O pastor de sua congregação, iria se dedicar à missão de arranjar um marido para o qual as habilidades de Samanta fossem úteis e que ela pudesse, dentro das suas obrigações de esposa, continuar a exercer seus dons. Ela seria explorada por ele e ficaria em casa cuidando dos filhos, que ele colocaria a força dentro dela. Era comum que as famílias todas trabalhassem no mesmo processo produtivo, criando pequenas empresas de prestação de serviços se utilizando das habilidades de todos os seus membros, já que as grandes corporações terceirizavam alguns dos seus serviços que faziam parte do seu escopo principal<sup>86</sup>. Ela sentia que não conseguiria fugir por muito mais tempo disso e que parecia uma vida pior do que aquela que ela estava levando na reclusão.

Nos próximos meses, porém, ela desenvolveu uma estratégia. Não negaria conhecer seus pretendentes, mas os afastaria um a um com a sua personalidade independente e ficaria em um limbo que já viu algumas mulheres conseguirem sustentar por alguns anos. Isso acabava sendo mal visto por outros homens, uma vez que a maioria não estava disposto a ter que reeducar uma mulher. Mas seus pais já haviam deixado claro que a partir de agora ela precisava de um marido para sustentá-la, pois eles não poderiam fazê-lo por muito mais tempo. Assim, se ela não se casasse logo ou arrumasse um meio de trabalho viável ao mens, seria degredada em breve.

Ela não tinha meios para trabalhar como autônoma, já que na Grande Família, ela contava com todo um suporte: maquinário, materiais, tintas e canetas especiais, software pagos, luz e climatização adequada para cada tipo de documentação que precisava produzir. Agora ela

---

<sup>86</sup> Baseado na realidade da cidade de Toritama (Pernambuco, Brasil), contado no documentário *Estou me Guardando para quando o Carnaval Chegar* (2019), centro local de produção da indústria têxtil, em que todas as pessoas da cidade trabalham as diferentes etapas da produção de jeans. Apenas durante um feriado do ano eles descansam: o carnaval, em que vendem tudo que acumularam com seu trabalho, inclusive seus itens de necessidade básica, como geladeiras, fogões e camas para irem até a praia. Você pode assisti-lo nesse link: <<https://www.netflix.com/br/title/81180842>>.

teria que trabalhar com um material mínimo e que exigia muito mais camadas de trabalho, já que não tinha acesso aos softwares que eram monopolizadas pela Organização. Com um scanner velho, tentava criar uma mesa digitalizadora para editar documentos e imagens. Porém, a maioria dos projetos precisariam ser feito á mão mesmo. E ela quase que havia desaprendido a usá-las depois de ter toda a tecnologia ao seu dispor. No seu trabalho anterior, além do salário fixo e mais prêmios por produtividade, agora ela teria que correr atrás de cada trocado que conseguisse dos clientes. Além disso, ninguém estava preocupado com o seu futuro casamento, pois ela estava comprometida com uma causa maior. Agora, ela havia perdido seu valor e tinha apenas as suas habilidades manuais e alguns materiais baratos, bem amadores, de baixa fixação e que poderiam até passar a uma primeira vista de pessoas mais distraídas, mas com certeza, aos olhos mais treinados, a má qualidade da cópia era evidente.

Sem ver muita saída, fez um perfil em uma rede social chamada “Aliados”, em que as pessoas se anunciavam para oferecer pequenos serviços entre si e começou a oferecer seus trabalhos artísticos. Ela achava aquilo um enorme contrassenso, pois na sua atividade, o maior objetivo era ser discreta e passar despercebida, mas estava desesperada e pensou que esse poderia ser um nicho a ser explorado dentro daquele espaço virtual. Não demorou para que recebesse uma ou duas propostas de trabalho, mas ficou desconfiada que poderia ser algum rival querendo tripudiar em cima de seus serviços de baixa passabilidade, apenas para se divertir. Assim, não se sentiu segura em aceitar. Então, ela apagou o perfil começou a anunciar anonimamente seus serviços em listas de classificados online para o extramuros com o título: “faz-se trabalhos artísticos”, um código conhecido por aqueles que precisavam de falsificações rápidas e baratas.

Se ela quisesse continuar ali na nação-prisão precisava manter uma renda mínima oriunda de seu trabalho ou casar-se com alguém que tivesse comprovadas condições de lhe sustentar. Como ela estava cada vez menos interessada em relacionamentos, decidiu continuar enrolando o pastor, enquanto montava o seu negócio. Dessa maneira, pedidos tímidos começaram a chegar no *email* que ela tinha criado especialmente para essa empreitada. As pessoas de fora dos muros estavam acostumadas a falsificações de bem mais baixa qualidade do que as que rolavam aqui dentro, por isso, faziam pedidos que Samanta chegava a considerar simplórios. Pediam falsificação para certificados para valorizar o currículo em seleção das poucas vagas de empregos disponíveis lá fora, despachantes de carros que precisavam transferir a propriedade de pessoas sem a sua autorização, ou mesmo de pessoas que haviam falecido e

deixado os veículos em espólio. Alguns até encomendavam trabalhos escolares, trabalhos de conclusão de curso e monografias. Nesses casos, Samanta exigia um certo acompanhamento dos solicitantes para deixar mais realista. Também era comum a falsificação de testamentos e diplomas de graduação e pós-graduação. Porém, algumas dessas artes exigiam equipamentos que ela não tinha como comprar e por isso, recebeu algumas reclamações e avaliações negativas, que dificultavam a sua visibilidade nos anúncios e, portanto, em negócios futuros.

Para poder continuar trabalhando, teve uma ideia: pediria um microcrédito ao gerente da sua região, que havia sido seu amigo de infância e com quem tinha uma boa relação. O gerente ficou preocupado com Samanta, mas como não era um investimento muito grande, resolveu fazer uma proposta para a moça:

- Em vez de me pagar, eu quero uma porcentagem do teu trabalho por um ano. Todo mês meu contador vai lá e faz tuas contas e me passa 10%. Se tu fechar nesse meio tempo, trabalha pra mim pelo restante do período do contrato, fechado?

A artista sabia que era arriscado e que o gerente não jogava para perder, mas resolveu topar mesmo assim. Seu amigo, que já havia sido agiota tinha seus próprios critérios de avaliação e autorização de empréstimo. Isso tinha feito ele chegar longe com uma margem de lucro muito alta. Ele era a mente criativa por trás do sistema que havia implementado nas bocas o sistema de penhor e avaliação de crédito emergencial. Não adiantaria nada ela tentar argumentar outra proposta com ele. Sabia que ele seria irredutível. Sempre manteve separado as questões pessoais dos negócios. Não seria diferente agora. Aceitou a proposta e saiu com o dinheiro na mão, conseguiu comprar uma mesa digitalizadora de boa qualidade, dois softwares de manipulação de imagens – que possuíam um sistema de contra-pirataria desenvolvido pelos próprios hackers – e dar entrada em uma boa impressora que parcelou no seu cartão de crédito em 24 vezes. Munida do mínimo para trabalhar e preocupada com o seu endividamento, decidiu continuar trabalhando pela lista de classificados, onde sua avaliação não era das melhores, mas ela estava disposta a melhorá-la. Seguindo o conselho do seu amigo, se registrou também na plataforma Correria, como forma de conseguir mais clientes.

No seu registro no Correria, como estava acostumada a lidar com documentos e sabia que eles escondiam informações importantes bem debaixo dos nossos olhos, resolveu ler atentamente os termos de utilização do aplicativo. Lá dizia que a empresa responsável ficaria com 20 a 30% dos serviços realizados como taxa de intermediação, podendo ser maior em dias

de maior pico afim de manter a plataforma funcionando perfeitamente. Também havia uma desresponsabilização por quaisquer meios necessários para a execução e entrega de produtos e serviços comercializados, bem como pelos eventuais danos sofridos pelos usuários ou clientes em função da prestação de serviços. Além disso, eles se reservavam ao direito de divulgar os serviços da forma que bem entendessem, priorizando aquelas pessoas que tinham melhor avaliação e volume de pedidos entregues com sucesso. Não havia qualquer cobertura a respeito da manutenção de equipamentos. Outros custos como internet, luz, água, alimentação que eram fornecidos pelo escritório onde trabalhou anteriormente, não eram nem mencionados. Muito menos havia qualquer menção sobre seguridade social ou seguro-saúde. Sentiu que ela estava entregando muito por nada, mas não tinha escolha.

Devidamente cadastrada, começou a receber um volume considerável de solicitações, maior do que estava acostumada e que por isso teria que ser feito em uma velocidade muito maior do que se sentia confortável. Inicialmente, aceitava um pedido e desligava o aplicativo para poder dedicar-se a ele pelo tempo que fosse necessário. Depois, foi percebendo que quando fazia isso, sofria punições do aplicativo e entrava para uma espécie de *white list*<sup>87</sup> do algoritmo, que parava de apresentar seus serviços para mais usuários. Assim, não podia ficar muito tempo em um único trabalho, tendo que aprender a trabalhar no ritmo da plataforma. Tinha que entregar um trabalho excelente, em um tempo recorde para ficar bem ranqueada e continuar aparecendo nas pesquisas. Ela sofreu muito com aquilo. Antes costumava trabalhar oito horas por dia, com intervalo de almoço e descansos periódicos para seus olhos e suas mãos. Costumava utilizar a área de descompressão da empresa, onde descansava confortável por alguns minutos, deixando sua mente ociosa para que pudesse voltar a trabalhar em um projeto particularmente desafiador. Agora estava trabalhando das 8h da manhã à meia noite, diariamente, inclusive aos finais de semana para ganhar dinheiro suficiente apenas para pagar suas contas. Sentia muita dor na coluna cervical, pois sua cadeira e mesa não era adequadas a

---

<sup>87</sup> A *white list* é uma espécie de lista de bloqueio, não-oficial, promovida pelos algoritmos dos aplicativos no capitalismo de plataforma como forma de controle e vigilância dos trabalhadores. De acordo com Kalil (2019, p. 116): “As novas tecnologias da informação e comunicação, que impulsionam o capitalismo de plataforma, moldam e dão novos contornos às relações de trabalho. Esses instrumentos potencializam quantitativamente as atividades desempenhadas pelos trabalhadores, que passam a ser demandados em qualquer horário e em qualquer lugar. O trabalho torna-se mais central e intenso no cotidiano das pessoas, em um contexto no qual os empregados têm acesso ao correio eletrônico 24 horas por dia nos 7 dias da semana, os seus interlocutores (empregadores e clientes) têm a expectativa de serem respondidos rapidamente, os trabalhadores em contratos precários devem ficar online por muito tempo para conseguirem ter acesso às tarefas ofertadas nas plataformas digitais (...)”.

sua nova rotina de trabalho. Seus dedos estavam ficando rígidos e teve que começar a tomar medicamentos para relaxá-los antes de dormir, senão acordava com câimbras terríveis. Suas despesas pessoais, seus gastos com alimentação, remédios, as tarifas de água, luz, telefone e internet haviam aumentado consideravelmente desde que começou a trabalhar em casa. Além das dívidas que havia feito para pagar os equipamentos. Sobrava cada vez menos dinheiro para si, mas era suficiente para não ser expulsa da comunidade. Fazendo contas, viu que continuasse nesse ritmo, em 5 anos conseguiria juntar dinheiro suficiente para montar a sua própria agência e quem sabe até contratar um ou dois aprendizes. Sonhando acordada, é despertada por uma notificação pop-up que chama a sua atenção com o título: “URGENTE: homem apaixonado desesperado!”. Ela fica curiosa e pensa que ele talvez queira uma carta de amor e, isso seria um certo desafio para ela pois estava cada vez mais desacreditada dos relacionamentos. Porém, perto dos pedidos fúteis que estava trabalhando, talvez esse pudesse ser um pouco divertido. Abre a mensagem e lê:

- Olá, eu sou um homem apaixonado! E estou desesperado! Minha namorada me largou para ficar com um cara que tem mais dinheiro que eu, por isso eu gostaria que você fizesse um documento que comprovasse que eu passei em um processo seletivo para trabalhar para a grande família! Não se preocupe, eu não vou usar esse documento para nenhum outro fim! Apenas para impressioná-la! Só assim eu vou conseguir ter ela de volta! Por favor, me ajude! Eu posso pagar até 500 reais por esse serviço. E você foi muito bem recomendada! Me ajude a salvar meu relacionamento!

Contemplou a estranha solicitação por alguns segundos. Sentiu-se emocionada com aquilo. Avaliou que o risco era alto, pois os dois poderiam ser punidos se o homem usasse esse documento fora do que foi estritamente prometido. Contudo, a proposta financeira era razoável e a causa era quase nobre. Ela podia sentir o desespero nas palavras do homem. No fundo, sabia que aquele papel não serviria para muita coisa a longo prazo, mas se compadeceu. Ela também tinha um pequeno desejo de vingança contra a Organização. Decidiu aceitar e que faria o melhor possível para o seu cliente conseguisse reconquistar o seu amor. Para se assegurar que o documento não seria distribuído amplamente, incluiu na forma eletrônica dele condições de autodestruição. Assim, se fosse lido por algum scanner da Grande Família, ele se criptografaria na hora, se transformando em *kilobytes* ilegíveis. Apesar de tudo, não queria colocar seu pescoço na reta. Como simpatizou com o cliente, incluiria um serviço extra gratuito se ele a recomendasse bem na plataforma: daria sugestões de como o homem apaixonado poderia



sustentar a tal identidade por mais tempo, até que a reaproximação estivesse garantida. Ganharia 5 estrelas, com certeza. E um comentário empolgado! Afinal, não se pode dizer que ela não se interessava por relacionamentos.

## **9 JOVENS: O FUTURO DO MUNDO**

### **9.1 APRENDENDO A EMPREENDER**

João Paulo, um dos nossos alunos mais proeminentes, que com certeza todos vocês conhecem, era filho de empreendedores de sucesso na Grande Família. Seus pais eram cientistas renomados, tementes ao Senhor, reconhecidos por terem purificado o processo de extração da folha da coca, tornando possível o consumo de seus produtos de maneira orgânica e potencializando seus efeitos medicinais contra a depressão, falta de apetite e, em doses mais baixas, desânimo e procrastinação. Eram importantes colaboradores da nossa congregação no processo de otimização do ser humano, tornando-nos cada vez mais semelhantes a Ele. O garoto teve acesso ao melhor que seus pais puderam lhe oferecer: aulas de inglês, espanhol, lutava judô, fazia parte do time de futebol de salão e participava do grupo de lideranças jovens da Igreja local. Seus pais tinham muito orgulho dele e ele os amava, mas ele também sentia que um peso enorme em seguir o legado de seus pais. Assim, quando se matriculou aqui na Escola de Empreendedorismo não sabia bem o que queria fazer, reconhecemos seu potencial apesar dele mesmo não saber do que era capaz ainda. Hoje ele é um dos mais importantes pastores da Igreja de São Dimas, levando a nossa palavra há mais de 50 países.

A mesma base que formou João Pedro é que ainda perseguimos aqui. Em Mateus 25, versículos de 14 a 30, o Senhor nos revela um ensinamento muito importante e que é o alicerce da minha prática como diretor dessa instituição: é preciso multiplicar nossos talentos. Não devemos guardar para nós, enterrando no fundo de nossos corações as dádivas que Deus, na sua graça, nos concede. Servir bem ao Senhor é multiplicar os talentos que recebemos e assim sempre ele nos concederá mais e mais! Devemos investir o que temos para que os frutos do nosso trabalho continuem a crescer! E é na nossa juventude que apostamos para continuar caminhando nesse caminho.

As mentes brilhantes e inovadoras da nova geração são formadas aqui. Vocês, que têm o privilégio de poder fazer parte dessa nova turma, receberão os ensinamentos dos nossos mestres mais dedicados no desenvolvimento de suas habilidades, estimulando a sua criatividade e direcionando seus talentos para a criação de novos empreendimentos que serão o futuro da nossa nação, gerando empregos, e contribuindo para o nosso crescimento e expansão. Assim, nessa instituição nós fazemos de tudo para que vocês, futuros empreendedores, possam deixar suas ideias correrem soltas por esses corredores e terem a oportunidade de se tornarem realidade.

Nossos professores são especialmente preparados para reconhecer e estimular as suas características pessoais, que apesar de sua sabedoria, não vão agir como arquivos de conhecimentos acumulados, repetidos sem critério. Aqui eles vão facilitar o processo de aprender-fazendo de vocês, estimulando-lhes a pesquisa, a capacidade de pensar, de criar novas ideias, de reconhecer erros e corrigi-los, a resolução de dificuldades, trabalhar sobre pressão e tomar decisões importantes. Assim, vamos destruir a mentalidade de servo que enterra o seu talento para construir desenvolver competências relacionadas a gerar, administrar e multiplicar ideias que possam mudar a nossa realidade.

Sejam todos bem vindos ao seu primeiro dia na Escola de Empreendedores, onde ensinamos a multiplicar os seus talentos.

## 9.2 CHUVA DE IDEIAS

No quadro da sala de aula, uma colagem digital de imagens de jovens felizes e bonitos, apareciam criando soluções para tornar o mundo melhor. Meninos e meninas de todas as raças, etnias, orientações sexuais, possibilidades de mobilidade e capacidades diferentes, se apresentavam em fotos inspiradoras e bem iluminadas como se tivessem sido registradas no paraíso. Na paisagem de fundo cenas urbanas, em parques e até mesmo rurais, passando a mensagem de que é possível ter sucesso e fazer a diferença em qualquer lugar, já que você é o criador de si mesmo. Intercalando com imagens, surgia em destaque, a frase: “você pode fazer o que ama e ser a solução para alguém”. Aquele cenário impressionante prendia a atenção daqueles que chegavam. Era o primeiro dia de Pedro como professor e ele havia preparado sua mensagem confessional para inicial a aula. Sabia que devia ser inspirador e por isso recorreu a parábola da lamparina, que apesar de sucinta, seria muito bem empregada à situação:

- Para começar nossos trabalhos hoje, gostaria de ler um trecho das escrituras, que talvez já seja conhecido de vocês, mas que vamos trazê-lo para a nossa situação de hoje de uma forma nova: “Ninguém acende uma candeia e a esconde num jarro ou a coloca debaixo de uma cama. Pelo contrário, coloca-a num lugar apropriado, de modo que os que entram possam ver a luz. Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz.”. Assim, como não se acende uma lamparina em um lugar escondido, também assim, são as ideias que temos. Devemos trazê-las à luz, ao conhecimento de nossos colegas para que possamos trabalhar juntos com elas e transformá-las em um projeto do Senhor. Portanto, começaremos nosso processo de criação através de uma tempestade de ideias. Prestem atenção que eu vou explicar a atividade de hoje detalhadamente.

A turma foi orientada a se dividir em grupos de acordo as afinidades, pois muitos já se conheciam da escola secundária. Era solicitado a cada time que realizasse um brainstorming norteado por três questões: 1) o que você ama fazer? 2) você faz isso muito bem ou conhece alguém que faça? 3) alguém pagaria para você ou alguém de seu time fazer isso? Assim, os alunos eram incentivados a colocar todas suas ideias que lhe viessem na cabeça no papel. Ao final do tempo estipulado, o grupo era estimulado a escolher as melhores ideias para transformar no projeto do semestre. Para aqueles que não tinha reconhecido suas habilidades ou não tinham nenhuma ideia reconhecida como brilhante, o professor orientava que se associassem com aqueles que tiveram boas ideias e pensassem como poderia contribuir para a sua implementação. Assim, nessa etapa iam aos poucos de criando os projetos de Empresa júnior e o quadro de funcionários e diretores começava a ser desenhado, de acordo com a gestão dos próprios alunos. As escolhas partiam dos jovens que elegiam entre si seus líderes, de acordo com as competências percebidas nos colegas.

Os projetos começavam a ser colocados em prática. Pedro ensina seus alunos que no mundo do empreendedorismo, as barreiras foram feitas para ser ultrapassadas. As limitações precisam a ser encaradas como desafios para alcançar o que se deseja. Os alunos-empREENDEDORES são estimulados a pensar em si mesmo como pequenas empresas individuais, explorando todos os recursos disponíveis para desenvolver o que habitavam suas mentes. Pedro, como um professor-expert fica apenas à disposição para corrigir falhas e motivar a criatividade. Como um facilitador do processo de aprendizagem, se dispõe a auxiliar seus alunos a capitalizar

as mais diferentes ideias. Seu objetivo principal é transformar ideias em lucro, quanto maiores, melhor. A grande família estava disposta a pagar muito pela inovação.

Investir na educação de crianças e adolescentes era a principal aposta da nação-prisão. Na infância, os primeiros moldes eram traçados ensinando a obedecer às normas. Na adolescência, a rebeldia era usada a favor da inovação. E as melhores ideias que surgiam na escola de empreendedorismo poderiam se transformar em novos serviços. Afinal, novas necessidades eram criadas todos os dias. Elas não precisavam pré-existir. Os produtos deviam criá-las. O processo criativo era muito importante para todas as empresas da grande família. Todas as ideias eram bem vindas, em um primeiro momento. Não havia limites, não precisavam ser reais e nem executáveis. Com isso, se estimulava que os jovens pensassem livremente, deixando correr soltas as palavras.

Colocadas todas as ideias na mesa, os professores passavam questionando a viabilidade e os recursos disponíveis para a execução dos projetos e os próprios jovens iam eliminando aquelas que não eram possíveis de implementar. Isso fazia com que os alunos-empresendedores se sentissem parte do processo, pois ninguém dizia o que tinham que fazer como na escola tradicional e sua rebeldia adolescente era direcionada para a criação. Eles podem colocar em prática o que tem vontade enquanto escolhem se querem ou não ouvir o conselho de experts. Pedro sabia bem disso. Ele havia sido aluno da escola de empresários anos atrás. Suas ideias não tinham sido escolhidas, mas ele soube o momento de abraçar as ideias de seus colegas e ajudá-los a alcançar o sucesso. Ele era tão bom ajudando os outros a transformarem suas ideias em algo vendável que foi chamado para trabalhar como monitor de algumas turmas após a sua formatura. Seu talento foi reconhecido e valorizado dentro da Família. Ele realizou treinamentos, consultorias e mentorias para pessoas muito importantes. Inclusive ministrou cursos para que outras pessoas se tornassem professores, que treinariam outras pessoas para sendo professores. Por um momento, se deu conta do ciclo sem fim em que estava rodando.



**YISW INTERNACIONAL**

JOVENS INOVADORES PELA  
SALVAÇÃO DO MUNDO

**20  
21**



**VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA O APOCALIPSE?**  
O fim está próximo! Olhar ao seu redor e perceba!



# Olhe ao seu redor e perceba!

PRESTE ATENÇÃO NOS SINAIS...



## NOTÍCIA IMPORTANTE

Tenho uma notícia importante para dividir contigo: **tudo que você leu até aqui era apenas uma simulação.**

Nada disso é verdade... AINDA!!!

## COLAPSO!

Nossos especialistas afirmam que a sociedade está entrando em colapso. Olhe ao seu redor e se dê conta por você mesmo!

- Com a pandemia, percebemos que nossas vidas estão cada vez mais nas mãos de gestões públicas incompetentes que não atendem nem de perto nossas demandas;
- As grandes corporações multinacionais estão controlando a nossa luz, água, telefonia, internet, combustíveis, entre tantas outras necessidades básicas à vida;
- Todos sabem que cada vez mais nossos alimentos estão sendo intoxicados por uma infinidade de produtos químicos, provocando transformações nos nossos DNAs;
- Os Estados, administrado por corruptos, já provaram muitas vezes a sua ineficácia em diminuir a criminalidade e a violência urbana.
- Os valores tradicionais estão cada vez mais em decadência! As pessoas perderam todas as referências que importavam!

# Analise o seu desempenho!

O FUTURO DA HUMANIDADE DEPENDE DE VOCÊ



## VOCÊ PODE IMPEDIR ISSO!

Sabemos que essa realidade tem 99% de chance de acontecer nos próximos 5 anos!

E você pode fazer parte do grupo de pessoas que vai impedir isso!

## O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO ERRADO:

- ❌ Pagando plano de saúde privada que nesse momento não pode lhe garantir nada.
- ❌ Investindo em ações e títulos futuros de multinacionais que não vão valer nada quando o sistema entrar em colapso...
- ❌ Gastando seu dinheiro em produtos orgânicos de procedência duvidosa.
- ❌ Colocando grades e câmeras na sua casa, para se sentir mais "seguro"
- ❌ Ficando parado enquanto vê seus filhos e netos se afastarem dos valores da sua família!



**YISW INTERNACIONAL**  
**YOU ARE SO WONDERFUL!**

**20  
21**

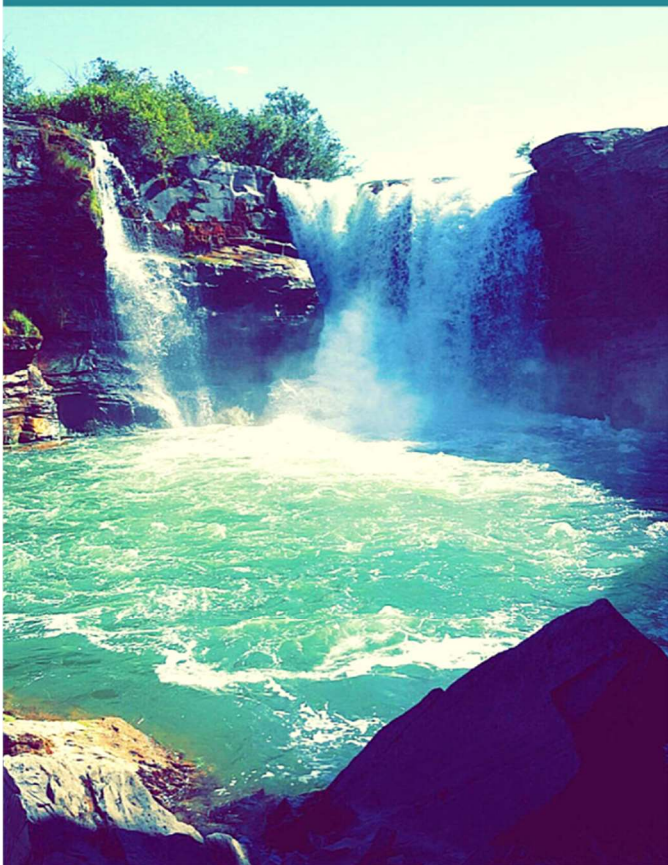


**YOU ARE SO WONDERFUL! VOCÊ PODE MUDAR ISSO!**  
Esse pode ser o seu novo mundo! Só depende de você!



# A mudança está nas suas mãos!

NÓS TEMOS A SOLUÇÃO PARA VOCÊ E SUA FAMÍLIA



## INVESTIMENTO SEGURO

Nosso empreendimento trará a solução para todos esses problemas e muito mais!

- ✓ Complexo médico-hospitalar próprio: com acesso a tecnologia de ponta e infraestrutura adequada para todos os sócios e suas famílias.
- ✓ Sustentabilidade: energia solar, sistema hídrico independente que inclui a reutilização da água da chuva. Provedor de internet próprio.
- ✓ Agroecologia: produção de alimentos orgânicos dentro da própria comunidade! Você poderá acompanhar todo o processo através de visitas ao local ou pelo nosso app.
- ✓ Segurança: vamos garantir a sua paz através de um sistema elegante e sofisticado de monitoramento eletrônico altamente qualificado para neutralizar ameaças. Você não se sentirá mais em uma prisão!
- ✓ Valores cristãos: escolas e faculdades próprias, sem ideologia de gênero ou doutrinação partidária para suas crianças! Durma tranquilo sabendo que a juventude está sendo bem cuidada e continuará levando os nossos valores para o futuro!!!



# Não fique de fora!

SAIBA COMO FAZER PARTE!



## QUER SABER MAIS?

Quer investir no futuro?

Não perca tempo!

Nossas vagas são limitadas e seremos bem seletivos quanto às pessoas que farão parte disso.

Entre em contato conosco pelo whats app (71) 99171-1711 e fale diretamente com um de nossos consultores.

Se você for aprovado para fazer parte dessa oportunidade exclusiva, poderá indicar até 5 amigos, que compartilhem dos mesmos valores que nós!

Estamos, aguardando a tua ligação.



**Samanta Inocenti das Graças**  
CEO - YISW Brasil  
[@samanta.yisw](https://www.instagram.com/samanta.yisw)

Young Innovators for the Salvation of the World  
- *You Are so Wonderful!*

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Pandemia: novas reflexões. Entrevista concedida por Giorgio Agamben à *Quodlibet*, em 22 de abril 2020. Tradução: Moisés Sbardelotto. **IHU Unisinos**, 23 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598295-pandemia-novas-reflexoes-entrevista-com-giorgio-agamben>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

ALVES, RUBEM. Esquecer para saber. **Folha de São Paulo**, Caderno Cotidiano. São Paulo, 17 de maio de 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1705201104.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ASSOCIAÇÃO DE JUÍZES DO RIO GRANDE DO SUL (AJURIS) et al. **Violação de Direitos Humanos no Presídio Central de Porto Alegre (PCPA)**: com pedido de medidas cautelares. Apresentado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 10 de janeiro de 2013.

BASTOS, Ronaldo Marcos. **Porto Alegre**: uma história fotográfica - da velha Casa de Correção ao Presídio Central de Porto Alegre. Publicado em 25 de março de 2014. Disponível em: <[ronaldofotografia.blogspot.com/2014/03/da-velha-casa-de-correcao-ao-presidio.html](http://ronaldofotografia.blogspot.com/2014/03/da-velha-casa-de-correcao-ao-presidio.html)>. Acesso em: 17 jul. 2018.

BENTO, M. A. S. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. **Tese (Doutorado)**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Sagrada Online**. 2020. Disponível em: <<https://www.bibliaon.com/>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Sistema Prisional Brasileiro**: relatório final. Destinada a investigar a realidade do sistema carcerário brasileiro. Brasília, agosto de 2015.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 7.210**, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17210.htm)>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CARDOSO, Vanessa Branco; LARA, Lutiane de; GIORDANI, Tiago Melgarejo do Amaral. “Narrativas em situação de prisão”: outras histórias sobre juventude, políticas públicas e criminalidade. **Psicologia e Sociedade**, v. 32, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v32/1807-0310-psoc-32-e195066.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CIPRIANI, Marcelli. Da “Falange Gaúcha” aos “Bala nos Bala”: a emergência das “facções criminais” em Porto Alegre/RS e sua manifestação atual. **Direito e Democracia**, Canoas, 17

(1), pp. 105-130, jan./jun 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/direito/article/view/2810>>. Acesso em: 25 abr. 2019.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza. Trabalho apresentado em Mesa Redonda: Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza no I Seminário Internacional de Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje, **Anais...** UERJ: out. 2006.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia. Jovens Pobres: o mito da periculosidade. In FRAGA; Paulo César Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva (orgs.) **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas. **Referências Técnicas para atuação das(os) psicólogas(os) no sistema prisional**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2012.

**CORREIO DO POVO**. Escavação traz à tona história escondida de Porto Alegre. Publicada em 24 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/escava%C3%A7%C3%A3o-traz-%C3%A0-tona-hist%C3%B3ria-escondida-de-porto-alegre-1.124819>>. Acesso em 20 mar. 2019. Acesso em: 13 jun. 2019.

COSTA, Luis Artur. A Escuta: a clínico-política do escutar as experiências. Áudio-aula para Turma de Processos Grupais do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). **Anchor.fm** [streaming]. 01 set. 2020. Disponível em: <<https://anchor.fm/l-a-costa/episodes/A-ESCUTA-parte-1---A-CLNICO-POLTICA-DO-ESCUTAR-AS-EXPERINCIAS-ejuamg>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

COSTA, Luis Artur. O Corpo das Nuvens: o uso da ficção na psicologia social. **Fractal Rev. Psicol.**, v. 26, n. esp., p. 551-576, 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922014000500551&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922014000500551&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 17 mai. 2018.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o Teatro: Um manifesto de menos; O esgotado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Evangélicos no Cárcere: representação de um papel desacreditado. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 6, n. 8, p. 39-55. Jul. / Dez. 2005.

DINIZ, Débora. **Cadeia: relatos sobre mulheres**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

DJONGA. **Deus Dará**. Álbum: História da minha Vida. Gravadora: CEIA. 2020.

**ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR.**

Documentário. Streaming: Netflix. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. 2019.

**F5 UOL.** Mulher que correu pelada em Porto Alegre é internada em Instituição de Saúde Mental. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/humanos/2014/10/1541281-mulher-que-correu-pelada-em-porto-alegre-e-internada-em-instituicao-mental.shtml>>. Acesso em: 20 mar 2019.

**FALCÃO: MENINOS DO TRÁFICO.** Documentário. Direção: MV Bill e Celso Athayde. 2006.

FERREIRA, Yuri. Grupo de Cristãos defende que maconha os aproxima de Deus e fuma erva para ler a bíblia. **Hypeness**, fev. 2020. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2020/02/grupo-de-cristaos-defende-que-maconha-os-aproxima-de-deus-e-fuma-erva-para-ler-a-biblia/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

FOLHA DA TARDE. Grande Incêndio Ontem: vários presos teriam morrido sob os escombros. 29 de novembro de 1954, p. 8.

FONTCUBERTA, Joan. A pós-fotografia explicada aos macacos. **Porto Arte**, v. 21 n.35, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/73711>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: MOTTA, Manoel Barros da. (org.) **Estratégia, Poder-Saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; IV) p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

**GAÚCHA ZH.** Conheça a história da Casa de Correção, antigo Presídio Central da capital. Publicado em 02 jul. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2016/07/conheca-a-historia-da-casa-de-correcao-antigo-presidio-da-capital-6280321.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GENET, Jean. A Criança Criminosa. **Verve**, 29: 13-30, 2016.

GIACOIA JR., Oswaldo. **Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, São Paulo: Casa do saber, 2012.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) Contínua**. 2012-2016. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida>>



[desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads>](#). Acesso em: 19 nov. 2020.

IMPUROS. Primeira temporada. **Fox Premium** [TV a Cabo]. Direção: René Sampaio e Tomás Portella. Produção: Barry Company. 2018.

IRMANDADE. Primeira temporada. **Netflix** [Streaming]. Direção: Pedro Morelli. Produção: Netflix e O2 Filmes. 2019.

JOZINO, Josmar. **Cobras e Lagartos: a verdadeira história do PCC**. São Paulo: Via Leitura, 2017.

KALIL, Renan Bernardi. Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho: *crowdwork* e trabalho sob demanda por meio de aplicativos. **Tese (Doutorado)**. Universidade de São Paulo, USP, Programa de Pós-Graduação em Direito, Direito do Trabalho e da Seguridade Social. São Paulo, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LARA, Lutiane de; SILVEIRA, Felipe Lazzari da. **Observatório de Juventude em Situação de Prisão**. Projeto de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Metodista – IPA apresentado a Superintendência de Serviços Penitenciários (SUSEPE). Porto Alegre, Setembro de 2017.

MANSO, Bruno Paes; DIAS, Camila Nunes. **A Guerra: ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIZOGUCHI; Danichi Hausen; COSTA, Luis Artur. Colapso: esgotamentos e passagens. In: BARROS, Maria E. B. de; MIZOGUCHI, Danichi H.; COSTA, Luis A. **Colapso: clínico-político do comum na contemporaneidade**. Curitiba/PR: CRV, 2018.

MUKASONGA, Scholastique. **Baratas**. São Paulo: Nós, 2018.

PECHIM, Leticia. Negros Morrem mais pela COVID-19. **Revista da Faculdade de Medicina UFMG**. Publicado em 24 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.medicina.ufmg.br/negros-morrem-mais-pela-covid-19/>>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**, v.19, n.37, São Paulo, set. 1999. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95330>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

PROJETO REDOMAS. Lídia: uma mulher de generosidade e fé. Publicado em 15 mar. 2019. Disponível em: <<http://projetoredomas.com/lidia-uma-mulher-de-generosidade-e-fe/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

PROJOTA. **Muleque de Vila**. Álbum: 3Fs. 2016. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/projota/muleque-de-vila/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

PROJOTA. **Rezadeira**. Álbum: Foco, Força e Fé. 2014. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/projota/1833254/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

RACIONAIS MC's. **Negro Drama**. In: Mil Trutas Mil Tretas. São Paulo: Radar Records, 2008. DVD-ROM.

RACIONAIS MC'S. Sobrevivendo ao Inferno. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RACIONAIS MCS. Vida Loka – parte II. Nada como um dia após o outro. 2002. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64917/>>. Acesso em: 18 mai. 2019.

RAUTER, Cristina. Clínica e Estratégias de Resistência: perspectivas para o trabalho do psicólogo em prisões. **Psicologia & Sociedade**; 19 (2): 42-47, 2007

RIO GRANDE DO SUL. Departamento de Tratamento Penal (DTP). Sobre as atribuições do DTP. 2011. Disponível em: <[http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod\\_menu=77&cod\\_conteudo=275](http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=77&cod_conteudo=275)>. Acesso em: 10 mar. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAÉ). Portaria de Tombamento n. 17 de 10 de novembro de 1990: Museu da Brigada Militar. Disponível: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=16102>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

ROSSOTTI, Bruni Giovani de Paula Pereira, BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Por uma Outra Psicologia no Cárcere: Presos Provisórios, Processos de Criminalização e Produção de Subjetividade In: MARTINS, Simone; BEIRAS, Adriano; MORAES, Roberto. Reflexões e **Experiências em Psicologia Jurídica**: no contexto criminal/penal. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2012, v.1, p. 81-108.

RUAS, Carla. Bem vindo ao inferno do Presídio Central. Comportamento. **Risca Faca**. Publicado em 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://riscafaca.com.br/comportamento/a-chave-do-casarao/>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

RUDNICKI, Dani. A sobrevivência do Presídio Central de Porto Alegre, símbolo do (falido) sistema penitenciário brasileiro. In: AVILA, G. N. (Org.). **Fraturas do Sistema Penal**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 137-149.



RUDNICKI, Dani; GONÇALVES, Jane Diane Ramos Nunes Gonçalves. O Trabalho Prisional no Presídio Central de Porto Alegre. **RIL Brasília**, 53 (209), jan./ mar. 2016. p. 173-194. Disponível em:

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/520004/001063234.pdf?sequence=1#:~:text=O%20trabalho%20no%20Pres%C3%ADdio%20Central%20de%20Porto%20Alegre&text=O%20grupo%20dos%20setoriais%20%C3%A9,detento%20trabalhar%C3%A1%2C%20ap%C3%B3s%20processo%20seletivo.>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o Trabalho, o Visível e o Invisível. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, p. 19-45, 2011. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1981-77462011000400002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1981-77462011000400002&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 15 mai. 2018.

SINTONIA. Primeira temporada. Netflix [*Streaming*]. Direção: Kondzilla. Produção: Los Bragas, 2019.

SUPERINTENDÊNCIA DE SERVIÇOS PENITENCIÁRIOS (SUSEPE). Departamento de Segurança e Execução Penal. Mapa Prisional de março de 2019. Disponível em <[http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod\\_menu=203&cod\\_conteudo=21](http://www.susepe.rs.gov.br/conteudo.php?cod_menu=203&cod_conteudo=21)>. Acesso em 20 jun. 2019.

SZCZEPANIAK, Ivone. A Busca pelo Cárcere Perfeito: Casa de Correção de Porto Alegre, 1835-1913. 2004. **Dissertação (Mestrado em História)**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

TAJES, Tabajara. Era uma Chaga no Centro da Cidade. **Revista do Globo**, n. 54, 1947.

TRÊS POR CENTO (3%). Primeira temporada. Netflix [*Streaming*]. Direção: César Charlone, Diana Giannecchini, Dani Libardi e Jotagá Crema. Produção: César Charlone e Tiago Mello. 2016.

VARELLA, Drauzio. **Carcereiros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

## GLOSSÁRIO

<b>Alertar os gansos</b>	Fazer algo com discrição, sem alarde
<b>Aliviar a cadeia</b>	Tornar o encarceramento menos cruel, mais acolhedor e humanizado. Ex: “receber visita alivia minha cadeia”
<b>Alupô</b>	Saudação ao orixá Bará, também conhecido como Exu em outros estados brasileiros. Do iorubá lálúpo (Abre senhor do dendê)
<b>Anti-Balas</b>	Composta por várias facções menores, geralmente oriundas de territórios menores na cidade de Porto Alegre. O grupo mais notório é a facção V7, que tem origem na Vila Cruzeiro e surge como reação a crescente busca pelo monopólio no comércio de entorpecentes promovida pelos “Bala na Cara”
<b>Arrego</b>	Propina recebida por policiais corruptos para não intervir nas operações do tráfico de drogas
<b>Axó</b>	Roupa de santo, indumentária religiosa utilizada no batuque
<b>Bala na Cara</b>	Uma das principais facções criminosas do Rio Grande do Sul, conhecida pela sua violência e por invadir territórios menores e tomar suas “bocas”, eliminando seus rivais
<b>Bandeira</b>	Gíria para fuzil
<b>Batuqueiro</b>	Adepto das religiões de matriz africana, em especial às nações do batuque cultuadas no Rio Grande do Sul
<b>Beretta</b>	Pistola 9 mm semi-automática
<b>Boca</b>	Ponto de venda varejista do tráfico de drogas
<b>Boi</b>	Banheiro dentro das celas. Consiste, geralmente, em um buraco por onde os dejetos chegam ao esgoto. Semelhante a latrina ou patente
<b>Brete</b>	Seu significado depende do contexto. Pode se referir a uma cela como um todo, mas também pode falar dos espaços semi-privativos dentro delas que são utilizados como cama, guarda-roupas, armário para os pertences pessoais, onde geralmente são utilizados lençóis para conferir um pouco de privacidade

<b>Bruxo</b>	Amigo, parceiro, pessoa confiável
<b>Caguetagem</b>	Dedurar os companheiros, ser X9 ou dedo-duro
<b>Cair</b>	Ser preso ou morto. Ex: “Fulano caiu aqui [foi preso] com 18 anos”
<b>Calçar</b>	Render alguém com arma de fogo
<b>Cantina</b>	Pequeno comércio, geralmente de gêneros alimentício ou de higiene dentro das galerias das prisões
<b>Casarão</b>	Um dos muitos nomes pelo o Presídio Central de Porto Alegre qual é chamado
<b>Catatau</b>	Bilhete trocado entre pessoas em situação de prisão de diferentes galerias, ou com seus advogados, familiares e amigos. Era mais comum antes da massificação do uso dos celulares, mas ainda é utilizado
<b>Chinelagem</b>	Cometer roubo, furto ou outros crimes dentro do território da facção. Também pode se referir a cometer um crime que não traz grandes lucros, que não vale o esforço
<b>Cobrança</b>	Algo que é decidido pela Sintonia ou pela Disciplina e deve ser colocado em prática imediatamente: assaltar, torturar ou matar alguém, por exemplo
<b>Considerado</b>	Alguém que é de confiança e respeitado na facção
<b>Contras</b>	Inimigos da facção
<b>Corpo fechado</b>	Ser invencível. A origem do termo é das religiões de matriz africana, onde através de um ritual a pessoa entrega a sua vida para Exu – que é o guardião do corpo físico - defender, tornando-a invulnerável para seus inimigos
<b>Correria</b>	Trabalho tanto formal, quanto informal. Também pode ser utilizada, cotidianamente, para falar de afazeres diários acumulados ou que precisam ser feitos com brevidade
<b>Disciplina</b>	A disciplina central é o que comumente é chamado de “tribunal do tráfico”, mas que na verdade é uma instância organizativa das facções que não apenas mantém a ordem, mas também faz a contabilidade, toma decisões estratégicas e realiza a gestão geral das operações da organização
<b>Dormir na praia</b>	Dormir no chão do corredor entre as celas devido a superlotação
<b>Dress-code</b>	Código de vestimenta. No caso da CPPA, existem algumas indicações não-oficiais para as roupas que devem ser utilizadas pe-

	las técnicas, estagiárias e demais trabalhadoras civis da casa prisional: não utilizar saias, nem roupas decotadas ou demasiadamente justas, por exemplo
<b>Duke</b>	Acusado de cometer violência sexual, estuprador
<b>Emocionado</b>	Instável emocionalmente, muito empolgado, pessoa pouco confiável
<b>Encomendar alguém</b>	Assassinato sob encomenda. Mandar matar
<b>Engravatado</b>	Advogados e advogadas. Variação: gravata.
<b>Esculachar</b>	Humilhar
<b>Exuê</b>	Saudação aos exus e pombagiras da linha de quimbanda
<b>FAL</b>	Fuzil Automático Leve
<b>Fazer uma mão</b>	Depende do contexto, mas geralmente significa cometer um crime ou favor para alguém (relacionado ou não ao crime)
<b>FEM</b>	Mulher policial militar, brigadiana do gênero feminino
<b>Filipeta</b>	Requisição interna que autoriza a circulação das pessoas em situação de prisão entre as galerias para atendimentos e audiências
<b>Firmas</b>	Microempreendimentos dentro das galerias. Podem vender desde lanches e doces, até trabalharem com a embalagem e distribuição de drogas
<b>Fita</b>	Semelhante ao significado de “fazer uma mão”, pois depende do contexto, podendo ou não estar relacionada a atividade criminosa
<b>Força</b>	Grande quantidade. Ex: “Ciclano fumou força de maconha e agora está viajando”
<b>Gargantear</b>	Se vangloriar, contar vantagem excessivamente
<b>Jaleco</b>	Trabalhador setorial das galerias, reconhecido por utilizar um jaleco na cor laranja que o identifica perante os demais. Visto como X9 pela maioria da massa carcerária, por sua proximidade com a PM.
<b>Juliet</b>	Modelo de óculos de sol da marca Oakley que virou símbolo da estética funk.
<b>Laranja</b>	Aquele que empresta seu nome para outros cometerem atividades ilegais, dificultando a identificação do verdadeiro responsável. Ex: “Por que Queiroz depositou 89 mil reais na conta de Michele Bolsonaro?”

<b>Lençol branco</b>	Código usado para cocaína
<b>Maria Louca</b>	Cachaça ou aguardente fabricada dentro da prisão a partir da fermentação do arroz ou de cascas de frutas e legumes
<b>Missão</b>	Semelhante a “fazer uma mão” ou “fita”. Pode significar completar um objetivo da facção, como expandir seus negócios para determinado território ou até mesmo um assalto.
<b>Montar um time</b>	Reunir pessoas com especialidades diversas para “fazer uma mão”, uma “fita” ou uma “missão”
<b>Network</b>	Rede de trabalho. Pessoas que se relacionam para um fim dentro do mundo do trabalho, como indicações e apoio em diversas situações
<b>Noia</b>	Pessoa que usa substâncias psicoativas em excesso, geralmente crack ou cocaína
<b>Ogunhê</b>	Saudação ao orixá Ogum. Do iorubá Ògún Ye que significa Salve, Ogun
<b>Ômi</b>	Homens de farda, ou seja, policiais militares
<b>Padrinho</b>	Mentor dentro da facção. Pessoa responsável pelo batismo, pela iniciação e acompanhamento dos primeiros passos dos novos integrantes
<b>Peça</b>	Pistola
<b>Pedreiro</b>	Usuário de crack
<b>Pianinho</b>	Silencioso, calmo, andando na linha
<b>Plantão</b>	Responsável pela comunicação entre a galeria e a Brigada Militar. Pessoa que gerencia a comunicação interna e externa das galerias
<b>Pombagira</b>	Entidade feminina da quimbanda que representa o poder da mulher, sua sexualidade e sua proteção
<b>Ponta firme</b>	Pessoa que é fiel aos princípios da facção. Corajoso
<b>Porco</b>	Forma pejorativa de se referir aos policiais militares
<b>Prefeitura</b>	Instância de organização interna das galerias responsável por gerir as necessidades das pessoas em situação de prisão, de acordo com as regras internas e da facção, quando a galeria está sob o comando do crime organizado. Possui pessoas encarregadas de dar assistência nas mais diversas situações do cotidiano carcerário, como apoio jurídico, saúde, trabalho, resolução de conflitos, entre outros

<b>Rabecão</b>	Carro do Instituto Médico Legal
<b>Rabo-quente</b>	Gambiarra feita com uma resistência de chuveiro e um fio elétrico para esquentar água
<b>Resposta</b>	Responsável, “considerado”, “ponta firme”
<b>Sair na mão</b>	Brigar sem uso de armas, apenas utilizando as mãos
<b>Salve</b>	Mensagem da Disciplina Central ou das sintonias regionais para a massa carcerária, passando informes, solicitando que cumpra-se alguma ordem ou parabenizando pelo sucesso em uma empreitada, por exemplo
<b>Sangue nos olhos</b>	Estar de prontidão, atento e pronto para agir contra os inimigos
<b>Seguro</b>	Galeria ou conjunto de celas que confere segurança àqueles que se encontram ameaçados dentro do sistema prisional. Geralmente, “dukes”, (ex)policiais, pessoas que adquiriam rixas ou dívidas dentro da prisão. Também pode ser utilizado por evangélicos que cometeram deslizes com as regras da prisão, já que são mais vigiados e cobrados pela massa carcerária
<b>Sintonia</b>	Também podem ser chamadas de Disciplinas Regionais (por estados ou cidades). São células que respondem a Disciplina Central das facções e cumprem seus objetivos estratégicos. Também delibera sobre questões mais pontuais de sua região
<b>Sujeito-homem</b>	Iniciado na facção. Pronto para cumprir seu propósito e servir a causa. Em outros contextos, corajoso, responsável, “ponta firme”
<b>Talaricagem</b>	Cobiçar ou cometer adultério com as mulheres que se relacionam com os integrantes da facção. Considerado uma violação grave das leis do crime. Válido apenas para o gênero masculino. Não há equivalente para mulheres. Variação: Talarico
<b>Treta</b>	Briga, desentendimento, situação complicada
<b>Turnover</b>	Rotação de funcionários, devido a demissão. Nesse caso, devido a mortalidade
<b>Vacilão</b>	Ao contrário de “ponta firme”, “considerado” e “resposta”. Pessoa que deixa a desejar, não confiável, covarde.
<b>Virar a cadeia</b>	Rebelião
<b>X9</b>	dedo-duro, cagete, aquele que entrega seus companheiros